

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
MARIA CASSILDA FERREIRA MÁRTYRES

**FORMAÇÃO DO PROFESSOR FORMADOR:
desenvolvimento de novas práticas do ensino de
Literatura Infantil pelo gênero catálogo**

Taubaté - SP
2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

MARIA CASSILDA FERREIRA MÀRTYRES

**FORMAÇÃO DO PROFESSOR FORMADOR:
desenvolvimento de novas práticas do ensino de
Literatura Infantil pelo gênero catálogo**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada junto ao Programa de Pós-Graduação da Universidade de Taubaté, área de concentração: Língua Materna. 2009.

Orientadora: Prof. Dr^a. Vera Lúcia Batalha de Siqueira Renda.

**Taubaté - SP
2009**

M367f Mártyres, Maria Cassilda Ferreira
Formação do professor formador: desenvolvimento
de novas práticas do ensino de literatura infantil
pelo gênero catálogo. /Maria Cassilda Ferreira
Mártyres.- 2009. 172f.: il.

Dissertação (mestrado) - Universidade de Taubaté,
Departamento de Ciências Sociais e Letras, 2009.
Orientação: Prof.^a Dr^a Vera Lúcia Batalha de
Siqueira Renda, Departamento de Ciências Sociais
e Letras. .

1. Formação de professores. 2. Projeto. 3. Gênero.
4. Leitura. 5. Literatura infantil. I. Título

MARIA CASSILDA FERREIRA MÁRTYRES**FORMAÇÃO DO PROFESSOR FORMADOR: desenvolvimento de novas práticas do ensino de Literatura Infantil pelo gênero catálogo**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada junto ao Programa de Pós-Graduação da Universidade de Taubaté, área de concentração: Língua Materna.

Data: 30 de abril de 2009.

Resultado: Aprovada

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Vera Lúcia Batalha de Siqueira Renda
(orientadora)
Universidade de Taubaté - UNITAU

Prof^a. Dr^a. Maria Aparecida Garcia Lopes Rossi
Universidade de Taubaté - UNITAU

Prof^a.Dr^a. Vera Maria Almeida Rodrigues da Costa
Universidade do Vale do Paraíba - UNIVAP

AGRADECIMENTOS

Tenho muito a agradecer a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste Mestrado, em especial à Professora Msc. Suely de Castro Menezes, que oportunizou a concretização deste sonho.

Meus agradecimentos se estendem aos professores do curso de Mestrado em Linguística Aplicada da UNITAU, particularmente a Prof^a. Dr^a. Vera Lúcia Batalha de Siqueira Renda, minha orientadora, pelo incentivo, credibilidade e amabilidade, sentimentos que me deram forças para chegar até ao final desta batalha intelectual. Destaco, também, a contribuição marcante da Prof^a. Dr^a. Solange da Silva Castro, pela firmeza e sabedoria com que conduziu esse programa tão inovador e desafiador. Como esquecer a Prof^a. Dr^a. Maria Aparecida Garcia Lopes Rossi, a Prof^a. Dr^a. Márcia Aparecida Amador Mascia, a Prof^a. Dra^a. Tânia Regina de Souza Romero, a Prof^a. Dr^a. Graziela Zamponi, a Prof^a. Dr^a. Eveline Mattos Tápias Oliveira, a Prof^a. Dr^a. Elzira Yoko Uyeno, a Prof^a. Dr^a. Eliana Vianna Brito, que, além de grandes educadoras, também não mediram esforços e dedicação, ao semearem seus conhecimentos que, certamente, irão florescer e se multiplicar em algumas salas de aula do norte deste País.

Aos colegas do Mestrado, a minha gratidão pelo agradabilíssimo convívio. Dentre eles, não posso deixar de agradecer especialmente a Nisreene Matar Zahalan, Jair Alcindo Lobo de Melo, Danielle de Fátima Lourinho Pacheco, pelas ideias e pelas trocas de experiências, mil segredos e muito humor compartilhados nos momentos em que o cansaço e o desânimo começavam a tomar conta depois de horas de estudo.

Às minhas amigas de sempre, Beatriz Padovane, Karina Meneses, Adriane Meneses, Socorro Fernandes, Eunice Rego, Marilda Muniz, imprescindíveis e compreensivas, principalmente entendendo a minha ausência para as viagens do Mestrado.

Ao meu tio (pai) Edison Pereira, sempre presente nas correções, sugestões ou mesmo como ouvinte nas horas mais difíceis.

Agradeço a paciência e a compreensão da minha família, Márcio, Mayra, Maysa Mártires, e da minha avó Iracy Sales, que sempre estiveram ao meu lado, sem jamais reclamar das ausências e do tempo dedicado à pesquisa e aos estudos. Finalmente, agradeço a Deus, pela realização deste trabalho, pelos conhecimentos adquiridos e pelas imensas possibilidades conquistadas.

*O passado é lição para se meditar, não para
reproduzir.*

Mário de Andrade

RESUMO

O presente trabalho relata um projeto de construção de um Catálogo de Literatura Infantil com uma turma do penúltimo semestre do Curso de Licenciatura em Letras, de uma Faculdade particular da cidade de Belém do Pará, para tentar preencher as possíveis lacunas de leitura de Literatura Infantil, reveladas pelos discentes ao tomarem contato com os tópicos do programada da disciplina Metodologia da Literatura. O projeto seguiu as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais do estudo com gêneros. Esse projeto possibilitou chegarmos à conclusão de que a família e a escola precisam ter uma participação mais consistente e consciente no incentivo à leitura na infância, mas o professor é que exerce um papel fundamental na mediação entre o livro e o leitor. Esse professor pode construir um caminho mais eficaz, seja para suprir as possíveis lacunas deixadas pela família, seja para iniciar ou incentivar a leitura na escola. Isso reforça a importância do professor formador reflexivo nos Cursos de Letras. Só assim, com uma formação adequada, na sua trajetória acadêmica, o futuro professor será capaz de fazer da sua sala de aula um espaço efetivo de formação de leitores.

Palavras-chave: Formação de professor; projeto; gênero; leitura; literatura infantil.

ABSTRACT

This study relates a project in progress for a Children's Literature Catalogue with the participation of a class that is on the penultimate semester of the Arts Undergraduate Course (Curso de Licenciatura em Letras), located on a private Faculty in the city of Belém, Pará. This work will try to fill in the possible reading failures in Children's Literature, which were revealed by the students when they got in contact with the topics of the discipline's program Literature's Methodology (Metodologia da Literatura). The project followed the orientations of the National Curriculum Parameters of study with themes. This project let us reach a conclusion that the family and the school need to have a more consistent and more conscious participation on the incentive of reading on childhood, but the teacher is who practice a fundamental role between the book and the reader. This teacher may construct a more effective way, or to fulfill the possible reading failures left by the family, or to start or to incentive the reading at school. It helps the importance of the reflexive graduator teacher on the Arts Faculties. Only this way, with a right formation, on his/ her academic trajectory, the new teacher will be able to transform his/ her classroom into a place effective on formation of readers.

Keywords: Formation of teacher; project; theme; reading; children's literature

LISTA DE SIGLAS

ANEB	Avaliação Nacional da Educação Básica
AVA	Avaliação de Rendimento Escolar
CEB	Coordenadoria de Educação Básica
CNE	Conselho Nacional de Educação
ENADE	Exame Nacional de Desempenho de Estudantes
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
IES	Instituições de Ensino Superior
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas
LA	Linguística Aplicada
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério de Educação e Cultura
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PISA	Programa Internacional de Avaliação de Alunos
SAEB	Sistema de Avaliação da Educação Básica
UNICAMP	Universidade de Campinas
UNITAU	Universidade de Taubaté
USP	Universidade de São Paulo

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1	Roteiro para análise dos memoriais
QUADRO 2	Programa da disciplina Metodologia da Literatura
QUADRO 3	Cronograma de desenvolvimento do projeto do catálogo
QUADRO 4	Textos selecionados para apoio teórico na elaboração do catálogo
QUADRO 5	Temática dos textos lidos para catálogo
QUADRO 6	Títulos dos livros lidos para a confecção do catálogo
QUADRO 7	Livros escolhidos para fazer parte do catálogo
QUADRO 8	Classificação das obras de acordo com os critérios de faixa etária e centro de interesse

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

INTRODUÇÃO..... 12

CAPÍTULO 1

1. A FORMAÇÃO DE PROFESSOR NO BRASIL 22

1.1 Apresentação do capítulo 22

1.2 Cenário da formação de professor no Brasil..... 23

1.3 O professor do Curso de Letras: uma prática reflexiva 28

1.4 Professor reflexivo e sua prática 30

CAPÍTULO 2

2. LEITURA E LITERATURA INFANTIL 32

2.1 Apresentação do capítulo..... 32

2.2 Leitura 33

2.3 Era uma vez: Literatura Infantil..... 35

2.4 Literatura Infantil na escola 38

2.5 Formação de leitores..... 39

CAPÍTULO 3

3. MEMÓRIAS DE PROFESSOR 43

3.1 Apresentação do capítulo 43

3.2 Memórias de leitura 43

3.3 Buscando possíveis lacunas nos memoriais 48

3.4 Leitura na família..... 48

3.4.1 Omissão familiar 52

3.5 A trajetória de leitura na escola 54

3.5.1 A influência do professor no incentivo à leitura 54

3.5.2 Os métodos utilizados nas atividades de leitura 56

3.5.3 As lembranças positivas e negativas de livro e leituras 58

3.6. Finalizando a trajetória de leitura.....	61
CAPÍTULO 4	
4. NOVAS PRÁTICAS NA SALA DE AULA	64
4.1 Apresentação do capítulo	64
4.2 Percurso de construção de novas práticas.....	64
4.3 Trabalho com projeto	67
4.3.1 Catálogo de sonhos, livros e ideias	69
4.3.2 Justificativa do projeto	69
4.3.3 Objetivo do projeto	70
4.3.4 Objetivos específicos do projeto	70
4.3.5 Fundamentação teórica do projeto	70
4.3.6 Leitura e definição do gênero	71
4.3.7 Roteiro de produção do catálogo	72
4.3.7.1 Memorial	72
4.3.7.2 Textos avulsos: coletâneas para reflexão.....	74
4.3.7.3 Seleção de Livros Infantis	79
4.3.7.4 Escolha do acervo e análise da obra	80
4.3.7.5 Pesquisa na <i>Internet</i>	82
4.3.7.6 Reflexão metodológica	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
REFERÊNCIAS	89
ANEXOS	94

INTRODUÇÃO

O que eu vou escrever já deve estar na certa, de algum modo, escrito em mim. Tenho é que me copiar.

Clarice Lispector

A

construção deste trabalho adveio de posturas profissionais, cidadãos e pessoais, da nossa história de vida, assim, dois pontos merecem destaque: o primeiro foi a trajetória de leitura, e o segundo, como ela foi fundamental para a nossa escolha profissional. As inquietações da profissão sempre nos fizeram sair em busca de possíveis soluções e alternativas metodológicas que, efetivamente, pudessem contribuir para uma mudança no cenário acadêmico e das práticas na sala de aula. Porém, foi somente ao iniciar esta pesquisa que começamos a fazer uma reflexão mais minuciosa dessa trajetória de leitura, analisando como essas experiências foram preponderantes e essenciais para a nossa formação profissional. Percebemos, também, que é quase impossível dissociar aquilo que somos daquilo que fazemos e, conseqüentemente, isto está diretamente ligado ao profissional que somos. Cunha (1989, p.29) reforça essa constatação, quando postula que a nossa história de vida é um referencial para qualquer formação e que a construção da identidade está intimamente ligada às nossas relações afetivas e sociais. Portanto, ao fazermos da nossa sala de aula o *lócus* dessa pesquisa, revelamos a nossa preocupação com a formação do professor do Curso de Letras que colocamos, hoje, no mercado de trabalho.

Nesta etapa, é relevante conhecer a trajetória de leitura que motivou o desenvolvimento desta pesquisa:

História de Vida e Formação

Acreditando que a trajetória do indivíduo é marcada pelos seus saberes acumulados historicamente, é que resolvi partir da minha história de vida para fazer uma reflexão sobre como essa trajetória contribuiu para a minha formação de leitora e de educadora.

Tudo começou quando iniciei meu trabalho como educador principalmente com orientação de Leitura, e me deparei com uma realidade encontrada na maioria das escolas: os alunos não gostam de ler.

Foi pensando sobre isso que busquei fatos passados e tentei reler momentos da minha infância e adolescência, procurando descobrir o que me fez adquirir o gosto pela leitura e de que forma essas lembranças poderiam ajudar a conduzir meus passos nas práticas pedagógicas.

Relembrei, então, que as minhas primeiras experiências de vida foram dolorosas, causadas por problemas familiares, e que, talvez, a dor tenha aguçado a minha sensibilidade. Porém, não é essa lembrança triste que se sobrepõe na minha memória. Soube, por certo, “esbater os contornos e decompor certos cenários” (GERALDY, 1958) e abrir as cortinas de um palco onde aparece um mundo novo que me foi ofertado posteriormente, e foi neste mundo pequeno, porém cheio de venturas e magias, de múltiplas imagens coloridas, que comecei as minhas próprias descobertas, comecei a aprender a ler o mundo, um mundo transfigurado pela ótica infantil, onde, ainda sem decodificar a palavra, fazia uma “leitura” bem particular da vida.

Das lembranças que foram boas, guardo as minhas brincadeiras de casinha no imenso quintal de minha casa em Mosqueiro¹, casinhas essas que, por serem frágeis como nós, crianças, caíram muitas vezes sobre nossas cabeças; as comidinhas de plantas e flores, tudo isso ainda envolvido nas canções que minha avó cantava (e ela sabia todas as do seu tempo) embalando os meus sonhos. Junto com as canções, lembro-me de meu bisavô, que na minha adolescência foi o responsável pelos meus primeiros acordes no violão. E a casa antiga? Ela era cercada de mistérios e histórias, todas contadas à noite na porta da casa pelos adultos que tinham sempre a preocupação de deixar preparado o candeeiro, pois a luz elétrica tinha hora marcada para partir.

Foi esse mundo de oralidade que aguçou a minha percepção e, como postula Freire (1998), aguçou as minhas primeiras leituras: as de mundo. Lembro que ampliava a minha imaginação ouvindo história de assombração, vendo os mais velhos contar suas abusões, suas crenças e credices, enfim, como eu respeitava seus valores!!!. Tudo isso ligado a um contexto mais amplo que naquele tempo eu nem sequer poderia suspeitar. Será que poderia existir coisa melhor para excitar a imaginação de uma criança do que história de alma penada, fogo-fátuo, a festa do boto a lenda da cobra grande que morava embaixo da Fábrica fátuo, a festa do boto, a lenda da cobra grande que morava embaixo da Fábrica Bitar², da mulher que virava porco e a Matinta Perera³? E ainda nos restava a possibilidade de

¹ Mosqueiro: Ilha fluvial que fica a 70 Km de Belém no Pará.

² Fábrica Bitar: Beneficiadora e exportadora de borracha na fase áurea da borracha. Nesta época desativada.

³ Matinta Perera: Ente que, como o boto e cobra grande, faz parte do imaginário popular amazônico.

algum deles aparecer a qualquer momento na penumbra da noite que se ia ao longe.

Lembro-me daquelas noites em que eu ficava acordada, e meus pensamentos vagavam em busca de respostas jamais encontradas, horas em que ficava embaixo do lençol tentando esconder meus medos, como, por exemplo, o de nunca aprender a ler horas. Ficava quieta: primeiro ouvindo os passos se escoarem na rua, tentando adivinhar por que ao longe um cachorro latia, o assobio do guarda-noturno, o coaxar dos sapos ou até mesmo ouvindo um galo solitário cantando antes da madrugada e que, segundo as más línguas, avisava que alguma donzela estava fugindo de casa. E como a noite se arrastava. A espera pelo dia era tanta que eu adormecia e só despertava com o apito do navio⁴ ou o badalar do sino da igreja, fazendo o primeiro convite para a missa. E foi nesses silêncios profundos da noite que acabei aguçando, também, minha percepção, e essa intimidade com o meu mundo foi fazendo com que misteriosamente esses temores noturnos fossem desaparecendo e dando lugar a uma nova visão de vida.

Enfim, chegou o dia do meu primeiro contato com a escola. Não era bem uma escola, era o teatro da Igreja adaptado. A professora, não era bem uma professora, era a moça mais letrada da vila: tocava piano, cantava, sabia ler música, representava e também, felizmente, queria ser professora. A palavra não foi ensinada, foi incluída nas atividades dirigidas por ela: Carmélia Bastos. Fui alfabetizada num palco, com músicas, peças, pastorinhas, danças e muitas cores, desenhos e histórias. Com ela, a leitura da palavra, da frase, da sentença não se desvinculou, não sofreu a ruptura com a leitura-mundo, isso me remete à questão do letramento na concepção de Soares (2003, p.3), ou seja, a professora deslocou o foco, envolveu o ensino da língua escrita em um conjunto de atividades permeadas com nosso contexto social.

Meu primário e meu ginásial se completaram no Colégio Nossa Senhora do Ó, ainda em Mosqueiro, e que, naquele tempo, era exclusivamente feminino e dirigido por freiras italianas. E foi aí, neste momento, que começou o meu despertar para a importância do ato de ler, da compreensão crítica, e isso se consolidou através da prática da leitura com a colaboração, até hoje recordada, da minha professora de Português, – Irmã Carmelita (que foi motivo de muitas risadas da turma por ter uma enorme verruga no dedo indicador). Com sua fala, cheia sotaque, misturando, ora português, ora italiano, lia trechos de Monteiro Lobato e Contos de Fadas, porém sua leitura, longe de nos enfadar, nos desvendava mistérios, despertava sensações até então desconhecidas. Sempre me lembro que ficava maravilhada e me perguntando como ela poderia saber tanto sobre autores brasileiros se era italiana? E essa curiosidade me fez ler tudo o que ela citava

⁴ Navio: Denominado “Presidente Vargas” à época único meio de ligação com Belém, que sinalizava sua partida diária às 6h horas, com dois apitos às 5h30min e 5h50min. Naufragou em frente da ilha do Marajó na década de 60.

como exemplo (pequenos trechos) para, durante as aulas, indagar, testar e finalmente ter a confirmação de que ela lera a obra completa.

Até que um dia essa participação ativa em sala de aula me fez ganhar um destaque na turma e no colégio. Deixei de ser uma simples aluna para ser a responsável pela biblioteca. E foi ocupando essa função que me foi revelado um grande segredo, o livro preferido da Irmã Carmelita: Eu e Você, de Paul Gerald, traduzido por Guilherme de Almeida.

Esse mesmo livro foi o responsável pela minha descoberta, pelo meu desvendamento do mundo poético. Não sei se pela minha idade, treze anos (13), ou por estar despertando para o amor, só sei que fiquei encantada com aquele livro e aqueles poemas. Hoje, relendo esses versos, eu os achei diferentes de tempos atrás, falta o momento vivido, o sentimento, a identificação. Quando pela primeira vez li aqueles poemas, a paixão pela poesia foi imediata, tudo o que eu sentia estava escrito ali. Como será que ele, o poeta, descobriu os meus segredos? E o segredo da Irmã Carmelita? Achava muito estranho uma freira gostar tanto daqueles versos. Mas, o que me fez realmente ficar frente a frente com os clássicos da Literatura não foi o interesse intelectual, foi a curiosidade, o primeiro contato foi pelo simples prazer de violar, o risco do proibido, pois a Irmã, ao entregar-me as chaves da biblioteca, deu-me um curioso aviso:

— Aqueles livros, de capas vermelhas, no alto do armário, são proibidos para as alunas, só os professores podem lê-los!!!

Com essas palavras, ela havia acabado de me colocar nas mãos as grandes obras do Romantismo e do Realismo: Amor de Perdição (Camilo Castelo Branco); Senhora (José de Alencar); Madame Bovary (Gustave Flaubert); O Primo Basílio, O Crime do Padre Amaro (Eça de Queirós); Germinal (Emile Zola); O Amante de Lady Chatterley (D. H. Lawrence); e outros.

A partir daí, a minha trajetória pelos caminhos da leitura não mais cessou e me levou ao Curso de Letras, que me deu a oportunidade de trabalhar em um projeto chamado Sala de Leitura, com a professora Maria Lúcia Medeiros, que me contagiou pela maneira entusiasmada com que falava de leitura e, assim, naquele momento, já me fez repensar nos mecanismos e nas estratégias que eram usados para criar o gosto pela leitura, leitura esta sempre vista, na época, como um processo individual, com uma concepção de caráter íntimo, reservado e solitário.

A intenção de relatar essa trajetória de leitura é por acreditar que a construção do fazer pedagógico do professor pode ser feita por dois caminhos: um deles é pelas experiências boas acumuladas de maneira lúdica, criativa, incentivadora no percurso de vida; outro é reinventando um novo caminho, deixando de lado os desacertos das traumáticas

vivências educacionais. Acreditamos que, a partir de uma ação reflexiva, somos capazes de repensar criticamente nossas práticas pedagógicas.

As reflexões sobre essas práticas pedagógicas precisam ir, inicialmente, além de uma reflexão pessoal e, para isso, precisamos fazer uma breve retrospectiva da formação do professor no Brasil, principalmente do Licenciado em Letras, pois o problema de leitura afeta o professor em todos os níveis e graus de ensino, pois a ele e a sua má qualificação profissional é atribuído o fracasso escolar e do ensino da leitura, Araújo e Luzio (2005), em um artigo *Para superar o fracasso escolar*, no site do INEP, afirmam que, de uma maneira geral, as causas do fracasso escolar são diversas, como a formação e a atuação dos professores que, em muitos casos, são deficitárias. Por isso o desafio é a busca da qualidade.

O principal desafio da educação brasileira, para as próximas décadas, é o da qualidade. As avaliações educacionais têm constatado que são altas as taxas de repetência e baixos os níveis de aprendizado na educação básica.

Não se pode, porém, responsabilizar unicamente o professor por esse fracasso em leitura e escrita, mas, também, o tipo de formação a que ele tem acesso. Os Referenciais para Formação de Professores, como esclarece Brasil (1998, p.26), confirmam que:

Não se trata de responsabilizar pessoalmente os professores pela insuficiência das aprendizagens dos alunos, mas de considerar que muitas evidências vêm revelando que a formação de que dispõem não tem sido suficiente para garantir o desenvolvimento das capacidades imprescindíveis para que crianças e jovens não só conquistem sucesso escolar, mas, principalmente, capacidade pessoal que lhes permita plena participação social num mundo cada vez mais exigente sob todos os aspectos.

Essas proposições, acima citadas, revelaram a necessidade de repensar a formação do professor e o resultado dessa formação no ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa e mais especificamente sobre o ensino da leitura no País, e essa evidência se comprova, quando se verificou o resultado dos estudos sobre educação, em testes como: PISA, AVA, ANEB, ENEM, ENADE e outros.

Nas últimas décadas, os estudos sobre a Linguística Aplicada – LA têm contribuído para a formação de professor, por ser um elemento novo de análise que compreende, de forma mais abrangente e profunda, os problemas mais variados oriundos da interação comunicativa. Assim, fazendo a análise da trajetória da

formação do professor sob esse foco, talvez se possa encontrar respostas possíveis, para as causas do fracasso escolar. A LA faz uso dos conhecimentos teóricos produzidos pela Linguística e dialoga com uma variedade de campos como: a Antropologia, a Teoria Educacional, a Psicologia e a Sociologia, entre outros, mantendo, assim, uma forte característica multidisciplinar, como afirma Celani (2000, p.19-20):

A LA como área de conhecimento é vista hoje como articuladora de múltiplos domínios do saber, em diálogo constante com vários campos que têm preocupação com a linguagem. Tendo em vista que a linguagem permeia todos os setores de nossa vida social, política, educacional e econômica, uma vez que é construída pelo contexto social e desempenha o papel instrumental na construção dos contextos sociais nos quais vivemos, está implícita a importância da LA no equacionamento de problemas de ordem educacional, social, política e até econômica.

A LA tem, na formação do professor, um papel fundamental, contribui para que haja um entendimento claro de que a linguagem é socialmente construída. Por isso, é importante desenvolver no professor, Licenciado em Letras, uma conscientização política com relação aos problemas referentes à linguagem e sua vinculação com o contexto social. E, principalmente, perceber como é rica a interação em sala de aula e que esta pode fornecer-lhe subsídios que poderão auxiliá-lo a compreender melhor a sua prática, buscando sempre formas de melhorar as condições de aprendizagem dos alunos. O professor precisa e deve desenvolver metodologias para contextos específicos que atendam às necessidades de seus alunos, deve saber avaliar os programas educacionais em que atua e os materiais utilizados, além de precisar ter um comportamento crítico e reflexivo sobre sua prática de sala de aula, pois, como assinala Castro (1999, p. 278):

[...] a criação desses espaços nos cursos de Letras é essencial para que possam repensar suas ações de maneira a atender as novas demandas desses contextos e propiciar aos alunos desses cursos experiências de aprendizagem informadas em outros modelos de ensino que não os tradicionalmente praticados. Para os alunos, a criação de espaços em que possam discutir situações de aprendizagem experienciadas ou observadas é essencial para que possam, ao questioná-las e analisá-las ao longo de sua formação, tomar consciência de como essas situações se organizam e de quais princípios as embasam.

Nessa perspectiva, a preocupação em apostar na melhoria da formação do professor, ainda na academia, é fundamental, mesmo sabendo que a sua identidade

profissional de professor não se inicia nem se conclui apenas no período restrito da formação acadêmica, pois, de acordo com Romero (2004), “a maioria dos programas de formação de professores desconsidera que a formação de fato teve início bem antes dos cursos sistemáticos, formais”. Este período é uma parte do percurso, o mais amplo teve início anterior à escola e vai além da finalização do ensino formal. Além disso, toda a concepção de ser professor é anterior ao ingresso na Faculdade, faz parte da bagagem de formação acumulada durante todo o seu percurso escolar. O que se acredita, porém, é que o convívio da sala de aula, no período de formação, pode ser um momento de reflexão, já que é um rito de passagem para uma vida profissional.

Frente a esses fatos, percebemos que o mesmo problema identificado no Ensino Básico permanece no Ensino Superior: a falta de leitura. A constatação, dessa evidência, foi detectada quando ministramos a disciplina Metodologia da Literatura, no 5º semestre do Curso de Letras, noturno, em uma Faculdade particular de Belém, no Estado do Pará. Essa disciplina possuía uma carga horária de 80h, dividida em 4h semanais, ou seja, 3h20min. A turma era composta por dezenove (19) alunos, na faixa etária de dezoito (18) a quarenta (40) anos. Essa disciplina tem seu plano de curso dividido em dois momentos: Literatura Infantil e Ensino da Literatura, no Ensino Médio. Na primeira aula, ao serem mencionadas as leituras que faziam parte do programa, veio a descoberta: os alunos não tinham conhecimento satisfatório das obras que faziam parte da primeira parte do programa, isto é, Literatura Infantil, para desenvolverem, com o mínimo de qualidade, as atividades previstas para a disciplina. Pelos depoimentos orais feitos, poucos gostavam de ler ou tinham conhecimento de livros e autores, de Literatura Infantil, fato que, normalmente, pelo curso que faziam, não deveria ocorrer. Essa falta de leitura dos alunos leva a citar Andrade (2004, p.11), que afirma:

Um bom professor de língua deveria ser um bom leitor, de modo que a experiência da leitura, o conhecimento e o prazer da literatura constituíssem a experiência do docente e, assim, lhe permitisse a realização de sua autonomia.

Abordando essa temática, Andrade ressalta, ainda, que parece clara a ineficiência de se acreditar que as práticas pedagógicas possam ser consequência direta da formação recebida, já que essa formação não está construindo nesse aluno um acervo de leitura que lhe possibilite realizar com desenvoltura sua tarefa de ensino.

Foi com base neste cenário que resolvi registrar o percurso deste trabalho e transformá-lo no meu objeto de pesquisa de Mestrado, por acreditar que as nossas

experiências profissionais fazem parte de momentos significativos da trajetória educacional e, também, podem provocar reflexões em outros professores, ressignificando posturas e direcionando um novo olhar sobre as crenças e concepções de ensino.

A pergunta que norteou esta pesquisa foi: Por que esses alunos do Curso de Letras do penúltimo semestre da graduação desconhecem a Literatura Infantil? Com base nessa pergunta, levantamos algumas hipóteses: a) O desconhecimento da Literatura Infantil estaria na falta de leitura na infância; b) Essa falta de orientação poderia ser na família ou na escola. O objetivo foi criar um projeto que pudesse investigar as possíveis causas dessas lacunas de Literatura Infantil na trajetória de vida desses alunos e que ao mesmo tempo desse suporte teórico para trabalhar com os conteúdos da disciplina Metodologia da Literatura. Construimos, então, um catálogo de Literatura Infantil.

Optamos por uma fundamentação teórico-metodológica que pudesse construir um caminho mais adequado para alcançarmos o objetivo aqui traçado, aproximando a pesquisadora do objeto e dos sujeitos da investigação, de tal modo que possibilitasse a compreensão das concepções estudadas, levando, também, em consideração a relação dos sujeitos e o objeto de estudo, ou seja, o contexto de atuação profissional e o contexto social. Para isso, selecionamos a metodologia escolhida para a construção dessa pesquisa foi a pesquisa-ação, por ser a mais adequada para ser utilizada no contexto da sala de aula, pois, segundo Thiollent (2007, p.16):

[...] a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com a ação ou com resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

A pesquisa-ação reforça a necessidade de haver uma participação ativa das pessoas ou dos grupos envolvidos no problema que está em observação, e que esta ação seja com base em um problema que mereça uma investigação. Assim, a ênfase será dada em três aspectos: resolução do problema, tomada de consciência e produção de conhecimento. Isto porque, como pontuam Moita Lopes e Freire (1998, p.145-167), o professor é um agente ativo envolvido no processo de produção de conhecimento na sua própria prática de sala de aula, interferindo na forma como o conhecimento é produzido e disseminado, no contexto particular em que atua.

Inicia-se o trabalho com a disciplina Metodologia da Literatura, ou seja, a sala de aula será o objeto da pesquisa, pois, como diz Brandão (1984, p.8), ao se referir ao binômio participar-pesquisar:

Só se conhece com profundidade alguma coisa da vida da sociedade ou da cultura, quando através de um envolvimento –em alguns casos, um comprometimento pessoal entre o pesquisador e aquilo, ou aquele, que ele investiga.

O primeiro passo foi a busca de solução para preencher as lacunas de leitura de forma rápida e atrativa, já que havia apenas cinco (5) meses para ministrar a disciplina. A solução encontrada foi iniciar um projeto com um gênero que fosse adequado à necessidade do grupo, ou seja, que envolvesse os alunos em situações concretas de uso da língua, de forma criativa e consciente, seguindo as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (BRASIL, 1998), que apontam que o ensino seja pautado nos gêneros textuais. Tais Parâmetros têm como princípio a concepção enunciativa de Bakhtin (2003), em que a linguagem é vista como ação social. Ante a percepção dos problemas de leitura dos alunos, pensamos propostas que criassem um caminho de preenchimento das lacunas de leitura detectadas. Foi então que, de comum acordo entre alunos e professora, elegeu-se o gênero catálogo para desenvolver em sala de aula.

Para expormos os resultados da investigação suscitada pela proposta de projeto, dividimos esta dissertação em quatro capítulos, sendo que no **primeiro capítulo** apresentamos uma síntese da história sobre a formação de professor no Brasil e especialmente dos professores dos cursos de Licenciatura em Letras, assim como as consequências dessa formação na sala de aula, abordando a construção do discurso do professor, como uma contribuição relevante das teorias do discurso, à luz do processo de enunciação da língua como prática sócio-histórica, e o papel da linguagem na aprendizagem, de acordo com: Ribeiro (1995), Ghiraldelli (2006), Tanuri (2000), Saviani (2005), Cunha (1989), Perrenoud (2002), Soares (2003), Bakhtin (2003), Moita Lopes (2002) e Castro (1999, 2006).

No **segundo capítulo**, abordamos a Literatura Infantil, principalmente o seu percurso no Brasil, e a falta de orientação adequada dessa leitura nas escolas, ressaltando o papel da escola como o lugar onde se aprende a ler e a gostar de ler, e o papel do professor nesse cenário, tendo apoio nos textos de: Lajolo (1885/1991), Kleiman (2004), Novais (2000), Vygotsky (1998) e Kock (2000).

No **terceiro capítulo**, são analisados os memoriais dos alunos, fazendo um diálogo com a trajetória de vida da pesquisadora, já relatada na introdução, para

detectar as diversas vozes que se cruzam nesse percurso (BAKHTIN, 2003), vozes essas que ressoam pelo que se leu no percurso da vida, no percurso escolar, até a formação acadêmica. Além disso, evidenciamos uma discussão acerca da importância dessa escritura para uma tomada de consciência crítica (da professora formadora e do educando) a respeito da formação e da prática docente.

No **quarto capítulo**, apresentamos o percurso da vivência de um projeto em sala de aula, com base no gênero catálogo, fazendo uma análise reflexiva da urgente construção de novas práticas, mais especificamente da elaboração de projetos, visando à produção escrita de um gênero, com base nas propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais (catálogo), seguindo os passos propostos por Lopes-Rossi (2000), exigências emergentes das necessidades e interesses do compromisso e da responsabilidade do professor formador como portador de competências e atitudes que ultrapassem obstáculos de toda ordem, para a consecução de seu principal objetivo: formar profissionais para o exercício pleno de sua cidadania. Contreras (2002, p.111) afirma que, para isso, é preciso afastar-se das posições estáticas que costumam estar presente nas abordagens do tipo formativa tradicional ou tecnicista, desenvolvendo, assim, práticas mais reflexivas, que possam provocar uma mudança qualitativa na formação.

A título de adendo, vale ressaltar que a presente investigação foi autorizada pelo comitê de ética em pesquisa da Universidade de Taubaté – UNITAU, conforme protocolo CEP/UNITAU Nº 372/8, o que dá respaldo legal para a validade da proposta que aqui se concretiza.

CAPITULO 1: A FORMAÇÃO DO PROFESSOR NO BRASIL

Ser professor não é certamente um produto acabado, um estado final, mas será um permanente tornar-se professor, um processo evolutivo, ao longo do qual as experiências vão ganhando mais significado, o que geralmente se faz acompanhar de um maior envolvimento pessoal por parte do professor.

São Tomás de Aquino

1.1 Apresentação do capítulo

Como o foco desta dissertação está no fazer docente e isso envolve a formação do professor, que é o escopo deste trabalho, apresentamos, inicialmente, uma visão da escolaridade formadora de professores e faremos, também, um breve mapeamento da formação de professores, especialmente do professor do curso de Licenciatura em Letras.

Lembremo-nos de que as discussões acerca da Educação no Brasil só têm aumentado, pois, cada vez mais, estamos sempre em busca de uma educação de qualidade que envolva novos saberes docentes, mas essa discussão tem um longo percurso de história marcado por contradições e paradoxos.

Em nosso recorte, parte-se de uma retrospectiva do ensino brasileiro, a fim de encontrar diferentes facetas dos principais problemas educacionais, observando aqueles que são considerados, na maior parte das vezes, como culpados pela má formação educacional. Para fundamentar essas discussões, temos por base as concepções de: Ribeiro (1995) e Ghiraldelli (2006), sobre a história da educação no Brasil; de Tanuri (2000), Cunha (1985), Perrenoud (2002), acerca dos saberes do professor; de Saviani (2005) e Soares (2003,2002), sobre a formação de professor; de Bakhtin (2003), a propósito do conceito de gênero; de Moita Lopes (2003), sobre o discurso como espaço de construção; Castro (2006), o professor reflexivo.

1.2 Cenário da formação de professor no Brasil

Ao longo da história profissional de docência no Brasil, é comum a interrogação sobre o compromisso dos cursos de Licenciatura com a formação de professores. Essas interrogações levaram-nos a montar um cenário da formação de professor, no Brasil. Voltar as páginas da história é importante para se analisar o contexto no qual foram construídos os conceitos iniciais dessa trajetória de Formação de Professor que, segundo Ribeiro (1995, p.21), iniciou-se com o primeiro plano educacional elaborado pelo Pe. Manoel da Nóbrega. A intenção era catequizar e instruir os indígenas, porém, como os Jesuítas eram os únicos educadores, os filhos dos colonos também recebiam a mesma educação, que incluía no currículo: português, doutrina cristã, ler e escrever e, em caráter opcional, canto orfeônico, música instrumental, aprendizado profissional e agrícola e viagem de estudos.

Ghiraldelli (2006, p.25) relata que o Pe. Manoel da Nóbrega “forjou um plano de ensino adaptado ao nosso país, segundo o que ele entendia que era a sua missão”, ao fundar, em 1552, o Colégio São Paulo, na Aldeia de Piratininga. Esse religioso, porém, vai encontrar sérias resistências em 1556, quando começam a vigorar as “Constituições da Companhia de Jesus”. O plano ideal (catequizar e instruir índios) e o plano real se distanciam. Apesar disso, os Jesuítas tiveram o monopólio do ensino escolar no Brasil por quase duzentos anos e, por isso, exerceram grande influência sobre a sociedade e a elite brasileira desse período, até esses religiosos serem expulsos de Portugal pelo Marquês de Pombal e conseqüentemente de suas colônias, inclusive do Brasil, em 1759.

Com a vinda da Família Real para o Brasil, em 1808, altera-se, novamente, a educação no País, com a implantação de vários cursos para criar um ambiente educacional o mais próximo possível ao da Corte Portuguesa em Lisboa. Na Carta Constitucional de 1824 é quando, pela primeira vez, aparece um tópico específico para tratar da educação e inspirava a ideia de um sistema nacional de educação, como destaca Ribeiro (1995, p.46):

[...] onde estavam presentes às ideias da educação como dever do Estado, da distribuição racional por todo o território nacional das escolas dos diferentes graus e da necessária graduação do processo seletivo [...].

No plano prático, porém, manteve-se o descompasso entre as necessidades reais e os planos propostos, ou seja, a organização escolar brasileira na primeira metade do século XIX não teve avanços significativos.

Merece destaque, segundo Ghiraldelli (2006, p.29), a criação do Colégio Pedro II em 1838, cujos objetivos iniciais não vieram a concretizar-se:

Seu destino era servir como modelo de instituição de ensino secundário. Mas ele nunca se efetivou realmente como modelo para tal nível, tomado em si mesmo, e vingou como uma instituição preparatória aos cursos superiores.

Ainda nesse momento, surge, em Niterói, Rio de Janeiro, a Escola Normal, criada para melhorar o preparo docente, um curso que tinha duração de dois anos e era em nível secundário. A concepção da Escola Normal Brasileira, nesse contexto histórico, é a dominação através da instrução. Muito mais do que dar conhecimentos para exercer a profissão de professor, a escola tinha um forte cunho ideológico.

Na verdade, em todas as províncias, as escolas normais tiveram uma trajetória incerta e atribulada, submetidas a um processo contínuo de criação e extinção, para só lograrem algum êxito a partir de 1870, quando se consolidam as ideias liberais de democratização e obrigatoriedade da instrução primária, bem como de liberdade de ensino. Antes disso, as escolas normais não foram mais que um projeto irrealizado.

Na década de 1850, quando o Império já estava consolidado, aconteceram importantes realizações, como relata Ghiraldelli (2006, p.29), entre as quais, em 1854, a criação da Inspeção Geral da Instrução Primária e Secundária do Município da Corte. O órgão ficou incumbido de estabelecer as regras para o exercício da liberdade de ensino e para a preparação dos professores primários, e autorizar a reforma dos estatutos dos colégios preparatórios, colocando um padrão nos livros usados nas escolas oficiais. Coube, também, a essa Inspeção Geral reformular os estatutos da Academia de Belas Artes e organizar, de modo novo, o Conservatório de Música e refazer os estatutos da Aula de Comércio da Corte.

Acelerando algumas décadas no tempo, pois poucas mudanças ocorreram nas últimas décadas do século XIX, chegamos ao século XX.

Na história da educação no Brasil, esse foi um momento privilegiado, principalmente para as Universidades, período que vai de 1920 a 1968, por ter sido mais uma fase de institucionalização e de configuração do sistema.

Dentro desse contexto educacional é que começam a se moldar os cursos de formação de professor. Cunha (2000, p.161-162) afirma que a primeira instituição de ensino superior que, explicitamente, se apresenta como universidade foi fundada em Manaus, no Estado do Amazonas, em 1909, na fase áurea da exploração da borracha na região. Tal experiência não prosperou, dela restando apenas uma faculdade, a de direito, hoje integrante da atual Universidade Federal do Amazonas.

A partir de 1911, com a política de “desoficialização do ensino”, como relata ainda Cunha (2000), abriu-se a possibilidade para a criação de novas universidades, como a de São Paulo (em 1911) e uma em Curitiba (em 1912). Porém, essas experiências não tiveram êxito. Em 1920, foi criada a primeira Instituição de Ensino Superior que manteve a condição de Universidade – a do Rio de Janeiro, que se originou da fusão das Faculdades Federais de Medicina, Engenharia e de uma Faculdade de Direito. Em 1930, o Brasil dispunha apenas de duas universidades – em Minas Gerais e no Rio de Janeiro. Em 1935, a criação da Universidade do então Distrito Federal incorpora a Escola de Professores que recebe o nome de Escola de Educação.

Em São Paulo, algo semelhante aconteceu em 1934, conforme Saviani (2005, p.7-32). Com a criação da Universidade de São Paulo (USP), foi incorporado o Instituto de Educação Paulista. E é sobre essa base que, em 1939, foram instituídos os Cursos de Pedagogia e de Licenciatura na Universidade do Brasil e na Universidade de São Paulo, surgindo, assim, o paradigma que, adotado pelas demais instituições de ensino superior do País, equacionou a questão relativa à formação de professores para o ensino de nível secundário e para as próprias escolas normais. Aos Cursos de Licenciatura ficou a tarefa de formar professores para as disciplinas específicas que formavam os currículos das escolas secundárias; e os Cursos de Pedagogia ficaram com o encargo de formar os professores das Escolas Normais.

Neste período (década de trinta), a política econômica e de desenvolvimento do País sente a necessidade de avançar na consolidação e na ampliação das instituições universitárias, o que de fato ocorreu, não sem muita polêmica, envolvendo vários interesses, nos âmbitos nacional e estadual, e tradições herdadas do período colonial e de modelos europeus de organização desse tipo de instituição.

O que se deve considerar, no entanto, é que esse perfil acima apresentado do sistema universitário brasileiro vem sendo contínua e intensamente modificado. Um fato de grande relevância para a atual configuração do sistema nacional de ensino superior, bem como para o surgimento de novos e agudos problemas relacionados a

esse nível da educação do País, foi a “reforma universitária de 1968”, como ficou conhecida a Lei 5540/68, lei esta que atingiu diretamente o contexto da formação reflexiva de professores e, por conseguinte, o trabalho docente em sua prática cotidiana.

Saviani (2005) ressalta que, a preocupação com a formação de professores vem se solidificando. Para ele, algumas reestruturações feitas no ensino superior, trouxeram modificações importantes para essa formação, principalmente com o surgimento do Curso de Formação Pedagógica, em 1934 e a sua desvinculação das faculdades de Filosofia, Ciências Humanas e Letras, e a criação dos Institutos e Faculdades de Educação (Lei nº 5.692/71). Essa lei trouxe questões importantes quanto à formação de professores, como: o reconhecimento da necessidade de formação específica em cursos específicos; a definição de um patamar ideal em termos de formação; a instituição de um novo modelo de formação, a licenciatura curta; as mudanças na natureza do curso de formação de nível médio, Curso Técnico em Magistério; a criação de novas modalidades de formação em decorrência do estabelecimento de áreas de conhecimento, alterando assim as grades curriculares; o reconhecimento da necessidade de formação continuada. Porém, não se pode negar a existência de lacunas, como ressalta Saviani (2005) quanto à exigência de formação dos professores. O texto da lei traz uma série de concessões em relação à qualificação dos professores que atuam nas diversas séries do 1º e 2º graus (hoje ensinos fundamental e médio, respectivamente).

Com a redemocratização da sociedade e a elaboração de uma nova Carta Constitucional, em 1988, coloca-se a necessidade de discussão de uma nova legislação educacional. Desse estudo, vai surgir a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que começa a ser discutida em 1988 e sancionada, somente, em 1996.

A reforma educacional no Brasil, a partir da Lei 9.394/96 (LDB) e, a seguir, dos seus dispositivos de regulamentação no que se refere à educação profissional, como o Decreto-Lei 2208/9717 e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional, consubstanciadas no Parecer CNE/CEB nº 16/99, na Resolução CNE/CEB nº 04/9919 e nos Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Profissional, traz à tona nova concepção de educação baseada em modelos de competência.

Com isso, surge uma inovadora proposta de mudanças importantes no ensino superior brasileiro, mediante introdução de novas sistemáticas de avaliação e várias outras políticas voltadas para a busca da melhoria da qualidade dos cursos oferecidos pelas instituições, com medidas que se identificam com a política de expansão do ensino superior, levando à multiplicação de novas instituições, particulares, e de muitos cursos, inéditos.

É oportuno conhecer os números da educação. No ano em que a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) foi promulgada (1996), segundo Tanuri (2000, p.85), o Brasil contava com:

5.276 Habilitações no Magistério em estabelecimentos de ensino médio, das quais 3.420 em escolas estaduais, 1.152 em escolas particulares, 701 em escolas municipais e 3 federais. E, em nível superior, contava-se, em 1994, com 337 Cursos de Pedagogia, sendo 239 particulares, 35 federais, 35 estaduais e 28 municipais.

A fundamental importância desse relato reside em gerar uma reflexão nas práticas educacionais das Instituições Superiores que são responsáveis pela Formação de Professor, pois fica cada vez mais evidente, e os resultados da educação no Brasil comprovam isso, a necessidade de se realizar um trabalho mais significativo dentro das práticas educacionais, pois se sabe que uma mudança de concepção e de aprimoramento nessa formação é capaz de provocar ecos que, certamente, irão possibilitar alterações importantes no processo educacional vigente. Os números desastrosos de SAEB, ENEM, PISA etc., que avaliam a qualidade da educação brasileira, referidos anteriormente, podem e precisam ser melhorados a passos largos. Nosso trabalho dialoga com essa linha.

A concepção anterior de que, para ser professor, basta ter sido bom aluno tem cedido lugar à compreensão de que essa formação é um processo complexo e contínuo que requer consistência na condução de suas ações curriculares, de políticas públicas e de condições para sua efetivação, porém, fica cada vez mais difícil acreditar em mudanças, uma vez que os cursos de formação de professores não recebem incentivos materiais e nem estímulos institucionais e que geralmente os recursos financeiros são direcionados para outras áreas consideradas “nobres”, ligadas à pesquisa, postura essa que é prejudicial para um setor educacional que é responsável pela formação intelectual da população.

Outro problema, pertinente nessa formação, é a falta de integração entre o conhecimento teórico e as práticas educacionais, o que reflete claramente na desarticulação curricular. Assim, as atividades de formação devem incentivar nos

professores qualidades (capacidades e competências) exigidas para permitir aos alunos cumprir sua tarefa de aluno, que é aprender. O conhecimento de conteúdos a serem ensinados, na visão de Perrenoud (2002, p.93), não é suficiente quando se pretende instruir: “A verdadeira competência pedagógica consiste, de um lado, em relacionar os conteúdos a objetivos e, de outro, a situações de aprendizagem”. As atividades de formação devem incentivar, nos professores, qualidades (capacidades e competências) para permitir cumprir sua tarefa: ensinar o aluno a aprender.

A reformulação dos cursos e programas de formação docente é urgente, pois hoje se alteraram os paradigmas da ciência, da tecnologia e das fronteiras do saber. Um exemplo dessa mudança são os alunos egressos dos Cursos de Letras, que, além da precariedade de leitura e de produção textuais, já citadas antes neste trabalho, ainda trazem um conceito pré-estabelecido da profissão: desvalorização profissional, violência nas escolas, falta de condições adequadas nas salas de aula e baixo salário.

No entanto, o que se percebe é a resistência desses cursos em mudar seus currículos, permanecendo na velha concepção de reprodução e acumulação do saber. Segundo Castro e Romero (2006, p.127), essa postura não condiz mais com a proposta pedagógica pretendida hoje, do novo contexto educacional:

[...] não é conducente à construção da criticidade, nem de um sujeito capaz de lidar com um mundo em constante transformação, em que – marca de novo milênio – tudo não tem a característica estável do ser, mas se equilibra na dinâmica do estar.

Diante dessa conjuntura, a preocupação com a qualidade na formação do professor é ainda mais evidente, pois se percebe que, além de habilidades de classificação, reprodução e acumulação de saberes, precisa-se questionar, criticar e propor uma reformulação do ensino e de suas práticas pedagógicas. E essas questões se tornam mais evidentes quando se focaliza o Curso de Licenciatura em Letras, *locus* de nossa atuação, de nossa investigação e de nossa ação.

1.3 O professor do Curso de Letras: uma prática reflexiva

A Formação Docente em Língua Portuguesa também tem sido questionada e criticada, e com o mesmo discurso de fracasso e da necessidade de reformulação do ensino e de suas práticas pedagógicas. As críticas a essa metodologia se concentram num ensino descontextualizado, centrado na norma, na gramática.

Percorrendo um pouco a história da disciplina Língua Portuguesa no Brasil, verifica-se que a tradição do ensino da gramática remonta ao século XVIII e que, apenas no século XX, na segunda metade dos anos 80, aparece um novo objeto de ensino: leitura/escrita, consequência, como relata Soares (2001)

[...] dos anos 50 [em que] começa a ocorrer uma real modificação nas condições de ensino e de aprendizagem da disciplina Português. [...] é a partir desse momento que começa a modificar-se profundamente o alunado: como consequência da crescente reivindicação, pelas camadas populares, do direito à escolarização, democratiza-se a escola, e já não são apenas os filhos da burguesia que povoam as salas de aula, são também os filhos dos trabalhadores.

Esse cenário resultou, na década de 1990, em um novo paradigma para o ensino de Língua Portuguesa apontado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), documento oficial instituído pelo governo e elaborado por um grupo de autores, especialistas e pesquisadores em educação, que traz orientações sobre o ensino nas diversas áreas do conhecimento, incluindo o ensino de Língua Portuguesa, caso em que deveria partir do pressuposto de que esse ensino deveria centrar-se em partir de dois eixos: uso e reflexão sobre a língua em um trabalho no qual o ponto de partida e chegada seja o uso da linguagem e, para isso, seria privilegiado o trabalho com os gêneros.

Trabalhar com a linguagem nessa perspectiva é ter à frente um universo de possibilidades e seguir por diferentes caminhos sinalizados, pois todos eles revelam a importância do estudo da linguagem em qualquer área do conhecimento, uma vez que estudar a linguagem é estudar o homem, suas relações sociais, sua história. Nesses estudos da linguagem, destaca-se o nome do russo Mikhail Bakhtin (2003, p.262), que, com sua teoria do enunciado concreto e dos gêneros discursivos, tem cada vez mais ocupando espaço nas discussões e nos estudos linguísticos contemporâneos: “[...] cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciado, os quais denominaremos gêneros do discurso”.

Essa perspectiva dialógica e sócio-histórica da linguagem passa, então, a constituir os pilares do ensino-aprendizagem de língua materna no Brasil, embora essa concepção imposta pelos PCN ainda enfrente uma barreira muito grande para sua implantação efetiva nas salas de aula. Os professores, que atuam no Ensino

Básico, têm encontrado inúmeros problemas para trabalhar de acordo com essas propostas educacionais estabelecidas no País, assim como as Instituições de Ensino Superiores – IES, para implantar nos seus currículos essa nova abordagem do ensino da língua.

Os programas de formação docente clamam por mudanças. Retomo a questão da desvalorização da profissão docente no Brasil, a má qualidade da educação básica são fatos. Negar a necessidade de reformulação dos cursos e programas de formação docente é apostar na má qualidade do ensino básico e conseqüentemente no declínio da Educação no País, pois, com os novos paradigmas da ciência e da tecnologia, alteraram-se as fronteiras do saber, e o professor precisa estar preparado para essas mudanças. Resgatar essa dignidade, do ser professor, deveria ser um dos papéis do curso de formação de professores. Para essa mudança de concepção, não bastam novas leis, é preciso preparar o espaço pedagógico da escola e o professor para encarar essas mudanças.

Nesse sentido, a Linguística Aplicada pode contribuir muito para a formação de profissionais da área. O Curso de Letras é o ambiente ideal para criar situações de aprendizagem para discutir a língua num processo de interação. Castro (1999, p.217) coloca essa possibilidade mostrando “que é essencial para que possam repensar suas ações de maneira a atender as novas demandas desses contextos”. Ainda segundo a autora, essas experiências de aprendizagem moldadas em novas propostas propiciam “a construção ao longo de sua formação de um corpo de conhecimentos teóricos, de procedimentos e de recursos práticos”, que possibilitam identificar as necessidades dos vários contextos de ensino.

A busca de profissionais reflexivos, que tenham consciência da importância de exercer bem seu papel, enquanto formadores de leitores e produtores de escrita, em uma sociedade em que muitas vezes essas atividades não se concretizam como práticas de vida, é, hoje, o grande desafio da formação docente. Nesse cenário se situa a nossa proposta.

1.4 Professor reflexivo e sua prática

A palavra professor, na civilização ocidental, origina-se do latim >*professor*, cujo significado é “aquele que professa ou ensina”, uma ciência uma técnica, uma disciplina ou mesmo um ser que domina o conhecimento e, como tal, deve dar o exemplo, ser

respeitado e imitado. Os séculos se passaram, e essa imagem foi se distorcendo, pois a sociedade desvalorizou a essência do trabalho docente.

Hoje, as mudanças propostas clamam por um professor e um ensino reflexivos, com uso de instrumentos que lhe permitam a compreensão e, possivelmente, a transformação de suas práticas pedagógicas. Na visão de Moita Lopes (2002, p.16), a escola é um espaço onde atuam diversas vozes e onde, normalmente, tem-se o professor como aquele participante que controla o processo discursivo, por sua posição de maior poder. Assim sendo, ele exercerá uma maior influência no processo de construção de significados de seus alunos, tanto do ensino fundamental quanto do ensino médio. Ele traz para dentro desse processo toda a sua experiência de vida, suas crenças, isto é, todos os seus fragmentos identitários, bem como o arcabouço teórico que lhe foi possível construir (ou não).

O professor controla a prática discursiva de sala de aula e influencia nas escolhas de seus alunos durante o processo de construção de significados. Assim sendo, ao construir a sua identidade, o aluno sofre influência direta do professor e das outras vozes que compõem o universo da sala de aula. Em face desse poder, se torna necessário refletir sobre que formação está recebendo na graduação esse professor para que se possa exercer de maneira consciente e responsável essa tarefa. Se, ao longo da faculdade, acrescentar saberes compatíveis com habilidades e competências necessárias ao fazer docente com, na, por e pela linguagem, então, os resultados serão mais promissores. Não é outra a nossa proposta de formação docente para nossos alunos do Curso de Letras e cujo percurso de pesquisa se expõe na presente dissertação.

CAPITULO 2 : LEITURA E LITERATURA INFANTIL

*Há pessoas que nos falam e nem as escutamos;
há pessoas que nos ferem e nem cicatrizes
deixam, mas há pessoas que simplesmente
aparecem em nossa vida e nos marcam para
sempre.*

Cecília Meireles

2.1 Apresentação do capítulo

Diante das colocações feitas no primeiro capítulo, é quase impossível acreditar que o graduando, com todos esses problemas relacionados à sua formação, possa ser leitor em potencial. E é nesse cenário de sala de aula brasileiro, descrito no capítulo anterior, que se evidencia mais uma lacuna no processo educacional – a ausência de oportunidades de contato dos alunos com obras literárias voltadas para o público infanto-juvenil.

Dizendo de outra maneira, é na escola, já tão privada de recursos humanos e materiais, que ações perversas, porque privadoras, deixam de proporcionar para crianças e jovens o contato com a Literatura Infantil e Juvenil. Para demonstrar a gravidade dessa falta de leitura, neste segundo capítulo, traçamos um panorama da Literatura Infantil no Brasil e destacando-se a importância dessa literatura para a formação de leitor, as orientações dessas leituras nas escolas e o papel do professor como mediador nesse processo.

Essas abordagens têm apoio nas concepções de: Geraldi (2004), concepções de linguagem e ensino de português; Lajolo e Zilberman (1997), para conhecer a Literatura Infantil brasileira: história, autores e textos; Kleiman (2004, a, b) e Cunha (1999), a respeito de concepções de ensino e práticas de leitura; Coelho (2000), sobre a Literatura Infantil no Brasil e sua importância na formação do leitor; Vygotsky (1994, 1998, 2000), quanto à abordagem sociointeracionista; Koch (2002, 2000) e Machado (2002), no que tange a texto e leitura e práticas docentes. Nosso olhar se volta para nosso graduando do curso de Letras, para a criança/jovem que ele foi e para o seu futuro aluno, crianças e jovens brasileiros.

2.2 Leitura

O foco central desta reflexão sobre a formação do leitor reside na identidade docente da pesquisadora. Esta foi construída ao longo do curso da vida e da formação profissional, como já foi dito anteriormente. Por esse motivo, ela coloca-se, às vezes, no papel de aluna e professora, ou seja, aquela que vivenciou e vivencia a crise da Educação do Brasil, e que luta, no exercício da profissão, para amenizar o descompasso entre o que é imposto pelos currículos, das IES, e a realidade encontrada pelos alunos no cenário das salas de aula dos Cursos de Licenciatura que atua.

Refletir sobre esses assuntos é fundamental para quem sabe e vivencia a importância da leitura como um instrumento básico e essencial ao desenvolvimento do ser humano, desenvolvimento esse no sentido de interpretar e recriar as experiências vividas e amadurecer para entender o mundo e enfrentar melhor a vida.

Sabe-se que, hoje, o livro, o diálogo e as brincadeiras infantis travam com as mídias uma luta muito grande. Retomando falas anteriores desta dissertação, vimos que cabe aos professores criar oportunidades que, também, integrem esses meios de comunicação e a leitura livresca de forma lúdica e criativa para proporcionar o incentivo à leitura. Para que isso aconteça, é necessária uma mudança de metodologias nas Faculdades para que os futuros professores saibam formar e orientar os alunos para a leitura.

A importância da leitura na escola está presente há muito tempo nas vozes de vários autores como: Piaget (1986), Vygotsky (1998), Ferreiro (2000), Soares (1998), Lajolo (1991), Silva (2004), Coelho (2000) e tantos outros. Todos eles, além de enfatizar a relevância da leitura e da Literatura Infantil na formação da criança, pregam que ela seja incentivada na infância principalmente, quando a criança está educando o olhar para ler o mundo e descobrindo seus mistérios, como, por exemplo, Freire (1993, p.11), que enfatiza que a “leitura de mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele”. Só assim ela será capaz de, no futuro, aprofundar sua “percepção crítica, e a “re-escrita do lido”.

É consenso entre os pesquisadores que o gosto pela leitura e o prazer da descoberta das primeiras leituras devem se iniciar na família e devem continuar na escola, com a orientação do professor, e prosseguir por toda a vida. Portanto, se quiserem formar leitores, os professores precisam ser responsáveis por essa

formação, devem participar na construção da história de leitura dos alunos, devem incentivar, de todas as formas, para que a leitura possa contribuir na formação de cidadãos críticos, competentes e participantes de uma sociedade justa e com valores humanos, uma vez que ler é um importante instrumento para a conquista dessa conscientização. O percurso brasileiro na área de formação docente, entretanto, entremostra lacunas, as quais repercutem na contemporaneidade.

O ideal é que o contato com a leitura na infância deva ser feito por meio de textos variados: histórias infantis, gibis, postais, jornais, teatro, música e nas suas mais variadas formas verbais e não-verbais (poesia, parlendas, trava-língua etc.). Esse contato inicial, principalmente com as formas orais no início da infância, reforça o que diz Coelho (2005) “precisamos sempre ter em mente é que, antes de sermos leitores, somos ouvintes”.

Como, hoje, a maioria das crianças começa a iniciação da leitura na escola, o professor passa a ser o principal instrumento de mudanças e de incentivo à leitura em sala de aula.

O motivo de se ressaltar o caráter educativo da leitura na escola é porque necessário se faz repensar a inserção da leitura literária como componente educador da criança, já que, ao lado da aprendizagem instrucional, existe aprendizagem expressiva, que contempla a análise, a avaliação e a transformação, que admite a interpretação, pois, em geral, a Literatura apresenta a realidade social, expondo os anseios e os desejos momentâneos, em variados contextos, e tudo isso é que deve ser explorado pela leitura de textos. Anula-se seu papel de sujeito.

A forma como a leitura literária tem sido ensinada ao longo da escolaridade básica pode ter contribuído para a resistência e a dificuldade dos alunos em entender essa linguagem. Kleiman (2004 a) acredita que existem duas concepções de texto e de leitura que ainda hoje são trabalhadas nas escolas: ou o texto é visto como compilação de mensagens e informações, ou é visto como um conjunto de elementos gramaticais. Essa falta de interação entre o aluno e o texto literário leva, na maioria das vezes, o estudante a ter dificuldades de entender a linguagem artística e a acabar aceitando a interpretação do professor sem promover um diálogo com o texto.

O ponto primordial para o incentivo à leitura, segundo Geraldi (2004, p.99), seria trazer para dentro da escola o prazer de ler e o professor respeitar as leituras anteriores do aluno, pois ninguém começa uma trajetória de leitura lendo clássicos, e mesmo assim “não há leitura qualitativa no leitor de um livro”, o que significa que o professor deve oferecer aos alunos uma infinidade variada de leituras, ainda que o

resultado que o aluno demonstre não seja o esperado pelos docentes. Um exemplo disso são os PCN de Ensino Fundamental, em que os textos literários indicados para o trabalho com a leitura são os mais variados: o conto, a novela, o romance, a crônica, o poema e o texto dramático. As aulas de leitura teriam como objetivos específicos o desenvolvimento de habilidades de inferência, análise e síntese, percepção de informações implícitas e da relação entre os textos e os seus mecanismos de construção e organização.

Como se vê, novamente está nas mãos do professor a mediação entre o livro, o texto e o aluno. E, segundo Kleiman (2004), ensino da leitura deve ser entendido como a possibilidade de ensinar através de modelos, com o adulto como mediador entre o leitor principiante e o autor. Isso justifica a preocupação com a formação e a prática de leitura desse professor que sai do curso de formação de Letras, na maioria das vezes sem estar habilitado para exercer a tarefa na sala de aula, e a consequência dessas lacunas de leitura só irá aparecer no futuro, na sua proficiência de leitura ou no exercício da sua profissão.

2.3 Era uma vez: Literatura Infantil

A relevância de se falar sobre a Literatura Infantil, neste trabalho, é para não centralizar as atenções apenas nas escrituras. É preciso dialogar com as relações entre os fenômenos sociais que deixaram e ainda deixam marcas na linguagem, e nesta perspectiva cultura e memória caminham juntas.

Os primeiros livros adotados para crianças no século XVII eram de natureza moral e educacional e tinham suas fontes nas histórias populares. No século XVIII, com a ascensão da família burguesa e a reorganização da escola, surge um novo *status* na sociedade: o da infância. A criança passa então a ter na sociedade um novo papel. Começa a ter tratamento diferenciado do adulto. A criança passa a ser considerada um ser com necessidades e características próprias, pelo que deveria se distanciar da vida dos mais velhos e receber uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta. Zilberman (1985, p.13), ao falar sobre o surgimento da Literatura Infantil, esclarece que:

A nova valorização da infância gerou maior união familiar, mas igualmente os meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e manipulação de suas emoções. A literatura infantil e a

escola, inventada a primeira e reformada a segunda, são convocadas para cumprir esta missão.

Para colaborar com a solidificação política e ideológica da burguesia, a escola começa a atuar de forma efetiva na educação da criança. Assim como a família, a escola torna-se o elo entre a criança e a sociedade, e é nesse ponto que começam a se misturar Literatura e Pedagogia.

A Literatura Infantil como gênero literário só foi reconhecida, como afirma Lajolo (1991, p.15), com Charles Perrault e, definitivamente, constituída um século depois, a partir da Alemanha do século XVIII, com o trabalho dos irmãos Grimm. No século XIX, eles editam a coleção de contos de fadas, que não eram livros destinados às crianças, mas o sucesso foi tão grande que se convertem em sinônimo de Literatura Infantil.

No Brasil, a Literatura Infantil surgiu muito tempo depois, quase no século XX, muito embora ao longo do século XIX se tenha registro de uma ou outra obra destinada a crianças, porém nessas primeiras décadas do século XX um ponto muito importante foi a consolidação da Literatura Infantil na condição de gênero.

Monteiro Lobato foi quem estruturou o gênero infantil no Brasil em 1921, segundo Lajolo (1985, p.46), quando publica *Narizinho Arrebitado* (segundo livro de leitura para uso das escolas primárias), um livro de linguagem simples e acessível às crianças. Logo depois, Monteiro Lobato reescreve a história original (*Narizinho Arrebitado*) e acrescenta outras narrativas, mudando o título para *Reinações de Narizinho*. É nesse momento que se inicia a série de aventuras no Sítio do Pica-Pau Amarelo. Lobato acreditava que a falta de leitores de Literatura Infantil, no Brasil, era decorrente de algumas causas, dentre elas: pouca divulgação da leitura infantil, falta de planejamento sistemático de distribuição e divulgação por parte dos livreiros e, a mais importante, o alto índice de analfabetos no País. Lobato culpava, também, “seus horrorosos livros de leituras didáticas” que os ensinavam a considerar “a leitura como um instrumento de suplício” – as passagens entre aspas foram retiradas de uma carta que o autor endereçou a um amigo (Lobato, 1969, p. 84).

Inicia-se um crescimento significativo na produção para criança no Brasil, na década de 30. Pouco a pouco, a Literatura Infantil começa a traçar sua trajetória, adquirindo características próprias. Porém somente na década de 40 é que se efetiva, de fato, a produção de obras específicas de Literatura Infantil. Na década de 50, pouca coisa se modifica. Apesar de alguns temas serem inovadores, a Literatura Infantil

continuou repetitiva, explorando apenas temas conhecidos. Por isso, começa a ser vista como uma literatura “menor”, ou seja, marginalizada ao ser comparada com os clássicos.

Na década de 60, o Estado começa a se preocupar com o baixo índice de leitura e inicia um grande investimento na produção de textos direcionados para a população escolar. Para suprir essas deficiências de leitura, grandes empresas privadas começaram a investir em Literatura Infantil, tendo como garantia o apoio do Estado. Esse mercado começa a produzir livros dirigidos exclusivamente para a escola, com instruções didáticas complementados com fichas de leitura, questionários e roteiro de compreensão de textos. Muitos autores consagrados inserem-se nesse novo mercado editorial, como: Mario Quintana, Cecília Meireles, Vinícius de Moraes e Clarice Lispector. Surgem as instituições e programas voltados para o incentivo à leitura e discussões sobre Literatura Infantil como: Fundação do Livro Escolar (1966), Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (1968), Academia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil (1979) e outros.

Em 70, é ressaltado por Cademartori (1987, p.11) o "boom" da Literatura Infantil, ou seja, a redescoberta do gênero. Com a consolidação do mercado editorial e a crescente dependência do livro à escola, aumentou expressivamente o número de autores produzindo para a infância.

Uma vasta literatura se destaca nesse momento, rompendo o compromisso do livro infantil com valores moralistas, autoritários, conservadores e maniqueístas. Os temas são inovadores, como revelam os títulos: *O menino* e *O pinto do menino* e *Os rios morrem de sede*, de Wander Piroli (1975), *O dia de ver meu pai*, de Vivina de Assis Viana (1977), *Xixi na cama*, de Drummond Amorim (1979), *Vovó fugiu de Casa*, de Sérgio Caparelli (1981). Outros autores investem nos valores das histórias tradicionais: Lygia Bojunga, *A bolsa amarela*, *Corda bamba*, *Tchau*, *Os Colegas*; Ana Maria Machado, *História meio ao contrário*, e Ruth Rocha, *O reizinho Mandão*. E ainda outros gêneros se destacam, como o mistério policial: João Carlos Marinho, *O gênio do Crime*, Stella Carr, *O caso da estranha fotografia*, e outros.

A leitura dessas obras infanto-juvenis, citadas acima, pode levar a criança ao desenvolvimento do seu intelecto, da sua personalidade, atendendo a diferentes necessidades e aumentando sua capacidade crítica. Esta literatura tem o poder de estimular e/ou suscitar o imaginário, de responder dúvidas em relação a tantas perguntas, de encontrar novas ideias para solucionar questões e provocar a curiosidade do leitor. Esses textos, portanto, têm uma importância que vai além do

prazer, eles efetivamente podem ser facilitadores na construção da linguagem, oralidade, valores e sentimentos, os quais ajudarão, também, na formação pessoal do educando.

2.4 Literatura Infantil na Escola

Com o crescimento e a valorização da Literatura Infantil, como foi exposto anteriormente, aliados ao incremento de programas do governo, disponibilizando nas escolas um acervo muito grande de livros infantis e juvenis, cobra-se resultados mais satisfatórios dos professores sobre leitura. Mas, sabe-se que só colocar acervos na escola não basta, pois livros, professores e escola trazem no seu percurso histórico uma relação conflituosa e que persiste.

A Literatura e a escola, na visão de Lajolo & Zilberman (1983, p.17), começam a solidificar suas relações com os novos ideais burgueses da classe média, que via na educação um meio de ascensão social e na Literatura um instrumento de difusão desses valores. A obrigatoriedade de unir escola e família se justificava pelo despreparo dos pequenos, e, por isso, era necessário equipá-los para enfrentar o mundo. A escola foi a escolhida como espaço de mediação entre a criança e a sociedade, o que mostra a importância da parceria entre essas instituições e a neutralização do conflito possível entre elas.

A escola acaba, então, reforçando sua importância, tornando-se, a partir de então, indispensável na vida social de todas as famílias, e para completar essa solidificação os dispositivos legais legitimam a obrigatoriedade das crianças na escola. Assim, a Literatura Infantil foi usada na escola, desde as suas primeiras concepções, como um meio de formar o intelecto e a moral da criança, um ser considerado, na época (final do século XVIII), inocente, frágil e totalmente dependente do adulto. É nesse momento que os educadores começaram a pensar numa literatura para crianças e jovens e já direcionaram suas intenções para formação e informação, deixando completamente de lado a busca do prazer que deve acompanhar a leitura. É por esse motivo que Coelho (2000, p.46-47) afirma que a Literatura Infantil vai sendo “despejada” na criança ao sabor dos ventos de mudança: se for época de consolidação de valores, ela terá sempre intencionalidade pedagógica; se for época de crise de valores, ela será arte, ludismo, descompromisso; por outro lado, quando o movimento é de renovação, a Literatura Infantil é informativa.

Ao escrever sobre Literatura Infantil, Cunha (1985, p.22-23) defende seu valor literário, de Literatura como arte, e acredita que, independente de ser infantil ou não, ela precisa despertar múltiplas possibilidades de leitura:

Na medida em que tivermos diante de nós uma obra de arte, realizada através de palavras, ela se caracterizará certamente pela abertura, pela possibilidade de vários níveis de leitura, pelo grau de atenção e consciência a que nos obriga, pelo fato de ser única imprevisível e original, enfim, seja no conteúdo, seja na forma. Essa obra, marcada pela contação e pela plurissignificação, não poderá ser pedagógica, no sentido de encaminhar o leitor para um único ponto, uma única interpretação da vida.

O que se percebe é que a escola prioriza o livro didático em detrimento dos livros infantis e utiliza a leitura desses livros, erradamente, como função pedagógica. Entretanto, sabe-se que arte e educação podem caminhar juntas na fruição literária, o que a escola e os professores devem é fornecer às crianças os estímulos adequados à leitura literária.

A ideia defendida por Coelho (2000, p.46) é que os livros infantis pertencem tanto à Literatura quanto à pedagogia, pois eles provocam emoções e servem de instrumento educativo. Também, segundo a autora, é incontestável que a invenção, a interpretação e a liberdade – elementos indispensáveis na literatura – são os mesmos que permeiam a infância. A Literatura Infantil, portanto, pode trazer, além de prazer, caminhos para aprender a aprender, para a descoberta dos mistérios e dos encantos da vida. Mas, em que se pauta a formação docente para munir esse futuro professor desses conhecimentos literários, já que se pode restringir sua formação como sendo desenvolvida num único período determinado para tal? A única certeza que se tem é: se os professores não forem leitores, dificilmente poderão compartilhar com seus alunos os mistérios, encantos e alegrias que se pode alcançar pela leitura.

Nesse sentido, se torna mais evidente a ação para formação de leitores em que nos colocamos: a de formar bem os graduandos para que atuem responsabilmente junto a seus alunos e consigam motivá-los para o prazer da leitura de livros infantis.

2.5 Formação de Leitores

Formar leitores exige tempo, dedicação, planejamento e muita leitura por parte do professor, já que ele nesse momento é o espelho. Muitas vezes o que faz despertar

o gosto pela leitura é o estímulo dado pelo professor, e isso se consegue pela sedução e pela curiosidade. A posição tomada pelo educador perante a leitura de seus alunos é muito importante, já que ele fará o papel do mediador e oferecerá os estímulos necessários para a reflexão dos alunos com o texto. Porém, Machado (2001, p.118) destaca a falta de leitura na formação dos atuais professores, por isso não há como se entusiasmar sobre algo que não se tem:

Programas de fomento à leitura não vingarão com professores que não leem, não vivem com os livros uma relação boa, útil e importante. “Sem isso, não dão exemplo e não conseguem, verdadeiramente, passar uma paixão pelos livros e sem paixão, ninguém lê de verdade”.

Essa dificuldade pode ser perfeitamente compreendida. Ela se deve, principalmente, à ausência de tradição no ensino do País de práticas docentes que conduzam à formação de um leitor proficiente. Porém, buscar culpados, nessa fase, não fará com que as dificuldades desapareçam, é preciso procurar estratégias para criar oportunidades de aprendizagem. Portanto, refletir sobre a dimensão da importância da leitura no contexto universitário leva a uma análise de conceitos e objetivos que servem de referência para o fazer pedagógico.

Diante desse quadro, é necessário formar esse professor de Licenciatura em Letras, para trabalhar com Literatura Infantil, já que essa formação é ainda mais delicada e específica, pois ele precisa primeiro se libertar da armadura colocada pela vida como ressalta Matisse (1973, p.737), “*é preciso olhar a vida inteira com olhos de criança*”. É preciso ver o mundo como se o fosse pela primeira vez. Às vezes, indaga-se por que na fase adulta o homem resiste tanto a se deixar contagiar pela fantasia. Parece que a escola, como vem sendo conduzida, pouco a pouco lhe rouba a magia de viver, o encantamento, o riso, e corrói sua alma, achando que, ao depositar nas mentes um vasto conteúdo, está formando cidadãos aptos para enfrentar a vida. O que se sabe é que essa escola vai subtraindo a música, a poesia, os contos de fada, ou seja, produções que despertam sentimentos leves, puros, e vão desaparecendo à proporção que a criança cresce, como afirma Zilberman (1997, p.65), “até formar o homem supostamente preparado para a vida”.

Trabalhar com Literatura Infantil é se envolver com todas as áreas da educação, é promover a formação e a mudança de comportamento como: a inteligência, a afetividade e a criatividade. Dessa maneira, as histórias contemporâneas, ao apresentarem as dúvidas da criança em relação ao mundo em que vive, abrem espaço para o questionamento e a reflexão, provenientes da leitura.

A função da Literatura é proporcionar o prazer, mas não de forma passiva. A leitura exige um grau significativo de consciência e atenção, uma participação ativa do leitor é capaz de desenvolver o senso crítico e a criatividade, coisas importantes para o enriquecimento intelectual. Há, porém, uma grande dificuldade, principalmente dos professores, em introduzir a criança no mundo da leitura. Com a modernização e os avanços tecnológicos, surge, hoje, uma nova preocupação: Será que ainda haverá lugar para a Literatura Infantil? Entre aqueles que acreditam que sim, está Coelho (1990, p.15), que afirma:

A literatura, em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola [...]. É no sentido dessa transformação necessária e essencial (cujo processo começou no início do século XX e agora chega sem dúvida, às etapas finais e decisivas) que vemos na literatura infantil o agente ideal para a formação da nova mentalidade que se faz urgente.

A importância da leitura para a criança está ligada ao seu desenvolvimento cognitivo e ao desenvolvimento de aquisição da linguagem. Segundo Vygotsky (1993) e Koch (2002), nesta perspectiva de estudo, a mente humana, durante a infância, é capaz de construir muitos significados, a maioria é motivada por inferências de sentidos encontrados em textos. O texto, então, funciona como um modelo pelo qual o conceito é aprendido. Através da compreensão dos textos, a leitura se articula nas ações, criando habilidades (cognitivas) para sua construção.

Esse desenvolvimento da linguagem depende de como a criança é conduzida para perceber o mundo, dos estímulos recebidos, das emoções a que ela é exposta e de como ela é orientada na organização do pensamento. Para construir os modelos mentais, o leitor tem de emprestar ao texto suas próprias inferências.

É, por isso, a grande preocupação na formação desse professor formador de leitores, pois as inferências ou deduções a respeito do sentido de um texto ou discurso serão orientadas por ele. Elas dependem do conhecimento de mundo desse professor, da sua competência linguística e do contexto em que estiver o discurso, além de ter de perceber o aluno ouvinte, a capacidade de compreensão de cada significado isolado ou da soma de todos os significados, em uma perspectiva maior de mundo.

O que se encontra, porém, nos cursos de Licenciatura, são graduandos, futuros formadores de leitores, que desconhecem a maioria das obras e autores da Literatura, em se tratando de Literatura Infantil, quase nenhuma. A maioria tem o primeiro contato com a Literatura apenas quando chega à escola. E, a partir daí, torna-se obrigação, pois infelizmente muitos professores não gostam de trabalhar com a Literatura Infantil.

Muitos desconhecem o gosto e a faixa etária da criança, sendo que muitas vezes o livro indicado ou lido pelo professor está além das possibilidades de compreensão da criança em termos de linguagem.

A criança inicia sua aprendizagem, na concepção de Vygotsky (1994), antes de entrar na escola. São conhecimentos adquiridos de forma espontânea através do convívio com as pessoas, do meio social, cultural, frente a uma situação concreta. Por exemplo, sabe-se que um simples gesto de ler uma história ajuda no desenvolvimento da criança. Enquanto alguém lê, a criança ativa a imaginação, estrutura o pensamento lógico, entra em contato com novas palavras e experiências, sente-se amada e acaba descobrindo mais sobre o mundo e sobre si mesma. Mas é na escola que ela prossegue a sua trajetória de leitor, e esse contato precisa ser feito com competência, habilidade e criatividade, pois, na visão de Cunha (1999b, p.92), “a leitura na escola continua tendo enfoque equivocado” e, em alguns casos, essa pode ser uma das poucas oportunidades de o aluno entrar em contato de forma adequada com a leitura e isso pode e deve ser feito pela mão do professor, mas esse professor precisa se instrumentalizar, com novas práticas que possam desmistificar os trabalhos que vêm sendo fomentados nas escolas.

CAPÍTULO 3: MEMÓRIAS DE PROFESSOR

*Há pessoas que nos falam e nem as escutamos;
há pessoas que nos ferem e nem cicatrizes
deixam, mas há pessoas que simplesmente
aparecem em nossa vida e nos marcam para
sempre.*

Cecília Meireles

3.1 Apresentação do capítulo

Este capítulo apresenta as análises dos memoriais escritos pelos alunos, como uma das etapas de elaboração de um catálogo, produzido como parte do projeto, com esse gênero, na disciplina Metodologia da Literatura, constante na grade curricular do penúltimo semestre de um Curso de Letras. O Catálogo, como se verá em detalhes no próximo capítulo, consistiu no caminho para a produção de conhecimento, por parte dos graduandos – proposta de trabalho desta pesquisadora, ante o percurso dos estudantes e as propostas de/para a formação docente, no âmbito da Linguística Aplicada.

As análises tiveram como aporte teórico os autores com os quais dialogamos no decorrer deste trabalho: Bakhtin (2003) e as noções de linguagem e dialogismo; Vygotsky (1993), o desenvolvimento do pensamento lógico; Freire (1993), a concepção de leitura que supera a pura e simples decodificação; Lajolo e Zilbermann (1985), a leitura nas escolas, suas práticas e implicações; Coelho (2000), a Literatura Infantil na compreensão do homem e do mundo. O citado referencial permeia o diálogo dos relatos dos alunos com a trajetória do percurso de formação de leitora da pesquisadora e sua formação profissional, detectando as diversas vozes que se cruzam nesse percurso.

3.2 Memórias de leitura

A concepção desta pesquisa surgiu no início das aulas da disciplina Metodologia da Literatura, por nós ministrada, para os alunos do penúltimo semestre de um Curso de Letras.

Como docente e discentes já se conheciam, pois estes já tinham sido nossos alunos em outros semestres, então se descartou a apresentação formal na primeira

aula. Fizemos, então, os esclarecimentos necessários sobre como seria desenvolvida a disciplina nas oitenta horas (80h) de aulas previstas, como iríamos distribuir os tópicos do programa pelas bimestrais e quais os critérios adotados para as avaliações.

Percebemos, então, após a exposição do programa da disciplina, uma inquietação no ar, expressa por olhares interrogativos e comentários pouco elucidativos que não revelavam a verdadeira causa dessa situação. Pensando, de início, que o mal-estar era gerado pela novidade do assunto, fizemos uma explicação detalhada do conteúdo programático e das atividades desenvolvidas na disciplina, o que não mudou a situação inicialmente percebida. Algumas perguntas foram feitas nesse momento pelos alunos, como: Que tipo de leitura seria trabalhado com as crianças? Quem escreve esse tipo de texto? São livros pequeninos e com figuras? Até que uma aluna sintetizou a causa dessa inquietação geral, ao revelar que desconhecia Literatura Infantil, questionando, pois, como poderia estudar a metodologia dessa literatura se desconhecia o acervo. O questionamento da aluna foi endossado unanimemente pela turma. No meio dessas manifestações, percebemos, nas falas, que alguns alunos conseguiam pontuar alguns livros, alguns autores, mas, também, notamos que a maioria possuía uma grande lacuna a respeito da Literatura Infantil.

A partir dessa constatação, indagamo-nos a respeito de como solucionar essa falta de conhecimento da Literatura Infantil. Por não vislumbrar uma resposta imediata, sugerimos, então, que juntos, professora e alunos, buscassem possíveis soluções para esse problema e que voltassem a discutir o assunto na aula seguinte.

Nesse segundo encontro, várias propostas foram trazidas pelos alunos: ir a uma biblioteca ler os livros infantis; cada aluno compraria dois livros desse gênero e os permutariam entre si; pesquisar os títulos de livros infantis disponíveis na *Internet*, dentre outras. Todas elas eram pertinentes, mas, se usadas de forma isolada, não supririam em tempo hábil as lacunas de leitura então detectadas. Por isso, sugerimos desenvolver um projeto com gêneros, tendo em vista que os PCN, adotando o pensamento de Bakhtin, indicam serem os gêneros os instrumentos mais eficazes para a prática de leitura e produção de textos. Tais pressupostos bakhtinianos estão presentes nos PCN do ensino fundamental, e o projeto proposto durante a disciplina foi um momento em que os futuros professores vivenciariam a experiência de produzir saberes e também gêneros textuais, que poderão ser ferramentas para o uso na vida profissional dos educandos.

Ainda em face da constatação exposta, ressaltamos para a turma a importância da leitura e da Literatura Infantil para a formação do leitor e para a docência da língua

e da Literatura materna. Como justificativa dessas colocações, passamos a relatar nossa trajetória, de leitura na infância, destacando como isso influenciou a nossa opção profissional e na nossa formação de leitora. Este relato da professora levou alguns alunos a sugerir que todos escrevessem suas trajetórias de leitura, inclusive a professora, sugestão que foi acatada pelo grupo.

Para que essas histórias não se tornassem muito longas ou fugissem da proposta inicial, elaboramos quatro tópicos, que deveriam ser seguidos, como um roteiro, na estruturação dos memoriais, visto aqui como um instrumento biográfico de natureza escrita, por meio do qual as histórias de vida são narradas. Tais tópicos são:

1. Leitura na infância e na adolescência: família e escola;
2. Modelos e influências de leitores e autores;
3. Disponibilidade do livro e outros suportes escritos;
4. A leitura na formação escolar; e
5. O professor como mediador da leitura.

A professora destinou quatro aulas, ou seja, 3h20min, para o acompanhamento do processo de construção dos memoriais, período em que poderiam consultá-la sobre dúvidas decorrentes da elaboração dos textos. Num primeiro momento, nem todos conseguiram escrever, alguns diziam que não sabiam narrar ou não lembravam quase nada da infância, outros procuraram a professora dizendo que iriam tentar escrever em casa, com o que concordamos, por compreender que algumas pessoas precisam de mais tempo ou privacidade para expressar o que pensam ou sentem e por entender que essa concessão não invalidaria a proposta inicial de escritura do memorial.

Depois de finalizados, foram disponibilizadas duas aulas, ou seja, 1h40m, para a socialização dos trabalhos em sala de aula, através de apresentação oral de cada um. Durante essas leituras, houve momentos de muita emoção e algumas lágrimas advindas das recordações. Contudo, o importante foi que se iniciou, com essas escrituras, um intenso trabalho para manter um tom conversacional de depoimentos e de dificuldades, o que levou a tarefa investigativa a assumir o tom dialógico defendido por Bakhtin (2003).

Muitas das histórias vividas por cada um quando foram socializadas na sala de aula, se entrelaçaram com outras histórias que foram trazidas pelos alunos ou pela professora, e essa soma de muitas vozes foi determinante para promover uma

reflexão e uma rica troca de experiência para a formação profissional e construção do conhecimento, como forma de aprendizagem coletiva.

Completada a socialização, recolhemos os trabalhos para a correção de possíveis desvios gramaticais, fidelidade ao roteiro previamente estabelecido para a construção do memorial e estrutura do texto. Quando os primeiros esboços dos memoriais chegaram para as correções, nos surpreenderam pela qualidade dos depoimentos, pois no início foram muitas as dificuldades encontradas pelos alunos para materializarem as suas lembranças em palavras. A primeira correção foi feita, os trabalhos devolvidos aos alunos para que, em mais duas aulas, ou seja, 1h40min, fossem reescritos. Após a devolução final, esses textos passaram a ser objeto de uma análise de cunho qualitativo pela professora, para que ela pudesse compreender o modo como os alunos, na sua trajetória de vida, foram iniciados e motivados para a leitura, sempre enfocando as questões da pesquisa e os objetivos a serem alcançados. Na sequência do capítulo, veremos tais questões.

No percurso da produção do memorial, vários episódios paralelos aconteceram. Um deles foi sobre a identificação ou não da autoria do memorial, pois mesmo tendo sido por nós orientados para não se identificarem, uma vez que o catálogo seria divulgado e as histórias pessoais expostas, os alunos decidiram assinar os textos, por acreditarem que esses relatos poderiam servir de exemplo para outros docentes. A fotografia dos componentes da turma para publicação no catálogo foi questão mais polêmica ainda, sobre a qual ficou decidido que seria opcional.

Achamos ser relevante, neste ponto, registrar o percurso de uma das alunas que procurou a Coordenação do Curso por não concordar que o seu texto fosse corrigido, por ela achar que a sua produção original deveria ser respeitada. Explicamos, então, à Coordenação que a proposta do projeto seria, além de trabalhar o conteúdo específico, utilizá-lo, também, para orientação de leitura e escrita e que, por isso, caso a aluna não permitisse a correção, o seu texto não seria incluído no catálogo. Depois de várias conversas, inclusive com a turma, ela finalmente aceitou apenas uma correção e entregou o texto. Mas, em seguida, a aluna e a turma novamente se confrontaram. Dessa vez a causa foi a divulgação do trabalho. No início do projeto, foi acordado que o catálogo seria divulgado só na turma, cada aluno recebendo um exemplar, pois sairia muito oneroso um número maior de volumes. Com a continuidade do projeto, os alunos decidiram que deveríamos distribuir, também, cópias para a biblioteca da Instituição, para o grupo gestor, para a coordenação pedagógica e para os professores da turma. Ao saber da mudança da estratégia de divulgação do catálogo, imediatamente a aluna nos solicitou o seu texto de volta para

modificá-lo, pois, segundo ela, no momento da produção do memorial estava com raiva por ter sido contrariada no seu posicionamento sobre a correção e não queria que os professores, ao lerem seu depoimento, ficassem chateados com ela.

A atitude da aluna deixou o grupo insatisfeito, com vários integrantes argumentando que, se o que ela dissera no memorial era a sua verdade, seu depoimento deveria permanecer inalterado. Porém, com a justificativa de que havia exagerado, no relato dos fatos, ela refez algumas partes do texto. Esclarecemos, então, que essa não era a proposta do trabalho – agradar a todos – mas sim a busca da veracidade dos fatos narrados e que a leitura dos depoimentos poderia levar os demais professores da turma a um momento de reflexão sobre o trabalho desenvolvido na Instituição e buscar mudanças de atitudes.

A partir desse momento, passamos a utilizar esses memoriais, já com o devido consentimento de cada um dos alunos, como objeto de análise para a nossa dissertação de Mestrado. Para isso, fizemos a leitura dos textos, procurando identificar pistas, explícitas ou implícitas, que nos permitissem detectar as lacunas de Literatura Infantil na trajetória de vida dos alunos.

A análise escolhida para nortear este trabalho foi a qualitativa. Assim, procuramos decodificar e descrever os componentes complexos que serviram de dados para a comprovação das hipóteses levantadas no início dessa pesquisa, se o desconhecimento de Literatura Infantil dos alunos do penúltimo semestre do Curso de Letras seria falta de orientação de leitura na infância ou na escola ou se o Curso de Licenciatura em Letras não estava preparando os futuros discentes para essa competência.

Esse procedimento analítico permitiu que fossem localizados, nas falas dos memoriais, os dados que poderiam sustentar ou não as hipóteses acima indicadas, então agrupadas com vista ao delineamento do perfil temático proposto na pesquisa. Depois de interpretar os dados, foi possível a reconstituição dos horizontes de leitura dos alunos e da professora, objetivando estabelecer semelhanças e diferenças nos contextos educacionais vividos em diferentes tempo e espaço, multiplicidade de experiências, de lembranças e de formas de relatá-las.

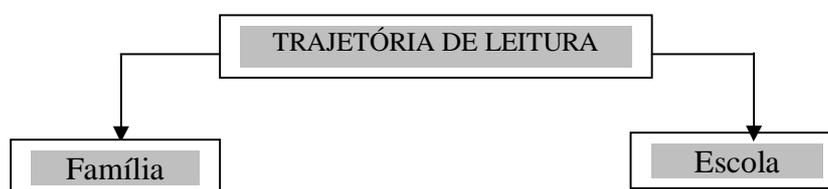
Para preservar as faces dos sujeitos pesquisados no decorrer da análise, identificamos suas falas pelos seguintes códigos: letra **S** (Sujeito) e o número correspondente à ordem de apresentação dos memoriais no ANEXO.

3.2. Buscando possíveis lacunas nos memoriais

Nesse momento de análise, retorna-se à pergunta norteadora da investigação: Por que esses alunos do penúltimo semestre do Curso de Letras possuem lacunas de leitura de Literatura Infantil?

Para responder a essa indagação, cada trajetória de leitura, escrita com base no roteiro norteador dos memoriais, foi observada sob dois focos: a família e a escola, conforme o quadro abaixo:

QUADRO 1. ROTEIRO PARA A ANÁLISE DOS MEMORIAIS



3.4 Leitura na família

Pesquisadores, como Evangelista (1993) e Araújo (1999), concordam que a família é base para o trabalho educacional e conseqüentemente para a iniciação à leitura. Antes de a criança iniciar a fase escolar, essas experiências, na família, podem modelar a postura dela com relação ao ensino. Pela voz amada, dos acalantos e das canções de ninar, das cantigas de roda, das narrativas curtas sobre crianças, animais ou natureza, a criança pode ser conduzida a descobrir o mundo pelos estímulos e pelas emoções.

Nos recortes dos memoriais que expressam a fala dos alunos, que foram iniciados na leitura pela família, ficaram evidentes como são significativas as lembranças e os valores das experiências vividas. Foi importante, também, perceber os métodos e os tipos de leitura que foram utilizados para que essa motivação fosse efetivada.

Observem-se alguns desses relatos sobre a influência da família:

S1 (ANEXO) – Minha mãe sempre procurava alternativas para minha distração, dentre estas estavam os livros, principalmente as histórias infantis. Embora não tivéssemos boas condições financeiras, minha mãe sempre nos conseguia livros.

S9 (ANEXO) – **Durante a minha infância, apenas tive contato com gibis**, pois **meu pai** fazia questão de comprá-los e eram de vários personagens, como a Turma da Mônica, Zé Carioca, Pato Donald, Tio Patinhas [...]

S14 (ANEXO) – [...] **grandes incentivadores para minha formação como leitor: meus pais.** [...] Meus pais **sempre compravam livros infantis e incentivavam a ida a livrarias com eventos direcionados às crianças e sempre os via lendo algum livro, portanto, sou muito grato por essa oportunidade que me foi dada.** [...] No decorrer da minha vida, graças aos meus pais, tive acesso a uma gama bem ampla de livros: histórias de mistérios, terror, drama etc.

S19 (ANEXO) – Como atualmente **meus tios trabalham na área de educação, eles sempre tiveram como base para chegar onde estão os livros didáticos e os gibis.** [...] Quando não queria ler meus livros didáticos eu lia livros das minhas tias ou então as revistinhas em quadrinhos do meu irmão, mas teve um livro em especial que eu gostei e ainda gosto de ler, é um livro chamado “histórias da vovozinha”.

Estes relatos confirmam a importância da leitura ser iniciada na família. O momento da infância é crucial para desenvolver o estímulo, o prazer e as habilidades de leitura, muito importante, também, nesse momento é o papel de quem convive com a criança, pois é, sobretudo, por essas relações afetivas que a criança se desenvolve e aprende, ou pelo menos deveria continuar essa relação com a leitura na escola, sob a orientação do professor, e prosseguir por toda a vida. Por isso, quanto mais cedo a criança entrar em contato com o livro e descobrir o prazer que a leitura produz, maior será a probabilidade de tornar-se um adulto leitor, fato esse já referido no segundo capítulo deste trabalho, em que as teorias de Vygotsky (1984), sobre a iniciação da aprendizagem da criança, por ele pontuadas, já ressaltavam que ela inicia sua aprendizagem antes de entrar na escola, pelo convívio social. Portanto, esse contato com histórias e livros, ainda na família, é o primeiro passo para o início da aprendizagem escolar.

Nessa fase infantil, como percebemos nos relatos, a criança revela maior interesse pelas contações de histórias, e isso se justifica na fala de Coelho (2000), citada no segundo capítulo, no item *Leitura*, que “*antes de sermos leitores somos ouvintes*”. Assim, pais e professores devem incluir o livro no dia-a-dia da criança. Quando ouve histórias, a criança é capaz de comentar, indagar, duvidar ou discutir sobre essas narrativas, realizando uma interação verbal, que, neste caso, lembra as noções de linguagem de Bakhtin (2003), que ressalta que a ideia é constitutiva, isto é,

o sujeito constrói o seu pensamento, a partir do pensamento do outro, portanto, em uma linguagem dialógica.

Abaixo analisamos nos fragmentos dos memoriais a multiplicidade de gêneros usados pela família, e a várias maneiras de motivar a leitura:

S15 (ANEXO) – O que **contribuiu muito para que eu gostasse de ler**, foi o fato de minha mãe ser professora do fundamental e alfabetizadora, e **ela sempre contava histórias fantásticas pra mim do imaginário amazônico, como por exemplo, sobre mãe d'água, cobra grande, boto e etc... e também muitas fábulas, contos de fadas e histórias bíblicas**. Ela também sempre comprou livros pra mim, livros de colorir, com desenhos, muitas histórias e até uma bíblia ilustrada. [...] Depois dessa época eu pegava tudo que eu via pra ler, desde livros e revistas até as tiras de quadrinhos do jornal, mas eu adquiri um gosto especial pelos gibis (HQ).

S16 (ANEXO) – Desde a minha infância até hoje, **sempre fui incentivada a ler pela minha mãe. Meu gosto pela leitura foi despertado graças aos livros de contos de fadas e gibis que ela me trazia toda semana** quando chegava do trabalho desde os meus sete anos de idade [...]

Merece destaque nestes relatos um olhar cuidadoso sobre os gêneros utilizados pela família para despertar o interesse das crianças para a leitura: contos de fadas, fábulas, histórias bíblicas, lendas, ou seja, leituras que incentivam a criança a participar do jogo da imaginação, de criação, da fantasia.

A história infantil, nessa faixa etária, precisa ser escolhida com cuidado, pois, muitas vezes, ela desperta o interesse da criança, porque trata de temas que estão em sintonia com os seus sentimentos, os quais, nessa idade, é quase impossível serem exteriorizados com palavras, e por isso as histórias acabam servindo como catarse, ou seja, as crianças transferem para as histórias os sentimentos reprimidos como: medos, sentimentos de inveja, curiosidade, dor, perda, além de tratarem de infinitos assuntos. Um detalhe muito particular para os gibis, que durante muito tempo foram considerados uma subliteratura para serem trabalhados na escola e que foram citados por S15 e S16 como a porta de entrada para o prazer da leitura.

A família, portanto, tem um papel fundamental, o de tornar a descoberta da leitura estimulante e prazerosa. A infância é o momento de adequação da leitura, a criança lê onde e quando mais lhe convém, no ritmo que mais lhe agrada, podendo retardar ou apressar a leitura; interrompê-la, reler ou parar para refletir. Ler o quê? Quando? Onde? Como bem entender. Ler volumes que lhe despertem o gosto para que, pouco a pouco, o interesse contínuo pela leitura se desenvolva. Na infância, é hora de apresentar o objeto livro, a criança é atraída pela curiosidade, pelo formato, pelo manuseio fácil e pelas possibilidades emotivas que o livro pode conter. Esses

primeiros contatos despertam na criança o desejo de concretizar o ato de ler o texto escrito, facilitando o processo de sua alfabetização. Há possibilidade de que essa experiência sensorial ocorra, quanto maior e tão maior e mais frequente for o contato da criança com o livro.

Nessa fase da infância, é fundamental que se inicie o contato com a leitura, pois os estudos sócio-interacionistas, sobre letramento, têm demonstrado a estreita relação entre as práticas orais do período de aquisição da linguagem e a aprendizagem da leitura e da escrita. Vale recordar que essa mesma concepção foi abordada na introdução desta dissertação, nas palavras de Soares (2003), para quem é preciso incluir na infância um conjunto de atividades envolvendo o contexto social de leituras, pois isso no futuro irá estimular o ensino da leitura e da língua escrita, favorecendo o processo de formar leitores hábeis e interessados em textos literários, de forma contínua e duradoura.

Fazendo um diálogo dos relatos dos alunos, analisados antes, com a trajetória infantil da pesquisadora, reitera-se a importância da família no caminho percorrido. Foi a família quem lhes apresentou, pelas mãos da imaginação e da fantasia, a leitura, ou seja, as narrativas orais, como relatado acima, e que podem ser consideradas um grande incentivo ao início do letramento na infância. Isto é o que se pode observar no recorte que segue:

PROFESSORA – E a casa antiga? Ela era cercada de mistérios e histórias fantásticas, todas contadas à noite na porta da casa pelos adultos [...] **Será que poderia existir coisa melhor para excitar a imaginação de uma criança do que história de alma penada, fogo-fátuo, a festa do boto, a lenda da cobra grande que morava embaixo da Fábrica Bitar; da mulher que virava porco e Matinta Perera?** E ainda nos restava a possibilidade de algum deles aparecer a qualquer momento na penumbra da noite que se ia ao longe.

Este diálogo estabelecido entre o nosso relato e os dos alunos mostra que, mesmo em contextos que diferem em tempo e espaço, os sujeitos tiveram como iniciação de leitura os mesmos estímulos oriundos do contexto familiar: contação de histórias, lendas regionais e mais as canções e histórias de vida, tudo apenas pela oralidade. Percebe-se, assim, que, mesmo com o passar do tempo e em contextos sociais diferenciados, esses recursos são eficazes para o despertar do prazer de ler. Esse contato inicial, principalmente, com as formas orais no início da infância reporta ao que diz Coelho (2000), teórica citada no segundo capítulo deste trabalho, ao destacar o valor da contação de histórias na infância, para a descoberta do prazer da leitura.

Observamos, ainda, pelos recortes citados acima, que, na maioria das vezes, há um interlocutor que facilita o contado da criança com as formas possíveis de leitura, portanto, isso demonstra que o desenvolvimento do gosto pela leitura está intimamente ligado ao contexto pessoal do sujeito, ou seja, é pela interação com o outro que o indivíduo entrelaça o significado pessoal de suas leituras de mundo com os vários significados que ele encontrou ao longo das histórias que ouviu ou que leu em um livro. Começar a descobrir o mundo pelas histórias infantis é aprender que a leitura poderá ser uma excelente conquista para o resto da vida, pois os rastros deixados pelas histórias, apresentadas pelos familiares, na memória infantil, irão se somar às experiências de leitura que a criança encontrará na sua trajetória escolar.

3.4.1 Omissão familiar

A família tem papel relevante no processo de desenvolvimento da linguagem e de formação do hábito de leitura na infância, pois estimular a leitura fora dessa fase, já na adolescência, quando o indivíduo normalmente estará inserido em ambientes formais e estruturalmente rígidos, onde a leitura é normalmente utilizada como meio de acesso à informação e formação, é mais difícil, embora não seja impossível. O primeiro contato com a leitura lazer é quase sempre na família. Portanto, a família, que é vista como o espaço de orientação e de construção da identidade de um indivíduo, é que deve despertar neste o gosto pela leitura.

Ocorre que, muitas vezes, por diversas circunstâncias, sejam de ordem social, econômica, sejam de ordem educacional ou pessoal, a família acaba não proporcionando condições ideais ao desenvolvimento do gosto da criança pela leitura. É o que se observar nos recortes abaixo:

S4 (ANEXO) – Na minha infância não tive muito incentivo à leitura, pois meus pais eram do interior e com pouca leitura.

S6 (ANEXO) – [...] já que em casa nunca tive um exemplo cultivador do hábito da leitura, tão poucos estímulos à leitura.

S9 (ANEXO) – Já minha mãe nunca me comprou nenhum livro ou revista, talvez porque ela nem chegou a completar o ensino fundamental. [...] Apesar de meu pai, naquela época, não ter concluído o segundo grau, ele sempre gostou muito de ler.

S19 (ANEXO) – Durante a minha criação meus pais tiveram pouca influência [...].

Evidencia-se, assim, nos relatos dos alunos, que a falta de orientação familiar na formação dos leitores interfere de forma marcante nas suas trajetórias de leitura. Se a criança é educada em um ambiente onde a leitura é privilegiada pelos pais, possivelmente, ela será, mais adiante, um leitor que continuará a ter gosto pela leitura. Esse ambiente familiar que não propicia condições ideais para o desenvolvimento do gosto pela leitura independe de condições sociais, econômica, culturais ou pessoais. Por isso, os pais, independentemente dessas condições, podem, também, por exemplo, estimular a criança. Portanto, crianças que veem os pais lendo, que percebem que os pais têm prazer ao ler, são crianças mais interessadas em leitura.

Essa falta de orientação familiar de leitura na infância pode deixar marcas significativas no indivíduo, as quais, muitas vezes, só afloram quando ele, em nível profissional, faz uma reflexão crítica sobre a sua trajetória de vida. Essa atitude, observável na fala de S7 e S10, abaixo indicadas, remete a concepção de Moita Lopes (2002), referida no primeiro capítulo desta dissertação. Para o autor, a sala de aula é um espaço de reflexão que leva à construção da identidade. Com efeito, essa postura reflexiva dos sujeitos referidos só é possível pelo distanciamento temporal e espacial do fato ocorrido e pela oportunidade que a construção do projeto lhes ofereceu de refletir sobre suas trajetórias de leitura.

S7 (ANEXO) – Na minha infância nunca tive muito incentivo para leitura, porque em primeiro lugar eu não me lembro de ter tido livro de historinhas, em segundo lugar porque nunca vi minha mãe ler nada. Ela não é analfabeta, mas ela não gosta de ler. Então, como morei muito tempo só com minha mãe, eu não criei o hábito de ler. As crianças têm como espelho os adultos para criarem alguns hábitos, inclusive o da leitura. [...] O que dificultou no meu processo de aprendizagem foi a falta de atenção por parte dos meus pais em relação aos estudos.

S10 (ANEXO) – Incentivar a leitura é algo primordial. Alunos que têm pais leitores são mais fáceis de pegar o gosto pela leitura do que aqueles que não vivenciam essa prática e as escolas, que muitas vezes, são iniciadoras deste tão plausível passo, não deveriam só ensinar o aluno a ler e sim, ensinar o aluno a gostar de ler, envolvendo-se com o que está sendo lido.

A historicidade brasileira da formação de leitores nos mostra que a família tende a relegar para a escola o papel fundante na formação de leitores, portanto é nesse âmbito que pretendemos atuar na formação de professores de língua materna. Voltemos aos memoriais e ao papel da escola neles percebidos.

3.5 A trajetória de leitura na escola

No item anterior, foi investigado como a família interfere de forma positiva ou negativa na iniciação da criança no gosto pela leitura. Porém, essa formação de leitor nem sempre aflora ou se esgota na família. Por ser um processo complexo e em permanente evolução, essa formação, de leitor, quando não é iniciada no âmbito familiar, é transferida para a escola. Por essa razão, são analisados, agora, os dados referentes à trajetória de leitura na escola, levantados nos memoriais construídos pelos alunos, objeto desta pesquisa.

A análise dos dados revela que os sujeitos pesquisados, na maioria das vezes, não conseguem separar a entidade escola, a figura do professor e a metodologia de ensino adotada tanto pela escola quanto pelo professor. Por isso, as falas foram agrupadas nos três aspectos que seguem:

- A Influência do professor no incentivo à leitura;
- Os métodos utilizados nas atividades de leitura; e
- As lembranças positivas e negativas sobre livro e leitura.

3.5.1 A Influência do professor no incentivo à leitura

O professor, que é mediador na relação aluno-texto, poderá ter maior ou menor influência na formação de leitura do aluno, dependendo das posturas assumidas por ele na sala de aula.

Esse grau de influência do professor com relação à leitura vai criar no aluno lembranças positivas ou negativas, como é possível identificar em alguns dos trechos abaixo, ainda que seja perceptível no discurso do aluno que a leitura foi desenvolvida não para o prazer de ler, mas como informação.

Veja-se, por meio dos fragmentos abaixo, como os sujeitos pesquisados revelam essa relação:

S1 (ANEXO) – A leitura em minha vida aconteceu através das aulas que tive na quarta série, com minha professora chamada Dorinha [...] Um livro que marcou minha infância foi o Patinho Feio, porque, depois que li o livro, a tia Dorinha pediu que eu contasse a história, o que poderia ser feito através de encenação ou apenas explicando para os coleguinhas da classe. [...] na escola Positivo que usava o método positivo de ensino e lá tinha uma salinha exclusiva para leitura, chamada o Cantinho do Saber. Era uma sala super confortável, onde podíamos até nos deitar, pois havia almofadas espalhadas por todo o chão e com uma variedade de livros de literatura infantil. Naquele cantinho passei horas viajando no mundo da fantasia.

S3 (ANEXO) – Comecei a estudar em um colégio chamado S.B, onde fui alfabetizada por uma professora chamada GR. **Era uma profissional bastante dedicada. Naquele tempo, ela incentivava a leitura sobre os sinais de trânsito, higiene e saúde.** Era uma aula da qual toda a turma participava, despertando o interesse pela leitura.

S4 (ANEXO) – **Na escola me lembro pouco sobre o ato de ler, e como consequência não tive nenhum incentivo.**

S7 (ANEXO) – **A leitura foi incentivada na minha escola. Quando eu cheguei ao ensino médio, lembro que minha professora de biologia nos passou o livro “Meio Ambiente em Debate”, foi muito legal, porque gostei muito do conteúdo, ele falava sobre: cadeia alimentar, preservação do meio ambiente,** entre outros assuntos. Esse livro nos trouxe conscientização sobre esse tema.

S8 (ANEXO) – **A leitura começou a ter importância na minha vida na 5ª série, quando o colégio pedia para os professores de português indicarem livros para-didáticos, que pudessem ser cobrados em prova.**

Esses trechos selecionados indicam que a leitura desenvolvida na escola não despertou o prazer de ler nos sujeitos, porque era configurada como tarefa e dever escolar, leitura essa que precisava ser avaliada, demonstrada e comprovada. Esse tipo de leitura, com um fim em si mesmo, a leitura pela leitura, é o caso citado acima, do uso de paradidáticos como material de leitura. Isso contraria o pensamento de Geraldini (2004), citado no segundo capítulo deste trabalho, para quem, uma vez que “não há leitura qualitativa no leitor de um livro”, ela não deve ser usada como meio de cobrança, de retenção de informações, o que significa que o professor deve oferecer aos alunos uma infinidade variada de leituras, ainda que o resultado que o aluno demonstre não seja o esperado pelos docentes.

No depoimento de S1, evidencia-se uma tentativa de a professora pelo menos criar na escola um ambiente pedagógico que permitisse um clima favorável à leitura, marcado por interações abertas e democráticas, interações que possibilitassem muitas leituras de variados textos. A professora construiu para seus alunos um espaço motivacional que atendesse aos interesses e às necessidades do aluno, sobretudo um espaço que facilitasse a criação de novas necessidades culturais e estéticas, aprendidas na escola. Mas, a boa lembrança que ficou da professora não dissipa a forma reducionista como a leitura foi trabalhada na sala de aula com os chamados paradidáticos.

3.5.2 Os métodos utilizados nas atividades de leitura

As atividades de leitura podem despertar o prazer do contato com o livro e com o texto, porém é evidente que há uma enorme distância entre o discurso teórico e as práticas de leitura desenvolvidas na escola. Tais práticas, porém, continuam estáveis, o que se percebe claramente na metodologia inadequada dos professores para promover a leitura na sala de aula, como evidenciado nos relatos abaixo:

S2 (ANEXO) – Nas séries iniciais, todos os dias fazíamos uma cópia e a leitura da mesma, para podermos ir embora. No final do ano, líamos para a diretora, cabia a ela decidir se íamos ou não para a série seguinte. [...] No ensino fundamental maior, tal prática não foi freqüente, líamos textos apenas para resolvermos os exercícios. [...] Já no fundamental, estudei no C.I., onde a leitura fazia parte da grade curricular, com as leituras obrigatórias, que eram acompanhadas pelo professor, através das avaliações. Para mim este método não me incentivava, pois algumas obras não combinavam com meu gosto literário.

S6 (ANEXO) – A leitura não foi o forte da escola, mas sempre esteve presente, seja pelos textos dos livros didáticos, seja pelos livros da Campanha da Fraternidade que nem sei ao certo pra que servia, ou serve. [...] Desde muito cedo tenho contatos com livros, dos mais variados tipos, sempre oriundos de pedidos escolares.

S9 (ANEXO) – Eu era muito tímida, mal abria a boca em sala de aula. Certa vez, a professora pediu pra que eu lesse em voz alta um trecho da cartilha, pronto, foi motivo de choro até minha mãe ir me pegar na escola. [...] Nunca vou esquecer dessa professora, chamava-se Joana, eu cursava a 1ª série, na escola “Santa Inês”, pela segunda vez, pois a primeira vez foi traumatizante para mim, já que não sabia ler muito bem e a professora pouco se importava com isso, sei que era grossa e mal humorada, mas seu nome não recordo, talvez pelo fato de me ridicularizar em público.

S12 (ANEXO) – Lembro-me muito bem das minhas aulas “chatas”, a professora dizia que tínhamos que fazer a leitura em voz alta e ficar lá na frente, não havia opção de escolhermos o texto, (mais isso acontece bastante nos dias de hoje) e, na maioria das vezes, eram textos nada agradáveis, porém, éramos obrigados a fazer a leitura, e o pior é que se lêssemos erradamente, ficávamos lendo o mesmo texto várias vezes. Desta maneira, não foi possível passar a gostar de ler.

S18 (ANEXO) – Na escola, no momento da leitura em classe, sempre tinha boas notas, mesmo com o nervosismo de iniciante tinha um bom desempenho. Mas sempre havia um colega que não tinha a mesma sorte, resultado: levava castigo da professora. Esse comportamento fazia com que eu estudasse ainda mais, pois não queria ser motivo de risos em sala de aula, esse foi o único ponto negativo que recordo.

Em todos os casos citados acima, o texto foi utilizado como pretexto. Os métodos usados nas práticas de leitura provocavam insegurança e medo de castigo, quando os alunos não demonstravam as habilidades esperadas pelo professor.

Esses relatos também mostram como a entrada da Literatura na escola é, quase sempre, marcada pelas concepções da pedagogia, que vê a Literatura como um meio formador por excelência do intelecto e da moral do educando, o que vem coincidir com as concepções de Coelho (2000), citadas no segundo capítulo desta dissertação, segundo as quais com essa prática o professor acaba “despejando” na criança padrões de conduta adequados à ordem social vigente: obediência, submissão, docilidade e outros, sempre com intencionalidade pedagógica.

Hoje, objetivando corrigir esse tipo de distorção metodológica, anteriormente apontada, no trabalho com leitura, os Parâmetros Curriculares Nacionais, (BRASIL, PCN, 1998) deixam bem claro que ler não é simplesmente extrair informação da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra; trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão, na qual os sentidos começam a ser constituídos antes da leitura propriamente dita.

O que é revelado, ainda, nos relatos acima, é o uso da leitura completamente descontextualizada e o professor utilizando mecanismos que não motivam nenhuma criança a se interessar pela leitura.

E o mais preocupante é que a qualidade do trabalho pedagógico está associada à capacidade de avanços no desenvolvimento do aluno e que tais avanços dependem da participação de elementos mediadores mais capazes, dentre os quais os professores, que, segundo Vygotsky (1993), citado no primeiro capítulo desta dissertação, devem estimular na criança a competência de saber ou de desempenhar habilidades que ela é capaz de desenvolver somente com a colaboração de outros sujeitos mais experientes.

Cabe agora estabelecer um contraponto entre as metodologias evidenciadas nas falas dos sujeitos da pesquisa e as adotadas pelas professoras no nosso percurso escolar.

Vejamos então as situações de ensino por nós vividas:

PROFESSORA – A professora, não era bem uma professora, era a moça mais letrada da vila: tocava piano, cantava, sabia ler música, representava e também, felizmente, queria ser professora. A palavra não foi ensinada, foi incluída nas atividades dirigidas por ela Camélia Bastos. Fui alfabetizada num palco, com músicas, peças, pastorinhas, danças e muitas cores, desenhos e histórias.

PROFESSORA – Meu primário e meu ginásio se completaram no Colégio Nossa Senhora do Ó, em Mosqueiro, na época exclusivamente feminino e dirigido por freiras italianas. E foi aí, neste momento, que começou o meu despertar para a importância do ato de ler, da compreensão crítica e isso se consolidou através da prática da leitura com a colaboração, até hoje recordada, da minha professora de Português.

PROFESSORA – [...] Curso de Letras, curso este que me deu a oportunidade de trabalhar em um projeto chamado Sala de Leitura, com a professora Maria Lúcia Medeiros, que me contagiou pela maneira entusiasmada com que falava de leitura [...].

O cotejo entre as falas dos alunos e da professora demonstra uma grande diferença na forma como a leitura foi orientada pelos seus respectivos professores na escola. No caso dos alunos, a leitura tinha caráter impositivo, não lhes despertando qualquer interesse ou prazer, enquanto que a leitura que nos era oferecida trazia os requisitos já apontados por Vygotsky (1994) e mencionados no comentário anterior. Portanto, o que se vê é que, se os avanços de leitura da professora foram mais efetivos, foi por ter tido ela mediadores de leitura mais eficazes em todas as etapas e graus de ensino.

3.5. As lembranças positivas e as negativas de livro e leitura

Oferecer leituras como um ato mecânico e livros que não despertam o interesse dos alunos é uma prática ainda comum nas escolas. Ninguém pode ter prazer de ler um livro somente por obrigação, obedecendo a regras definidas única e exclusivamente pelo professor, sem que seja levado em conta que a leitura deve ser prazerosa e o livro, independente de ser infantil ou não, precisa despertar múltipla possibilidade de leitura, já que é arte, conforme o pensamento de Cunha (1985 b), citado no segundo capítulo deste trabalho. Dependendo das escolhas de leitura feitas pelo professor/mediador, o aluno pode vir a guardar lembranças positivas ou negativas, tanto do livro quanto do ato de ler, o que de qualquer forma irá marcar o seu percurso como leitor.

Assim sendo, seguem-se fragmentos que vão reportar lembranças positivas nas falas dos sujeitos desta pesquisa:

S8 (ANEXO) – Com relação aos professores, não tive maus momentos, tanto faz literatura ou português sempre foram criativos, levavam poemas, músicas, textos para sala de aula, eram aulas contextualizadas para facilitar o aprendizado e o rendimento do aluno.

S16 (ANEXO) – Todos os livros que eu ganhava, eu leva para a minha escola e os lia junto aos meus amigos, eu adorava montar peças com as histórias dos livros. Todas as

escolas onde estudei sempre incentivaram bastante os alunos ao hábito da leitura, minha mãe sempre procurou me incluir em instituições as quais priorizavam a leitura.

O que se depreende dos fragmentos é uma lembrança muito leve e agradável do ambiente criado pelos professores nas escolas dos sujeitos enfocados. Fica claro no relato o professor sendo responsável pela interdisciplinaridade e ao mesmo tempo interagindo com os alunos na medida em que faz incursões pelos diferentes campos do conhecimento, trabalhando com música, poemas e teatro. O professor desempenha um papel fundamental. Ele é o parceiro, o mediador, o articulador de muitas e diferentes leituras, de muitos e diferentes textos. Como diz Geraldi (2004), o primordial é trazer para dentro da escola o prazer de ler e o professor respeitar as leituras anteriores do aluno.

Os fragmentos destacados abaixo retomam o diálogo entre as falas dos sujeitos alunos e a nossa, agora no que se refere à leitura de livros:

PROFESSORA – [...] Com sua fala, cheia de sotaque, misturando, ora português, ora italiano, lia trechos de Monteiro Lobato e Contos de Fada, porém sua leitura, longe de nos enfadar, nos desvendava mistérios, despertava sensações até então desconhecidas.

Assim como a fala dos alunos já demonstrou, a nossa também evidencia que a influência do professor é tão marcante que permanece viva na memória do indivíduo, mesmo com o passar dos anos, guardando as relações vividas, as atividades desenvolvidas, o nome de livros e autores. Essas lembranças revelam, em alguns casos, riquezas de detalhes que são relevantes para o estudo em questão, porque vão permitir que apareçam marcas das possíveis lacunas do seu percurso de leitor.

No relato exposto, fica evidente, ainda, que a competência de leitura da professora de português da pesquisadora teve influência decisiva na sua formação de leitora, o que leva a retomar Andrade (2004) – citado na introdução desta pesquisa –, que ressalta que um bom professor de língua deve ser um bom leitor. Portanto, a diversidade de histórias lidas pela professora em questão encantava a turma, despertando nos alunos o prazer pela leitura.

Em contraponto às lembranças positivas já assinaladas, seguem, agora, fragmentos que vão demonstrar lembranças negativas nas falas dos sujeitos pesquisados:

S11 (ANEXO) – Na escola passei pelos processos de leitura como o programado pelas instituições educacionais. Mas não gostava muito de ler. Eram livros que não me despertavam interesse algum. Assim, não tive uma atividade de leitura extraordinária, mas lia dentro de meus limites. O papel do professor é de suma importância para o

desenvolvimento da prática da leitura. Mas, **seus incentivos não me despertavam interesse, era sempre marcado o livro do mês / semestre e pronto.** Leiam! Não havia questionamentos da parte dos professores para com os alunos. Como tínhamos que seguir as normas curriculares, **éramos obrigados a ler.**

S13 (ANEXO) – Dentre as várias dificuldades encontradas durante seu período estudantil a **falta de incentivo para a leitura foi** um dos maiores problemas enfrentados, uma vez que somente na fase adulta passou a se dedicar mais à leitura.

S14 (ANEXO) – [...] apesar de ter sempre a ideia de que a leitura é primordial, na **escola não obtive estímulo para gostar de ler, pois a leitura era obrigatória e hoje sei que essa obrigatoriedade não funciona** para que uma criança passe a **ter gosto pela leitura.**

S15 (ANEXO) – [...] muitos outros, mas essas leituras não eram recomendadas na escola, **lá eles pediam dois ou três livros por ano de leituras complementares, alguns eram ótimos tinham histórias interessantes de aventura ou romance, mas outros eram muito específicos, técnicos e chatos com títulos como “poluição” ou “aborto”** que eram às vezes discutidos na sala, quando não, era pedido um resumo, alguns eu lia com prazer, mas outros eu **pedia uma explicação rápida de algum colega que já tinha lido ou lia o resumo do livro na contracapa pra poder fazer os trabalhos.**

S17 (ANEXO) – Mas, **quanto à leitura, os professores também não eram fantásticos, eram lentos, enjoados, cansativos e desinteressantes, e os livros que escolhiam eram iguais a eles.**

S19 (ANEXO) – [...] **incentivo à leitura foi diminuindo com a influência dos professores.**

Os depoimentos mostram que a escola encara o livro e a leitura como um instrumento útil ao aprendizado, o que, no entendimento de Zilberman (1997), apresentado no segundo capítulo desta dissertação, são concepções antigas, pelas quais a escola transforma a leitura em função pedagógica. Assim, os relatos feitos também demonstram que os professores fazem da leitura apenas um instrumento pedagógico, desconsiderando as ambiguidades de sentidos, não são capazes de gerar o estímulo necessário para a formação de leitores. Ao contrário, podem até vir a diminuir o interesse do aluno pela leitura. Os relatos mostram, também, que existe uma referência constante sobre as chamadas leituras obrigatórias, ou seja, livros indicados pelos professores do Ensino Médio, para serem cobrados em futuras avaliações, e que têm como correspondente no Ensino Fundamental, os paradidáticos. Esses mecanismos utilizados como prática de leitura, adotados na escola, acabam, na maioria das vezes, por conferir à Literatura mera função pedagógica.

Há, no entanto, situações, como a relatada nos seguintes fragmentos, em que a escolha do livro parece ser acertada:

S6 (ANEXO) – Recordo-me claramente de algumas imagens de um livro muito bem ilustrado chamado “O peixinho dourado” que estava longe de ser um best seller, sem dúvida, mas garantiu bons momentos de uma gostosa distração com uma historinha com alguma lição de moral de fundo que poderia nem estar ali de tão agradável que era o livro.

O livro referenciado na fala do sujeito tem pressupostos que lhe asseguram o valor estético indispensável para a fruição do texto e o interesse pela leitura, como bem destaca o sujeito do discurso enunciado, mas, como ele mesmo detecta, aparece ao final do texto a “lição de moral”, fazendo com que toda a beleza do texto e das ilustrações perdesse o encantamento inicialmente provocado no leitor. Essa concepção, adotada na escolha do livro pelo professor, retoma os momentos iniciais da Literatura como instrumento pedagógico, como afirmam Lajolo & Zilberman (1985) – citadas no segundo capítulo desta dissertação –, que inicialmente a Literatura visava apenas à formação e informação, deixando de lado a busca do prazer. A leitura era feita para aprender modelos de conduta moral.

3.6 Finalizando a trajetória de leitura

Apesar de essa pesquisa ter seu foco na Literatura Infantil, é relevante finalizar as análises examinando como os sujeitos pesquisados e a professora chegaram àquela que deveria ser a etapa mais avançada do percurso de formação de um leitor: a leitura dos clássicos. A relevância desse passo está na possibilidade de concluir a demonstração da trajetória de formação de leitor.

A situação referida transparece nos fragmentos que seguem:

S1 (ANEXO) – Tive uma professora de literatura que era uma grande incentivadora e que me mostrou o quanto é gostoso ler. Estava no segundo ano, fiquei apaixonada por literatura, li O Crime do Padre Amaro, Capitães da Areia e assim por diante, muitos e muitos livros.

S2 (ANEXO) – Na última série do ensino fundamental, li Dom Casmurro de Machado de Assis e somente depois dessa leitura houve em mim um desejo de ler muitos outros livros, sem que eu fosse obrigada a isso, ou seja, após a leitura eu não precisaria fazer uma prova. Na leitura desta obra, tive reações adversas, muitas vezes eu ficava até nervosa e apreensiva.

S4 (ANEXO) – O livro que me marcou foi “O QUINZE” de Raquel de Queiroz, isso se passou já em minha adolescência.

S6 (ANEXO) – No entanto, somente depois de **um tempo da adolescência encontrei o maior apetite que mudaria a minha vida**. O da leitura. Não apenas a decodificação dos signos ou interpretação de textos de “**leitura obrigatória**”[...].

S7 (ANEXO) – Já no **segundo ano não me lembro de ter lido algum livro**, em compensação no terceiro **ano li todas as leituras obrigatórias do vestibular**.[...] A leitura foi incentivada na minha escola. **Quando eu cheguei ao ensino médio, lembro que minha professora de biologia nos passou o livro “Meio Ambiente em Debate”**[...].

Esses fragmentos ressaltam que a leitura só foi apresentada aos sujeitos da pesquisa, de forma significativa, na adolescência ou no Ensino Médio, parecendo terem eles esquecido as leituras anteriores, se é que existiram, pois não são mencionadas, fato que pode ter sido gerado pela falta de interesse ou de motivação na forma como foram conduzidas na escola pelo professor.

Um olhar atento para as leituras mencionadas na fala dos sujeitos percebe que na sua totalidade são livros considerados clássicos da Literatura Brasileira. Não há dúvida de que esses textos literários podem ser utilizados na realização de objetivos educacionais, mas precisam, além de servir para formar e informar, sobretudo despertar o prazer, o gosto pelo belo, pela ficção, imaginação e outros tantos sentimentos que um livro pode despertar.

A complexidade das leituras, muitas vezes, apresentada prematuramente, pode atrapalhar o leitor. Esses livros referidos pelos sujeitos fazem entender um pouco o salto que é dado nas escolhas das leituras, pois alguns partem de nenhuma leitura anterior para a leitura de um clássico da Literatura Brasileira, como mostra o caso do S2, que leu *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, na 8ª série do Ensino básico.

Novamente, é preciso confrontar os relatos dos sujeitos da pesquisa com a fala da professora, desta vez, para demonstrar como foi diferente a forma pela qual chegaram à leitura dos clássicos:

PROFESSORA – Sempre me lembro que **ficava maravilhada e me perguntando como ela poderia saber tanto sobre autores brasileiros se era italiana? E essa curiosidade me fez ler tudo o que ela citava** como exemplo (pequenos trechos) para, durante as aulas, indagar, testar e finalmente ter a confirmação de que ela lera a obra completa.

PROFESSORA – **Aqueles livros, de capas vermelhas**, no alto do armário, **são proibidos para as alunas**, só os professores podem lê-los!!! Com essas palavras ela havia acabado de me colocar nas mãos as grandes obras do Romantismo e do Realismo: **Amor de Perdição (Camilo Castelo Branco), Senhora (José de Alencar), Madame Bovary (Gustave Flaubert); O Primo Basílio, O Crime do Padre Amaro (Eça de Queirós); Germinal (Emile Zola); O Amante de Lady Chatterley (D. H. Lawrence); e outros.**

No relato da professora, fica claro que a leitura dos clássicos ocorreu de forma natural, como uma consequência do percurso de leitura que vinha sendo traçado. Como o gosto pela leitura já havia sido despertado, foi preciso apenas ser estimulado pela curiosidade de testar o conhecimento da professora de português e pelo desejo de transgredir as regras da biblioteca, que proibiam às alunas a leitura dos “*livros de capa vermelha*” – os clássicos. Já no caso dos alunos pesquisados, evidencia-se, nos relatos, que a leitura dos clássicos também se realizou no período da adolescência, motivada pela necessidade, na maioria das vezes, de cumprir tarefas escolares do Ensino Médio, o que não impediu que, para alguns desses alunos, a leitura se tornassem uma atividade prazerosa.

Estes relatos fizeram parte de uma etapa do projeto desenvolvido em sala de aula com o gênero catálogo, como base teórica para a disciplina Metodologia da Literatura. O passo a passo desse projeto será descrito no capítulo 4.

Mais do que tarefa acadêmica de determinada disciplina, a confecção dos memoriais, bem como sua análise, expõem uma ilustração do quanto os caminhos da educação nacional foram/são equivocados no que diz respeito à formação do leitor. Portanto, são, na verdade, retratos de percurso do período colonial à contemporaneidade, fragmentos de uma produção cultural que se quer adulta e reflexiva, mas que claudica em determinadas facetas, pesquisa-ação em que professora e alunos aprendem em jogo de espelho, imersos na linguagem.

CAPÍTULO 4: NOVAS PRÁTICAS NA SALA DE AULA

*Procuro despir-me do que aprendi,
Procuro esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram,
E raspar a tinta com que me pintaram os sentidos,
Desencaixotar as minhas emoções verdadeiras,
Desembrulhar-me e ser eu (...).*

Fernando Pessoa.

4.1. Apresentação do capítulo

As dificuldades encontradas na Educação básica, para formar leitores, se repetem nas Instituições Superiores, tornando, assim, imprescindíveis propostas de mudanças nas orientações das práticas de sala de aula na Formação dos Professores de Língua e Literatura. Na turma de Metodologia da Literatura, que é objeto dessa pesquisa, não foi diferente. Após detectar lacunas de leitura na formação dos alunos, do penúltimo semestre de Letras, foi proposta a construção de um projeto, visando à leitura de Literatura Infantil, que viabilizasse a produção escrita de um gênero (catálogo), com base nas propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais e seguindo os passos propostos por Lopes-Rossi (2003). Como aporte teórico, tomamos como base Vygotsky (1998,1999), Marcuschi (2002), Lopes-Rossi (2000), Moran (2002). Seguindo a linha de pensamento desses teóricos, este capítulo apresenta o desenvolvimento do trabalho e como ele foi realizado, ou seja, as fases, que serão relatadas, e que abrangem, resumidamente, os seguintes pontos fundamentais para o ensino de gêneros: resgatando, registrando e avaliando a escritura; sistematizando a leitura de textos e livros sobre Literatura Infantil; pesquisando e produzindo o catálogo.

4.2 Percurso e construção de novas práticas

Entre as características que nos fazem ser diferente das outras espécies, a capacidade que possuímos de interagirmos no meio social e a expressão verbal são as que parecem ser as mais especiais, ou as que tornam possíveis ultrapassarmos os

limites da inteligência sensório-motora para interagirmos na co-construção do conhecimento.

Investigar sobre essa capacidade, inerente ao ser humano, tem sido o foco de vários estudiosos desde a antiguidade. Hoje, várias áreas desenvolvem estudos sobre esse tema. Mais recente, nas décadas de 40 e 50, situa-se a Linguística Aplicada, que, reafirmamos, investiga questões referentes à utilização da linguagem.

A Linguística Aplicada na formação do professor tem um papel fundamental, pois ela contribui para que haja um entendimento claro de que a linguagem é socialmente construída. Por isso, é importante desenvolver no professor uma conscientização política com relação aos problemas referentes à linguagem e sua vinculação com o contexto social. O ideal é que se leve o aluno em formação a perceber como é rica a interação em sala de aula e que esta pode fornecer dados que poderão auxiliá-lo a compreender melhor a sua prática e o seu aluno, buscando sempre formas de melhorar as condições de aprendizagem.

Assim, o professor precisa e deve desenvolver metodologias para contextos específicos que atendam às necessidades de seus alunos, bem como deve saber avaliar os programas educacionais em que atua e os materiais utilizados.

Como já foi dito, a Linguística Aplicada tem contribuído muito para um melhor entendimento acerca do uso da linguagem em contextos educacionais, observando aspectos tais como a interação entre professor e aluno e como ela pode auxiliar na aprendizagem.

Essas experiências podem levar o professor a um comportamento crítico e reflexivo sobre sua prática, e ele pode passar a se interessar por investigar as questões oriundas da sua sala de aula e a envolver a linguagem como foco da pesquisa. Com isso, podemos dizer que os conhecimentos e as ferramentas da Linguística Aplicada oferecem ao professor-pesquisador a possibilidade de prover as bases teóricas para um estudo de sala de aula que seja minucioso e acadêmico, reiterando o que foi colocado ao longo deste trabalho.

As novas políticas educacionais, trazidas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, mudaram completamente a concepção do ensino da língua nas escolas, preconizando práticas e atividades escolares mais próximas das práticas sociais letradas e cidadãs. Essa nova visão foi determinante na mudança conceitual de leitor e produtor de textos por parte de professores e escolas, pois ficou clara a necessidade de criar um usuário da língua competente que possa utilizar os gêneros do discurso para construir ou reconstruir os sentidos dos textos que escreve e lê. Retomamos o

exposto pela relevância face ao nosso projeto de trabalho e ao universo conceitual complexo que ampara nossa pesquisa e este percurso textual acadêmico.

Na nossa perspectiva, como exposto no Capítulo 1, a formação do professor não se inicia nem se conclui apenas no período restrito da formação acadêmica. Tal período é parte de um percurso mais amplo que tem início anterior à escola, e vai além da finalização do ensino formal. Além disso, toda a concepção de ser professor é anterior ao ingresso na IES, e faz parte de sua bagagem de formação acumulada durante todo o seu percurso escolar.

Trabalhar o conhecimento pela construção de um projeto foi necessário para fazer os alunos perceberem como podem mudar o cenário das suas salas de aulas com novas práticas, novas metodologias e, além disso, criar, pelo discurso, uma nova forma de interação entre o conhecer e o fazer na sala de aula.

O projeto se propôs discutir novas metodologias para o ensino de Literatura, principalmente a Infantil. Ele foi desenvolvido em uma Instituição Particular de Ensino Superior, em Belém do Pará, no Curso de Licenciatura em Letras, na disciplina Metodologia da Literatura, que faz parte do currículo do 5º semestre. Essa disciplina possui seu programa estruturado da seguinte forma:

QUADRO 2 – PROGRAMA DA DISCIPLINA

METODOLOGIA DA LITERATURA	
Carga Horária	80 Créditos: 4
Conteúdos	<u>Ementa</u> Estudo das concepções sobre Literatura Infantil, leitura e escola. A formação do leitor. A escolarização da leitura literária. Alternativas de fruição do texto literário no contexto escolar do Ensino Fundamental e Médio.
Objetivos	<u>Objetivo Geral</u> Propiciar a reflexão sobre relações entre teorias literárias, leitura e didática da literatura; viabilizar a revisão crítica do processo de ensino-aprendizagem da Literatura Infantil; possibilitar a diversificação da visão sobre metodologia de ensino da Literatura no Ensino Médio.
	<u>Objetivo Específicos:</u> <ul style="list-style-type: none"> • Orientar a leitura para a prática da Literatura Infantil e Juvenil; • Analisar e produzir materiais didáticos e propostas didático-metodológicas para o ensino literário na Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio; • Promover posturas metodológicas para a narração oral de histórias na educação infantil e fundamental; • Analisar as metodologias de análise de textos literários; • Analisar o uso da mídia e das novas tecnologias no trabalho com Literatura na sala de aula.
Bibliografia	<u>BÁSICA</u>

BLOOM, Harold. **Como e por que ler**. Trad. José Roberto O'Shea. Rio de

	<p>Janeiro: Objetiva, 2001.</p> <p>BORDINI, Maria Glória, AGUIAR, Vera Teixeira de. Literatura – a formação do leitor. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.</p> <p>BREDELLA, Lothar. Introdução à didática da literatura. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1989.</p> <p>CALVINO, Ítalo. Por que ler os Clássicos?. Trad. José Colaço Bareiros. Lisboa: Teorema, 1991.</p> <p>COELHO, Nelly Novaes. Teoria, Análise, Didática. São Paulo: Moderna, 2000.</p>
	<p><u>COMPLEMENTAR</u></p> <p>LAJOLO, Marisa. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. São Paulo, Ática, 1993.</p> <p>MÁRTYRES, Maria Cassilda Ferreira. Oficina de Prática Literatura Infanto-juvenil. Belém: Ethos Editora e Gráfica Ltda, 2005.</p> <p>RANGEL, Mary. Dinâmica de Leitura para Sala Aula. Petrópolis: Vozes, 1999.</p>

4.3. Trabalho com projeto

Trabalhar com projeto permite ao educador ultrapassar os limites de simples transmissão de conhecimentos. No projeto, transfere-se parte da responsabilidade do processo de construção do saber ao próprio aluno, é ele quem assume o controle sobre sua aprendizagem, cabe ao professor coordenar e articular a interação entre teoria e prática. Além de favorecer a construção da autonomia e da autodisciplina, o trabalho com projetos pode tornar o processo de aprendizagem mais dinâmico, significativo e interessante, deixando de existir a imposição dos conteúdos de maneira autoritária. O projeto se apresenta como uma proposta de solução para o professor no seu dia-a-dia. Essas mudanças podem acontecer ou não, porém são ferramentas pedagógicas reais.

O tema estabelecido para executar um projeto deve estar relacionado ao interesse dos alunos e fazer parte da vida dos mesmos. Neste caso específico, o objetivo era apresentar a Literatura Infantil de modo significativo e assim desencadear o seu aprendizado, por isso foi muito importante conversar com os educandos para que eles entendessem como seriam trabalhados os conteúdos da disciplina dentro do projeto. As estratégias utilizadas para estimular o aluno e efetivar o trabalho de pesquisa foram, também, muito importantes, pois, como afirma Moran (2000, p.25), “o conhecimento se dá fundamentalmente no processo de interação e de comunicação”. A prática de formação pela pesquisa mostra que é na interação com os outros que o

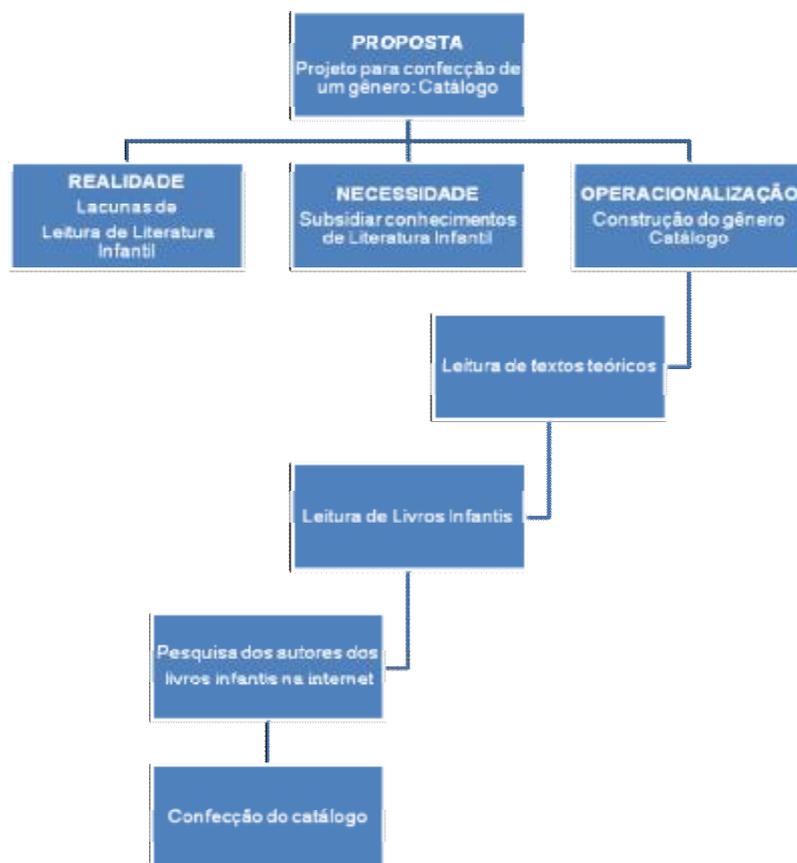
sujeito participa, critica e supera a concepção errônea de ser considerado um objeto. As interações promovidas na prática do aprender a fazer pesquisa são vistas como eixo central da formação docente.

Desenvolver um projeto com base no gênero teve como propósito quebrar um antigo paradigma nas relações da sala de aula, isto é, superar a distância que impede que professor e aluno, juntos, possam refletir sobre suas ações e também uma tentativa de deixar de lado as aulas, que, na sua maioria, são puramente expositivas e visam ao conteúdo num verbalismo vazio e inútil, e redirecionar os estudos para uma finalidade mais prática na sala de aula.

Acreditando que o aluno aprende no processo de produzir, de levantar dúvidas, de pesquisar e de criar relações, descobertas, compreensões e reconstruções de conhecimento, e que o professor não é mais aquele que ensina por meio da transmissão de informações, mas aquele que cria situações de aprendizagem, cujo foco incide sobre as relações estabelecidas no processo, esse projeto compartilhou um objetivo comum que finalizou na construção de um catálogo que foi divulgado e circulou na Faculdade e fora dela. Para a sua execução, portanto, foi preciso planejar, prever, dividir responsabilidades, aprender conhecimentos específicos relativos ao tema em questão, desenvolver capacidades e procedimentos específicos, usar recursos tecnológicos, aprender a trabalhar em grupo, agindo de acordo com as normas, valores e atitudes esperadas, controle de tempo, divisão de tarefas, avaliação dos resultados com foco na proposta inicial.

O projeto foi desenvolvido em diferentes etapas: de reflexão e produção de leitura e escrita com os memoriais, leitura de textos de autores que trabalham com leitura e Literatura Infantil, em seguida pesquisa na WEB sobre esses autores, análise de livros infantis e resumo e análise das leituras feitas. Enfim, teríamos o período de três (3) meses para a construção do catálogo. Entende-se aqui como suporte a concepção de Marcuschi (2008, p.174) que considera “um *lócus* físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto”, no nosso caso, um livro.

GRÁFICO 2



4.3.1 Catálogo de livros, sonhos e ideias

Este catálogo foi elaborado na disciplina Metodologia da Literatura, como instrumento de avaliação da 2ª bimestral, da turma do Curso de Letras, em 2008/1. Para formatar o suporte (livro), foi adotado o seguinte roteiro: Capa, dados da Faculdade, apresentação (feita pela professora), memoriais, textos selecionados para a leitura teórica, seleção de livros infantis e o catálogo propriamente dito. A seguir, apresentamos os passos do projeto.

4.3.2 Justificativa do projeto

Retomando o exposto anteriormente, trabalhar com Literatura Infantil é um desafio frente aos novos estímulos proporcionados pelas novas tecnologias e exige do professor metodologias diferenciadas que estimulem o gosto pela leitura e ao mesmo tempo estimulem o prazer de ler. Foi essa a proposta deste projeto desenvolvido nas

aulas de Metodologia da Literatura. Essa disciplina tem como objetivo discutir e propor novas metodologias para o ensino de leitura e Literatura. Partiu-se, então, de uma experiência voltada para o ensino de leitura e produção de textos com base nos estudos com gênero. Nesse trabalho, alunos e professora concentraram-se na construção de um projeto para a elaboração de um catálogo.

4.3.3 Objetivo do projeto

O objetivo do projeto era que no período de três meses os alunos tivessem um conhecimento, razoável, de obras infantis para usarem como suporte na construção de novas metodologias para o ensino de leitura na escola elaborando para isso um projeto com o gênero catálogo.

4.3.4 Objetivos específicos do projeto

- Escrever um memorial (com base em um roteiro norteador);
- Ler textos para refletir sobre o papel do professor na sala de aula;
- Conhecer pela leitura o acervo de Literatura Infantil;
- Conhecer e identificar alguns autores que escrevem livros infantis;
- Discutir e problematizar a utilização da Literatura Infantil na escola;
- Selecionar livros infantis para o Catálogo; e
- Analisar e resumir as histórias para redimensionar por centro de interesse.

4.3.5 Fundamentação teórica do projeto

A base teórica geral desse projeto concentra-se no interacionismo sócio-discursivo de Vygotsky e Bakhtin, em que as atividades e as produções de linguagem do ambiente social desempenham um papel central, pois são elas que levam o desenvolvimento humano na direção de um pensamento consciente. No quadro dessas atividades sociais de linguagem e no quadro de uma formação social, foi que se desenvolveram as ações de linguagem necessárias para esse trabalho com gênero. A noção de gênero é a de Bakhtin (1953, p.279), segundo a qual as diferentes esferas das atividades humanas, sócio-historicamente, elaboram tipos relativamente estáveis de enunciados, os gêneros de discurso, que se caracterizam por apresentarem conteúdos, estruturação, relações entre os interlocutores e o estilo específicos.

4.3.5 Leitura e definição do gênero

Foram definidos quatro critérios para a escolha do gênero: a) que atendesse às necessidades dos alunos; b) que não fosse totalmente novo para eles, isto é, que não estivesse muito distante dos seus conhecimentos; c) que os textos para sua construção tivessem uma temática clara que facilitasse a composição; e d) que pudesse ser trabalhado em sala de aula.

O gênero escolhido foi o catálogo, que é um gênero que se define como uma relação ou lista metódica, e em geral alfabética, de pessoas ou coisas. O catálogo busca tornar acessível algumas informações para estudantes, pesquisadores, professores e voluntários e todos aqueles que tenham interesse nas leituras ligadas a uma determinada área. No primeiro momento, foram levados como exemplos vários catálogos, de diferentes editoras, para que os alunos observassem as características temáticas e composicionais do gênero e seus elementos, analisando-os para as possíveis adequações. Foi feita, também, uma leitura detalhada do aspecto verbal, para que os alunos pudessem perceber como as informações são apresentadas no suporte, além do aspecto linguístico do nível de formalidade do texto e do vocabulário empregado etc. Fez-se reconhecimento das formas de produção e circulação do gênero e percebeu-se que a temática que iria ser desenvolvida era possível, pois já existiam catálogos que traziam essas informações.

Foi decidido, então, em comum acordo, que o catálogo teria uma característica diferenciada, seria um catálogo informativo e didático para construção daquele projeto. Nele seria colocado o passo a passo utilizado para o desenvolvimento do projeto em sala de aula. Eles decidiram, inclusive, publicar os memoriais com a identificação nominal de cada um, os textos que serviram de base para fundamentação teórica, os livros e autores escolhidos e finalmente as análises e resumos dos livros lidos por eles. O nome foi justificado da seguinte forma: **Catálogo**, pelo gênero escolhido; **livros**, por ser a forma do suporte e conter textos, biografia de autores, análises e resumos de livros de Literatura Infantil; **sonhos**, porque os memoriais relatavam o percurso feito por eles no caminho da leitura, apontando o lado positivo e o negativo, despertando ou matando seus sonhos; **ideias**, ao apresentar a proposta de como desenvolver um trabalho diferenciado com gênero na sala de aula.

Para sistematizar a construção do projeto, adotou-se o seguinte cronograma:

QUADRO 3 – CRONOGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DO PROJETO: CATÁLOGO

Etapas	Locais	aulas
Escrever memoriais com roteiro (semidirigido) sobre trajetória de leitura.	Sala de aula	4
Correção e devolução dos memoriais.	Sala de Aula	4
Leitura dos textos selecionados.	Sala de Aula	4
Análise e debate de textos selecionados de quem escreve sobre Literatura Infantil, leitura na escola e sobre educação.	Sala de Aula	4
Leitura de Livros Infantis.	Sala de Aula	4
Resumo das obras e anotações sobre a catalogação dessas leituras.	Sala de Aula	4
Continuação de confecção de resumo das obras e anotações e análise dos livros.	Sala de Aula	4
Seleção de obras para o Catálogo.	Sala de Aula	2
Pesquisa sobre imagens das capas dos livros e sobre os autores.	<i>Internet</i>	2
Pesquisa sobre imagens das capas dos livros e sobre os autores.	<i>Internet</i>	2
Confecção do Catálogo.	Sala de Aula	4
Divulgação.	Sala de Aula	2

4.3.7 Roteiro de Produção do Catálogo

4.3.7.1 Memorial

Retomamos a elaboração do Memorial e avançamos em sua consideração frente ao conjunto das ações.

A primeira etapa do projeto foi a construção dos memoriais com todos os dezenove (19) alunos do 5º semestre do Curso de Letras de uma Faculdade particular do Estado do Pará, os quais cursavam a Disciplina Metodologia da Literatura, tendo a pesquisadora como professora, com a carga horária de oitenta horas (80), dividida em quatro aulas semanais, com alunos dos gêneros masculino e feminino, na faixa etária de 19 a 45 anos. O memorial deveria ter no máximo quatro laudas e no mínimo uma. Deveria ser primeiro manuscrito e somente após a correção pela professora deveria ser digitado.

O objetivo desse memorial para o projeto foi uma forma de fazê-los ativar as experiências passadas para aflorarem, não só recordações/lembranças, mas também

informações que confirmam novos sentidos ao presente que ora vivenciavam. A construção com base em um roteiro semidirigido foi para delimitar os fatos que realmente pudessem lembrar a trajetória de leitura e aprofundar a reflexão sobre ela, ou seja, fazer uma análise do que viveram. A experiência vivida, ao ser refletida e pensada, pode construir uma nova identidade, ou seja, outro jeito de olhar e pensar o mundo. O memorial, por seu caráter problematizador, reflexivo e sistemático, é um instrumento que pode articular os nexos entre a vivência de atuação social e os conteúdos teóricos da disciplina, de modo a gerar novos caminhos e alternativas, reinventando novos modos de transformação social na sala de aula.

A lembrança do passado lhes permitiu retornar ao presente com elementos subjetivos. Logo, suscitavam lembranças adormecidas, outras dolorosas, saudosas, odiosas, palavras contadas, mas não escritas e outras que deixaram marcas cicatrizadas, outras ainda abertas. Mas, foram histórias que estimularam uma reflexão mais apurada dos acontecimentos e representações que emergiam das memórias. Em relação a isso, Kramer (2004, p.15) assinala que:

[...] a história de vida de um dado professor ou professora não se esgota nos seus aspectos idiossincráticos ou únicos, mas permanece em estado de tensão com os fatos ou acontecimentos que encontram eco no “outro” e em suas possíveis histórias. Trata-se, portanto, de encontrar, nas narrativas tiradas das entrevistas, as “ressonâncias” ou o “eco” de uma vida em outras vidas, recuperando sempre nas diferentes falas dos professores aquilo que diz respeito a um tempo saturado de “agoras”.

Essa etapa foi uma oportunidade para que os alunos, futuros docentes, pudessem refletir sobre a profissão docente e sobre a sua própria formação, mediante as lembranças e os relatos da sua trajetória de vida. Lembrar comportamentos de docentes que passaram por suas vidas, suas ações, seus métodos, seus defeitos, suas virtudes e outras atitudes foi uma forma de decidir se seriam espelho (reproduziriam suas atitudes) ou buscariam alternativas para uma atuação docente consciente do seu importante papel na formação do aluno.

O memorial teve um roteiro semidirigido para delimitar o percurso, a fim de que os alunos pudessem fazer uma organização temática de suas histórias, direcionadas mais especificamente para os momentos vividos em relação à sua formação de leitor até a formação acadêmica, com fatos que eram pertinentes para a pesquisadora. Para o roteiro, foram elencados os seguintes tópicos:

- Leitura na infância e na adolescência: família e escola;
- Modelos e influências de leitores e autores;
- Disponibilidade do livro e outros suportes escritos; e
- O professor como mediador da leitura.

Após a escritura, os memoriais passaram por fases de correção. No primeiro momento, foram examinados pela professora para avaliar a capacidade dos alunos de relatar sua vivência pessoal, analisando as questões referentes à sua história de vida de acordo com o roteiro oferecido; no segundo momento, a elaboração do texto, em que o aluno tinha como tarefa articular a sua história com as questões teóricas da língua padrão, orientados pela professora. Nessa fase, a função da avaliação foi acompanhá-los, sobretudo, na capacidade de articulação e reflexão dos nexos entre o conhecimento prático (gramatical) e o conhecimento teórico visto ao longo do curso. Depois dessa etapa, o texto foi devolvido para os ajustes finais e digitado para, então, ser entregue à professora.

4.3.7.2 Textos avulsos: coletâneas para reflexão

Com base na constatação de que não tinham lido a bibliografia básica para a disciplina e nem tínhamos mais tempo para essas leituras, disponibilizamos 6h30m para os encontros na sala de aula com os diversos textos escolhidos pela professora para embasamento do trabalho com Literatura Infantil, e para isso escolhemos os seguintes critérios: estéticos, qualitativos e de leitura rápida. Nessa etapa, a pesquisadora achou necessário proceder à aproximação das fronteiras entre algumas áreas de conhecimento para que fosse desenvolvida a compreensão interdisciplinar (que é o grau máximo de interrelação entre as disciplinas podendo gerar outro campo de saber): didática, leitura, literatura, poesia, psicanálise e de sensibilização pessoal.

Essa tessitura realizada, com a leitura dessa variedade de textos na sala de aula, fez nascer um diálogo entre os alunos e os textos lidos, já que o ato da leitura não se esgota nas páginas lidas. Os estudantes traçaram um diálogo com o mundo exterior, e essa ponte serviu para muitas reflexões após cada leitura. Porém, considerando que os alunos nem sempre apresentam uma disposição favorável à leitura, foram elaboradas várias estratégias de apresentação para a dinamização das leituras recomendadas: leitura dramatizada, leitura gestual, telejornal, apresentação com fantoches, coro dialogado, leitura simples do texto, e outros. Tendo em vista que não tínhamos apenas um texto básico, mas sim vários textos, alcançamos o objetivo,

que era o de promover a troca de experiências e saberes de forma dinâmica e interativa.

Um aspecto dos mais positivos foi o envolvimento dos alunos na leitura dos textos. Segundo eles, as estratégias possibilitaram a exploração de uma leitura compreensiva, interpretativa, crítica e contribuíram, ainda que de modo superficial, para a aproximação com outras disciplinas, como pedagogia, psicanálise e outras linhas da psicologia e áreas afins, fato que se tornou muito significativo, já que a realidade escolar necessita que o professor navegue em diversas áreas do conhecimento, com a intenção de promover a troca de experiências entre as teorias da sua formação e das áreas afins.

Os textos relacionados a seguir foram utilizados para sensibilizar e informar os alunos para o desenvolvimento do projeto com o gênero catálogo. Apresentamos um resumo para melhor entendimento das temáticas abordadas, porém eles estão na íntegra no ANEXO, todos em ordem alfabética:

QUADRO 4 – TEXTOS SELECIONADOS PARA APOIO TEÓRICO NA ELABORAÇÃO DO CATÁLOGO

LEITURAS REALIZADAS NA SALA DE AULA
<p>1. ABRAMOVICH, Fanny. Literatura Infantil. http://www2.mre.gov.br/cdbrasil/itamaraty/web/port/artecult/literat/litinf/index.htm. Capturado em 12/5/2007</p> <p>Fanny traça, sinteticamente, o panorama da literatura infantil no Brasil passando por autores, livros, ilustração, etc. Dos anos 30 até os anos 90.</p>
<p>2. ALVES, Rubem. Não Esqueça as Perguntas Fundamentais. Crônica na Folha de S.Paulo, 25/02/2003</p> <p>O texto possibilita introduzir a discussão do ensino mediado por resolução de problemas e diálogo entre quem gosta de ensinar. É um momento que tem por objetivo provocar nos professores as perguntas fundamentais sobre os processos metodológicos utilizados em sala de aula e o que estamos propondo com a utilização de objetos de aprendizagem.</p>
<p>3. ALVIN, Cesário. Especial é o Aluno – E o Aprendizado de Leitura? Texto divulgado através da lista de discussão da Comunidade Virtual da Linguagem – CVL, em 02. jul. 2003. Site <i>Dobra de Leitura</i>. www.dobrasdaleitura.com/gabinete/infogeral.html</p> <p>O texto ressalta a importância do ensino da leitura na escola. Diz que o ensino da língua materna não é especial, especial é o aluno, porque ele como elemento social tem um compromisso de devolver ao meio aquilo que realmente aprende(u) na escola. Mas se não aprende, irá devolver o quê à comunidade? Reforça que ler, enquanto ou como exercício de aprendizagem, também é feito na sala de aula. Acredita que não se passa o envolvimento com a leitura somente pelo simples fato de gostar ou não, os alunos precisam ler, necessitam ler. Ler não é obrigação, ler é um exercício da cidadania. Ler é compromisso pessoal. Não se lê somente o que se gosta, não se trabalha somente onde se gosta, não se estuda exclusivamente na escola que se gostaria... Nem sempre moramos na cidade que gostamos, mas temos que procurar fazer o melhor com aquilo que está ao nosso alcance.</p>
<p>4. BETTELHEIM, Bruno. A Psicanálise dos Contos de Fadas. 16.ed. Trad. Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.</p> <p>O texto é um resumo das concepções de Bruno Bettelheim, que defende a teoria de que ler ou ouvir os contos de fadas ajuda a criança a se esclarecer sobre si mesma e favorece o</p>

desenvolvimento de sua personalidade. Segundo o autor, os contos de fada têm um valor inigualável enquanto oferecem novas dimensões à imaginação da criança. A forma e a estrutura dos contos de fada sugerem imagens à criança com as quais ela pode estruturar seus devaneios e com eles dar melhor direção a sua vida.
5. COELHO, Nelly Novaes. A Literatura Infantil na Escola. Literatura Infantil: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.
O tema do texto trata de forma resumida da relação entre Literatura e escola desde o início até hoje. Fala da polêmica de diversos estudiosos ao defenderem o uso do livro em sala de aula, mas que atualmente o objetivo não é transmitir os valores da sociedade e sim propiciar uma nova visão da realidade. O texto aborda, também, " <i>A literatura infantil torna-se, deste modo, imprescindível. Os professores dos primeiros anos da escola fundamental devem trabalhar diariamente com a literatura, pois esta se constitui em material indispensável, que aflora a criatividade infantil e desperta as veias artísticas da criança. Nessa faixa etária, os livros de literatura devem ser oferecidos às crianças, através de uma espécie de caleidoscópio de sentimentos e emoções que favoreçam a proliferação do gosto pela literatura, enquanto forma de lazer e diversão</i> ". Mostra um pouco do sentido pedagógico atribuído à Literatura Infantil (estimular o exercício da mente, despertar a criatividade...). Mas ressalta que o importante é ver que o livro pode ser um objeto para que a criança reflita sua própria condição pessoal (e a imagem projetada nela pelo adulto) e a sociedade em que vive.
6. COELHO, Nelly Novaes. O Conceito de Literatura Infantil. www.sitedeliteratura.cjb.net . Capturado em 8/5/2007
Faz uma discussão entre os teóricos para entender a Literatura Infantil. A discussão passa pela conceituação, a concepção da infância e do leitor, a ligação da Literatura Infantil e a escola, até o caráter literário dessas obras para crianças.
7. CONDINI, Paulo. Ler devia ser Proibido. Ler pode tornar o homem perigosamente humano. In: PRADO, J; CONDINI, P. (Orgs.). A formação do leitor: pontos de vista. Rio de Janeiro: Argus, 1999. p.71-3.
O autor de forma irônica diz que ler devia ser proibido, e mostra a importância da leitura para a formação dos seres humanos: "Ler pode ser um problema, pode gerar seres humanos conscientes demais dos seus direitos políticos, em um mundo administrado, onde ser livre não passa de uma ficção sem nenhuma verossimilhança. Seria impossível controlar e organizar a sociedade se todos os seres humanos soubessem o que desejam. Se todos se pusessem a articular bem suas demandas, a fincar sua posição no mundo, a fazer dos discursos os instrumentos de conquista de sua liberdade".
8. CORRÊA, Viriato. A Contadeira de Histórias. In: _____. Cazuza. 27.ed. São Paulo: Editora Nacional, (1974, p. 24)
O autor retrata, de maneira saudosa, a vovó Candinha, que contava histórias de fadas e princesas: "Devia ter seus setenta anos: rija, gorda, preta, bem preta, e cabeça branca como algodão em pasta" e que, de tempos em tempos, visitava a fazenda, figura que nunca se apagou da sua recordação porque "Ninguém no mundo contava melhor histórias de fada do que ela".
9. GALLART, Isabel Sole. Leitura em Educação Infantil? Sim Obrigado! In: TEBEROSKY, Ana et al. Compreensão de leitura: a língua como procedimento. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2003. (Coleção Inovação Pedagógica, v.7). p.67-76.
Neste artigo, são abordadas as relações entre a aprendizagem e o ensino da leitura e a Educação Infantil. A autora dá sugestão do passo a passo para se trabalhar leitura na Educação Infantil. Fala das relações que com frequência distinguiram-se por seu caráter polêmico, para a qual contribui o enraizamento de determinadas ideias que brotaram com força entre muitos profissionais da educação. Ele faz uma breve análise dessas ideias que deveriam permitir desmitificá-las, como primeiro passo para encontrar novas formas de tratar a leitura na Educação Infantil.
10. MACHADO, Ana Maria. Brincando e aprendendo coisas tão importantes fora do espaço da sala de aula. Coletânea de alguns artigos escritos para o Jornal do Telecurso 1º Grau, São

Paulo, 1981, cem mil anexos feitos em 1984.
Esse texto resgata todas as brincadeiras populares da infância que hoje estão esquecidas. Diz que tudo isso faz parte da nossa história de vida (por trabalharem com tantos elementos importantes da condição humana.) e da história de nosso país. Alerta que todo professor precisa e deve saber que é preciso ampliar os referenciais da criança em relação à exploração do corpo. Isto, se falando apenas de cirandas... Porque, se formos pensar em termos de infinitas brincadeiras populares, elas ajudam a soltar o corpo no espaço bem próximo ou mais distante e tantas outras brincadeiras que ajudam – sem as chatices repetitivas e monótonas psicomotoras de hoje – a conhecer as possibilidades do corpo, a usar todos os movimentos, brincando de modo gostoso, solto, fora da sala... e, portanto, no mundo. Reforça, também, que qualquer espaço pode ser um espaço educativo, depende do uso que dele se faça, e o quanto é importante para a criança aprender a conhecer o mundo e suas relações sociais brincando.
11. MARTINS, Maria Helena. Falando em Leitura. O que é Leitura. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. p.7-10
O texto sobre o que é Leitura apresenta sinteticamente os tipos de leitura, não somente ler palavras, mas fazer leitura de situações, sobretudo lutar para não nos tornarmos seres alienados. Em seguida, nos explica de forma bastante curiosa que se não temos costume de ler podemos iniciar a qualquer momento, observando o que temos a nossa volta, aguçando nossa curiosidade de sermos autônomos. Cita, também, exemplo de como pessoas notórias deixaram-se apaixonar pela necessidade da leitura, e, posteriormente alguns se tornaram escritores. O texto não quer conceituar ou definir, mas discutir o porquê da leitura. Diz que o livro também nos evoca a considerar se a leitura é importante; o passo seguinte seria tentar produzir textos, ou seja, deixar de consumir a forma de como os autores lidos veem o mundo para criar demonstrando como podemos analisar o que está a nossa volta.
12. PERISSÉ, Gabriel. O Enterro do Leitor. www.correiodadania.com.br
Um leitor, antes de morrer, faz um apelo aos seus parentes e amigos, e diz o que ele quer que façam na hora do seu enterro: “quando eu morrer, por favor, não permitam que a dor de me perderem apague de suas lembranças as instruções que faço agora sobre como desejo o meu enterro”. E diz que livro quer que coloquem para cobrir cada parte do seu corpo: “Quero que o meu corpo seja coberto, não pelo terno incômodo ou pelas perecíveis flores, mas por aquelas obras e aqueles autores que em vida me deram vida e, na morte, me darão o consolo de tê-los lido um dia”.
13. PERISSÉ, Gabriel. Professores Apaixonados. www.escoladeescritores.org.br
Esse é um texto que fala da paixão pelo trabalho de professor; professores que amam o que fazem. Felizmente, e apesar das dificuldades, assumem apaixonadamente o papel de educadores. Os professores apaixonados sabem das dificuldades, do desrespeito, das injustiças, até mesmo dos horrores que há na profissão. Mas o professor apaixonado não deixa de professar, e seu protesto é continuar amando apaixonadamente.
14. QUEIROZ, Bartolomeu Campos. Livro é Passaporte e Bilhete de Partida. In: PRADO, Jason et CONDINI, Paulo (orgs.). A formação do leitor - pontos de vista. Rio de Janeiro: Argus, 1999. Capturado em 20 de set. 1999
Como diz o próprio autor sobre a importância de descobrirmos o mundo da leitura e da escrita: “As palavras são portas e janelas. Se debruçarmos e repararmos, nos inscrevemos na paisagem. Se destrancarmos as portas, o enredo do universo nos visita. Ler é somar-se ao mundo, é iluminar-se com a claridade do já decifrado. Escrever é dividir-se. Cada palavra descortina um horizonte, cada frase anuncia outra estação. E os olhos, tomando as rédeas, abrem caminhos, entre linhas, para as viagens do pensamento. O livro é passaporte, é bilhete de partida... A leitura acorda no sujeito dizeres insuspeitados enquanto redimensiona entendimentos”. O autor defende a ideia de que é papel fundamental, tanto dos pais quanto da escola e professores, criar oportunidades para que a criança se descubra leitora, pois, se a criança tiver um aporte significativo de leituras, com temas variados e de qualidade, que respeitem a criança e não subestimem sua inteligência, poderão deixar florescer um adulto amante dos livros e da leitura.

<p>15. OLIVEIRA, Cristiane M. de. As histórias Infantis como forma de consciência de mundo. "LIVROS E INFÂNCIA". Disponível na <i>Internet</i>. www.graudez.com.br/litinf/livros.htm Capturado em 02/04/2007.</p>
<p>O texto destaca que a importância da Literatura Infantil está por iniciar o homem no mundo literário. Segundo a autora, ela deve ser utilizada como instrumento de sensibilização da consciência, para a expansão da capacidade e do interesse de analisar o mundo. Sendo, assim, fundamental mostrar que a Literatura deve ser encarada, sempre, de modo global e complexo em sua ambiguidade e pluralidade. Chama a atenção, também, para os diferentes estágios de desenvolvimento (da infância à adolescência) e sua importância para a evolução e a formação da personalidade do futuro adulto. Fala das fases evolutivas da inteligência (ou estruturas mentais) e explica que ela é constante e igual para todos. Traz informações sobre as idades e estrutura por fase o centro de interesse de cada uma delas; que tipo de leitura seria a mais adequada pelo estágio de desenvolvimento em que elas se encontram e que esse interesse pode mudar, dependendo da criança, ou do meio em que ela vive.</p>
<p>16. SANT'ANNA, Affonso Romano de. Ler o Mundo www.gargantadaserpente.com/artigos/affonsoroman.</p>
<p>A crônica fala da leitura como processo de decifração dos "sinais à nossa frente" (não só as palavras, mas também as urnas eleitorais, os sintomas das doenças, uma partida de futebol, ou a forma como um jornal é feito), associa a <i>leitura dos signos</i> à capacidade de <i>ler o mundo</i>, a capacidade de reconhecer experiências e de relacionar essas experiências à situação em que o "texto" se insere é fundamental. Ele desperta o nosso olhar para perceber e aprender a ler o mundo.</p>
<p>17. Um Pouco de Atenção (autor desconhecido). www.scribd.com/doc/5996626/Aula</p>
<p>O texto fala da relação de uma professora com o seu aluno na sala de aula e ressalta a ética dos comportamentos humanos e o valor da atenção. Reforça a importância de o professor desenvolver a sua sensibilidade, pois a palavra do professor, nessa fase de formação, pode decidir o futuro e a formação do caráter de um aluno. Deixa claro, também, o quanto é importante darmos um pouco mais de atenção às pessoas a quem amamos ou que se encontram do nosso lado, sem, no entanto, esquecer do outro... A atenção, carinho e cuidado devem ser somados e nunca dividido.</p>

Durante o processo de leitura dos textos, foram utilizadas algumas estratégias diferenciadas para que todas as leituras fossem socializadas. Primeiro, dividiu-se a turma em quatro grupos. Cada um recebeu quatro textos com a instrução de encontrar uma forma de socializá-los com toda a turma. A socialização foi feita de várias formas: apresentação em *power point*; resumos; dramatização; telejornal. Mediante os recursos utilizados, a leitura dos textos se tornou mais prazerosa e provocou discussões muito significativas, possibilitando a cada um se remeter à própria experiência de vida, revelando várias situações que envolviam o ato de ler e sua formação enquanto leitor. Um exemplo foi na apresentação em forma de dramatização do texto *Um pouco de atenção*. Esse texto sensibilizou a todos, o que desencadeou uma enxurrada de relatos de experiências, presenciadas ou acontecidas com alguém de suas relações.

Com a leitura desses textos, procuramos dar uma pequena amostra dos assuntos necessários para desenvolver um projeto de leitura na sala de aula, mas deixamos bem claro que a leitura da bibliografia sugerida na disciplina Metodologia da

Literatura era importante e deveria ser feita para dar sustentabilidade e segurança nas suas práticas futuras.

A escolha dos textos teve como foco trabalhar temas diversos.

QUADRO 5-TEMÁTICA DOS TEXTOS LIDOS PARA CATÁLOGO

Ser leitor	Enterro do Leitor
Ser professor	Professores Apaixonados
	Um pouco de atenção
	Não Esqueça as Perguntas Fundamentais
Importância da leitura	Ler o Mundo
	Especial é o Aluno
	E o Aprendizado de Leitura?
	Ler devia ser Proibido. Ler pode tornar o homem perigosamente humano
	Falando em Leitura
	Livro é Passaporte e Bilhete de Partida
	Leitura em Educação Infantil? Sim Obrigado.
Professor mediador na sala de aula	Brincando e aprendendo coisas tão importantes fora do espaço da sala de aula
	A Contadeira de Histórias
	As histórias Infantis como forma de consciência de mundo
A Importância da Literatura infantil na escola	Literatura Infantil
	A Psicanálise dos Contos de Fadas de Fadas.
	Literatura Infantil na Escola
	O Conceito de Literatura Infantil

Após a leitura, a discussão e a sensibilização pelos textos, chegou a hora de apresentar os alunos aos livros infantis.

4.3.7.3 Seleção de livros infantis

O próximo passo era fazer a leitura do acervo de livros infantis. Disponibilizamos duas aulas, ou seja, 1h40min. Os alunos deram como primeira sugestão ir à biblioteca, mas fizemos uma consulta inicial e descobrimos que não havia acervo de livros infantis disponível. A segunda sugestão era adquirir um acervo, mas isso implicaria em custos. Diante disso, a professora resolveu, então, trazer o seu acervo para a sala de aula e fez a seleção dos livros com base, principalmente, na sua experiência e no seu gosto pessoal de leitura, porém, alguns critérios foram respeitados: deveria corresponder aos objetivos, interesses e expectativas do grupo, e seriam livros que pudessem sensibilizar e envolver os alunos pela emoção e pela

beleza estética. O trabalho de seleção, todavia, precisava de livros e de autores que pudessem, também, despertar o mágico, o lúdico, que utilizassem textos verbais e não-verbais, e o mais importante: precisavam encantar os alunos para que tivessem prazer de ler.

Foi uma tarefa bastante difícil selecionar, num universo amplo de publicações, quais os livros para trabalhar na turma, mas a pesquisadora elaborou alguns critérios de valores, que se tornaram parâmetros para os graduandos também:

- a) autores considerados clássico da Literatura Infantil brasileira;
- b) Com belas ilustrações, pois, como diz Lajolo (1985, p.13), elas são um “elemento a mais para reforçar a história e a atração que o livro pode exercer sobre os pequenos leitores”;
- c) O valor literário da obra; e
- d) A natureza do discurso literário, isto é, a linguagem criativa, pois, além de estabelecer um vínculo contínuo entre o imaginário e o real, daria oportunidade ao leitor de estabelecer relações internas e externas com o seu mundo.

A pesquisadora, então, escolheu trinta e quatro (34) obras para serem lidas e, para isso, foram utilizadas quatro aulas. Após os livros serem lidos por todos os alunos, foi realizado um sorteio, e um componente do grupo retirou cinco livros para serem analisados para a confecção do catálogo.

4.3.7.4 Escolha do acervo e análise da obra

Para a essa etapa, utilizamos oito (08) aulas, ou seja, 6h40min. Os livros relacionados abaixo foram os lidos pelo grupo em sala de aula. Porém, nem todos os livros foram escolhidos para fazer parte do catálogo. Dos trinta e quatro (34) lidos, só vinte e quatro (24) fizeram parte da seleção para o catálogo. A capa desses livros infantis e seus respectivos resumos estão no ANEXO.

QUADRO 6 – TÍTULOS DOS LIVROS LIDOS PARA A CONFECÇÃO DO CATÁLOGO

ABRAMOVICH, Fanny. Ed: Atual, 1997	Segredos Secretos
ABRAMOVICH, Fanny. Ed: Atual, 1999	De Surpresa em Surpresa
ALMEIDA, Fernanda Lopes de. Ed: Ática, 1998	A Curiosidade Premiada

ALMEIDA, Fernanda Lopes de. Ed: Ática, 1987	O Equilibrista
ALMEIDA, Fernanda Lopes de. Ed. Ática, 2004	A Fada que Tinha Idéias
AMOS, Eduardo. Ed. Moderna, 1993	A Cidade Muda
BARRIGA, Heliana. Ed: FTD, 2006	A Perereca Sapeca
CAPPARELLI, Sérgio. Ed: L&PM, 2001	O Boi da Cara Preta
COLASANTI, Marina. Ed: Global, 2003.	O Menino que achou uma Estrela
COLASANTI, Marina. Ed: Global, 2000	Cada Bicho tem seu Capricho
COLASANTI, Marina. Ed: Nórdica, 1979	Uma Idéia toda Azul
FRANÇA, Mary, Eliardo. Ed: Ática, 1999	Fogo no Céu
FRANÇA, Mary, Eliardo. Ed: Ática, 2000	O Barco
FRANÇA, Mary, Eliardo. Ed: Ática, 2000	A Bota do Bode
FURNARI, Eva. Ed: Ática, 2000	De Vez em Quando
FURNARI, Eva. Ed: Global, 2000	Luas
FURNARI, Eva. Ed: Paulinas, 2000	Filo e Marieta
FURNARI, Eva. Ed: Global, 24ª Edição: 2003	A Bruxinha Atrapalhada
FURNARI, Eva. Ed: FTD, 1986	Quem Cochicha o rabo Espicha
LOBATO, Monteiro. Ed: Círculo do Livro, 2007	Reinações de Narizinho
MACHADO, Ana Maria. Ed: Ática, 2005	História Meio ao Contrário
NUNES, Lígia Bojunga. Ed: Agir, 1990	A Bolsa Amarela
ORTHOFF, Sílvia. Ed: Ática, 2002	Maria-vai-com-as-outras
ORTHOFF, Sílvia. Ed: Ática, 1999	A Vaca Mimosa e a Mosca Zenilda
ORTHOFF, Sílvia. Ed: Ática,	Um Pipi Choveu Aqui
ORTHOFF, Sílvia. Ed: Nova Fronteira, 1985	Uxa, ora fada ora bruxa
ORTHOFF, Sílvia. Ed: Nova Fronteira, 2007	Se as coisas fossem mães
PACHECO, Antonio Carlos. Ed: Ática, 1987	Medo do Escuro
ROCHA, Ruth. Ed: Quinteto Editorial, 1997	O reizinho Mandão
ROCHA, Ruth. Ed: Salamandra, 1976	Marcelo, Marmelo, Martelo
ZIRALDO, Alves Pinto. Ed: Melhoramentos, 1990	Flicts
ZIRALDO, Alves Pinto. Ed: Melhoramentos, 2005	O bichinho da Maça
ZIRALDO, Alves Pinto. Ed: Melhoramentos, 2001	O menino Maluquinho



Livros selecionados para o Catálogo

O próximo passo foi refazer a leitura dos livros, agora com um olhar mais direcionado e com base nos textos lidos. A primeira tarefa foi fazer o resumo da obra; depois, coletar dados sobre o autor, o ilustrador, a editora, a edição; em seguida, verificar se o livro faz parte de uma coleção, fazer levantamento de hipóteses de leitura a partir da ilustração e da sua relação com o título, confecção de resumo, como recurso de antecipação do enredo, analisar o tipo e tamanho de letra, conferir o número de páginas, a forma como está organizado (em capítulos ou em texto corrido; com índice ou não etc.).

Após a leitura detalhada, os alunos classificaram as obras, de acordo com os critérios de faixa etária e centro de interesse, estabelecidos no texto *As histórias Infantis como forma de Consciência de Mundo*, de Cristiane M. de Oliveira, já lido anteriormente, para a elaboração do catálogo. Nesse sentido, acompanhemos o quadro a seguir:

QUADRO 8 – CLASSIFICAÇÃO AS OBRAS DE ACORDO COM OS CRITÉRIOS DE FAIXA ETÁRIA E CENTRO DE INTERESSE

Faixa etária	Textos	Ilustrações	Materiais
1 a 2 anos	As histórias devem ser rápidas e curtas	Uma gravura em cada página, mostrando coisas simples e atrativas visualmente.	Livros de pano, madeira, e plástico. É recomendado o uso de fantoches
2 a 3 anos	As histórias devem ser rápidas, com pouco texto de um enredo simples e vivo poucos personagens, aproximando-se, ao máximo das vivências da criança.	Gravuras grandes e com poucos detalhes	Os fantoches continuam sendo os mais adequados. Música também exerce um grande fascínio sobre a criança
3 a 6 anos	Os livros adequados a essa fase devem propor vivências radicadas no cotidiano familiar da criança.	Predomínio absoluto da imagem, sem texto escrito ou com textos brevíssimos.	Livros com dobraduras simples. Outro recurso é a transformação do contador de histórias com roupas e objetos característicos. A criança acredita, realmente, que o contador de histórias se transformou no personagem ao colocar uma máscara.
6 ou 7 anos (fase de alfabetização)	Trabalho com figuras de linguagem que explorem o som das palavras. Estruturas frasais mais simples sem longas construções. Ampliação das temáticas com personagens inseridas na coletividade, favorecendo a socialização, sobretudo na escola.	Ilustração deve integrar-se ao texto a fim de instigar o interesse pela leitura. Uso de letras ilustradas, palavras com estrutura dimensiva diferenciada e explorando caráter pictórico.	Excelente momento para inserir poesia, pois brinca com palavras, sílabas, sons. Apoio de instrumentos musicais ou outros objetos que produzam sons. Materiais como massinha, tintas, lápis de cor ou cera podem ser usados para ilustrar textos.

4.3.7.5 Pesquisa na *Internet*

Ao término do trabalho de leitura e resumo dos livros, chegou a fase de conhecer os autores das obras de que tanto gostaram. É sempre bom conhecer quem nos encantou com palavras e imagem, enfim com a arte.

Para essa etapa do trabalho, os alunos foram deslocados da sala de aula para o laboratório de informática para fazerem a pesquisa na *Internet*, foram utilizadas duas (2) aulas, ou seja, 1h40min. A *Internet* foi o instrumento de pesquisa utilizado para que os alunos fizessem a busca dessas biografias dos autores dos livros infantis e as capas dos livros para ilustrar o catálogo. Mas, uma surpresa inesperada aconteceu, alguns alunos apresentaram muita dificuldade para acessar a *Internet*.

A professora precisou, então, fazer um momento de inclusão digital e um momento de superação, pois, além da pesquisa sobre os autores, todo o restante do material, para a organização do catálogo, deveria ser entregue à professora, digitado. Isso facilitaria a confecção e a diagramação do suporte em forma de livro. E assim foi feito, quem sabia acessar com mais facilidade ajudava aqueles que tinham maior dificuldade. A diagramação final do catálogo e a impressão ficaram aos cuidados da professora, e os alunos ficaram responsáveis pela organização e pela divulgação do catálogo – interação, diálogo entre pares, como preconiza Vygotsky.

4.3.7.6 Reflexão metodológica

Com o catálogo pronto, era necessário realizar uma avaliação de todo o processo pelo grupo e, ao mesmo tempo, ao finalizar o primeiro módulo da disciplina, orientando, a todos, como utilizar o catálogo, ou seja, essa mesma metodologia, em suas salas de aula. Novamente, foi ressaltada a importância da leitura da Literatura Infantil e que eles fizessem, do momento da apresentação de qualquer livro, um ritual, prazeroso, de incentivo à leitura.

Na avaliação feita, pelos alunos, ao final do projeto, em uma roda de conversa, foram abordados os aspectos teóricos, envolvidos na elaboração do gênero catálogo, e como essa atividade desenvolvida pôde levá-los a uma compreensão mais prática da teoria proposta pela disciplina Metodologia da Literatura, mesmo sabendo que não tiveram tempo de construir um modelo perfeito do gênero estudado, o que seria teoricamente indispensável pelo rigor de um trabalho acadêmico. Entretanto, o domínio dos conhecimentos teóricos que os participantes da atividade possuíam sobre esse gênero permitiu uma construção satisfatória para o objetivo proposto na disciplina.

Foi avaliada também a produção dos textos para o suporte (mesmo com a dificuldade encontrada da falta de um conhecimento mais profundo desse gênero), o que revelou que, mais que levar o estudante à confecção de um determinado gênero, o importante é conduzi-lo à percepção e à apropriação de certos procedimentos (ou de certas operações de linguagem), indispensáveis a qualquer trabalho com gênero, o que pode contribuir para desenvolver sua capacidade de, sozinho, apreender as dimensões constitutivas de um texto quando se defrontar com o desafio de produzir ou trabalhar um determinado gênero que não lhe foi formalmente ensinado.

O trabalho de mediação realizado pela professora também foi avaliado, partindo do princípio de que a atividade de construção de conhecimentos desenvolvida serviu de suporte importante nessa mediação, de quem já tinha maior domínio sobre esse gênero, para que pudesse orientar aqueles que estavam em processo de aprendizagem. O grupo relatou que houve condições favoráveis para que todos pudessem realizar suas atividades, e, seguramente, acreditavam ser capazes de produzir outras semelhantes a essa, e dessa vez sozinhos, em direção a um grau crescente de consciência e de autonomia da própria ação.

A avaliação do projeto foi concluída com a certeza de que o trabalho desenvolvido atingiu resultados positivos, seja em relação à formação dos futuros professor, seja em relação à transposição dos conhecimentos científicos para conhecimentos a serem ensinados. O que resta, agora, é acreditar que o resultado da aplicação do ensino com gêneros na sala de aula possa ajudá-los nas suas práticas futuras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir a pesquisa que me propus a fazer junto aos meus alunos de Metodologia da Literatura, estou cada vez mais convencida de que, partindo de uma ação coletiva, somos capazes de desencadear reflexões que poderão suscitar mudanças nas dimensões teóricas de qualquer disciplina dos cursos de Formação de Professor, em especial, neste caso, do Curso de Letras. Essas reflexões ocasionaram uma visão crítica dos alunos pesquisados, levando-os a repensar suas práticas futuras sobre ensino de leitura e Literatura Infantil.

O caminho percorrido

O trabalho, longe de oferecer receitas, propõe-se a compartilhar uma experiência positiva da construção de um projeto com o gênero catálogo, que pode trazer resultados efetivos no trabalho desenvolvido por todos os docentes que busquem fazer da sua sala de aula um espaço de reflexão e de mudança.

Esta pesquisa, ao ser iniciada, tinha como objetivo responder a uma inquietação nossa a qual se evidenciou em um contexto de uma Faculdade Particular no Curso de Licenciatura em Letras: a falta de leitura, principalmente de Literatura Infantil, que os alunos, futuros professores de língua portuguesa e literatura, trazem na sua formação escolar, deixando em evidência a fragilidade teórica desse professor no que se refere ao trabalho com leitura que possa ser desenvolvido no futuro na sua sala de aula.

Partindo desse pressuposto, passou-se a buscar as possíveis causas dessa lacuna no percurso de leitura dos alunos dessa turma. Foram levantadas, então, algumas hipóteses literárias, segundo as quais a lacuna referida seria devida ao contexto familiar ou no processo de escolarização.

A necessidade mais urgente era encontrar uma solução para apresentar o acervo de Literatura Infantil, para darmos prosseguimento à disciplina Metodologia da Literatura. O problema foi resolvido, com a proposta de desenvolvimento de um projeto, detalhado anteriormente, em todas as suas fases, com o gênero catálogo.

Na construção do catálogo, uma das etapas foi a produção de um memorial que, posteriormente, usamos como objeto de investigação em busca de respostas

para as hipóteses levantadas sobre o desconhecimento dos alunos a propósito da Literatura Infantil.

Iniciada a análise dos memoriais, percebemos que, na realidade, a formação do leitor ou a aprendizagem da leitura não estava amarrada a técnicas e/ou métodos, mas sim no mediador, que pode ser alguém da família ou o professor. A relação entre as experiências vividas, mesmo em diferentes contextos, família ou escola, fornece um quadro que revela a origem social de todas as nossas experiências e a elaboração mental interna, que implica nos princípios postulados por Vygotsky (1998), pois os dados comprovam a complexidade da estrutura humana que tem o seu processo de desenvolvimento ligado às relações entre a história individual e a história social, uma vez que as falhas encontradas nesses percursos podem comprometer todo o encaminhamento de orientação à leitura, da Literatura Infantil até a leitura acadêmica, e provocar lacunas no processo de formação do cidadão, enquanto leitor de livros ou da vida.

Foi percebida, também, nos relatos dos memoriais, quase uma delação, pois nos seus discursos finais, nos memoriais, quase todos fizeram uma reflexão em torno de mudança de postura, ou seja, agiriam de modo diferente dos seus professores, nas práticas futuras com leitura.

Ficou evidente, também, que os professores trabalham, com leitura, de forma intuitiva ou seguindo as regras ditadas pelas propostas educacionais das escolas em que atuam, seguindo modelos que, na maioria das vezes, trazem mais dificuldades do que estímulos para a orientação da leitura. Outro obstáculo percebido foi a desinformação dos professores sobre acervo e autores correspondentes ao nível de interesse dos alunos e suas respectivas faixas etárias, pois nem sempre o que é escolhido pelo professor como o melhor coincide com o que é interessante para os alunos. O que se percebe, com isso, é que a Literatura Infantil, bem como toda a cultura criadora e questionadora, não está sendo explorada como deve nas escolas, e isso ocorre, em grande parte, por essa falta de informação dos professores.

A formação acadêmica, infelizmente, não dá ênfase à leitura. Assim, as crianças, enquanto leitores em formação, são obrigadas a ler temas distantes das suas áreas de interesse ou impedidas de fazer escolhas pessoais por essa falha na formação do professor. Com isso, fica cada vez mais evidente a necessidade de viabilizar na formação de professor, em especial do trabalho com leitura, atividade que sustenta em qualquer nível de ensino o processo ensino aprendizagem, pressupostos teóricos consistentes que reproximem a teoria da prática.

O que os relatos já mencionados sinalizaram, ainda, é que o professor como mediador e incentivador de leitura tem um papel relevante tanto no contexto escolar quanto no social. No entanto, essa mediação, como vem sendo sinalizada, na maioria dos relatos, não tem sido desenvolvida de forma efetiva nas escolas. Isso reforça a concepção defendida nessa dissertação de que a leitura mediada pelo professor é um dos caminhos mais significativos de acesso ao conhecimento.

Embora a leitura faça parte do currículo de todas as séries de ensino, constata-se um quadro negativo, como é o apresentado em todas as avaliações sobre a leitura no Brasil feitas pelos órgãos oficiais competentes (PISA AVA, ANEB, ENEM, ENADE). Os futuros educadores desconhecem ou desconsideram os pressupostos teóricos que envolvem mecanismos de leitura, principalmente da Literatura Infantil. É por isso que, mesmo não responsabilizando unicamente os professores por esses resultados, são eles que podem modificar essa situação nos espaços escolares, pois, como ficou explícito, na análise dos memoriais, a forma como a leitura é apresentada e mediada pelo professor é a principal razão de os alunos desenvolverem o gosto ou não pela leitura. Fica evidente, pelos relatos, que alguns episódios de leitura marcam os alunos de tal forma que eles levam essas experiências pela vida toda. Isso ocorre quando as estratégias de leitura desenvolvidas em sala de aula favorecem um maior desempenho pela descoberta prazerosa do texto. Um ambiente motivador criado pelo discurso do professor é um fator relevante para despertar o interesse do aluno pela leitura, e uma boa mediação feita pelo professor na escola pode assegurar um resultado eficaz nas práticas de leitura propostas pelo professor, ou seja, aquele professor que tem prazer no seu ofício, gosta do que faz, tem leitura e sensibilidade, deixa marcas significativas na trajetória das vidas que passam pela sua sala de aula.

Conclui-se, então, que, na verdade, os sujeitos pesquisados já traziam algum conhecimento das leituras infantis. As aparentes lacunas inicialmente relatadas estavam na verdade latentes e, a partir da reflexão oportunizada pela elaboração do memorial, produzido como parte do projeto desenvolvido com gênero na sala de aula para a disciplina Metodologia da Literatura, afloraram-se lembranças, positivas ou não, de conhecimentos oriundos do percurso familiar e escolar de cada um.

Foi muito gratificante perceber, também, que a metodologia escolhida, a pesquisa-ação, ocasionou nos alunos uma auto-reflexão. Foi uma experiência de aprendizagem, dialética e contínua, pois as pessoas envolvidas na concretização da proposta construíram um processo de interação em que todos os envolvidos aprenderam e descobriram novas práticas de ensino.

Considero, também, pelo exposto, uma reflexão que precisa ser feita pelo professor que trabalha com formação de professor – Letras – sobre sua própria ação, não trabalhar apenas a teoria pela teoria e valorizar as atividades de leitura, até agora desprestigiada nas IES, pela ilusão de que todos chegam no 3º grau com proficiência de leitura. Por isso, é preciso dar importância à formação do professor reflexivo, na inclusão da Literatura Infantil, no currículo do Curso de Letras, e na mudança urgente nas práticas de incentivo à leitura na sala de aula. Estes são temas que ainda precisam e devem ser discutidos e pesquisados, para que se possa mudar o cenário de leitura deste país.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Ludimila Tomé de. **Professores-Leitores e sua formação**. Belo Horizonte: Ciale, 2004.

ARAÚJO, M.J.G.M. de. **Práticas de leitura na escola e nas famílias em meios populares**. 1999. 220 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRANDÃO, Carlos R. (org.). **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BRANDÃO, H. **Gêneros do discurso na escola**. São Paulo: Cortez, 2000.

----- **Introdução à análise do discurso**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais para 3º e 4º Ciclos do Ensino Fundamental** - Língua Portuguesa. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

CASTRO, Solange Teresinha Ricardo. **A linguagem e o processo de construção do conhecimento**: Subsídios para a formação do professor de inglês. Tese de Doutorado. LAEL/PUCSP, 1999.

CASTRO, S. T. R., SILVA, E. R. (orgs.) **Formação do profissional docente**: contribuições de pesquisas em Lingüística Aplicada. Taubaté, SP: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2006.

CELANI, M. A. A. **A relevância da Lingüística Aplicada na Formação de uma Política Educacional Brasileira**. In: FORTKAMP, M.B.M. Aspectos da Lingüística Aplicada. Florianópolis: Insular, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil**: Teoria, Análise, Didática. São Paulo: Moderna, 2000.

CONTRERAS, José. **A Autonomia de Professores**. São Paulo, Cortez, 2002

CUNHA, M. I. **O Bom professor e sua prática**. Campinas: Papyrus, 1989.

EVANGELISTA, A. A. M. **Condições de construção de leitores alfabetizando**: um estudo na escola e na família em meios populares. 1993. 246 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

FERREIRO, Emília. **Com Todas as Letras**. Editora Cortez, 2000.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**. São Paulo: Cortez, 1998.

GERALDI, J.W. **Unidades básicas do ensino de Português**. In: GERALDI, J.W. (Org.) *O texto na sala de aula*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2004.

GERALDY, Paul. **Eu e você** - tradução do *Toi et Moi*, ilustrações de Darcy Penteado, Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1932

GHIRALDELLI, Junior, Paulo. **História da Educação Brasileira**. São Paulo: Cortez, 2006

KLEIMAN, A. (Org.) **A formação do professor**: perspectivas da Lingüística. Campinas, SP: Mercado de Letras 2001.

----- (org.) **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, Mercado das Letras, 1995.

----- **Oficina de Leitura**: teoria e prática. Campinas: Pontes: Editora da UNICAMP, 1993.

KOCH, I. V. **O texto e a construção dos sentidos**. 3a ed. São Paulo: Contexto, 2000.

LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira: História & Histórias**. São Paulo, Ática, 5a ed., 1991.

LOBATO, José Bento Monteiro. **A onda verde**. São Paulo: Brasiliense, 1969.

-----**Reinações de Narizinho**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

LOPES-ROSSI, M. A. G. . **O desenvolvimento de habilidades de leitura a partir de características específicas de gêneros discursivos**. In: CASTRO, S. T. R. de. (Org.). *Pesquisas em lingüística aplicada: novas contribuições*. Taubaté: Cabral, 2000.

MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MACHADO, Ana Maria. Entre vacas e gansos – escola, leitura e literatura. In ——. *Texturas: sobre leituras e escritos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONÍSIO, A. P; MACHADO, A. R. & BEZERRA, M. A. (Orgs.) *Gêneros Textuais e Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna. 2002.

MATISSE, Henri. “**É preciso olha a vida inteira com olhos de criança**”, p.737
Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos nº 132, out./dez. 1973

MOITA LOPES, Paulo da. **Identidades fragmentadas: a construção de raça, gênero e sexualidade na sala de aula**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002 (Coleção Letramento, Educação e Sociedade).

MORAN, J. M. **Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas**. In: MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. Campinas: Papirus, 2002.

NÓVOA, Antonio (Org.) **Vida de Professores**. Porto: Porto, 1992.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. **História da educação brasileira: a organização escolar**. 15ª ed. Ver. E ampl. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 1998.

SOARES, Magda. **Boletim da ABRALIN**, nº 25. Atas do I Congresso Nacional da ABRALIN

PERRENOUD, Philippe & THURLER, Mônica G. **As competências para ensinar no século XXI: a formação dos e o desafio da avaliação**. Porto Alegre: Artemed Editora, 2002.

PIAGET, J. **A Linguagem e o pensamento da criança**. Trad. Manuel Campos. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

SAVIANI Trabalho elaborado no âmbito do Projeto “**O espaço acadêmico da pedagogia no Brasil: perspectiva histórica e teórica**”, financiado pelo CNPq. Apresentado no VII Congresso Ibero-Americano de História da Educação Latino-Americana, realizado em Quito, Equador, de 13 a 16 de setembro de 2005.

SILVA, Elizabeth Ramos da (Org). **Texto & ensino**. Taubaté, SP: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2002.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **A produção de Leitura na Escola: Pesquisas e Propostas**. São Paulo: Editora Ática, 2004.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

TANURI, Leonor Maria “**História da formação de professores**”. Revista Brasileira de Educação, n. 14, mai/jun/jul/ago de 2000 (Número Especial – 500 anos de educação escolar), p. 61-88. 2000.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 11ª. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

VYGOTSKI, L. S. **A Construção do Pensamento e da Linguagem**. Trad. Paulo Bezerra, São Paulo: Martins Fontes, 2000.

----- **Formação Social da Mente**. 6ª edição, 4ª tiragem, Martins Fontes, SP. 1994

----- **O desenvolvimento psicológico na infância.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ZILBERMAN, Regina. **O leitor e o livro.** Horizontes, Bragança Paulista, v.15, p. 21-40, 1997.

----- **A literatura infantil na escola.** 4. ed. São Paulo: Global, 1985.

ANEXO

Catálogo de Livros Infantis
Sonhos e Idéias



Org. Maria Cassilda Ferreira Mártires

FIBRA

Coordenação Organização e Produção

Professora Maria Cassilda Ferreira Mártires
cici.martyres @ gmail.com

Alunos da Turma do Curso de Letras - LL5NO5
Disciplina Metodologia da Literatura

Edição de Arte
Mayra Ferreira Mártires

Revisor
José Edison Pereira

Belém-Pará

2007/2

Projeto Educacional

Catálogo de Livros, Sonhos e Idéias

Este Projeto foi elaborado na disciplina Metodologia da Literatura, para Instrumento de Avaliação da 2ª bimestral em uma Faculdade particular em Belém do Pará com uma Turma do Curso de Licenciatura em Letras, em 2007/1.

“Chegamos ao ponto em que temos de educar as pessoas naquilo que ninguém sabia ontem, e prepara-los para aquilo que ninguém sabe ainda, mas que alguns terão que saber amanhã”.Margaret Mead,1968

Justificativa: Hoje, trabalhar com literatura é um desafio frente aos novos estímulos proporcionado pelos meios áudios-visuais e exige do professor uma metodologia diferenciada que estimule o gosto pela leitura e ao mesmo tempo estimule o prazer de ler. Este trabalho relata e socializa uma seqüência didática desenvolvida nas aulas de Metodologia da Literatura, cujo programa se propõe a discutir novas metodologias para o ensino de leitura e literatura.

Partimos de uma experiência de assessoria docente voltada para o ensino de produção de textos na Faculdade. Neste trabalho alunos e professora se concentraram na elaboração de um material didático apropriado para esse nível de ensino, mais especificamente, para a elaboração de um gênero denominado catálogo. Nele são apresentadas as diferentes etapas de reflexão e produção de leitura e escrita, iniciando-se com a elaboração de memoriais, leitura de textos de autores que trabalham com leitura e literatura infantil, pesquisa na web sobre esses autores, leitura, análise de livros infantis e resumo das leituras feitas. Enfim, o material produzido, é fruto da trajetória dos procedimentos utilizados para a elaboração de um suporte que materializasse os estudos realizados no semestre da disciplina.

Objetivos

- Escrever sobre sua trajetória de leitura (roteiro norteador);
- Refletir sobre lacunas de leituras na sua trajetória acadêmica (lembranças da família e escola);
- Conhecer o acervo de Literatura Infantil;
- Ler opiniões de autores sobre educação e leitura;
- Conhecer os autores consagrados que produzem Literatura Infantil;
- Problematicar a utilização da literatura Infantil na Escola;
- Selecionar livros infantis para o Catálogo;
- Extrair idéias para novas metodologias de leitura em sala de aula;
- Ler e analisar as histórias para redimensionar suas referências bibliográficas.

Fundamentação Teórica

Os pressupostos teóricos deste trabalho foram construídos com base em três grandes blocos: no primeiro, os conceitos mais gerais sobre a produção de linguagem e a aprendizagem de Leitura; no segundo, sobre Literatura Infantil e finalmente as orientações referentes à construção da seqüência didática, com base nos gêneros.

A base teórica geral concentra-se no interacionismo sócio-discursivo proposto por Vigotski e o dialogismo de Bakhtin onde as atividades e produções de linguagem do ambiente

social desempenham um papel central, pois são elas que levam o desenvolvimento humano na direção de um pensamento consciente. No quadro dessas atividades sociais de linguagem e no quadro de uma formação social, desenvolvem-se as ações de linguagem dos indivíduos particulares. Utilizamos, também, as teorias de Lopes-Rossi do desenvolvimento de projetos com gêneros em sala de aula.

O produto final desse processo é a construção de um catálogo, que apresenta tanto características comuns ao gênero ao qual se filia, quanto às características singulares, traços das decisões tomadas pelos alunos, em função de suas representações sobre a situação em que se encontram para desenvolver a atividade.

A noção de gênero é a de Bakhtin (1953:279), segundo a qual as diferentes esferas das atividades humanas, sócio-historicamente, elaboram tipos relativamente estáveis de enunciados, os gêneros de discurso, que se caracterizam por apresentarem conteúdos, estruturação, relações entre os interlocutores e estilo específicos. Para a construção do projeto com gênero seguimos os passos de Lopes-Rossi (2000).

Definição do Suporte:

Para essa escolha, levamos em conta três critérios:

- Que o gênero escolhido atendesse às necessidades dos alunos;
- Que o gênero escolhido não fosse totalmente novo para eles, isto é, que não estivesse muito distante dos conhecimentos dos alunos;
- Que, para a produção de textos pertencentes a esse gênero, houvesse restrições situacionais, temáticas e composicionais claras, que pudessem ser trabalhadas em aula.

Gênero Escolhido: Catálogo

Catálogo é um gênero que se conceitua como a relação ou lista metódica, e em geral alfabética, de pessoas ou coisas. O Catálogo busca tornar acessível algumas informações para estudantes, pesquisadores, professores e voluntários e todos àqueles que tenham interesse nas leituras ligadas a uma determinada área.

A Construção do Projeto

Etapas	Locais
Escrever memoriais sobre sua trajetória de leitura para uma reflexão do trabalho desenvolvido nas escolas.	Extra-classe
Correção e devolução	Sala de Aula
Leitura de Livros Infantis	Sala de Aula
Resumo das obras e anotações sobre a catalogação dessas leituras.	Sala de Aula
Leitura, análise e debate de textos de quem escreve sobre leitura infantil, leitura na escola e sobre educação.	Sala de Aula
Continuação de confecção de resumo das obras e anotações sobre a análise dos textos.	Sala de Aula
Seleção de obras para o Catálogo	Sala de Aula
Pesquisa sobre imagens das capas dos livros e sobre os autores.	Computação
Pesquisa sobre imagens das capas dos livros e sobre os autores	Computação
Confecção do Catálogo	Sala de Aula

Procedimentos

- Elaboração de memoriais relatando a trajetória de Leitura desde a Infância;

- Seleção de textos de vários autores que escrevem sobre Leitura e Literatura Infantil para uma reflexão sobre o tema;
- Seleção de Livros Infantis: quem é o autor; quem é o ilustrador; qual é a editora; qual é a edição; indicação de que o livro faz parte de uma coleção; levantamento de hipóteses de leitura a partir da leitura da ilustração e da sua relação com o título; análise da leitura de sinopse como recurso de antecipação do enredo.
- Leitura e análise dos livros, observando as ilustrações, o tipo de letra, o número de páginas, a forma como está organizado (em capítulos ou em texto corrido; com índice ou não etc.).
- Reflexão sobre metodologias de leituras: orientação de fazer desse momento de apresentação do livro um ritual, pois a criança, pelos procedimentos do professor, começa a perceber que, quanto mais informações ela tiver a respeito da obra, mais rica, compreensiva e prazerosa será sua leitura.

Considerações

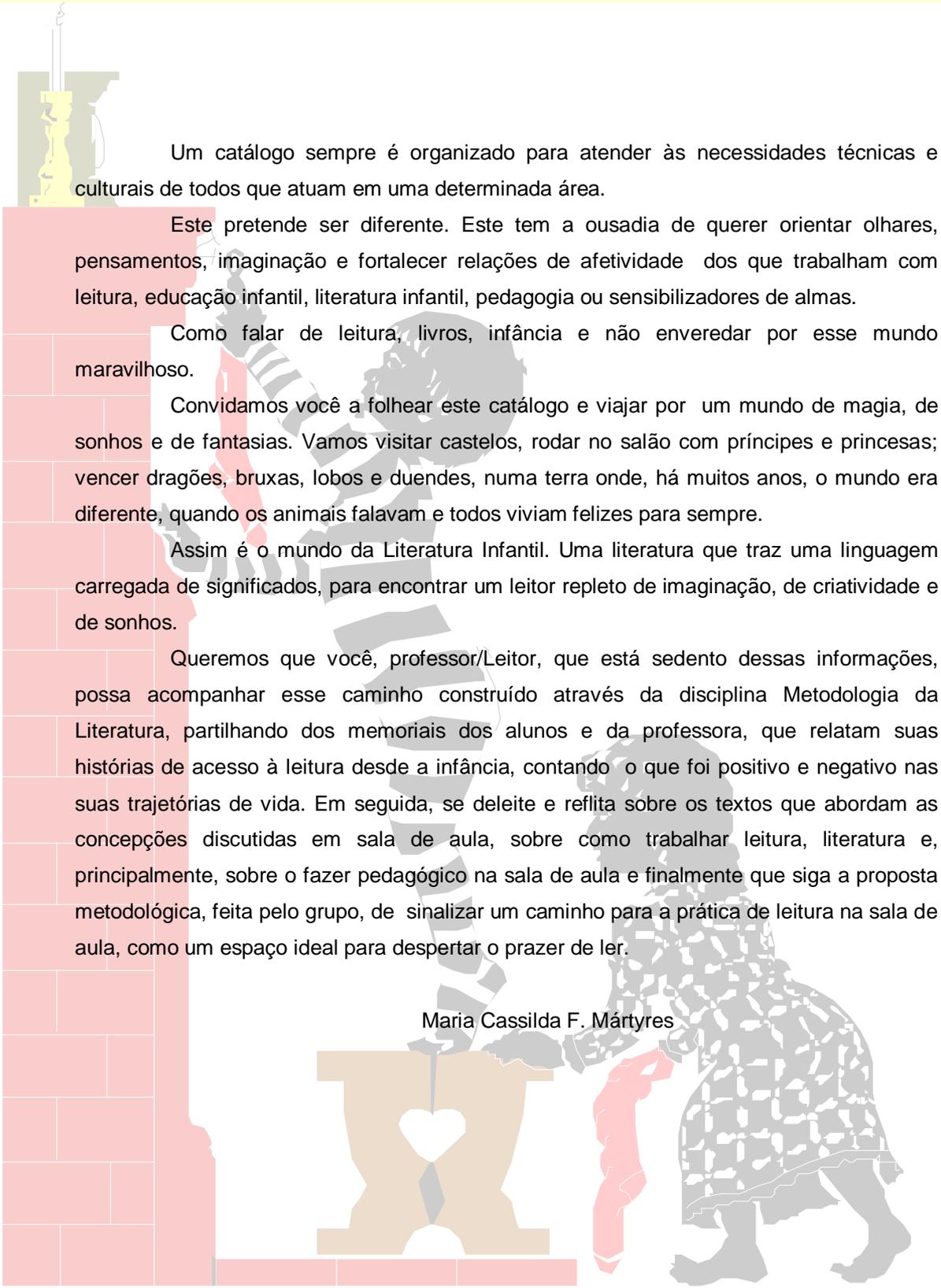
As conclusões relatadas a seguir se referem aos vários aspectos do trabalho desenvolvido.

- a) Em relação aos aspectos teóricos envolvidos na transposição didática, ficou claro que a atividade desenvolvida pode levar-nos a uma compreensão mais elaborada da própria teoria proposta pela disciplina Metodologia da Literatura;
- b) Ficou evidente, também, que não tivemos tempo de construir, previamente, um modelo didático perfeito do gênero estudado, o que seria teoricamente indispensável. Entretanto, o grau de domínio e dos conhecimentos teóricos que os participantes do trabalho tinham sobre ele permitiu, assim mesmo, a construção desse modelo na elaboração da seqüência didática;
- c) Ficou claro que as conseqüências sobre a aprendizagem da produção de textos, a elaboração da seqüência didática (mesmo com a dificuldade de um conhecimento exato desse gênero), nos revelou que, mais que levar o estudante a confecção de um determinado gênero, é poder conduzi-lo à percepção e à apropriação de certos procedimentos (ou de certas operações de linguagem), indispensáveis a qualquer gênero, o que pode contribuir para desenvolver sua capacidade de, sozinho, apreender as dimensões constitutivas de um texto que deve ser observada e analisada quando se defrontar diante do desafio de produzir um texto de um determinado gênero que não lhe foi formalmente ensinado;
- d) Quanto ao trabalho de assessoria docente, consideramos que ele bem exemplifica um processo de desenvolvimento, numa perspectiva vigotskiana. Partindo de uma atividade social de construção de objetos de conhecimentos, a elaboração da seqüência didática serviu de ferramenta para que através de uma mediação, de quem já tinha maior domínio sobre essa tarefa, pudesse orientar aqueles que estavam em processo de aprendizagem. Assim, parece-nos terem sido criadas condições favoráveis para que esses objetos de conhecimentos fossem construídos de tal forma que, estes últimos agentes, pudessem realizar essa tarefa e outras, semelhantes a essa e dessa vez sozinhos em direção a um grau crescente de consciência e de autonomia da própria ação.

Finalmente, acreditamos que o trabalho aqui desenvolvido mostra que atingimos resultados positivos até as fases aqui relatadas, sejam em relação à formação dos futuros professores, sejam em relação à transposição dos conhecimentos científicos para conhecimentos a serem ensinados.

Resta-nos, agora, acreditar que os resultados concretos da aplicação da seqüência didática possam ajudá-los nas suas práticas de sala de aula.

APRESENTAÇÃO



Um catálogo sempre é organizado para atender às necessidades técnicas e culturais de todos que atuam em uma determinada área.

Este pretende ser diferente. Este tem a ousadia de querer orientar olhares, pensamentos, imaginação e fortalecer relações de afetividade dos que trabalham com leitura, educação infantil, literatura infantil, pedagogia ou sensibilizadores de almas.

Como falar de leitura, livros, infância e não enveredar por esse mundo maravilhoso.

Convidamos você a folhear este catálogo e viajar por um mundo de magia, de sonhos e de fantasias. Vamos visitar castelos, rodar no salão com príncipes e princesas; vencer dragões, bruxas, lobos e duendes, numa terra onde, há muitos anos, o mundo era diferente, quando os animais falavam e todos viviam felizes para sempre.

Assim é o mundo da Literatura Infantil. Uma literatura que traz uma linguagem carregada de significados, para encontrar um leitor repleto de imaginação, de criatividade e de sonhos.

Queremos que você, professor/Leitor, que está sedento dessas informações, possa acompanhar esse caminho construído através da disciplina Metodologia da Literatura, partilhando dos memoriais dos alunos e da professora, que relatam suas histórias de acesso à leitura desde a infância, contando o que foi positivo e negativo nas suas trajetórias de vida. Em seguida, se deleite e reflita sobre os textos que abordam as concepções discutidas em sala de aula, sobre como trabalhar leitura, literatura e, principalmente, sobre o fazer pedagógico na sala de aula e finalmente que siga a proposta metodológica, feita pelo grupo, de sinalizar um caminho para a prática de leitura na sala de aula, como um espaço ideal para despertar o prazer de ler.

Maria Cassilda F. Mártires

SUMÁRIO

1. Memoriais

1.1 Reflexões pessoais sobre trajetória de Leitura.

1.1.1	Professora	
1.1.2	S1	
1.1.3	S2	
1.1.4	S3	
1.1.5	S4	
1.1.6	S5	
1.1.7	S6	
1.1.8	S7	
1.1.9	S8	
	1.1.10	S9
	1.1.11	S10
	1.1.12	S11
	1.1.13	S12
	1.1.14	S13
	1.1.15	S14
	1.1.16	S15
	1.1.17	S16
	1.1.18	S17
	1.1.19	S18
	1.1.20	S19



2. Textos Avulsos

2.1 Textos para suporte teórico do projeto .

2.1.2	A Contadeira de Histórias – Viriato Correia
2.1.2	A Literatura Infantil na Escola – Nelly Novaes Coelho
2.1.3	A Psicanálise dos Contos de Fadas - www.jornalininfinito.com.br
2.1.4	As histórias Infantis como forma de Consciência de Mundo – Cristiane M. de Oliveira
2.1.5	Brincando e Aprendendo Coisas Fora do Espaço da Sala de Aula - Fanny Abramovich.
2.1.6	Como Ensinar o Prazer de Ler – Rubem Alves
2.1.7	Especial é o Aluno – E o Aprendizado de Leitura? Cesário Alvin
2.1.8	O que é Leitura – Maria Helena Martins
2.1.9	Leitura em Educação Infantil? Sim Obrigado! – Isabel Sole Gallart
2.1.10	Ler o Mundo – Affonso Romano de Sant’Anna
2.1.11	Ler devia ser Proibido – Paulo Condini
2.1.12	Literatura Infantil - Fanny Abramovich
2.1.13	Livro é Passaporte e Bilhete de Partida - Bartolomeu Campos Queiroz
2.1.14	Não Esqueça as Perguntas Fundamentais – Rubem Alves
2.1.15	O Conceito de Literatura Infantil – Nelly Novaes Coelho
2.1.16	O Enterro do Leitor – Gabriel Perissé
2.1.17	Professores Apaixonados - Gabriel Perissé
2.1.18	Um Pouco de Atenção (autor desconhecido)

3. Autores de Livros Infantis (Web)

3.1 Autores dos livros escolhidos para compor o Catálogo.

- 3.1.1 Eva Furnari
- 3.1.2 Fernanda Lopes de Almeida
- 3.1.3 Heliana Barriga
- 3.1.4 Lygia Bojunga
- 3.1.5 Marina Colasanti
- 3.1.6 Mary e Eliardo França
- 3.1.7 Rogério Borges
- 3.1.8 Ruth Rocha
- 3.1.9 Sergio Camparelli
- 3.1.10 Sylvia Orthof
- 3.1.11 Ziraldo

4. Livros Infantis

4,1 Livros selecionados para o catálogo:

- 4.1.1 A Bruxinha Atrapalhada – Eva Furnari
- 4.1.2 A Cidade Muda – Eduardo Amos
- 4.1.3 A Curiosidade Premiada – Fernanda Lopes de Almeida
- 4.1.4 A Fada que Tinha Idéias – Fernanda Lopes de Almeida
- 4.1.5 A Perereca Sapeca – Heliana Barriga
- 4.1.6 Cada Bicho tem seu Capricho – Marina Colasanti
- 4.1.7 De Surpresa em Surpresa – Sergio Palmiro
- 4.1.8 De Vez em Quando – Eva Furnari
- 4.1.9 Filo e Marieta – Eva Furnari
- 4.1.10 Flicts – Ziraldo
- 4.1.11 Fogo no Céu – Mary e Eliardo França
- 4.1.12 Luas - Eva Furnari
- 4.1.13 Marcelo, Marmelo, Martelo - Ruth Rocha
- 4.1.14 Maria-vai-com-as-outras – Silvia Orthof
- 4.1.15 Medo do Escuro – Antonio Carlos Pacheco
- 4.1.16 O Boi da Cara Preta – Sergio Camparelli
- 4.1.17 O Menino que achou uma Estrela - Marina Colasanti
- 4.1.18 Quem Cochicha o rabo Espicha – Eva Furnari
- 4.1.19 Segredos Secretos – Elizabeth Teixeira
- 4.1.20 Um Pipi Choveu Aqui – Silvia Orthof
- 4.1.21 Uma Idéia toda Azul – Marina Colasanti

MEMORIAL



"Nada é real se não o escrevo".

Virginia Woolf

S1

“Nunca é demais repetir: informar é insuficiente para formar; precisamos da educação que forma.”
Augusto Cury

A

leitura em minha vida aconteceu através das aulas que tive na quarta série, com minha professora chamada Dorinha, na escola Positivo que usava o método positivo de ensino e lá tinha uma salinha exclusiva para leitura, chamada o Cantinho do Saber. Era uma sala super confortável, onde podíamos até nos deitar, pois havia almofadas espalhadas por todo o chão e com uma variedade de livros de literatura infantil. Naquele cantinho passei horas viajando no mundo da fantasia.

Um livro que marcou minha infância foi o Patinho Feio, porque, depois que li o livro, a tia Dorinha pediu que eu contasse a história, o que poderia ser feito através de encenação ou apenas explicando para os coleguinhas da classe. Minha professora nos deixava bem à vontade e incentivava para que nós lêssemos. Por isso, quando eu for uma professora e começar a dar aulas, não usarei da pedagogia e sim procurarei mostrar o quanto é prazeroso ler um livro, para fazer com que as crianças consigam entrar no mundo mágico de cada história.

Meus pais sempre me incentivaram para que eu lesse, estudasse e sempre ganhava livros de presente, o que eu odiava, pois queria mesmo era ganhar brinquedos. Só hoje consigo ver o quanto isso foi importante para minha formação. Meus pais sempre me deram brinquedos educativos. Uma vez ganhei uma lousa com giz e dava aulas de brincadeira para alguns amiguinhos na minha casa, desde então comecei a pensar em ser professora.

Tive uma professora de literatura que era uma grande incentivadora e que me mostrou o quanto é gostoso ler. Estava no segundo ano, fiquei apaixonada por literatura, li O Crime do Padre Amaro, Capitães da Areia e assim por diante, muitos e muitos livros.

E atualmente tenho lido bastante, nas últimas férias li dois livros. Em algumas datas significativas de minha vida, meu esposo sempre me presenteia com um livro, sendo que os últimos foram “Somente para mulheres” de Shaunti Feldhahn e “O Mestre do amor” de Augusto Cury. E um livro que eu adorei de paixão foi “Qualidade começa em mim” de D^a Tom Chung, que traz alguns propósitos de conhecimentos da programação neurolinguística (é o estudo do impacto da comunicação verbal sobre nossos pensamentos), como técnicas comportamentais, dinâmica mental etc. Portanto, a leitura é para mim uma fonte de conhecimento inesgotável. Sou uma pessoa que gosta de ler dois, três livros ao mesmo tempo, claro, de diferentes assuntos, o que torna a leitura menos cansativa e mais prazerosa.

S2

[...] Nunca se deve dizer a uma criança que sonhos são bobagens... seria uma tragédia se ela acreditasse.
William Shakespeare

S

ou a única mulher dentre cinco irmãos, por esse motivo sempre fui muito excluída, já que as recreações dos meus irmãos nem sempre eram as minhas, pois, para meu pai, homem não brinca com mulher. Minha mãe sempre procurava alternativas para minha distração, dentre estas estavam os livros, principalmente as histórias infantis.

Embora não tivéssemos boas condições financeiras, minha mãe sempre nos conseguia livros.

Nas séries iniciais, todos os dias fazíamos uma cópia e a leitura da mesma, para podermos ir embora. No final do ano, líamos para a diretora, cabia a ela decidir se íamos ou

não para a série seguinte.

Embora esse método seja ultrapassado, naquela época surtiu um efeito muito eficaz para mim, pois eu adorava fazer cópias, lê-las. Em casa repetia o processo, para que no outro dia eu já estivesse treinada e assim conseguir terminar logo.

No ensino fundamental maior, tal prática não foi freqüente, liamos textos apenas para resolvermos os exercícios.

Na última série do ensino fundamental, li Dom Casmurro de Machado de Assis e somente depois dessa leitura houve em mim um desejo de ler muitos outros livros, sem que eu fosse obrigada a isso, ou seja, após a leitura eu não precisaria fazer uma prova. Na leitura desta obra, tive reações adversas, muitas vezes eu ficava até nervosa e apreensiva. Após o episódio do “seminário”, não consegui mais parar de ler, lembro-me que nesse dia nem almocei e à noite cheguei atrasada na escola, só curiosa pelo fato do que ia acontecer e o que seria da Capitu.

Nessa obra, Machado apresenta relatos de Bentinho, que crê ser traído pela mulher, Capitu, e pelo seu melhor amigo, Escobar.

Capitu foi vizinha, amiga e companheira de Bentinho durante a infância, Bentinho fora oferecido desde criança à igreja e por isso teria que ir ao seminário. No decorrer da história, eles conseguem um jeito de ele livrar-se das obrigações religiosas, para Bentinho casar-se com Capitu, iniciando-se, então, o que de mais comum existe na vida, os problemas.

Escobar morre e a partir de então Ezequiel, filho da Capitu e Bentinho, começa a se parecer cada vez mais com o amigo falecido, esse é o motivo principal do ciúme de Bentinho.

A história se desenrola levando o leitor a formar sua opinião e a se posicionar, quanto à inocência ou culpa de Capitu.

Li essa obra antes mesmo de chegar ao ensino médio, no entanto, embora precisasse, nesse período não tive a sorte de encontrar professores que me incentivassem à leitura, muitas vezes lia por obrigação, nessa hora eu corria para os resumos das obras de que eu não gostava e lia apenas as de que gostava.

Não fui uma leitora assídua até meus quinze anos. No entanto, nos últimos dez anos não me lembro de nenhum dia sem que eu não esteja lendo um livro e sempre fui muito eclética em minhas leituras.

Dentre os professores que marcaram minha vida está meu professor de Química das três séries do ensino médio, não pela matéria em si, mas pelas lições de vida que este sempre me deu e não somente a mim, mas a todos meus colegas. Foi justamente por ele que tive a coragem de sair do interior onde nasci e vivi até meus vinte e dois anos, para cursar uma faculdade e assim como meus mestres ele tem enfrentado muitas dificuldades. Em cada fim de ano me pergunto: - Será que no ano que vem eu vou estudar?

Quando eu voltar para a sala de aula, agora como professora, jamais deixarei meus alunos sem sonhos, achando que o ensino médio já é o máximo a que eles podem chegar, pois de todas as pessoas que formaram meu círculo de amizade, em minha cidade, nenhuma delas fez uma graduação; meus amigos trabalham em serrarias ou mecânica e minhas amigas, como atendentes em lojas, ou caixa, isso porque possuem o nível médio.

Eu, particularmente, sempre gostei muito do ambiente escolar, sempre morei ao lado de uma escola de ensino fundamental e médio. Após concluir meus estudos, preferi não fazer Pedagogia e por isso fiquei dois anos parados, no que diz respeito a estudo. Passei a freqüentar a biblioteca todos os dias, mesmo tendo minha própria biblioteca em casa, pois o que me interessava era o ambiente.

Com o passar dos dias, fui ficando conhecida e passei a substituir professores e me descobri adorando cada vez mais aquele ambiente.

Hoje, no último ano de minha graduação, sinto-me quase que obrigada a saber tudo no que diz respeito ao Português, pois não existe um dia sem que eu não seja abordada com dúvidas, quer sejam de gramática, quer sejam de significados, embora particularmente ainda não me sinta segura. Fico me imaginando em sala de aula, pois os alunos têm comumente suas dúvidas e eu terei a obrigação de elucidá-las. Por isso, tenho estudado muito, para a realização do meu próprio bem e para minha formação profissional.

S3



omecei a estudar em um colégio chamado Suíço brasileiro, onde fui alfabetizada por uma professora chamada Graça. Era uma profissional bastante dedicada. Naquele tempo, ela incentivava a leitura sobre os sinais de trânsito, higiene e saúde. Era uma aula da qual toda a turma participava, despertando o interesse pela leitura. Já no fundamental, estudei no colégio Ideal, onde a leitura fazia parte da grade curricular, com as leituras obrigatórias, que eram acompanhadas pelo professor, através das avaliações. Para mim este método não me incentivava, pois algumas obras não combinavam com meu gosto literário.

Certa vez, minha professora de língua portuguesa, Nilza, disse-me que deveria ler algo que despertasse em mim o prazer da leitura, disse também, que, dessa maneira, seria mais fácil de elaborar textos e seus conselhos estavam corretos, pois lembro até hoje de sua metodologia de ensino, a qual me devolveu o gosto pela leitura. Recordo um texto, de sua autoria, sobre o dia do trabalhador concomitante com o falecimento do piloto Airton Senna. Nesse dia todos que estavam presentes na sala se emocionaram. Suas aulas eram carregadas de textos de sua própria autoria e todos ficavam muito atentos na leitura.

Gostava muito de ler livros com temas épicos, que facilitavam meus conhecimentos na disciplina história, ajudando-me nos processos avaliativos dessa matéria. Com o tempo, mudei de gênero e comecei a ler sobre espiritualismo. Um livro que até hoje não esqueci e marcou muito meu modo de enxergar a vida e compreender certas situações que ocorrem no cotidiano foi *Brida*, de Paulo Coelho, depois vieram outros do mesmo gênero, tornando-se então uma das minhas leituras preferidas.

Infelizmente não tenho muito tempo para este tipo de leitura, devido à correria do trabalho e à faculdade, por isso, minhas leituras atuais estão voltadas para as disciplinas acadêmicas.

Hoje sei que para obter o sucesso profissional, principalmente na área que escolhi, a leitura é fundamental, pois através dela estamos sempre renovando nossos conhecimentos, para que possamos ensinar e educar nossos alunos, afinal a função do professor não está só em ensinar, mas também em educar, embora alguns profissionais não trabalhem desta forma, coisa que não pretendo fazer como profissional.

É necessário que haja uma reciprocidade entre professor e aluno para que possamos obter um resultado positivo no processo de aprendizagem. Até nos dias atuais vejo a importância do incentivo da leitura para nossa vida, pois através da faculdade descobri um outro universo de leitura, no qual não tinha conhecimento, como literatura inglesa e outros mais, como a própria disciplina de metodologia que desperta curiosidade sobre o processo de aprendizagem e o conhecimento do ensinar, a interpretação e o conteúdo de obras que estão sendo praticadas.

Muito do que sou hoje, devo a essas pessoas, que me incentivaram e continuam incentivando a não desistir e continuar nesse mundo mágico e intenso vivido pela leitura.

Quero elogiar duas professoras em quem admiro muito a maneira de ler e explicar cada texto, com uma facilidade e sabedoria de impressionar qualquer aluno, quem sabe um dia eu consiga ser um pouco da Cassilda e da Ângela do Céu, acho-as incríveis, dominam muito bem a matéria e são profissionais que me incentivam a não desistir da minha profissão.

Valeu a pena? Tudo vale a pena se a alma não é pequena. Fernando Pessoa

N

a minha infância não tive muito incentivo à leitura, pois meus pais eram do interior e com pouca leitura. Na escola me lembro pouco sobre o ato de ler, e como conseqüência não tive nenhum incentivo.

O livro que me marcou foi “O QUINZE” de Raquel de Queiroz, isso se passou já em minha juventude. Para mim foi maravilhoso poder conhecer e sentir na leitura os momentos sofridos de um povo abandonado pela nossa sociedade e políticos. Com essa leitura tive o conhecimento do que acontecia e acontece até hoje no nordeste do nosso Brasil.

Toda a minha vida de estudante foi confusa, não me lembro de nenhuma professora em especial, acho que me lembro apenas de uma professora de Ciências que era bem legal.

No meu processo de aprendizagem tive várias dificuldades, porque eu era muito doente.

Eu nasci em Vitória, no Espírito Santo, mas bem pequena fui para o Rio de Janeiro e depois de algum tempo voltei para Vitória novamente, tudo pela dificuldade que eu tinha de me adaptar à região.

Tive uma professora com quem sempre falo, era do jardim de infância, até hoje a vejo na minha cidade, quando vou passear em Vitória, foi ela que marcou a minha vida.

Falar sobre o que evitar em sala de aula é muito difícil para quem não tem experiência, mas de qualquer modo eu jamais chamaria um aluno de “burro” ou de “lento”, pois são alguns adjetivos que alguns profissionais despreparados usam para as crianças em sala de aula, um absurdo.

Nunca pensei que um dia me formaria em professora, achava que isso era para gênios.

Ser professor é uma profissão tão importante como qualquer outra, mas com uma diferença, precisa amar de verdade o que se faz. Não dá para fingir. As conseqüências são desastrosas, pois sua missão é construir pensadores e para isso tem que ter vocação e não necessidade apenas de trabalho para receber o salário no final do mês.

Alguns pontos negativos de alguns professores: reclamar demais da sua profissão, falar repetidamente que ganha mal, passar para as pessoas que eles são miseráveis, fazer papel de coitadinhos, isso tudo é péssimo para a formação dos alunos de Letras.

Na minha vida profissional independente, tenho alguns pensamentos sobre profissionais que não gostam do que fazem. Em primeiro lugar jamais fale mal de sua profissão ou então mude rapidamente. Jamais se deve falar sobre ganhos. Isso não interessa a ninguém. Para nós profissionais do Marketing não é ético falar sobre quanto se ganha.

Sempre pense positivo. Nunca use palavras negativas isso pode se voltar para você mesmo, não reclame das suas obrigações. E o mais importante, ame o que faz.

Sobre a leitura do professor isso é mais do que normal, pois se ele é um profissional do ensino tem que se atualizar a todo o tempo com cursos ou então com revistas, jornais, livros etc...

O professor não pode parar de ter conhecimentos. Essa é a sua profissão. Deve se atualizar no dia a dia, ir ao sebo ou livraria assistir a comentários sobre a educação em nosso país. De que maneira ele vai melhorar o seu aprendizado, se ele não procurar se informar sobre o que está acontecendo no mundo? O resultado é que se tornará um profissional medíocre e irresponsável.

Lembro do livro “O QUINZE” - Raquel de Queiroz. Um livro maravilhoso cheio de detalhes que o próprio leitor pensa que se encontra naquele lugar, e ele é tão bem escrito que parece até um filme passando na nossa frente.

Fala sobre as mazelas do povo nordestino, da seca no nordeste. Que as vezes até parece que estão vinculado a algum destino.

Mas pensando em todos os problemas sociais que envolvem o lugar sabemos que isso não

e verdade, temos conhecimento que os governantes não têm interesse que tenha melhoria para esse povo tão sofrido.

Isso porque deixando-os sempre sem nenhum conhecimento de estudos ou infraestrutura eles sempre serão votos certos para os políticos, porque o povo não tem força nem para reclamar, pois a miséria é demais.

Nordeste 25 milhões de habitantes, quase um continente esquecido, massa de um povo que a seca reduziu a pó. “Diz um sofrido sertanejo que a seca e a vida sem vida”.

Durante a leitura desse livro eu me emocionei várias vezes. A mensagem é muito forte, pois é triste não ter o que comer. Até parece uma terra sem dono.

S5

[...] As estórias nos levam para o tempo da ressurreição. Se elas sempre começam com o “era uma vez, há muito tempo” é só para nos arrancar da banalidade do presente e nos levar para o tempo mágico da alma.

Esta é a delícia da literatura: saímos da banalidade do dia-a-dia e entramos no mundo de fantasias que nos possui. E ficamos diferentes. Essa “é a virtude paradoxal da literatura que consiste em fazer-nos abstrair do mundo para lhe encontrarmos um sentido. Rubem Alves.



Comecei a estudar na idade certa. Meus pais me matricularam no Grupo Escolar D. Pedro II, no bairro do Marco, em Belém. Ali comecei a aprender as primeiras letras. Soube pelos meus pais que rapidamente aprendi a ler. Eu adorava gibis que por sinal eram proibidos na época. Os adultos consideravam uma leitura que prejudicava nossa formação. Nunca entendi direito essa proibição, pois, a meu ver, essas revistas em quadrinhos desenvolviam muito nossa capacidade de interpretação. Mesmo sendo proibido, eu sempre dava um jeito de ter alguns escondidos. Através do gosto por esse tipo de leitura, posteriormente comecei a me interessar pelos meus livros da escola. Depois eu passei a estudar no Vilhena Alves, em São Braz. Nessa nova escola, o livro que me marcou bastante foi um chamado de Infância Brasileira. Nele existiam muitos textos que eu lia e relia. Ao final de cada texto existia um “ vocabulário”. Ali estavam listadas as palavras mais difíceis do texto e seus respectivos significados.

Quando eu estava na quinta série do primário, inventei de fazer um pequeno dicionário e minha fonte de inspiração foi justamente o livro que eu já citei, retirando as palavras do dito “ vocabulário”. Peguei todos os livros desde a primeira série até a quinta e retirei de lá todas as palavras, colocando-as na ordem alfabética de maneira bem criteriosa. Fiz tudo num caderno grosso costurado à mão. Minha professora gostou muito, principalmente pelo fato de ter feito aquilo tudo por minha própria iniciativa.

No ginásio tive oportunidade de ler vários livros interessantes que me deixaram lembranças positivas. Posso citar: “Senhora” de José de Alencar, “ O Alienista” de Machado de Assis, “ O Quinze” de Raquel de Queiroz, “São Bernardo” de Graciliano Ramos, dentre outros.

Desses, posso destacar “ São Bernardo”. A história começa pelo fim, pois, quando estamos lendo que o narrador-protagonista deseja escrever um romance, a princípio não imaginamos que todos os fatos já se haviam passado e que todos aqueles personagens que ele procura para ajudá-lo a realizar a empreitada, hoje o evitam, porque agora ele não passa de um velho ranzinza, fracassado e derrotado, a quem não interessa mais dispensar consideração. Enquanto estive em evidência, com dinheiro e prestígio, esses mesmos que agora o abandonam, eram seus bajuladores, mais por medo de sua personalidade ignorante que por respeito pelo seu espírito empreendedor.

Avançando na leitura, vamos descobrir que Paulo Honório trata-se de um sujeito vingativo, complexado e que tem como hábito usar as pessoas em benefício próprio. Tanto

que, no primeiro capítulo, quando ainda está planejando fazer o livro com a ajuda dos outros, já percebemos seu caráter mesquinho ao antever os exemplares do livro sendo vendidos aos milheiros. Ele planeja ganhar dinheiro vendendo a história da sua própria vida desgraçada e brutalizada. Se ele quer tirar vantagem das suas próprias desgraças, com certeza não tem nenhum pudor em se aproveitar das desgraças alheias, e isso ele deixa bem claro aos que vão ajudá-lo a fazer o livro, ao dizer que o nome que vai ser impresso na capa é o dele.

São Bernardo é um romance que faz uma crítica aberta e sarcástica ao sistema capitalista, procurando retratá-lo como uma nódoa que tira a liberdade das pessoas, deixando-as à mercê dos que possuem o capital, sem nenhuma chance de subir na pirâmide social. O romance insinua que, para vencer na vida, dentro do capitalismo, os menos favorecidos precisam se brutalizar e apelar para expedientes nada ortodoxos.

O romance nos encanta pela forma surpreendente como nos apresenta as diferentes causas para o sofrimento de Paulo Honório. As causas de sua decepção existencial estão numa espécie de escada crescente: primeiro a pobreza, a miséria extrema, depois sua ambição desmedida e por fim seu ciúme doentio.

Estas são apenas algumas considerações gerais sobre esse romance que é um marco da nossa literatura, estando situado na segunda fase do modernismo brasileiro.

Votando a falar da minha trajetória de leitura, não posso deixar de citar um professor marcante no científico, era assim que se chamava o Ensino Médio, antigamente. Estudei no Colégio Augusto Meira e fui aluno de língua portuguesa do Valter Bandeira que me iniciou no gosto pela história da origem das línguas neolatinas, mais especificamente o português. Esse fato com certeza me influenciou a sempre agasalhar o sonho de um dia fazer o Curso de Letras.

Hoje posso dizer que todos os dias eu leio um texto de um livro ou de uma revista. Estou sempre com a mente voltada para as minhas leituras que o curso exige e mesmo essas que poderiam ser chamadas de obrigatórias já são bastante prazerosas.

S6

Disse-lhes então Ilúvatar: - A partir do tema que lhes indiquei, desejo agora que criem juntos, em harmonia, uma Música Magnífica. E, como eu os inspirei com a Chama Imperecível, vocês vão demonstrar seus poderes ornamentando esse tema, cada um com seus próprios pensamentos e recursos, se assim o desejar. Eu porém me sentarei para escutar; e me alegrarei, pois, através de vocês, uma grande beleza terá sido despertada em forma de melodia. (trecho de Silmarillion, JRR Tolkien)

A

o deparar-me com um imenso vazio cultural surgiu subitamente um desejo de preencher a lacuna que se abriu, sem que eu percebesse, em meu peito. E nessa busca, apenas um objeto tem sido minha luz-guia: o livro.

Desde muito cedo tenho contatos com livros, dos mais variados tipos, sempre oriundos de pedidos escolares, já que em casa nunca tive um exemplo cultivador do hábito da leitura, tão poucos estímulos à leitura, sem que, no entanto, faltasse um forte apelo ao aumento de minha dedicação aos estudos que infelizmente era muito pequena, chegando a ponto de, às vezes, ser relapsa e quase inexistente.

Quando estava na escola, assistindo a aulas cheias de conhecimentos que nem sabia bem por que deviam ser apreendidos, reconhecia ao menos sua importância pelas brincadeiras e pelos amigos que pude conquistar nos intervalos, a diversão durante atividades extra classe, o prazer dos jogos nas aulas de educação física etc.

Apesar de hoje em dia avaliar o papel da escola de forma tão distante de seu verdadeiro papel, tudo que eu poderia citar como exemplos de leitura deve-se a ela.

Recordo-me claramente de algumas imagens de um livro muito bem ilustrado chamado “O peixinho dourado” que estava longe de ser um best seller, sem dúvida, mas garantiu bons momentos de uma gostosa distração com uma historinha com alguma lição de moral de fundo que poderia nem estar ali de tão agradável que era o livro.

A leitura não foi o forte da escola, mas sempre esteve presente, seja pelos textos dos livros didáticos, seja pelos livros da Campanha da Fraternidade que nem sei ao certo pra que servia, ou serve. Mas todo ano recebíamos livros falando sobre e até assistíamos a aulas (ou eram missas?) sobre tal campanha.

Com o passar do tempo, com a chegada da adolescência, nasceu em mim a paixão pela música, um desejo de conhecer a nossa música, a MPB, e foi nesse momento que iniciei uma intensa fase de leitura do mundo musical, através dos versos de Caetano Veloso, da Bossa de João Gilberto e uma estranha atração pelas músicas pertencentes à década de sessenta, toda a nostalgia da época, todo o glamour de uma época tão além de minha própria existência me conquistou. Foi apenas uma questão de tempo para começar a conhecer outras manifestações artísticas daquela época e também as posteriores que foram influenciadas por aquelas. Foi exatamente nessa época, muito conturbada sentimentalmente e cheia de mudanças, porém, fértil musicalmente que conheci minha grande paixão: The Beatles.

Musicalmente já me sentia satisfeito, ou pelo menos, contente por ter compreendido meu gosto musical e um enorme e inusitado apetite pela música clássica pouco compreendida, mas, já sendo calmamente degustada por mim.

No entanto, somente depois de um tempo da adolescência encontrei o maior apetite que mudaria a minha vida. O da leitura. Não apenas a decodificação dos signos ou interpretação de textos de “leitura obrigatória”, mas a leitura por puro deleite, aquela que fascina, apaixona e marca pelo simples manusear de um livro, de sentir os cheiros das páginas novas, branquinhas e deliciosas de ler, mas também daquelas já mais antigas, amareladas e com leve aroma de passado.

Descobri, nesse período (mais por questões financeiras do que sentimentais, confesso) que eu tinha um parceiro nessa busca, aliás, um não, vários: Os sebos. Passei a ser assíduo freqüentador e pesquisador, acabei conhecendo neles grandes exemplos de literatos que vivem anônimos e ocultos entre as prateleiras abarrotadas. Eles me ajudaram muito, com sugestões, críticas e indicações. Quanto aos livros antigos, sempre pensava que o odor mofento que emanava deles repugnava muito mais pelo fato de representarem a rejeição de objetos tão fartos em conhecimento do que pelo próprio desconforto que causam às minhas narinas alérgicas. Passei então a reconhecê-los, a querer adotá-los (não são verdadeiros órfãos rejeitados?), passei, portanto, a investir no prazer mais simples, introspectivo, que ainda serve como companhia e fortalece a chama da vida interior que existe em nós, mas, que normalmente vive tão inexpressiva e até mesmo quase nula.

Passei então a compreender mais o que os mestres falavam, deixei de freqüentar aulas como um alienígena e passei a ouvir mais, entender mais e, por conseguinte, a questionar mais. Passei também a ser mais reconhecido, a escrever melhor. As aulas de história do velho professor de história (Vinicius Teles) passaram a ser bem mais do que ouvir histórias velhas de fatos isolados em lugares desconhecidos. Bem como, mais tarde, as aulas de literatura não ficaram apenas restritas a uma lista de características de escolas literárias e leitura de resumos de obras de “leitura obrigatória”. Tudo passou a fazer um sentido que não me explicava tudo, pois, minhas dúvidas permaneceram e em verdade, elas aumentaram, multiplicaram-se de maneira exponencial sempre, mas agora já entendia que o tempo, a leitura e a vida me mostrariam ao menos o caminho que teria que percorrer para chegar às respostas.

Tantas páginas lidas e relidas, muitos capítulos passados. Chego enfim, à minha atualidade, muito satisfeito por estar no curso que amo tendo, já em prática, a elaboração do trabalho de conclusão de curso, pesquisando tudo acerca do tema que escolhi e analisando detalhadamente a obra que escolhi. Também estou dando mais um passo na obra literária de uma das minhas autoras preferidas, Anne Rice. Leio agora “Sangue e ouro”, uma crônica lindíssima de um vampiro da época do império romano vivendo na atualidade.

E justamente essa vida que nasceu em mim por esse período entre tantos livros e uma infinidade de personagens e histórias, a minha busca de realização profissional teve que retornar ao ponto zero, pois já estava formado em uma área extremamente técnica (Análise de sistemas), mas tinha a certeza que ali não estava em casa, e essa certeza

levou-me ao curso de letras, em busca de uma vida na docência, fazendo minha paixão tornar-se, além do alimento pelo qual minha alma ansiava, meu pão.

Sinto que a vida entre a música, livros, histórias e versos do nosso mundo tem me indicado não apenas respostas para anseios humanos, mas também o caminho para encontrar algo que somente poucos encontram: a felicidade, a satisfação pessoal e profissional.

S7

***Food For Thought!!!
What I hear, I forget.
hat I see, I remember.]
hat I do, I understand.
(Confucius)***

N

a minha infância nunca tive muito incentivo para leitura, porque em primeiro lugar eu não me lembro de ter tido livro de historinhas, em segundo lugar porque nunca vi minha mãe ler nada. Ela não é analfabeta, mas ela não gosta de ler. Então, como morei muito tempo só com minha mãe, eu não criei o hábito de ler. As crianças têm como espelho os adultos para criarem alguns hábitos, inclusive o da leitura. Minha filha tem apenas dois anos e já tem coleção de historinhas infantis, e também tem pais que lêem e estudam. Isso é um bom exemplo para ela.

A leitura foi incentivada na minha escola. Quando eu cheguei ao ensino médio, lembro que minha professora de biologia nos passou o livro “Meio Ambiente em Debate”, foi muito legal, porque gostei muito do conteúdo, ele falava sobre: cadeia alimentar, preservação do meio ambiente, entre outros assuntos. Esse livro nos trouxe conscientização sobre esse tema. Já no segundo ano não me lembro de ter lido algum livro, em compensação no terceiro ano li todas as leituras obrigatórias do vestibular.

O que contribuiu para minha aprendizagem de leitura foi a grande quantidade de livros que li no terceiro ano do ensino médio. Foi cansativo, mas comecei a me acostumar a ler livros. Quando comecei a faculdade de letras, as leituras ficaram ainda mais freqüentes, principalmente na disciplina de literatura portuguesa. Todo mês eu lia um livro.

Um livro, com uma história maravilhosa, que marcou muito minha vida foi “Capitães de Areia”. Ele foi passado no primeiro ano da faculdade de letras em 2004, pela professora Ângela do Céu. Ele fala de meninos de rua, que ocupam uma casa abandonada na praia. Conta a história de cada um deles, é uma história muito envolvente! Revela o quanto o ser humano precisa de atenção e carinho. Quem o lê não esquece jamais. Basta ver uma criança largada na rua, para lembrar sobre o que esse livro me fez refletir, como: qual seria a razão que fez com que essa criança morasse na rua? Será que ele conhece o pai? Será que ele tem mãe? E a família dele, onde está?

Meus professores tiveram um papel muito importante no meu processo de aprendizagem, porque eles sempre me orientaram nas tarefas e favoreceram para que minha vida de estudante se tornasse mais proveitosa.

O que dificultou no meu processo de aprendizagem foi a falta de atenção por parte dos meus pais em relação aos estudos. Para minha mãe o que importava era passar de ano, ela nunca participou de uma reunião escolar, nunca perguntou se eu tinha algum dever da escola para fazer, não que ela não tivesse tempo, mas por pura falta de interesse. Eu amo minha mãe, mas ela pecou nessa parte. Comecei a estudar aos seis anos.

Eu acho tarde. Minha filha, por exemplo, só tem dois anos e já está na escola, acho bom porque a criança desenvolve muito mais rápido: a fala, a coordenação motora, a socialização e muitas outras coisas. Além da escola, ela sempre está aprendendo alguma coisa em casa, ela já sabe contar de um até dez, já conhece algumas cores e tem brinquedos educativos. Acredito que a criança deve ser sim estimulada a aprender desde pequena, e brincando ela acaba aprendendo muita coisa sem perceber. .

O professor que marcou minha vida foi um professor de Matemática que me reprovou na sexta série, chorei igual uma condenada. Mas para quem pedir ajuda, se ninguém sabia me ensinar? Só assim, prontamente, minha mãe tratou de procurar um professor de matemática particular, então no ano seguinte minhas notas de matemática só foram dez.

No meu ponto de vista um professor nunca deve ignorar o aluno na hora em que ele quiser tirar uma dúvida, porque o aluno fica constrangido, e às vezes ele fica inibido de fazer a pergunta.

No decorrer da minha vida escolar eu sempre procurei aprender, porque como tenho uma irmã sete anos mais nova que eu, preocupava-me em ajudá-la no momento em que ela apresentasse alguma dificuldade na escola.

A leitura é muito importante para qualquer ser humano, porque, além de fazê-lo enxergar o mundo, com uma visão mais ampla sobre a vida, dá um maior respaldo para discutir determinados assuntos. Você como profissional, só será mais valorizado, se tiver um grande conhecimento, ou melhor, boas leituras.

Hoje sempre leio o material da faculdade, revistas informativas e tenho lido alguns livros, como: Madame Bovary, O Primo Basílio, Senhora e outros.

S8

*O poeta é um fingidor que
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.*

Fernando Pessoa .



leitura é primordial para cada pessoa, pois com ela você terá conhecimentos a cada dia, isso enriquece o nosso intelecto, faz com que saibamos opinar, dizer realmente o que pensamos e defender nossa opinião, isso se deve ao hábito da leitura, tendo também a oportunidade de conhecer o fantástico mundo da literatura; romance, drama, magia, aventura etc., e viajar junto com a imaginação do autor.

A leitura começou a ter importância na minha vida na 5ª série, quando o colégio pedia para os professores de português indicarem livros para didáticos, que pudessem ser cobrados em prova. No primeiro momento a ideia não me agradou, só que fui me acostumando, e sempre tinha que ter algum livro para ler. À medida que fui crescendo meu interesse para ler outras coisas foi aumentando. Existem livros que recomendo, pois adorei como: " O Mundo de Sofia", " O Banquete", " Diário de Anne Frank", entre outros, há também aqueles que não acrescentam em nada como para mim foi " Diário Secreto de Laura Palmer " .

Com relação aos professores, não tive maus momentos, tanto faz literatura ou português sempre foram criativos, levavam poemas, músicas, textos para sala de aula, eram aulas contextualizadas para facilitar o aprendizado e o rendimento do aluno.

Só tive um professor que a turma considerava exigente, e via nesse jeito dele um defeito, mas eu particularmente não tive problemas com ele.

Agora em outras disciplinas já tive professores sem didática alguma, de chamar palavrão em sala de aula, fazer gracinhas com alunas e desrespeitar alunos.

A escola fazia vista grossa para com os mesmos, porque são professores de renome na cidade, e não queriam escândalos envolvendo o nome da escola. Uma atitude que acho absurda, porque a didática dentro e fora de sala aula é importante para haver um respeito mútuo entre ambas as partes.

Por fim a leitura deve ser estimulada desde pequeno, para quando se tornar um adulto seja culto e saiba conversar sobre qualquer que seja o assunto.

S9

"Nada do que foi será de novo do jeito que já foi

um dia, tudo passa, tudo sempre passará...” (Lulu Santos)



urante a minha infância, apenas tive contato com gibis, pois meu pai fazia questão de comprá-los e eram de vários personagens, como a Turma da Mônica, Zé Carioca, Pato Donald, Tio Patinhas, entre outros de que não me recordo no momento. Já minha mãe nunca me comprou nenhum livro ou revista, talvez porque ela nem chegou a completar o ensino fundamental. Eu e meus irmãos aprendemos a ler sob pressão, pois meu pai utilizava o cinto como instrumento educador e eu, como sempre tive medo de apanhar, dedicava-me mais aos meus estudos e assim aprendi a ler.

Durante os fins de semana, principalmente quando meu pai estava de folga, ele costumava nos levar ao cinema, ao museu e à praia, para termos uma leitura diferente, uma leitura de mundo, que estava além das histórias em quadrinhos que costumávamos ler. Apesar de meu pai, naquela época, não ter concluído o segundo grau, ele sempre gostou muito de ler. E ele não gostava quando faltávamos à aula, dizia que só através dos estudos é que seríamos alguém, então, ele pegava em nosso pé.

Eu era muito tímida, mal abria a boca em sala de aula. Certa vez, a professora pediu pra que eu lesse em voz alta um trecho da cartilha, pronto, foi motivo de choro até minha mãe ir me pegar na escola. No dia seguinte, minha professora conversou comigo, explicou-me algumas coisas e me incentivou a ler em público. Nunca vou esquecer dessa professora, chamava-se Joana, eu cursava a 1ª série, na escola “Santa Inês”, pela segunda vez, pois a primeira vez foi traumatizante para mim, já que não sabia ler muito bem e a professora pouco se importava com isso, sei que era grossa e mal humorada, mas seu nome não recordo, talvez pelo fato de me ridicularizar em público, como num dia de prova, quando eu, inocentemente, peguei meu caderno, para lembrar algumas coisas de que não me recordava, e o coloquei em cima da minha coxa; a professora me pegou e disse, em alto e bom som, que eu estava colando, dando-me um zero na hora e me mandando pra secretaria. Desde então, nunca mais repeti nenhuma série.

Lembro de que, na adolescência, tive outra professora de língua portuguesa, que se chamava Telma, ela era muito meiga e alegre, lia contos na sala de aula e nos recomendou um livro de nome “Droga da Obediência”, de Pedro Bandeira, era um livro muito interessante, falava sobre o efeito das drogas no organismo do ser humano, testados em alunos de uma escola em São Paulo, que haviam sido seqüestrados por traficantes, que os faziam de cobaia. Um grupo de alunos dessa mesma escola investigou toda a trama, recheada de suspense e mistério, daí eu recomendá-lo para quem quiser ler, é ótimo, eu garanto! Esse livro mexeu muito comigo, deu-me suporte para o meu desenvolvimento psicológico e me ensinou a escolher o caminho certo, sem drogas.

Uma das coisas que eu jamais faria em sala de aula é expor o meu aluno ao ridículo, limitando seu potencial e o traumatizando. Acima de tudo, devemos ter ética profissional, visto que somos o alicerce para o desenvolvimento da personalidade e dos valores à cidadania desse aluno.

Quando criança, sempre brincava de ser professora, lecionava matemática e química em casa, por isso meu pai disse que eu tinha cara de professora e devia esquecer esse negócio de querer ser engenheira. Eu devia mesmo seguir a licenciatura. No dia da inscrição ao vestibular da FIBRA, foi meu pai que me inscreveu no curso de letras, apesar de saber que eu adorava cálculo, e disse que a prova seria no dia seguinte. Não gostei muito da idéia, mas fui fazer a prova. Conclusão passei e estou adorando o curso, principalmente a literatura, ela realmente me encanta. Através da leitura de livros podemos viajar para lugares nunca dantes freqüentados, isso é que é sonhar com os pés no chão.

Através do incentivo da leitura, o educador poderá formar bons profissionais e cidadãos, ele despertará no aluno sua capacidade criadora, deixando fluir seu próprio imaginário. A leitura possibilita uma melhor compreensão do mundo e de suas circunstâncias, fazendo crescer o nível de consciência de cada um. Cabe ao educador conscientizar o aluno quanto à formação de seu papel como leitor.

Devido ao fato de minha mãe estar em tratamento de quimioterapia, dediquei-me a ler livros de minha religião, o catolicismo. Li o livro “Padre Pio”, que conta sua autobiografia, outro do Mark W. Baker, “Jesus, o maior psicólogo que já existiu” e o “Quando só Deus é a

resposta”, de Márcio Mendes, e outro de auto-ajuda “O Sucesso é ser feliz” de Roberto Shinyashiki; eu os li, para conseguir forças pelos momentos difíceis que ainda passo. Já no final de minhas férias, li um livro que me fez chorar muito, “O caçador de pipas” de Khaled Housseini, é uma história linda e muito triste.

Nele, o autor conta a história de dois meninos paquistaneses que crescem juntos na mesma casa até que, por causa do domínio talibã, eles se separam, um é filho do patrão, um homem poderoso; o outro filho do empregado. A amizade deles é recheada de culpa, submissão, devoção e sacrifícios. O final é surpreendente, quem não o ler esta perdendo um excelente livro.

Gosto muito de ler, pena que não tenho muito tempo para isso, pois meu trabalho exige muito de mim, só tenho folga dois domingos ao mês, e quando a tenho, dedico meu tempo a minha filha, ensinando-a em suas lições da escola; e a minha mãe que é tudo que mais amo nessa vida. Como futura professora, pretendo mudar esse quadro de analfabetismo que ainda está arraigado em nosso país, contribuindo de maneira significativa no processo de ensino-aprendizado dos nossos educandos.

S10

Tem que acabar com essa história de transformar a leitura em dever. Aprender a ler é um momento mágico da vida da gente[...].Ziraldo



Desde sempre que recorro às lembranças de meu alfabetizado, lembro de minha mãe, sentada no chão da sala de minha casa, lendo para mim e meus irmãos histórias de animais que falavam; bruxas que voavam; seres que ao tomar alguma poção se transformavam, enfim, fatos mirabolantes aconteciam. Seguíam-se assim todas as noites. Ficávamos afoitos ao escutar a história e passar poucas horas de nosso tempo ao lado de nossa mãe, já que seu trabalho ocupava todo o seu dia.

Chega finalmente o período escolar. Aprendi nos “bê-á-bás” e nas “famílias” juntar algumas sílabas como veículo de incentivo à leitura, mas tenho consciência de que isso não me tornou leitora de fato e por mais que tente descobrir quando aprendi a ler, esse registro é apagado de minha memória. No entanto, ao perguntar a minha mãe sobre o assunto, foi direta e precisa: você aprendeu a ler com cinco anos. Nossa, fiquei muito orgulhosa.

Desde então, comecei a devorar livretos, revistas em quadrinhos, murais e ao invés de escutar as histórias, fazia melhor, passei a contá-las. Nesse período de empolgação, ganhei meu primeiro livro “O Pequeno Príncipe”, lia e relia sem dar grande ênfase à mensagem tão bonita que esse livro retrata: um garoto, que ao conhecer novas terras e novos amigos, pregava a humanização, o valor da amizade e principalmente a responsabilidade por aquilo que cativamos. Mas só entendi isso algum tempo depois...

Minhas referências iniciais de fantasia, magia e sentimentalismo se tornaram efetivas ao passar para a primeira série, quando conheci a professora Janoca. Ela era muito bonita, mas muito rígida, com ela ou aprendíamos a ler ou sofriamos ameaças com a famosa e temida palmatória (ainda vivi essa época). Ela me fazia andar na linha, até porque era amiga de minha mãe e qualquer descuido de minha parte, era uma chamada de atenção dobrada. Apesar de toda a autoridade para com a turma, era uma professora adorada e atenciosa.

E como a vida dá muitas voltas, esse mundo das letras e palavras foi escolhido por mim, como forma de profissão. É, pretendo ser professora, ou melhor, educadora. Talvez porque cresci vendo minha mãe lecionando, ensinando a arte dos números a diversas pessoas e fazendo isso com tanta dedicação, que já nem reclamava das noites que ficava até tarde corrigindo provas ou preenchendo diários de classe. Com isso, o ato de ensinar sempre esteve presente em minha vida.

Muitas outras histórias fizeram parte de minha infância, cheguei a viver diversos personagens ao ler Monteiro Lobato e me identificar com a singela Pollyana, fazendo

sempre o jogo do contente. Hoje, ainda retomo a esse método, posicionando-me como personagem principal ao ler determinada leitura. É o caso de Madame Bovary, por dias me imaginei como Emma, aquela burguesinha inconformada e sonhadora.

Incentivar a leitura é algo primordial. Alunos que têm pais leitores são mais fáceis de pegar o gosto pela leitura do que aqueles que não vivenciam essa prática e as escolas, que muitas vezes, são iniciadoras deste tão plausível passo, não deveriam só ensinar o aluno a ler e sim, ensinar o aluno a gostar de ler, envolvendo-se com o que está sendo lido. Procuo fazer isso com o meu filho, mostro que apesar das telas iluminadas do windows, com toda a sua agilidade e codificação, os livros são fontes de inspiração, de ampliação da imaginação, de sonhos.

Leio comumente, gosto de livros de ficção e terror inteligente, ainda sim, não me considero uma boa leitora, estou em processo, ora lento, mais gradual. Recentemente, emprestei de um professor amigo meu o livro: Amando, Vivendo e Aprendendo. Nossa, que livro bom! Todo professor deveria ler. O livro ensina a olhar os alunos como seres humanos, capazes de doar conhecimento. A meu ver um best-seller para todo e qualquer profissional da área.

Portanto, essa é a minha história, não comecei com a lendária frase “Era uma vez”, mas registrei aqui, como aprendi a dar valor nas informações e transformações que só os livros proporcionam em nossas vidas e que mesmo tomada de livros esclarecedores, figurativos, informativos e supostamente “cabeças”, ainda tenho saudosas lembranças de meus livrinhos de criança, finos, rabiscados e multicoloridos.

S11

*Para além da orelha existe um som,
à extremidade do olhar um aspecto,
às pontas dos dedos um objeto,
na ponta da palavra está a palavra –
é para lá que eu vou.
E à beira do amor estamos nós.
Clarice Lispector*



través de uma retrospectiva de minha leitura, vejo que, apenas pelo interesse do novo, é que me senti incentivado a ler. Sempre também com as horas de imploração de meus pais para que eu sentasse e estudasse. Isso tudo a partir da 5ª série, porque, antes disso, era um aluno exemplar em tudo.

Na escola passei pelos processos de leitura como o programado pelas instituições educacionais. Mas não gostava muito de ler. Eram livros que não me despertavam interesse algum. Assim, não tive uma atividade de leitura extraordinária, mas lia dentro de meus limites.

Foi na adolescência que tive um interesse maior pela leitura. A filosofia me despertou curiosidade em poder entender mais o processo do pensamento humano e de qualquer outro assunto. Livros como “As escrituras de Nitiren Daishonin”, “Bhagavad Gita”, “O dia do curinga” e o grande sucesso “O mundo de Sofia”, me enchia de vida, sentia prazer em ficar acordado pelas madrugadas lendo-os, ao contrário dos livros literários que era obrigado a ler e demorava muito para lê-los. Às vezes nem lia.

O papel do professor é de suma importância para o desenvolvimento da prática da leitura. Mas seus incentivos não me despertavam interesse, era sempre marcado o livro do mês / semestre e pronto. Leiam! Não havia questionamentos da parte dos professores para com os alunos. Como tínhamos que seguir as normas curriculares, éramos obrigados a ler. Mal falavam a respeito de outros assuntos na sala, tornando as aulas densas e cansativas. Além das dificuldades que eu tinha em ler os livros obrigatórios, o interesse por outros assuntos não me fazia ser um leitor literário ativo, mas um ser interessado em crescer espiritualmente.

Apenas algumas disciplinas me interessaram, tais como: Inglês (Profª. Gracinha, uma professora culta, paciente e amiga), História (Prof. Wilmar, nunca gostei de História,

mas esse professor era amigo e engraçado, era ótima a aula dele, pelas suas descontrações em sala de aula), e Matemática (Prof. Joaquim, esse é meu pai. Um professor brincalhão, explicava tudo nos mínimos detalhes, repetia tudo várias vezes até que todos soubessem o conteúdo, sempre foi um professor amigo e bem paciente), mas Literatura (Profª. Rosa Lídia, uma professora fechada, carrasca e uma aparência mal humorada), eu não conseguia despertar um interesse pela disciplina, talvez pela pessoa que era e pela maneira não diversificada de ministrar suas aulas. Não sei ao certo!

Existem coisas que jamais faríamos em sala de aula. Eu, jamais quis chamar atenção de alguém, sempre fui um aluno quieto, às vezes perguntava algo ao professor, mas às vezes ficava com as dúvidas, talvez pela pessoa tímida que eu era. Depois procurava saber estudando só ou perguntando aos colegas. Na verdade, sempre ouvi mais do que falei. Hoje em dia estou bem melhor, bem mais extrovertido, pergunto e falo mais.

A literatura é a mais próxima da vida e a mais sintética, pois reúne a arquitetura, quando no processo de composição do romance; a música, na estrutura melódica da frase; a pintura, no traçar o caráter dos personagens; a filosofia, ao definir seu ideal de vida. Daí sua importância para a cultura.

A paixão pelas aulas da professora Gracinha, pela fonologia da Língua Inglesa e pela profissão que meu pai exerce até hoje ambos me influenciaram a exercer a profissão de professor.

Hoje em dia gostaria de ler mais, muito mais. De alguns anos para cá, há épocas em que leio até dois livros de uma vez, porque sinto necessidade de leitura e também pela curiosidade que alguns livros me proporcionam, mas há épocas que não leio nenhum, ficando apenas com as leituras básicas, leituras de estudos profissionais ou de interesse próprio. Mas estou procurando melhorar cada vez mais e assim me tornando um leitor literário mais ativo, contribuindo para meu crescimento e para o crescimento das pessoas com as quais convivo.

S12

***Quem se rende à tentação do ninho, jamais aprende a voar; quem não se aventura pelos mares, verá o casco de seu barco apodrecer em pleno cais; quem não ousar na vida profissional, ficará superado porque não foi capaz de dialogar com as mudanças que o tempo ofereceu. A ousadia de ser mestre, mediador, professor está em suas mãos. A fase adulta que já chegou e foi assumida por você, é o passo mais decisivo para se conviver com a responsabilidade da vida e a liberdade, conferidas pela sua competência e pelo seu status. Tenha orgulho de sua profissão. Encha o peito e diga o que é, o que sabe, o que estudou, o que é capaz de fazer. Sua vida é um quadro lindo demais para não ter moldura; sua sabedoria, uma escultura de uma arte única que pertence só a você. A sociedade precisa conhecer a sua imagem dentro da moldura que você escolheu. Professor, professora, não tenham VERGONHA DE SER!.
Werneck***

N

a minha infância, eu não tive nenhum incentivo quanto à leitura. Lembro-me muito bem das minhas aulas “chatas”, a professora dizia que tínhamos que fazer a leitura em voz alta e ficar lá na frente, não havia opção de escolhermos o texto, (mais isso acontece bastante nos dias de hoje) e, na maioria das vezes, eram textos nada agradáveis, porém, éramos obrigados a fazer a leitura, e o pior é que se lêssemos erradamente, ficávamos lendo o mesmo texto várias vezes. Desta maneira, não foi possível passar a gostar de ler.

Esses registros em minha mente ficaram marcados de forma negativa no que diz respeito à motivação para ler. Porém, devido à escolha de meu curso “Letras Licenciatura”, procurei ler para me adaptar a este tipo de atividade educativa.

Existe, na atualidade, uma metodologia ditatorial pelo “professor”, impondo-nos textos sem que haja uma prévia consulta entre nós alunos, para que apliquemos no nosso

cotidiano. De maneira geral, os professores da atualidade continuam com métodos arcaicos, quando deveriam agir não como “professor”, porque está palavra é muito forte, de imediato fica uma barreira, quer queira ou não, o professor é autoritário e o aluno tem medo do professor, seria mais agradável ser facilitador do ensino-aprendizagem, fazer com que o aluno se sinta à vontade e tenha prazer de assistir às suas aulas, conseqüentemente haveria motivação na busca do saber e aumentaria o desempenho do educando.

A maioria de meus professores no início da minha vida na universidade, bem como na atualidade, tiveram para mim, um papel negativo quanto à aplicação de uma metodologia adequada, motivadora, facilitadora, democrática no sentido de ser atingindo o objetivo maior, na qual seja o ensino-aprendizagem. Tais educadores, talvez pelo cumprimento curricular, perderam “o como de usar suas metodologias de ensino” e não tem nenhum preparo pedagógico para ministrar sua disciplina. Por está razão, deveria haver uma *reciclagem metodológica para que os futuros profissionais aprendam técnicas facilitadoras de ensino. Na minha concepção, não é preciso necessariamente, um livro para me dizer a maneira que eu deva levar o meu conhecimento para sala de aula, acredito que é somente na prática é que eu realmente irei aprender, é lógico que eu deva ter conhecimento de alguns autores, mais lidar com ser humano, é muito complicado, e cada caso é um caso.

Por isso, como futura facilitadora do ensino-aprendizagem, aplicarei ensinamentos de alguns professores do passado e do presente, que de qualquer modo, contribuíram com minha linha de pensamento, tanto na aplicabilidade de métodos modernos de ensino, bem como métodos motivadores de forma democrática, quanto fazendo uso de material educativo que tenha aplicabilidade no cotidiano de meus educandos.

De maneira nenhuma e em momento algum, usaria a metodologia de ensino que alguns professores usam na atualidade: como a forma desatenciosa e desrespeitosa com os educandos; não procurando me irritar para tratá-los mal, quando os mesmos apresentarem alguma dúvida; não usarei de ameaças no que diz respeito à avaliação quantitativa, o que motivaria o abandono da escola.

Como explicito no supracitado texto, os fatos negativos quanto aos procedimentos de determinados professores, ficaram marcados em minha vida educativa. E, o que mais marcou foram as ameaças quanto à avaliação, pois acredito em outras maneiras de avaliar o conhecimento do aluno, como por exemplo: atividade em sala de aula, trabalhos entregues no prazo, a apresentação individual, enfim são diversas a maneira de como se deve proceder, porém, o professor continua com o método tradicional, dá bastante apostila e cobra no dia da prova, ou seja, o aluno decora o suficiente para alcançar a média e, finge que aprendeu e o professor acredita porque, fez a sua parte, deu o material.

Embora saibamos que a leitura é de importância fundamental para o nosso aprendizado, acredito que o incentivo para a leitura deve começar de casa, pois, é muito difícil iniciar na escola, porque em pleno século XXI, o professor continua escolhendo o que devemos ler em sala e não procura variar, deixar que o aluno tenha oportunidade de escolher algo que lhe agrade e que contribua para o ensino. Na busca do meu conhecimento, intensifico sempre o uso da leitura como colaboração ao meu aprendizado. Como faço dois cursos opostos, Letras Licenciatura (FIBRA) e, Ciência Contábil (UNAMA), faço diversos tipos de leitura: Direito Civil e Constitucional (Direito); Contabilidade Básica (Iniciação de Ciências Contábil) e, *Maratona* de José Américo de Lima (Literatura Brasileira); *Matrimônio do Céu e do Inferno* de William Blake e, a minha leitura de cabeceira que é a minha Bíblia, pois só acredito em Deus e agradeço a Ele por tudo que me dá.

S13

Ainda que eu falasse a língua dos dos homens e falasse a língua dos anjos, sem amor eu nada seria. (Renato Russo).



título da música é “Monte Castelo” e o trecho acima retrata o sentimento e o desejo de Neucirene Castro. Desde que a ouviu pela primeira vez se emocionou, refletiu e, a partir daí, passou a defender que nada nesse mundo se constrói

sem amor.

Neucirene Silva Castro nasceu em Belém do Pará em 17.07.68, sendo a última filha dos sete (cinco homens e duas mulheres) de Rafael Castro e Dulcirene Castro, pertenceu a uma família de classe média, embora não fosse rica, morou pelo menos duas décadas no bairro de Batista Campos.

Seu pai (falecido em 1992), militar da Aeronáutica era um estudioso em história da humanidade e se empenhou para proporcionar aos filhos uma educação dentro dos melhores padrões do seu tempo. Aos sete anos Neucirene foi matriculada numa escola pública de jardim de infância localizada no bairro onde nasceu. Aos quatorze anos foi estudar no colégio público estadual “Paes de Carvalho” e tinha como objetivo se preparar para entrar na faculdade.

A infância e a juventude estudantil da jovem foram marcadas por uma educação conservadora em que já se manifestava sinais de extrema modificação com a chegada dos anos oitenta.

Sua vida estudantil pode ser resumida em uma palavra: transição; mudanças no sistema de ensino e de valores em uma velocidade muito acelerada. A sua vida corresponde ao tempo em que o sistema de ensino público gerava muitas dúvidas sobre a definição de uma profissão futura, tanto é que, ao chegar à última série do segundo grau, Neucirene ainda não estava certa da sua escolha para seguir carreira.

Dentre as várias dificuldades encontradas durante seu período estudantil a falta de incentivo para a leitura foi um dos maiores problemas enfrentados, uma vez que somente na fase adulta passou a se dedicar mais à leitura.

Quando entrou para a universidade passou a ter contato com outro método de ensino, isto associado a uma disponibilidade maior de tempo resultou num interesse mais significativo pela leitura, contudo, suas leituras acabaram se direcionando para obras de exigência do ensino acadêmico.

De uma forma geral, seus professores tiveram papel fundamental na condução do seu processo de aprendizagem, em todo o período estudantil, não tendo sido observado, por ela, nenhum fator negativo relevante que pudesse ser registrado. Dentro de uma filosofia humanista, herdada dos pais, optou pela carreira de professor por não admitir que ainda existam analfabetos em seu país.

Nos tempos atuais muitas leituras a fascinaram, porém, no momento do fechamento deste trabalho biográfico limitou-se a destacar uma obra que já foi lida por milhões de pessoas no mundo “O Código da Vinci” de Dan Brown, por entender que se trata de um romance que nos leva por toda uma noite e um dia a pontos turísticos de Paris e de Londres para tentar nos ensinar que a igreja cristã (especialmente a católica) tem reprimido o conhecimento acerca do casamento de Jesus com Maria Madalena e que isso, caso fosse descoberto, destruiria o cristianismo. O livro destaca obras de arte, arquitetura, documentos e rituais secretos que nesse romance acabaram se tornando um grande atrativo para o leitor

S14

A alegria é uma borboleta voando sobre a face da terra, mas a tristeza é um pássaro de grandes asas negras que nos erguem muito acima da Vida. Lá embaixo, a luz do sol, a vida flui, voa bem auto, lá onde velam os anjos da dor sobre o covil da morte. Edith Södergran(1892- 1923) 16 anos. Do seu diário



omeçarei esta autobiografia a partir de minha infância e dos grandes incentivadores para minha formação como leitor: meus pais. Se não fossem eles, eu não teria hoje a consciência de que ler é importante para a vida, não só para a escola, mas para realmente adquirir conhecimento bem amplo sobre o mundo. Meus pais sempre compravam livros infantis e incentivavam a ida a livrarias com eventos direcionados às

crianças e sempre os via lendo algum livro, portanto, sou muito grato por essa oportunidade que me foi dada. Além disso, apesar de ter sempre a idéia de que a leitura é primordial, na escola não obtive estímulo para gostar de ler, pois a leitura era obrigatória e hoje sei que essa obrigatoriedade não funciona para que uma criança passe a ter gosto pela leitura.

Através da leitura, com os conhecimentos adquiridos, o mundo passou a ser mais claro ao meu redor, “viajei” para lugares que não conheço e que provavelmente nunca conhecerei. No decorrer da minha vida, graças aos meus pais, tive acesso a uma gama bem ampla de livros: histórias de mistérios, terror, drama etc. e também conheci grandes gênios da literatura brasileira e estrangeira, com os quais obtive ótimas experiências e posso afirmar que não tive experiências negativas. Como exemplo, posso citar dois livros que marcaram a minha infância e adolescência, respectivamente: o primeiro foi um livro espírita chamado “O Bom Samaritano”, e o outro que não lembro o autor foi “A Droga da Obediência”.

Quanto ao processo de aprendizagem, acho, hoje, que os métodos utilizados não foram suficientes para ensinar e dar motivação à leitura, além da obrigação de estudar, além da falta de preparo de alguns professores ao tentarem direcionar o nosso próprio ponto de vista e tranqüilidade de pensar e entender que estudar era bom pra nós mesmos. Os professores que tive, acredito, sempre tentaram fazer o melhor para que o conteúdo fosse bem aproveitado por todos, e assim não posso me queixar tanto dos professores, até mesmo quando estudei em escola pública, pois vi de perto o ensino dos colégios públicos em que há a falta de interesse de alguns professores, mas sei também que existem profissionais bastante competentes e dedicados, entretanto, a falta de estrutura escolar e de bons salários acabam deixando os professores desmotivados para ensinar.

Com o entendimento que tenho hoje posso verificar que as minhas maiores dificuldades estão no fato de superar meus próprios limites, pois dentro de casa sempre recebi o maior incentivo. Então posso dizer que as dificuldades foram criadas por mim. Reconheço que grandes professores passaram pela minha vida, alguns não tiveram grande influência ou até mesmo não contribuíram para a minha formação, mas posso citar um professor que tive no início do 2º Grau, um professor de Biologia, ele dava suas aulas de uma forma bem divertida que não tive como não aprender sua disciplina, suas aulas eram dinâmicas e ao mesmo tempo ele pegava no nosso pé para que estudássemos. Então, posso dizer que foi um grande professor, que me ensinou não só sua matéria, mas também sobre a vida que nós íamos enfrentar fora da escola.

Como professor eu tentaria ser bem profissional, não daria margem para que meu trabalho fosse colocado em discussão, tentaria transparecer para os alunos bem estar e um modelo a ser seguido, pois o professor tem que ter consciência de que ele está ali para passar não só o conteúdo de sua matéria, mas também as vicissitudes da vida e como é difícil a mesma sem estudo. E o que eu posso dizer que me estimulou pela escolha da profissão foi a forte influência que tenho em casa, minha mãe, minha tia são professoras e meu pai é escritor, sendo assim sempre vivi cercado de coisas da escola, livros, histórias, o que acontece nos seus bastidores. Mas, todas essas influências e inclinação para o Magistério, ainda não me fazem sentir seguro para lecionar, contudo, sei que posso vencer mais esse obstáculo.

O mais importante dentro da vida acadêmica ou da vida do magistério é a leitura, pois é dessa forma que o professor fica a um passo do aluno, ou seja, lendo, se aprimorando em métodos, táticas, para que assim sua aula seja de qualidade. Quando o professor não tem o hábito de ler ele não consegue transmitir coisas novas e nem pode comentar experiência de leitura de outros livros, trazendo assim alienação. Por isso, é a leitura que alimenta o professor, sem ela fica seco e sem vida para transmitir aos seus alunos.

Hoje, as minhas leituras são mais dinâmicas, procuro selecionar e verificar se o que estou lendo contribui para minha vida pessoal como também para minha vida acadêmica; procuro sempre comentar experiências de livros com outras pessoas, analisar o que elas estão lendo e procurar ler também.

Um livro que gostei muito de ler ultimamente e que foi bastante comentado durante certo tempo foi “O Código Da Vinci”, este livro traz uma história cheia de mistério e fatos sobre uma questão que é muito polêmica, os ensinamentos que Jesus deixou pra nós. E, deixando de lado um pouco a ficção, em minha opinião, o livro tem muitos pontos verdadeiros com relação à vida de Jesus na Terra.

S15

Era uma vez, um lugarzinho bem no meio do nada, com sabor de chocolate e cheiro de terra molhada[...] Toquinho



que contribuiu muito para que eu gostasse de ler, foi o fato de minha mãe ser professora do fundamental e alfabetizadora, e ela sempre contava histórias fantásticas pra mim do imaginário amazônico, como por exemplo, sobre mãe d'água, cobra grande, boto e etc... e também muitas fábulas, contos de fadas e histórias bíblicas. Ela também sempre comprou livros pra mim, livros de colorir, com desenhos, muitas histórias e até uma bíblia ilustrada, muito bonita que eu guardei por muito tempo até minha irmã caçula pegar e rasgar, isso tudo contribuiu pra que eu aprendesse a ler rápido e pegasse um gosto pela leitura. Depois dessa época eu pegava tudo que eu via pra ler, desde livros e revistas até as tiras de quadrinhos do jornal, mas eu adquiri um gosto especial pelos gibis (HQ).

No começo eu lia a turma da Mônica, Disney, Luluzinha, Recruta zero, Tarzan e o Fantasma, daí eu comecei a ler os gibis da Marvel e da DC e conheci super-heróis, como o homem aranha (meu preferido), Batman, Superman, Conan, os X-man (outra paixão) e muitos outros, mas essas leituras não eram recomendadas na escola, lá eles pediam dois ou três livros por ano de leituras complementares, alguns eram ótimos tinham histórias interessantes de aventura ou romance, mas outros eram muito específicos, técnicos e chatos com títulos como “poluição” ou “aborto” que eram às vezes discutidos na sala, quando não, era pedido um resumo, alguns eu lia com prazer, mas outros eu pedia uma explicação rápida de algum colega que já tinha lido ou lia o resumo do livro na contra capa pra poder fazer os trabalhos, mas os outros eu lia com todo o prazer, pois eram leituras mais emocionantes, como “Um girassol na janela”, “O estudante”, “A droga da obediência” e “Godó – o bobo alegre”. Isso aconteceu até os meus quinze anos, e eu estava na oitava série, tempo que eu estudei no “Colégio Santa Rosa”.

Eu sempre gostei de ler, mas passei por uma época negra depois disso, pois comecei a estudar no Paes de Carvalho e parei muito tempo de ler qualquer livro que fosse só lia os gibis mesmo, que eu fazia de tudo pra comprar todos os meses e acompanhar as “sagas de meus heróis” favoritos, até que um dia eu peguei na casa de uma prima um livro chamado “O exorcista” de William Peter Blatty, esse livro me consumiu por semanas, era um livro aterrador, mas muito bom, porque a partir daquela leitura eu vi que não precisava de figuras pra ficar impressionado com uma leitura, o livro não tinha nenhuma figura eram só palavras mesmo, e eu adorei cada uma, e esse livro com certeza marcou minha vida profundamente pois foi o primeiro best-seller que eu li, e eu tinha uns 17 anos nessa época. Depois disso eu li muito outros como “Tubarão” e também li livros da literatura brasileira como “Tereza Batista cansada de guerra” e “Dona flor e seus dois maridos” de Jorge Amado, “Os noturnos” de Flavia Muniz e outros. Depois dessa época eu voltei a ler os livros e deixei os gibis um pouco em segundo plano, mas não os deixei de lado não, pois até hoje ainda os leio.

A pessoa que sempre marcou minha vida como educador foi minha mãe, pois eu via como ela amava ensinar, então foi esse amor que marcou outro momento de minha vida porque comecei a trabalhar com crianças, na catequese (com uns 18 anos) como professor de religião na minha igreja. A partir desse momento, eu vi como era importante pra eu ensinar, pois a educação era uma coisa que nós não podemos guardar só pra nós, devemos é dividi-la com outros e procurar fazer com que muitos gostem de descobrir coisas interessantes e que nós também possamos aprender, e foi isso que eu descobri com a minha mãe.

Depois da catequese, veio o inglês que, depois de formado em um curso livre, eu comecei a dar aulas e exercitar mais esse meu lado. Mesmo assim, ainda fiz meu primeiro vestibular pra turismo e me formei bem, mas não trabalhei na minha área por muito tempo e voltei a dar aulas de inglês e de catequese, e logo depois, de capoeira em uma instituição de ajuda a menores em situação de risco (República do Emaús), até que eu tomei consciência que minha vida estava ligada a educação, e resolvi fazer uma

licenciatura em letras, mas não tenho a mínima intenção de ser professor de português, mas sim de literatura e de língua inglesa.

Hoje, minhas leituras estão ligadas ao meu curso de literatura na faculdade: literaturas portuguesas, brasileiras, inglesas e americanas. São livros como: “Amor de perdição”, do Camilo Castelo Branco, “Os Maias” e “O Primo Basílio”, de Eça de Queiros. Mas, não deixo de ler livros como “O senhor dos anéis” de Tolkien, “Crônicas de Narnia” de Lewis e um que eu adoro, juntamente com minha mãe, que é o bruxinho “Harry Potter” que eram minha paixão e de minha mãe, que disputava comigo quem iria ler primeiro o livro, e nós nos deliciávamos com as aventuras de Frodo e seus amigos na terra média, enfrentando magos malvados e os terríveis Orcs; com as aventuras dos irmãos Pevensie, no armário de um castelo, e também de Harry e seus amigos na escola de magias e bruxarias de Hogwarts. Adoro ler esses livros, porque o imaginário da literatura inglesa explora mundos cheios de aventura, mistérios e seres fantásticos como fadas, dragões e animais que falam e que são totalmente estranhos ao nosso imaginário amazônico. Na realidade eu gosto mesmo é de ler tudo que vejo à minha frente e que me prenda a atenção de alguma forma, e, ler é um exercício para a imaginação.

S16

Suponho que me entender não é uma questão de inteligência e sim de sentir, de entrar em contato... Ou toca, ou não toca. (Clarice Lispector)



Desde a minha infância até hoje, sempre fui incentivada a ler pela minha mãe. Meu gosto pela leitura foi despertado graças aos livros de contos de fadas e gibis que ela me trazia toda semana quando chegava do trabalho desde os meus sete anos de idade.

Todos os livros que eu ganhava, eu leva para a minha escola e os lia junto aos meus amigos, eu adorava montar peças com as histórias dos livros. Todas as escolas onde estudei sempre incentivaram bastante os alunos ao hábito da leitura, minha mãe sempre procurou me incluir em instituições as quais priorizavam a leitura.

Particularmente sempre tive paixão por histórias infantis como conto de fadas e gibis, tanto é que existe um livro em especial, que marcou a minha vida, o nome é Alice no país das maravilhas, eu li este livro quando tinha oito anos, ele foi repassado a mim pela minha mãe, ela ganhou este livro na sua infância e desde então o guardou. Este livro me marcou, pois para mim ele define em exato o mundo do imaginário infantil, as fantasias, as vontades, e por isso me identifiquei muito com ele, pois sempre gostei de criar situações, viajar na imaginação.

Durante todo o meu estudo tive muita sorte, pois por mim sempre passaram professores maravilhosos que sempre me deram força a seguir em frente com os meus objetivos, professores os quais sempre me ajudaram na minha maior dificuldade de aprendizagem que é a minha falta de memória. Este fato é o que mais me atrapalha na minha vida, pois pelo motivo de eu adorar muito ler, não consigo manter mais este costume como antes, pois me esqueço dos nomes dos autores e às vezes até mesmo do próprio enredo do livro. Mais estou batalhando para reverter este quadro.

Quando fiz a sétima série tive uma professora que se chama Márcia, ela me ajudou durante todo o ano a treinar a minha mente a gravar as histórias, os autores, ela foi muito especial para mim pena que cresci!

Todo o meu interesse pela leitura resultou em um momento muito feliz da minha vida: a escolha do meu curso de graduação. Resolvi fazer o curso de Letras Licenciatura, pois desde criança gostava de brincar de professora com meus primos e amigos, principalmente professora de inglês, comecei a estudar inglês quando eu tinha 9 anos hoje em dia sou formada em língua inglesa e até mesmo já fiz curso de especialização para professora, isto tudo me despertou para o meu curso.

Em verdade a minha infância foi o que mais contribuiu para a minha vida de educadora, a minha paixão pelas línguas inglesa e a nossa língua portuguesa é o que me

faz gostar cada vez mais do que faço, por isso tenho um jeito diferente de educar, em sala de aula sempre procuro inovar, acho que o professor além de educador deve ser amigo dos alunos, interagindo com eles montando atividades criativas e inovadoras chamando a atenção dos alunos para a prática da leitura pois através dela somos capazes de viajar para qualquer lugar, a qualquer hora através da imaginação, para mim é assim que deve ser uma verdadeira aula.

S17

A linguagem é o instrumento graças ao qual o homem modela seu pensamento, seus sentimentos, suas emoções, seus esforços, sua vontade e seus atos, o instrumento graças ao qual ele influencia e é influenciado (...). Mas é também o recurso último e indispensável do homem, seu refúgio nas horas solitárias em que o espírito luta com a existência, e quando o conflito se resolve no monólogo do poeta e na meditação do pensador. (...). A linguagem não é um simples acompanhante, mas sim um fio profundamente tecido na trama do pensamento: para o indivíduo, ela é o tesouro da memória e a consciência vigilante transmitida de pai para filho. Hjelmslev, 1975



urante algum tempo, procurei entender como e por qual olhar, depois de adultos percebemos nossa infância como algo extraordinário. Se bem lembrarmos, nossas queixas para mãe incluíam sempre o chavão, “ninguém me entende”.

Aquele momento da minha infância também foi cheio de dúvidas, como para todas as crianças que sempre não entendiam o universo dos pais. Mas eu não buscava respostas de meus pais para dúvidas que eu já sabia que não iriam responder, afinal meu pai era professor, e como todos os professores da minha escola, sempre respondiam minhas perguntas com outras perguntas, imaginei que meu pai não faria diferente. Bom, ele não me decepcionou, o tempo passou e ele começou a responder minhas perguntas com conceitos filosóficos.

Meus primeiros passos na leitura começaram por onde muitos não imaginariam começar, e dos meus conflitos internos nasceu uma grande paixão pela leitura. A filosofia foi minha primeira professora legal, meus colegas, Sócrates e Platão. E aos 12 anos despertei para as leituras eclesiásticas, a maior de todas as minhas paixões.

Minha vida na escola era o que se pode dizer de moleza, exceto por matemática, em que eu sempre fracassava. Mas quanto à leitura, os professores também não eram fantásticos, eram lentos, enjoados, cansativos e desinteressantes, e os livros que escolhiam eram iguais a eles. Eu preferia o meu universo, que muitas vezes me distanciava da cruel realidade, das aulas particulares de matemática, que a mamãe insistia em me fazer freqüentar. Na minha época e no lugar onde morei, a educação era feita como nos primórdios, e os professores ainda traziam os rudes traços da ditadura militar, e a que posso dizer a meus antigos professores do primário é obrigada por me ensinarem a não querer ser como eles.

Mas nem todos os professores que passaram por minha vida na escola foram ruins, tive até bons professores, como o de geografia da 7ª série, eu só tirava dez, ele ensinava muito bem. Mas minha pior experiência foi com a matemática, de novo, a professora Maria Helena era o “diabo”, nunca vi ninguém com tanto ódio de dar aulas para crianças, imagino que nunca trataria minhas crianças daquele jeito, aquela professora não se amava e não conseguia amar o seu trabalho.

Hoje sei que sendo uma professora posso mudar a história aterrorizante da leitura, da escola, sei também que devo estar com meus pés no chão, por causa do sistema educacional do país, e dos salários de miséria que são pagos aos professores, mas eu não ligo, quero ensinar a alguém a grande e eloqüente arte da leitura, a arte de construir um mundo todo feito de palavras, um mundo que cabe dentro da mochila de uma criança.

De todos os livros, com que aprendi a conviver desde minha infância, foi na escola,

na sexta série é que meus olhos foram abertos para a literatura fantástica e maravilhosa. Um dia me deparei com um livro de capa vermelha e muito surrada, tinha a figura de uma mulher que cavalgava um cavalo branco envolto em densas brumas, seu título era “As Brumas de Avalon”. Ele falava da história do reinado do Rei Arthur e de como seu reino foi influenciado por Merlim, um dos maiores ícones da Bruxaria, também por Morgana, bruxa que constantemente tramava contra o reinado de Arthur, ou seja, um livro muito envolvente cheio de aventuras, guerras, amores, e desilusões. Lembro bem dos meus sentidos e sensações que envolviam a leitura daquele livro, era como se estivesse vivendo no cenário da trama, era como viver em um mundo paralelo, bastava abrir aquelas páginas e entrar, acredito que o livro é um portal, que vai dar em todos os mundos que você nunca imaginou existir.

Encerro, não mais com minha infância, mas com minha visão adulta. E posso dizer que a leitura me acompanha até hoje, minhas respostas às perguntas das crianças não são como as dos meus professores, nem como as de meu pai, mas são respostas que cabem dentro do universo de uma criança, são respostas recheadas de imaginação. E aprendi com os livros infantis e juvenis, que hoje são os meus preferidos, a vislumbrar um grande e fabuloso horizonte infantil.

S18

Quando o sol bater na janela do seu quarto, lembra e vê que o caminho é um só (Legião Urbana: Dado Villa-Lobo, Marcelo Bonfá e Renato Russo)



trecho da música “Quando o sol bater na janela do seu quarto” me faz lembrar de como o caminho até aqui foi difícil e ainda esta sendo, mas temos sempre que acreditar que, quando temos perseverança e objetivo, tudo é possível.

Renata do Socorro do Nascimento Cunha, nascida em Belém do Pará, em 16/06/1979, filha de pais com grau de estudos primários, Severino Cunha e Rita Cunha. Estudou o ensino fundamental e médio em escolas públicas.

A princípio não tive muito contato com a leitura, mas sempre que possível freqüentava bibliotecas e emprestava livros de amigos.

O início da minha vida escolar foi marcada por professores e amigos de classes que sempre estiveram juntos no meu processo de desenvolvimento intelectual.

Na escola, no momento da leitura em classe, sempre tinha boas notas, mesmo com o nervosismo de iniciante tinha um bom desempenho. Mas sempre havia um colega que não tinha a mesma sorte, resultado: levava castigo da professora. Esse comportamento fazia com que eu estudasse ainda mais, pois não queria ser motivo de risos em sala de aula, esse foi o único ponto negativo que recordo.

Na adolescência fui me encantando com o mundo mágico dos livros, lembro de obras que tínhamos que ler no período de preparação para o vestibular: Lucíola, Iracema etc., leituras que para mim não eram obrigatórias, tinha grande prazer em lê-las.

Depois de cinco anos do término do ensino médio, resolvi voltar a investir em meus conhecimentos. Com incentivo da minha família e ajuda do namorado, passei no vestibular para o curso de Letras, Licenciatura, escolha feita pela qualidade do curso e a chance de ser um profissional qualificado.

Senti muita dificuldade de início, mas com ajudas de amigos já graduados, consegui ter bons resultados nos trabalhos e provas.

Nessa fase adulta uma obra que nunca vou esquecer e vai marcar minha vida acadêmica é “Mundo de Sofia” de Jostein Gaarder, o livro é uma viagem ao mundo da filosofia, com uma linguagem fácil e envolvente que me fez enxergar a vida e as pessoas de um jeito diferenciado.

Há poucos meses para completar a graduação, só espero aprender mais e mais para poder levar às outras pessoas, que vieram por esse caminho que passei que as dificuldades existem, mas desistir nunca!

S19

SE

***Se és capaz de manter tua calma quando
todo mundo ao redor já a perdeu e te culpa.
De crer em ti quando estão todos duvidando,
e para esses no entanto achar uma desculpa.***

***Se és capaz de esperar sem te desesperares,
ou, enganado, não mentir ao mentiroso,
Ou, sendo odiado, sempre ao ódio te esquivares,
e não parecer bom demais, nem pretensioso.[...]***

Rudyard Kipling. Tradução de Guilherme de Almeida

D

urante a minha criação meus pais tiveram pouca influência, eu tive mais como educadores meus tios e a minha avó. Como atualmente meus tios trabalham na área de educação, eles sempre tiveram como base para chegar onde estão os livros didáticos e os gibis. E essa leitura foi me despertando curiosidades. Meus avós me dizem que, quando eu era pequeno, eles não entendiam por que eu estava sempre com livro na mão, pois eu não sabia ler, naquele tempo, tinha uns três anos mais ou menos, e eles brincavam dizendo que eu estava lendo. E estava mesmo, sem saber. Foi nesse clima que eu aprendi a ler cedo e me desenvolver também. No entanto eu sentia falta de meus pais, porque eles trabalhavam e eu os via pouco, só anos mais tarde que fui ter mais relacionamento com eles, mas a vovó me falava que eles ao chegar do trabalho iam me ver e ao meu irmão também.

Quando cresci um pouco passava mais tempo em casa com meu irmão do que na casa dos meus avós e meus hábitos foram mudando e minha vida também, mas eu não me arrependo de morar com meus pais. No entanto, eu pude ter minha infância, brincar, fazer amizades, viver alegrias e tristezas, descobrir coisas novas, enfim aprender a viver e conviver num meio social e saber relacionar o certo e o errado com o jogo da vida. Como diz aquele ditado: “errando é que se aprende”.

Quando comecei a estudar eu já sabia ler, e não dei nenhum trabalho aos professores nem aos meus pais, mas meu incentivo à leitura foi diminuindo com a influência dos professores. Mas, depois foi melhorando e além de voltar ao universo dos livros eu comecei a criar amizades com colegas e professores. Meus professores passavam trabalhos, atividades, brincadeiras em cima de cantigas de roda ou então, em cima de histórias do livro didático.

A maior festa naquele tempo era quando chegava o tempo de estagiários irem para sala de aula. E, também, sempre ficava curioso para saber mais histórias e acabava lendo meu livro didático todo. Quando não queria ler meus livros didáticos eu lia livros das minhas tias ou então as revistinhas em quadrinhos do meu irmão, mas teve um livro em especial que eu gostei e ainda gosto de ler é um livro chamado “histórias da vovozinha”. Nele você pode ir para um mundo imaginário e em seu conteúdo contém uma série de histórias para crianças e acredito também que para os adultos (existe uma criança guardada dentro de cada um de nós, basta um incentivo para despertá-la), as histórias são de príncipes e princesas encantados, reis e rainhas, animais falantes, objetos encantados e etc. O mais importante é que todas as histórias do livro têm como finalidade uma lição de vida ou de moral, mas as histórias são ótimas e mesmo antes de encontrar este livro, histórias da vovozinha, eu ouvia oralmente as histórias da minha avó, pois ela sabia e sabe contar varias, sem esquecer de nada, e algumas quando li do livro eu já havia escutado da vovó.

Meus professores foram sempre amáveis comigo e eu nunca desrespeitei nenhum deles. Todos foram essenciais para minha vida, mas posso dizer que dois professores foi uma honra tê-los em minha vida, um era o de Português e o outro era de Educação Física.

Eu, hoje, estou no curso de letras é graças aos meus tios e principalmente a

minhas tias e também, para quebrar algumas barreiras que me incomodam. Foi na literatura que eu descobri novas visões de mundo, aprendi vocábulos novos, concentrar a leitura e desenvolver meus conhecimentos e para um educador de língua portuguesa isso é fundamental e precioso, pois dá para trabalhar em cima de textos, envolver alunos com poemas, contos, histórias e fazer despertar desejos pela leitura. Mas quando eu for professor nunca irei humilhar, bater, ou melhor, constranger um aluno, pois seria antiético de minha pessoa e desrespeitoso para com este aluno.

Atualmente estou lendo vários livros, por causa de concursos, testes e outras coisas. Leio de vez em quando livros de leituras, jornais e quando não leio jornal, eu vejo na televisão quando chego da faculdade.

TEXTOS AVULSOS



“O homem não tem território interior soberano, ele está todo e sempre na fronteira, ao olhar para dentro de si mesmo, ele olha o outro nos olhos ou pelos olhos do outro”

Mikhail Bakhtin

1.LITERATURA INFANTIL

Fanny Abramovich



oites e entardeceres plenos de magia poética viviam as crianças brasileiras, ouvindo de suas avós e babás, tias e padrinhos, histórias saborosas de origem popular. Lendas, mitos, fábulas, casos de assombração, recontos familiares. Pura tradição oral.

Até que, no início dos anos 30, surgiu a figura fantástica de José Bento Monteiro Lobato, contista e editor, homem público e ativista político, que resolveu - já entrado em anos - escrever histórias especialmente para crianças. Criou o encantado *Sítio do Picapau Amarelo* e lá fez seus personagens viverem suas incríveis aventuras. Tutelados por Dona Benta (avó, branca e representante da sabedoria ocidental) e Tia Nastácia (cozinheira negra, criativa, ativa e lúdica, detentora do saber popular), convivem os netos Pedrinho e Narizinho, a boneca falante Emília, o cientista erudito Visconde de Sabugosa (um sabugo de milho), o glutão porco Rabicó, um burro falante mui sábio, e mil outros personagens que a imaginação criativa de Lobato botou no mundo. Ninguém se espanta com nada. Tudo é possível. De passeios ao céu a reformas na natureza. De encontros com o Saci ou com um anjinho de asa quebrada.

Dotado de grande senso de humor, crítico irreverente do mundo, conhecedor da história e da geografia, senhor da sua escrivinhação inventiva, fascinado pelos mitos gregos, admirador dos personagens famosos dos contos de fadas, fez com que tudo e todos convivessem no preguiçento Sítio. Maior mistura. Lobato escreveu 23 livros infantis que marcaram gerações e introduziu milhares de crianças no universo literário. Total fascínio!

Lobato morreu em 1948 e durante um longo período ninguém mais seguiu sua trilha. As crianças brasileiras tinham acesso aos livros traduzidos, às histórias em quadrinhos. No final dos anos 60 surge Edy Lima, com sua série de humoradas aventuras de vacas voadoras, e João Carlos Marinho, que escreveu obras primas como *O gênio do crime* e *O caneco de prata*, deleitando pré-adolescentes com suas histórias mirabolantes, inusitadas, divertidíssimas, cheias de reviravoltas e de ação, de sadismo, de esperteza. Outros autores surgiram com algum achado e pouca permanência, algumas editoras tentaram abrir caminhos e se viram com as portas fechadas, o moralismo dominou, havia pouca inventiva. Um panorama oscilante, impreciso. Nevoento.

Nos meados dos anos 70 surge com toda a força a revista *Recreio*, que, capitaneada por Ruth Rocha, lançava - a cada semana - uma história nova dum autor iniciante. Foi um período efervescente. Ilustradores preocupados com a linguagem infantil, autores narrando peripécias de crianças, adultos medrosos, bichos, personagens saídos do folclore. De tudo, um pouco. Desta safra surgiram Ana Maria Machado, sem dúvida uma das nossas grandes autoras, com mais de 100 livros publicados, apoiados no respeito à inteligência da criança. Dona dum texto bonito, lúcido, inteligente, audacioso, Ana Maria narra histórias de todos os tipos e fôlegos. Entre suas obras-primas, *O menino Pedro e seu boi voador*, *Bia*, *Bisa*, *Bel*, *Mãe com medo de largatixa*. Outro autor que se revelou na *Recreio* foi Joel Rufino dos Santos, que bebia nos mitos e lendas e os recontava de maneira viva e saborosa.

Ruth Rocha, com mais de 120 livros editados, revelou-se figura primeira da literatura para crianças. Humorada, crítica atenta, texto fluido e deslizante, destacou-se na discussão sobre as questões do poder com seus leitores.

Outros autores foram surgindo e dando força e formato para o que se constituiu no "boom" da literatura infantil dentro do mercado editorial brasileiro. Das Minas Gerais veio Bartolomeu Campos de Queirós, dono de uma prosa poética envolvente e abraçante, que

conserva o purismo da linguagem em todos os seus livros publicados. Dele, *Os ciganos, Onde tem fada tem bruxa, Indez*. De Petrópolis, Sylvia Orthof, com seu non sense absoluto, sua cabeça onde tudo pode acontecer simultaneamente, sua poesia rodopiante e dançante, seus personagens vitalmente curiosos e postos no mundo. Também com mais de 120 livros editados, joga com as palavras, as situações, o risco, o absurdo possível.

Surgiram também Vivina de Assis Viana, com um texto enxuto e denso, movendo-se num mundo de preciosas miudezas, onde discute a questão da separação dos pais em *O dia de ver meu pai*, o encantamento com pequenos tesouros escondidos em *O rei dos cacos*, a nova vida em uma nova cidade em *O mundo é pra ser voado*. Zivaldo se vale da sua experiência de cartunista tarimbado e excelente artista gráfico para montar Flicts e elaborar a sua mais bem sucedida história, *O menino maluquinho*, talvez o maior sucesso de vendas do mercado editorial brasileiro.

Marina Colasanti faz uso de uma linguagem poética e inventa contos de fadas a - etários, plenos de formosura, como *Uma idéia toda azul* e *Doze reis e a moça do labirinto do tempo*, sem contar várias narrativas onde imperam a beleza e o encantamento. Livros ilustrados por ela mesma, através de gravuras em preto e branco. Sintética, essencial, elaboradíssima. E Lygia Bojunga Nunes, nossa autora mais conhecida no exterior, vencedora do prêmio Hans C. Andersen, veio inovar os textos para crianças com magia, encantamento e sofridas vivências. Se alarga em *A bolsa amarela*, se agiganta em *O sofá estampado*, discute pobreza e abandono em *Tchau*, envereda pelo suicídio em *Meu amigo pintor*, se supera, se suplanta em cada novo texto. Absolutamente maravilhosa!!!

Pouco se publica poesia no Brasil. E menos ainda para crianças. Mas, mesmo assim, encontram-se poetas de antigamente em textos especialmente dirigidos ao público infantil, como Cecília Meireles, Vinicius de Moraes, Manuel Bandeira. E as gostosuras soltas escritas pelo lusitano Sidônio Muralha, as imagens líricas de Roseane Murray e a beleza lúdica, sonora e certa de José Paulo Paes.

Uma área muito procurada e raramente acertada é a do texto para crianças bem pequenas, ainda pouco alfabetizadas. Neste setor reinam absolutos o casal Mary e Eliardo França (ela escrevendo, ele ilustrando), proporcionando emoção e encantos. Tatiana Belinky envereda pelos limeriques, pelos versinhos de non-sense e Sonia Junqueira brinca com as sílabas e suas infinitas possibilidades ao se transformarem em palavras.

No setor do livro sem texto, da narrativa visual, o caminho andado já é longo. Começou com Juarez Machado com sua *Ida e volta* e trouxe na seqüência Rogério Borges, com um traço realista, Eva Furnari, divertindo-se com suas bruxinhas e dragões coloridos, Angela Lago, com seu traço refinado, pesquisado, inventivo. São muitos os autores, alguns certos e muitas tentativas editoriais. Uma área em franca expansão. Melhor para todos!

Entre os autores mais recentes, da década de 80 em diante, que buscaram suas fontes de nutrição nos contos populares - e em temáticas por eles vividas e discutidas - estão, com relevo, Ciça Fittipaldi, autora do delicioso *João Lampião*, e Ricardo Azevedo, escritor, ilustrador, artista gráfico, editor, que entre seus mais de 60 títulos lançados tem sucessos como *A casa do meu avô*, *Aquilo* e recontos vários dos contos da nossa cultura popular. Flavio de Souza tem enveredado pelo caminho do sensível, do emocional, como em *Eu e mim mesmo*, e Léo Cunha surge como uma das mais gratas revelações dos anos 90, com textos saborosos e diversificados.

Também muito se publica literatura juvenil. Por anos abandonada e se limitando a contar peripécias de adolescentes perdidos em aventuras pelas selvas ou seqüestros desvendados por eles, no final dos anos 80 e pelos 90 tem discutido mais as questões que afligem o jovem de nossos dias. A procura do trabalho, as relações sexuais, a questão da droga, as brigas familiares, a busca da independência. Entre os artesãos mais devorados nas tramas de suspense por este segmento de público, Marcos Rey e Pedro Bandeira.

Edita-se muito para crianças e jovens no Brasil. Centenas de títulos novos surgem a cada ano. Editoras especializadas neste leitor são várias e espalhadas por todo o país. De Norte a Sul. Grandes editoras, hoje, têm seu departamento infanto-juvenil. Entre estes títulos todos, ainda se constata muita indigência no trato com a criança, muita falta de talento de quem escreve para elas, muita falta de critério de quem seleciona os textos que elas irão ler. Na maioria das vezes, o produto gráfico é feio, pobre, não estimulante. De qualquer maneira, é bom se constatar o quanto tem aumentado os que se preocupam - por questões financeiras, editoriais, de prestígio ou de venda assegurada - com a produção literária para crianças e jovens neste país.

Discute-se de tudo nas narrativas dirigidas ao público infantil e juvenil. Vida, morte, solidão, rejeição, separação dos pais, novos núcleos familiares, desemprego, busca de afirmação. Tristesuras e alegrias. Belezuras e sufocos. Enfrentamentos e fugas. O que é saudável e estimulante. E se traduz muito ultimamente. Agora, o jovem leitor pode ter contato com o que de melhor se publica no exterior.

Livros infantis são ilustrados. E, neste ramo, temos dos melhores profissionais atuando e embelezando páginas e páginas. Entre eles: Helena Alexandrino, Eva Furnari, Walter Ono, Mario Cafiero, Marilda Castanha, Paulo Bernardo Vaz, Michele, Alcy. Uma profusão. E todos os anos, por várias editoras, estão surgindo novos talentos com novos traços para estimular e ampliar o texto ou, quando equivocados, quebrar e fazer perder a continuidade.

A ressaltar ainda que a literatura para crianças e jovens no Brasil é um segmento tão bem sucedido que seus autores mais populares conseguem viver dos direitos autorais. No Brasil, escrever não é profissão. Salvo para os que elegeram a criança e o jovem como seu leitor central e, com eles, conseguem dialogar e conversar. E manter viva a chama ainda acesa das leituras criadas por Monteiro Lobato, ainda o nosso maior autor.

2. NÃO ESQUEÇA AS PERGUNTAS FUNDAMENTAIS

RUBEM ALVES



ou contar para vocês uma estória. Não importa se verdadeira ou imaginada. Por vezes, para ver a verdade, é preciso sair do mundo da realidade e entrar no mundo da fantasia...

Um grupo de psicólogos se dispôs a fazer uma experiência com macacos. Colocaram cinco macacos dentro de uma jaula. No meio da jaula, uma mesa. Acima da mesa, pendendo do teto, um cacho de bananas.

Os macacos gostam de bananas. Viram a mesa. Perceberam que, subindo na mesa, alcançariam as bananas. Um dos macacos subiu na mesa para apanhar uma banana. Mas os psicólogos estavam preparados para tal eventualidade: com uma mangueira deram um banho de água fria nele. O macaco que estava sobre a mesa, ensopado, desistiu provisoriamente do seu projeto.

Passados alguns minutos, voltou o desejo de comer bananas. Outro macaco resolveu comer bananas. Mas, ao subir na mesa, outro banho de água fria. Depois de o banho se repetir por quatro vezes, os macacos concluíram que havia uma relação causal entre subir na mesa e o banho de água fria. Como o medo da água fria era maior que o desejo de comer bananas, resolveram que o macaco que tentasse subir na mesa levaria uma surra. Quando um macaco subia na mesa, antes do banho de água fria, os outros lhe aplicavam a surra merecida.

Aí os psicólogos retiraram da jaula um macaco e colocaram no seu lugar um outro macaco que nada sabia dos banhos de água fria. Ele se comportou como qualquer macaco. Foi subir na mesa para comer as bananas. Mas, antes que o fizesse, os outros quatro lhe aplicaram a surra prescrita. Sem nada entender e passada a dor da surra, voltou a querer comer a banana e subiu na mesa. Nova surra. Depois da quarta surra, ele

concluiu: nessa jaula, macaco que sobe na mesa apanha. Adotou, então, a sabedoria cristalizada pelos políticos humanos que diz: se você não pode derrotá-los, junte-se a eles.

Os psicólogos retiraram então um outro macaco e o substituíram por outro. A mesma coisa aconteceu. Os três macacos originais mais o último macaco, que nada sabia da origem e função da surra, lhe aplicaram a sova de praxe. Este último macaco também aprendeu que, naquela jaula, quem subia na mesa apanhava.

E assim continuaram os psicólogos a substituir os macacos originais por macacos novos, até que na jaula só ficaram macacos que nada sabiam sobre o banho de água fria. Mas, a despeito disso, eles continuavam a surrar os macacos que subiam na mesa.

Se perguntássemos aos macacos a razão das surras, eles responderiam: é assim porque é assim. Nessa jaula, macaco que sobe na mesa apanha... Haviam se esquecido completamente das bananas e nada sabiam sobre os banhos. Só pensavam na mesa proibida.

Vamos brincar de "fazer de conta". Imaginemos que as escolas sejam as jaulas e que nós estejamos dentro delas... Por favor, não se ofenda, é só faz-de-conta, fantasia, para ajudar o pensamento. Nosso desejo original é comer bananas. Mas já nos esquecemos delas. Há, nas escolas, uma infinidade de coisas e procedimentos cristalizados pela rotina, pela burocracia, pelas repetições, pelos melhoramentos. À semelhança dos macacos, aprendemos que é assim que são as escolas. E nem fazemos perguntas sobre o sentido daquelas coisas e procedimentos para a educação das crianças. Vou dar alguns exemplos.

Primeiro, a arquitetura das escolas. Todas as escolas têm corredores e salas de aula. As salas servem para separar as crianças em grupos, segregando-as umas das outras. Por que é assim? Tem de ser assim? Haverá uma outra forma de organizar o espaço, que permita interação e cooperação entre crianças de idades diferentes, tal como acontece na vida? A escola não deveria imitar a vida? Programas. Um programa é uma organização de saberes numa determinada sequência. Quem determinou que esses são os saberes e que eles devem ser aprendidos na ordem prescrita? Que uso fazem as crianças desses saberes na sua vida de cada dia? As crianças escolheriam esses saberes? Os programas servem igualmente para crianças que vivem nas praias de Alagoas, nas favelas das cidades, nas montanhas de Minas, nas florestas da Amazônia, nas cidadezinhas do interior?

Os programas são dados em unidades de tempo chamadas "aulas". As aulas têm horários definidos. Ao final, toca-se uma campainha. A criança tem de parar de pensar o que estava pensando e passar a pensar o que o programa diz que deve ser pensado naquele tempo. O pensamento obedece às ordens das campainhas? Por que é necessário que todas as crianças pensem as mesmas coisas, na mesma hora, no mesmo ritmo? As crianças são todas iguais? O objetivo da escola é fazer com que as crianças sejam todas iguais?

A questão é fazer as perguntas fundamentais: por que é assim? Para que serve isso? Poderia ser de outra forma? Temo que, como os macacos, concentrados no cuidado com a mesa, acabemos por nos esquecer das bananas..

3. ESPECIAL É O ALUNO

Cesário Alvim



á bolo podre no reino da Dinamarca, ou melhor, no Brasil. Supõe-se que o aluno vá pegar o livro que goste e irá ler. Mas isto de fato é verdade? Lamentavelmente, vivemos 'os brasis' das suposições. Supõe-se que o aluno aprendeu, supõe-se que ele leu, e supõe-se que...

Enfim, suposições sem fim.

Ainda hoje, no Ensino Fundamental e Médio, como é que se trabalha a leitura? Sempre que ouço alguém comentar que pediu aos alunos um resumo de uma leitura, imediatamente pergunto: Você tem por hábito ensinar de fato o que é um resumo, as etapas as quais devem ser obedecidas e respeitadas para se fazer um resumo? Sempre ouço: não. Isto é muito sério, não se pode pedir aquilo que não foi ensinado. "Não brincamos de aprender, mas podemos até aprender brincando". Fazer resumo não é tarefa fácil. Mas tem gente que acha que resumir é resumir. E no ensino, todos sabemos que não há e nunca funciona o tanto faz.

Culpo as escolas? Não. Culpo os professores? Também não. Apenas culpo a incoerência.

Certa vez, conversei com alguém que me perguntou: Você acha que o ensino de língua materna é especial? Eu disse que não é, especial é o aluno, porque ele como elemento social tem um compromisso de devolver ao meio aquilo que realmente aprende (u) na escola. Mas se não aprende, irá devolver o quê à comunidade?

Chateia-me ainda ouvir algumas pessoas falarem algo do tipo: dá um texto para estimular os alunos. Por acaso texto é comprimido? Texto é estimulante tão somente?

Texto é algo sério. Aluno tem que gostar, sim, do texto que lê. É bom gostar do que se faz. No entanto, só gostamos daquilo que conhecemos. E o aluno sabe o que é ler? Quando alguém me diz que não gosta de música erudita, me pergunto será que ele já ouviu toda a obra de Bach? Ouvir apenas a introdução das Quatro estações de Vivaldi, não diz em nada que alguém seja um amante de música clássica.

Ler, enquanto ou como exercício de aprendizagem, também é feito na sala de aula. Acredito que não se passa o envolvimento com a leitura somente pelo simples fato de gostar ou não. Nós, alunos, temos que ler. Necessitamos ler.

Ler não é obrigação, ler é um exercício da cidadania. Ler é compromisso pessoal. Não se lê somente o que se gosta, não se trabalha somente onde se gosta, não se estuda exclusivamente na escola que se gostaria... Nem sempre moramos na cidade que gostamos, mas temos que procurar fazer o melhor com aquilo que está ao nosso alcance.

Já imaginou se o professor de Faculdade não trabalhar com Drummond porque o aluno simplesmente não gosta? Ou então o aluno não quer ler Chomsky ou Sausurre porque não "acha legal" ou sentencie: não gosto. A pergunta é: acaso o aluno conhece bem e a fundo a idéia dos autores? É inconcebível que isto exista ou venha a existir em nosso ensino porque há leituras que são necessárias: ler é preciso, assim como disse o poeta que navegar é preciso.

Também não se vai enfiar goela abaixo do aluno Machado de Assis, porque ele tem que ler Machado, por ler. Entretanto, acredito que há algumas leituras que têm que ser ou que são obrigatórias na formação curricular do estudante. Respeitar o gosto do aluno obedece a um limite desde que esse gosto não atrapalhe, ameace ou impeça repassar a cultura — não uma cultura em que não se reflita sobre o que se lê, mas uma cultura de sala de aula em que se lê para conhecer e discutir o universo social e cultural que nos cerca. Portanto, há autores fundamentais para se compreender nossa bela e vasta cultura, nossa tão querida história, uma vez que se compreende a finalidade da escola, em que se situa a leitura, como sendo também a manutenção e a perpetuação da cultura. Diante das manchetes de jornal, do quadro de que "mais da metade dos estudantes brasileiros não compreende que lê", permanece a pergunta: a culpa é do aluno? Ah! se alguém disser isto, então voltamos ao paraíso?! O aluno é o Adão e a aluna é a Eva? E quem é a cobra?

A busca de soluções é a saída mais sensata para todos nós, mas há aqueles que ainda preferem unicamente uma saidera. Pessoalmente, gosto muito da afirmação de Frank Smith: "Não há nada de especial na leitura, a não ser tudo que nos possibilita fazer. O poder que a leitura proporciona é enorme, não somente por dar acesso a pessoas distantes e possivelmente mortas há muito, mas também por permitir o ingresso em mundos que, de outro modo, não seriam experimentados, que, de outro modo, não existiriam. A leitura permite-nos manipular o próprio tempo, envolvemo-nos em idéias ou acontecimentos em uma proporção e em uma seqüência de nossa própria escolha. Não possuímos este poder quando escutamos alguém falar, ou quando vemos um filme."

4. A PSICANÁLISE DOS CONTOS DE FADAS

Arlene Caetano



s que não encontram significado nas suas vidas perdem o gosto de viver e entram em depressão: a vida, para eles, perdeu o sabor, não possui o mínimo dos significados. Há todo um processo para a compreensão do significado da vida e que se inicia na mais tenra infância e não subitamente. A compreensão deste significado nos conduz à maturidade psicológica.

Os pais, na sua grande maioria, exigem que as suas crianças pensem como eles pensam se esquecendo de que este é um processo gradativo que se inicia na infância. É o mesmo que se exigir da criança que comande o crescimento do seu corpinho, imediatamente.

Uma das tarefas primordiais entregue aos pais é a de ajudar os seus filhos a encontrarem significados na vida. Com o seu desenvolvimento centrado no melhor entendimento de si mesmo, a criança se capacita para uma melhor compreensão em relação às pessoas e ao seu meio ambiente. A criança necessita, urgentemente, do PENSAMENTO MÁGICO contido nos "Contos De Fadas" que falam "dos problemas interiores dos seres humanos e sobre as soluções corretas para seus predicamentos em qualquer sociedade", diz um psicanalista especializado em crianças problemáticas.

"Os "Contos de Fadas" são significativos para a criança que ainda não consegue compreender o sentido dos conceitos éticos abstratos. Eles trazem mensagens à mente consciente, à pré-consciente e à inconsciente, em qualquer nível que a mente esteja funcionando no momento. Lidando com problemas humanos universais, particularmente os que preocupam o pensamento da criança, estas estórias falam ao ego em germinação e encorajam o seu desenvolvimento, enquanto aliviam as pressões pré-conscientes e inconscientes. À medida que as estórias se desenrolam, dão validade e corpo às pressões do id, mostrando caminhos para satisfazê-las e que estão de acordo com as requisições do ego e do superego." Dr. Bruno Bettelheim.

E o Dr. Bettelheim prossegue: "A mensagem dos "Contos de Fadas" transmitem o seguinte recado às crianças e de uma forma múltipla : que uma luta contra dificuldades graves na vida é inevitável, é parte intrínseca da existência humana - mas que se a pessoa não se intimida mas se defronta de modo firme com as opressões inesperadas e muitas vezes injustas, ela dominará todos os obstáculos e, ao fim, emergirá vitoriosa."

A PERPLEXIDADE EXISTENCIAL

Aprendendo e sabendo o que acontece dentro do seu "eu inconsciente", quando vai enfrentar as "dores" do crescimento psicológico: decepções narcisistas, dilemas édipicos, rivalidades com os irmãos, dependências mantidas desde a tenra infância, a criança precisa se cercar dos sentimentos de auto-avaliação e de individualidade além de um sentido de obrigação moral. Como uma criança realizaria estas façanhas?

Através da sua fantasia, quando se perde nos seus devaneios a respeito do que disseram ao seu inconsciente os heróis das estórias de fadas. A criança irá adequar às pressões do seu inconsciente às suas fantasias conscientes o que irá capacitá-la a lidar com todo este conteúdo.

A FORMA E A ESTRUTURA DOS CONTOS DE FADAS

É importante por fornecerem à criança a base onde estruturar os seus devaneios e o aprendizado, de lhes fornecer também um melhor direcionamento à sua vida. "Na criança e no adulto o inconsciente é um determinante poderoso do comportamento."

Quando se consegue que a imaginação trabalhe o material fornecido pelo inconsciente, danos potenciais serão reduzidos e acontecem resultados muito positivos.

Passamos para os nossos filhos imagens muito distorcidas da realidade da vida, nós não lhes ensinamos que somos os únicos responsáveis pelos nossos fracassos ou insucessos. Nós lhes inculcamos a idéia de que todo o ser humano é bom e nenhum deles é agressivo, egoísta, sente raiva ou ansiedade e que estas são algumas das causas de muitos fracassos. A criança sabe muito bem que esta não é a verdade! Ouvindo os pais afirmarem a Bondade Universal e já conhecendo um pouco mais, a criança irá se sentir como se fosse, ela própria, um monstro fabricado pela natureza... ou que os seus pais

mentem e que não pode confiar neles!

A criança tem que aprender que há um lado escuro em todo o ser humano. Freud criou a psicanálise, exatamente, "para capacitar o homem a aceitar a natureza problemática da vida sem ser derrotado por ela ou levado ao escapismo. Só lutando corajosamente contra o que parecem ser probabilidades sobrepujantes o homem pode ter sucesso em extrair um sentido da sua existência."

Os "Contos de Fadas" ajudam a criança a fazer a sua opção sobre quem ela quer ser e facilitam o desenvolvimento ulterior da sua personalidade que irá ser construída.

5.LITERATURA INFANTIL NA ESCOLA

Nelly Novaes Coelho



Como já foi dito, os primeiros livros infantis foram escritos por pedagogos e professores com o objetivo de estabelecer padrões comportamentais exigidos pela sociedade burguesa que se estabelecia.

A relação entre literatura e a escola é forte desde o início até hoje. Diversos estudiosos defendem o uso do livro em sala de aula, mas atualmente o objetivo não é transmitir os valores da sociedade e sim propiciar uma nova visão da realidade *"... a escola é, hoje, o espaço privilegiado, em que deverão ser lançadas as bases para a formação do indivíduo. E, nesse espaço, privilegiamos os estudos literários, pois, de maneira mais abrangente do que quaisquer outros, eles estimulam o exercício da mente; a percepção do real em suas múltiplas significações; a consciência do eu em relação ao outro; a leitura do mundo em seus vários níveis e, principalmente, dinamizam o estudo e conhecimento da língua, da expressão verbal significativa e consciente - condição sine qua non para a plena realidade do ser."*¹

*"A literatura infantil torna-se, deste modo, imprescindível. Os professores dos primeiros anos da escola fundamental devem trabalhar diariamente com a literatura, pois esta se constitui em material indispensável, que aflora a criatividade infantil e desperta as veias artísticas da criança. Nessa faixa etária, os livros de literatura devem ser oferecidos às crianças, através de uma espécie de caleidoscópio de sentimentos e emoções que favoreçam a proliferação do gosto pela literatura, enquanto forma de lazer e diversão"*²

Ainda assim podemos ver o sentido pedagógico atribuído à literatura infantil (estimular o exercício da mente, despertar a criatividade...). O que importa, entretanto, é ver que o livro pode ser um objeto para que a criança reflita sua própria condição pessoal (e a imagem projetada nela pelo adulto) e a sociedade em que vive.

O caráter literário na Literatura Infantil

A discussão se a literatura infantil é uma arte literária ou pedagógica passa pela concepção de infância e pela ligação da literatura infantil com a escola. Ainda não há consenso entre os estudiosos e a disciplina "Literatura Infantil" em algumas faculdades, por exemplo, é oferecida apenas na área de Educação e não na Letras.

Se observarmos a origem dos chamados "clássicos" da literatura infantil, os Contos de Fada, veremos que eles surgiram de histórias da tradição oral. Os maiores clássicos da literatura grega, A Odisséia e A Ilíada, também têm a mesma origem nessa tradição oral. São histórias contadas e recontadas oralmente que fazem parte da cultura e que são depois registradas na forma escrita. Os irmãos Grimm pesquisaram e recolheram contos por meio de viagens a diversas regiões da Alemanha e tiveram o cuidado em não deturpar essa tradição oral. A passagem do oral para o escrito exige, sem dúvida, uma sensibilidade

e domínio da língua que são características dos grandes escritores.

Os contos de fada apresentam uma mesma estrutura narrativa dos chamados contos maravilhosos (que são considerados literários). O russo Wladimir Propp estudou a morfologia do conto e apresentou cinco características presentes nos contos maravilhosos e também nos contos de fada: a aspiração, viagem, obstáculos, uma mediação e a conquista do objetivo.

É bom lembrar também que grandes obras literárias como *As viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift, e *Aventuras de Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe, não foram escritas para crianças, possuem todas as características de outras obras literárias e são adotadas atualmente como literatura infanto-juvenil.

A literatura infantil, além disso, apresenta os fatores estruturais que aparecem em qualquer obra literária: um narrador, um foco narrativo, a história, os personagens, o espaço físico e temporal, uma linguagem usada literariamente e um destinatário da sua comunicação: o leitor.

Por tudo isso, é importante estudar as obras de literatura infantil pelas suas características literárias:

"...ao ser ligada, de maneira radical, a problemas sociais, étnicos, econômicos e políticos de tal gravidade, a literatura infantil e juvenil perde suas características de literariedade para ser tratada como simples meio de transmitir valores. Ou é lida exclusivamente em função de seus estereótipos sociais.

Daí "a urgência que vemos na conscientização e organização de uma crítica literária para a literatura infantil brasileira."

6. O CONCEITO DE LITERATURA INFANTIL

Nelly Novaes Coelho



conceito de Literatura Infantil é bastante discutido entre os estudiosos do assunto. Há aqueles que defendem que é o objeto escolhido pelo seu próprio leitor, outro que é o objeto de formação de um agente transformador da sociedade e há até aqueles que questionam o fato de existir uma literatura infantil ou dela ser uma questão de estilo.

Temos abaixo algumas dessas idéias e também declarações de autores de literatura infantil para percebermos como essa é uma área conflituosa. Ver o objeto a partir de vários pontos de vistas pode nos ajudar a entender melhor e formularmos nosso próprio conceito.

"Literatura Infantil é todo o acervo literário eleito pela criança" (Bárbara Vasconcelos Bahia)

"Literatura Infantil são os livros que têm a capacidade de provocar a emoção, o prazer, o entretenimento, a fantasia, a identificação e o interesse da criança." (Leo Cunha)

"A literatura, e em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola" (Nelly Novaes Coelho)

"O gênero literatura infantil tem, a meu ver, a existência duvidosa. Haverá música

infantil? Pintura infantil? A partir de que ponto uma obra literária deixa de se constituir alimento para o espírito da criança ou jovem e se dirige ao espírito adulto? " (Carlos Drummond de Andrade)

"Se a falta é estrutural, e se não se vive sem a base fantasmática (o infantil que se atualiza), não seria possível afirmar que, em toda literatura, há esse infantil, ainda que menos ou mais encoberto? O *infantil na literatura*, que não se confunde, certamente, com a Literatura Infantil, tampouco com relatos de infância. Na particularidade de cada novo ato, *a criança é quem escreve no adulto*. E ela o faz com *estilo* - assinatura pontual, estilo portador de sujeito" (Ana Maria Clark Peres)

"Escrevo porque gosto. Com meus textos, quero botar para fora algo que não consigo deixar dentro. E escrevo para criança porque tenho certa afinidade de linguagem. Mas não tenho intenção didática, não quero transmitir nenhuma mensagem, não sou telegrafista. Acredito que a função da obra literária é criar um momento de beleza através da palavra. Em momento algum eu acho que a linguagem deva ser simplificada. Em meus livros não há condescendência, tatibitate nem barateamento da linguagem. A colocação dos pronomes é consciente, a regência e a concordância são rigorosas. As rupturas são intencionais, têm uma função estilística. Acho essencial dominar uma gramática para domá-la a partir de uma linguagem nova." (Ana Maria Machado)

"Escrevo para dizer o que penso. Quero reclamar de governos autoritários. Quero mostrar a existência de desigualdade entre o homem e a mulher. Não fujo muito de temas que, supostamente, não pertencem ao universo infantil. Acho que todo mundo é capaz de aprender."

7. LER DEVIA SER PROIBIDO

Paulo Godim



A pensar fundo na questão, eu diria que ler devia ser proibido. Afinal de contas, ler faz muito mal às pessoas: acorda os homens para realidades impossíveis, tornando-os incapazes de suportar o mundo inosso e ordinário em que vivem. A leitura induz à loucura, desloca o homem do humilde lugar que lhe fora destinado no corpo social. Não se deixam mentir os exemplos de Don Quixote e Madame Bovary. O primeiro coitado, de tanto ler aventuras de cavalheiros que jamais existiram, meteu-se pelo mundo afora, a crer-se capaz de reformar o mundo, quilha de ossos que mal sustinha a si e ao pobre Rocinante. Quanto à pobre Emma Bovary, tornou-se esposa inútil para fofocas e bordados, perdendo-se em delírios sobre bailes e amores cortesãos.

Ler realmente não faz bem. A criança que lê pode se tornar um adulto perigoso, inconformado com os problemas do mundo, induzido a crer que tudo pode ser de outra forma. Afinal de contas, a leitura desenvolve um poder incontrolável. Liberta o homem excessivamente. Sem a leitura, ele morreria feliz, ignorante dos grilhões que o encerram. Sem a leitura, ainda, estaria mais afeito à realidade quotidiana, se dedicaria ao trabalho com afinco, sem procurar enriquecê-la com cabriolas da imaginação.

Sem ler, o homem jamais saberia a extensão do prazer. Não experimentaria nunca o sumo Bem de Aristóteles: o conhecer. Mas para que conhecer se, na maior parte dos casos, o que necessita é apenas executar ordens? Se o que deve, enfim, é fazer o que dele esperam e nada mais?

Não, não dêem mais livros às escolas. Pais, não leiam para os seus filhos, podem levá-los a desenvolver esse gosto pela aventura e pela descoberta que fez do homem um animal diferente. Antes estivesse ainda a passear de quatro patas, sem noção de progresso e civilização, mas tampouco sem conhecer guerras, destruição, violência. Professores, não contem histórias, podem estimular uma curiosidade indesejável em seres que a vida

destinou para a repetição e para o trabalho duro.

Ler pode ser um problema, pode gerar seres humanos conscientes demais dos seus direitos políticos, em um mundo administrado, onde ser livre não passa de uma ficção sem nenhuma verossimilhança. Seria impossível controlar e organizar a sociedade se todos os seres humanos soubessem o que desejam. Se todos se pusessem a articular bem suas demandas, a fincar sua posição no mundo, a fazer dos discursos os instrumentos de conquista de sua liberdade.

O mundo já vai por um bom caminho. Cada vez mais as pessoas lêem por razões utilitárias: para compreender formulários, contratos, bulas de remédio, projetos, manuais etc. Observe as filas, um dos pequenos cancros da civilização contemporânea. Bastaria um livro para que todos se vissem magicamente transportados para outras dimensões menos incômodas. É esse o tapete mágico, o pó de pirlimpimpim, a máquina do tempo. Para o homem que lê, não há fronteiras, não há cortes, prisões tampouco. O que é mais subversivo do que a leitura?

É preciso compreender que ler para se enriquecer culturalmente ou para se divertir deve ser um privilégio concedido apenas a alguns, jamais àqueles que desenvolvem trabalhos práticos ou manuais. Seja em filas, em metrô ou no silêncio da alcova... ler deve ser coisa rara, não para qualquer um. Afinal de contas, a leitura é um poder, e o poder é para poucos. Para obedecer, não é preciso enxergar, o silêncio é a linguagem da submissão. Para executar ordens, a palavra é inútil. Além disso, a leitura promove a comunicação de dores, alegrias, tantos outros sentimentos. A leitura é obscena. Expõe o íntimo, torna coletivo o individual e o público, o secreto, o próprio. A leitura ameaça os indivíduos, porque os faz identificar sua história a outras histórias..

8. A CONTADEIRA DE HISTÓRIAS

Viriato Correia



Vovó Candinha é outra figura que nunca se apagou de minha recordação.

Não havia, realmente, mulher que tivesse mais prestígio para as crianças da minha idade. Para nós, era um ser à parte, quase sobrenatural, que se não confundia com as outras criaturas. É que ninguém no mundo contava melhor história, de fadas, do que ela.

Devia ter seus setenta anos, rija, gorda, preta, bem preta e cabeça branca como algodão em pasta. Morava distante. Vinha ao povoado, de quando em quando, visitar a Luzia, sua filha caçula, casada com o Lourenço Sapateiro.

E quando corria a notícia de que ela ia chegar a meninada se assanhava como se ficasse à espera de uma festa. Não saíamos da porta da Luzia, perguntando insistentemente:

- Quando ela chega?
- Traz muitas histórias bonitas?
- Traz muitas novas?

Era pela manhã que vovó Candinha costuma chegar. O dia nem sempre havia acabado e já a pequena estava à beira do rio para recebê-la. Mal ia saltando da canoa, nós corríamos a abraçá-la com tanta afoiteza e tanta efusão que havia perigo de lhe rasgarmos o vestido rodado, de chita ramulhada.

- Quantas histórias a vovó traz? Perguntávamos.
- Um bandão delas, respondia à velha.

De dia não conseguíamos que ela nos contasse história nenhuma.

- Quem conta história de dia, dizia, negando-se, cria rabo de macaco.

Mal a noite começava a cair, a meninada caminhava para casa de Luzia, como se dirigisse para um teatro. Após o jantar, vovó Candinha vinha então sentar-se ao batente da porta que dava para o terreiro.

Enquanto se esperavam os retardatários, ela fumava pachorrentamente o seu cachimbo.

Sentávamo-nos em derredor, caladinhos, de ouvido atento, como não fora tão atento o nosso ouvido na escola.

Ela começava:

- Era uma vez uma princesa muito orgulhosa, que fez grande má-criação à fada sua madrinha...

Acendiam-se os nossos olhos, batiam emocionados os nossos corações...

Não sei se é impressão de meninice, mas a verdade é que até hoje, não encontrei ninguém que tivesse mais jeito para contar histórias infantis.

Na sua boca, as coisas simples e as coisas insignificantes tomavam um tom de grandeza que nos arrebatava; tudo era surpresa e maravilha que nos entrava de um jacto na compreensão e no entusiasmo.

E não sei onde ela ia buscar tanta coisa bonita. Ora, eram princesas formosas, aprisionadas em palácios de coral, erguidos no fundo do oceano ou das florestas; ora reis apaixonados que abandonavam o trono para procurar pelo mundo a mulher amada, que as fadas invejosas tinham transformado em coruja ou rã.

Não perdíamos uma só de suas palavras, um só dos seus gestos.

Ela ia contando, contando... Os nossos olhinhos nem piscavam...

A lua, como se fosse princesa encantada ia vagando pelo céu, toda vestida de branco, a mandar para a terra a suavidade dos seus alvos véus de virgem.

Lá pelas tantas, um de nós encostava a cabeça no companheiro mais próximo e fechava os olhos cansados. Depois outro; depois outro.

E quando vovó Candinha acabava a história, todos nós dormíamos uns encostados aos outros, a sonhar com os palácios do fundo do mar, com as fadas e as princesas maravilhosas.

9. LEITURA EM EDUCAÇÃO INFANTIL? SIM OBRIGADO!

Isabel Solé Gallart



Aprender a ler não é muito diferente de aprender outros procedimentos que se ensinam na escola. Requer que o aluno atribua sentido à leitura, que conte com recursos cognitivos suficientes para fazê-lo e que tenha a seu alcance a ajuda insubstituível de pessoas que confiem na competência da criança e que saibam intervir para fomentá-la. Como ocorre com outras aprendizagens, não se realiza de um dia para outro, nem se consegue seu domínio de uma vez por todas. Trata-se de um processo prolongado, ao longo do qual as possibilidades do leitor aumentam e o aproximam da imagem do leitor competente, ou ao menos convencional.

Nesse processo intervêm tanto as experiências, a motivação e o conhecimento do aprendiz como os auxílios e recursos que proporciona o educador; uma vez que um e outro são distintos em cada caso concreto, o processo de aprendizagem da leitura encontrar-se-á sujeito aos ritmos e características diversas. É, portanto, um processo que se inicia para cada indivíduo em um momento diferente e que não termina jamais, mesmo quando no sistema educativo existem marcos em relação à leitura que orientam acerca dos níveis desejáveis em diversos momentos e que estabelecem níveis de competência de leitura aos quais todos os cidadãos deveriam ter acesso.

Neste artigo serão abordadas as relações entre a aprendizagem e o ensino da leitura e a Educação Infantil. As relações a que nos referimos com frequência distinguiram-se por seu caráter polêmico, para a qual contribui o enraizamento de determinadas idéias que brotaram com força entre muitos profissionais da educação. Uma breve análise dessas idéias deveria permitir desmitificá-las, como primeiro passo para encontrar novas formas de tratar a leitura na Educação Infantil.

Cuidado com a leitura!

"Não se deve ensinar a ler antes dos seis anos". "A criança tem que amadurecer para ler." "Previamente à leitura, as crianças precisam dominar os pré-requisitos (por exemplo, conhecimentos do esquema corporal, estruturação espaço-temporal, lateralidade, seriação, etc.)". Essas idéias, que têm sua continuação em outras – "É preciso ensinar a ler letras maiúsculas". "A aprendizagem da leitura requer partir das

correspondências som/grafia (ou da palavra global)" –, tiveram e continuam tendo uma notável repercussão no que se faz e não se faz em relação à leitura, motivo pelo qual merecem alguma atenção.

É preciso salientar, em primeiro lugar, que tais idéias, as quais adquirem muito freqüentemente a categoria de mito, não surgem do nada. Ao contrário, vinculam-se a determinadas explicações psicológicas da aprendizagem humana e a suas relações com o processo de desenvolvimento, assim como a teorias e modelos sobre a leitura e sobre práticas de ensino associadas a umas e outros. Assim, por exemplo, nas afirmações que apontam uma idade para iniciar o ensino, ou nas que aludem à maturidade, subjaz uma concepção do desenvolvimento como um processo em boa parte pré-determinado, que irá desdobrando-se com o passar do tempo. Tais afirmações parecem compartilhar também a idéia de que o ensino deve seguir-se sempre ao desenvolvimento, o que aparece como uma condição sem a qual não é possível a aprendizagem; e esta, por sua vez, é interpretada como algo que se acrescenta ao desenvolvimento, mas que, em definitivo, não tem nenhuma influência em sua materialização. Na prática, essa forma de ver as coisas atrasa injustificadamente a relação das crianças com a leitura e, inclusive, espera que elas descubram por sua própria conta, talvez magicamente, os segredos do sistema da língua escrita.

Por sua vez, a versão dos pré-requisitos apóia-se em uma explicação acumulativa da aprendizagem, segundo a qual seria possível estabelecer para as aprendizagens mais complexas um conjunto de aprendizagens supostamente vinculadas a estas e cuja consecução é requisito imprescindível para chegar àquela. Colocadas em práticas, tais idéias conduzem à proposição de atividades de pré-leitura – cuja vinculação com o processo de leitura é quase sempre impossível de demonstrar – prévia à leitura propriamente dita; conduzem também a explicações pitorescas para as previsíveis dificuldades dos alunos em seu encontro com a leitura e à proposição de reforços de "aprendizagens básicas", os quais se consideram, quase sempre injustamente, responsáveis pela aprendizagem pouco satisfatória.

Mas não são apenas as idéias sobre os processos de aprendizagem e desenvolvimento que subjazem às reticências que desperta o ensino da leitura nas primeiras etapas da escolaridade. Tais reticências não são alheias a uma visão reducionista, restritiva e – digamos claramente – falsa da leitura, que reduz essa atividade cognitiva complexa, implicada na construção de significados sobre um texto que faz intervirem os conhecimentos prévios e as experiências do leitor, seus interesses e sua disposição emocional, em um mero processo de tradução de códigos. Se a isso acrescentamos a rejeição a propostas de ensino desse código que tiveram uma enorme vigência, e que resultaram incompatíveis com a imagem de um aluno ativo, e a um ensino cuja missão é favorecer e estimular o desenvolvimento, entenderemos muitas das prevenções que ainda hoje alguns profissionais têm em relação à leitura em Educação Infantil.

Leitura sem medo

Todos os argumentos apresentados anteriormente podem ser contestados pelos conhecimentos que proporcionaram os avanços na investigação psicológica e didática e pelas próprias práticas de ensino. Ou, para dizê-lo de uma forma mais positiva, temos razões suficientes para ver as coisas de outro modo, ressitando o papel da leitura, do aluno e do educador na Educação Infantil.

Não existe hoje nenhuma dúvida quanto ao fato de que a leitura é algo mais, muito mais, que um problema de decodificação. É, como já dissemos uma atividade cognitiva complexa, que requer construir um número nada desprezível de conhecimentos: para que serve ler; o que pode e o que não pode ser lido; as condições que um texto deve possuir para que se possa lê-lo; as relações que se estabelecem entre o escrito e o ilustrado; as diferentes formas de ler – em voz alta, em silêncio, para si mesmo, para outro - e de ter acesso a um texto - autonomamente, através de um leitor competente; os elementos que compõem o texto (letras, palavras, signos lingüísticos) e sua utilidade; o uso do escrito e da leitura na vida cotidiana, para apontar apenas o mais observável.

Nesse contexto, as habilidades de decodificação constituem um importante componente, mas não o único implicado na leitura. Por isso mesmo, aproximar a leitura das crianças, na Educação Infantil, não pressupõe aproximá-las necessariamente de um problema de decodificação; pressupõe, antes, aproximá-las de algo que elas, na sua maioria, já conhecem que lhes proporciona em geral experiências divertidas e gratificantes

e que faz parte de sua vida. Se em tal aproximação sentem a necessidade de explorar o código, não haverá maior inconveniente em responder à sua curiosidade da mesma forma que se responde a seus questionamentos sobre o mundo em geral: oferecendo uma informação pertinente e adaptada às suas necessidades.

Por outro lado, também sabemos que, seja qual for o conteúdo de que se trate, sua aprendizagem efetiva responde sempre a uma necessidade do aluno, que se mobiliza ativamente para dar-lhe um significado, para apropriar-se daquilo que faz parte de seu meio cultural e cujo domínio o fará mais competente, mais capaz, proporcionando-lhe uma imagem positiva de si mesmo. Isso é aplicável ao caso da leitura; sabemos que essa atividade, a qual leva à apropriação progressiva, não deve ser vista como responsabilidade exclusiva do aluno. Ao contrário, a intervenção do professor, o modo como formula um problema ou responde a uma pergunta, a capacidade de intervir de forma possível nas competências observadas no aluno, o grau e a forma como o desafia e incentiva, como o anima e corrige, constituem o marco no qual a atividade do aluno – de cada aluno, pois todos são diferentes – orienta-se em um sentido ou em outro, encontra uma maior ou menor margem e torna-se mais ou menos proveitosa ou errática.

Tomadas em seu conjunto, as considerações anteriores evidenciam que, já que aprender a ler vai supor um processo longo e, ainda que gratificante, não isento de dificuldades, seria muito conveniente não se estender demasiadamente discutindo se se deve começar a leitura na Educação Infantil ou se o mais adequado é adia-la até a educação primária. Primeiro, porque a maioria das crianças já começou, de fato, seu contato com a leitura; segundo, porque é muito – sem necessidade de recorrer ao código – o que se pode fazer na Educação Infantil em relação a ela.

Além disso, o que foi dito até agora sugere que, uma vez que a leitura implica numerosos conhecimentos, talvez seja desproporcionado pensar que encontraremos um único meio de chegar a eles. A leitura beneficia-se do uso combinado de diversas estratégias que permitem seu crescente domínio. É necessário romper com a idéia de que existe um só caminho para ir construindo noções adequadas sobre a leitura e para converter-se em usuário competente desse procedimento. Isso vale tanto para a leitura em sentido amplo - para a qual são úteis todas as atividades em que se faz um uso significativo e funcional delas – como para a abordagem do ensino e do aprendizado das habilidades de decodificação. Não é verdade que o aluno chegue a dominá-las porque são ensinadas a ele as correspondências entre som e grafia; ou porque se parte de uma frase simples abordada globalmente; ou porque tudo que se oferece a ele para ser lido faça parte de sua linguagem; ou porque participe de experiências educativas destinadas a aprimorar sua competência metalingüística. Pode aprender, e de fato aprende, à medida que é capaz de utilizar integradamente diversas estratégias, razão pela qual todas elas deveriam ter um lugar nas propostas de ensino.

Ler em Educação Infantil

A partir da perspectiva em que nos situamos, parece claro que a leitura, assim como a escrita, tem um lugar na etapa da Educação Infantil, lugar que cada equipe deverá tornar concreto em suas propostas educativas. Algumas idéias gerais que concernem à leitura em aula, ao papel dos pais em relação à leitura e à necessária coordenação das decisões que se adotem sobre a leitura nesta e em etapas seguintes da escolaridade podem orientar tal concretização.

A leitura em aula

Em princípio, é preciso reconhecer que o sistema da língua escrita é complexo e que vai requerer esforços dos professores e das crianças que vão abordar seu ensino-aprendizagem. Mas isso não deve levar à desvalorização da capacidade destes nem tentar reduzir esse sistema complexo a um conjunto de sub-habilidades de duvidosa vinculação com a leitura. Aprende-se a ler vendo outras pessoas lerem, prestando atenção às leituras que elas fazem para si, tentando ler, experimentando e errando, em um processo cujo resultado inicial será seguramente menos convencional do que o esperado, mas não muito diferente do que se produz com outras aprendizagens. Nesse sentido, é reveladora a afirmação de Garton e Pratt (1991, p.198-199) sobre a escrita, as quais também podem estender à leitura:

"Quando a criança está nas primeiras fases da escrita e soletra incorretamente todas ou quase todas as palavras (...), os adultos se preocupam muito e, de fato, impedem a criança de escrever ou a desencorajam. Esta reação é extremamente surpreendente porque não reagimos deste modo em outras áreas do desenvolvimento.

Quando a criança pequena começa a produzir suas primeiras tentativas de linguagem falada, os pais não amordaçam a criança nem a proibem de falar até que possa dizer corretamente as palavras. Uma ação assim seria considerada universalmente ridícula, já que se reconhece que as crianças devem praticar algum tempo antes de desenvolver um domínio completo dos sons (...).

Igualmente, quando uma criança produz um desenho de uma pessoa sem pernas e sem braços, seus pais provavelmente ficarão satisfeitos, ainda que ela lhes diga que o desenho é um deles. Uma vez mais, não há expectativas de que a criança produza um desenho adequado da primeira vez, nem existe grande preocupação de que a criança desenvolva maus hábitos e continue desenhando corpos desmembrados para sempre. Ao contrário, os pais responderão com palavras de estímulo (...).

Por que com a escrita precoce há de ser diferente?"

O ensino inicial da leitura deve assegurar a interação significativa e funcional da criança com a língua escrita. Para alguns, isso prolongará aprendizagens já iniciadas em sua família; para outros, será a ocasião para realizá-las, ocasião que não se deve protelar mais. Propiciar essa interação implica a presença pertinente e não indiscriminada do escrito na aula - nos livros, nos cartazes que anunciam determinadas atividades, nas etiquetas que tenham sentido. Implica, sobretudo, que os adultos encarregados da educação das crianças usem a língua escrita, quando for possível e necessário, diante delas, fazendo-as compreender, assim, seu valor comunicativo (para escrever uma nota aos pais, para transmitir uma mensagem a outra classe, etc.). Na Educação Infantil, âmbito em que o trabalho por projetos, as oficinas e, em geral, o enfoque globalizador encontram-se bastante difundidos, temos um contexto excelente para o uso funcional da leitura. Implica também realizar atividades que fomentem o prazer de ler – como ler para as crianças – e que permitam experimentar o poder da leitura para transportar-nos a outros mundos, reais ou imaginários.

Como em outros conteúdos, a intervenção eficaz e ajustada requer a observação atenta dos avanços da criança, de sua resposta aos auxílios e desafios que lhe são oferecidos, dos conhecimentos que lhe são proporcionados. Observar e intervir de forma diversificada pode tornar-se mais fácil ou mais difícil; as salas de aula em que existem recantos de biblioteca ou oficinas de criação de textos oferecem maiores possibilidades para tal tarefa, o que requer do professor uma interação individualizada com o aluno, complementar à atenção que dirige ao grupo.

Nessa interação, uma aproximação ampla e não-restritiva à leitura e seu ensino pressupõe, ainda, o seguinte:

Aproveitar o interesse das crianças pela leitura, ler para elas contos, histórias, textos informativos que estejam a seu alcance e transmitir o prazer de ler; valorizar as intenções que demonstrem aproximar-se da leitura com a ajuda de outros e autonomamente.

Aproveitar e fomentar os conhecimentos que já possuem sobre ela, que incluem, em geral, o convencimento de que ler serve "para saber o que diz" e de que se trata de uma atividade gratificante. Aproveitar também outros conhecimentos mais "técnicos", como o reconhecimento global de algumas palavras e letras privilegiadas – seu nome, sua inicial, o nome de produtos cotidianos – e atuar para aumentá-los.

Aproveitar os questionamentos das crianças sobre o sistema – "O que se põe aqui? O que diz aqui? Como se escreve...?" – para aprofundar sua consciência metalingüística, o que permitirá avançar nas habilidades de decodificação.

Aproveitar e incrementar seus conhecimentos prévios em geral, para que possam utilizar o contexto e arriscar o significado do texto e de palavras desconhecidas.

Utilizar integrada e simultaneamente essas estratégias em atividades nas quais tenha sentido fazê-lo, como condição indispensável para que todo esse esforço obtenha resultado.

A leitura e os pais

Na Educação Infantil, as relações entre os dois principais contextos de desenvolvimento das crianças - família e escola – costumam ser mais continuadas e estreitas do que em etapas posteriores. Essa vinculação, indubitavelmente benéfica para a criança, que participa de ambos os sistemas, pode efetivar-se de múltiplas formas, conforme cada escola decide. Ainda que não seja muito freqüente em nosso contexto, existem em outros países iniciativas que partem das escolas e que envolvem os pais em atividades de leitura com seus filhos, atividades que se realizam no lar e que pretendem

aproveitar o caráter emocionalmente positivo da leitura de contos, na qual o pai ou a mãe são o intermediário entre o texto e o jovem leitor. A potencialidade educativa dessa atividade foi evidenciada em diversas pesquisas, ainda que, sem dúvida alguma, tenha sido Wells (1982) quem mais contribuiu para sublinhá-la.

Sem fazer nada mais além de ler, os pais oferecem um modelo de leitura a seus filhos, fazem-nos aprofundar o conhecimento da utilidade e do caráter gratificante da leitura, colocam-nos em contato com a linguagem escrita, permitem-lhes participar de diversas formas na leitura. Em determinados contextos, bastará talvez sugerir aos pais que leiam para seus filhos não como uma obrigação, mas como um meio de manter uma relação cálida e afetiva; em outros contextos, talvez seja necessário oferecer algumas indicações sobre como realizar essa atividade ou, inclusive, abrir as portas da sala de aula aos pais para que possam observar como fazê-lo. De qualquer forma, e de maneira gradativa, as equipes de professores precisam encontrar formas de colaboração com os pais, em relação à leitura, que façam todos os implicados sentirem-se confortáveis e que permitam beneficiar-se tanto do potencial educativo da leitura em casa como de uma das vinculações mais estreitas entre família e escola.

Ler na escola

Se na etapa da Educação Infantil o ensino da leitura é proposto seriamente, parece lógico que as propostas e decisões que se adotem em torno dela façam parte do projeto curricular da escola, o que não pressupõe apenas que formalmente sejam incluídas em um documento escrito. Pressupõe, a partir da perspectiva que adotamos que as idéias que foram expostas neste artigo, juntamente com as adaptações oportunas que podem guiar o ensino inicial da leitura, não se percam de vista em outros segmentos do sistema educativo, mas que se aprofundem, concretizem-se e complementem-se com outras que permitam dar conta dos objetivos que a escola, em todas suas etapas, deveria formular em relação à leitura: que os alunos tenham prazer de ler (autonomamente ou com a ajuda de outros), que aumentem e valorizem sua capacidade de lerem por si mesmos e que possam utilizar a leitura para resolver alguns dos desafios que a própria escola e a vida irão oferecer-lhes.

Em resumo, na etapa da Educação Infantil, a leitura ocupa um lugar muito definido e, ao mesmo tempo, muito amplo. Não se trata de acelerar nem de substituir a tarefa de outras etapas em relação a esse conteúdo; trata-se simplesmente de tornar natural o ensino e a aprendizagem de algo que coexiste com as crianças, que lhes interessa que se encontra presente em sua vida e na nossa e que não tem sentido algum ignorar.

10. BRINCANDO E APRENDENDO COISAS TÃO IMPORTANTES FORA DO ESPAÇO DA SALA DE AULA

Ana Maria Machado



Ciranda, “cirandinha vamos todos cirandar, uma volta, meia volta, volta e meia vamos dar”. Quem não se lembra de quando era pequeno, de ter dado as mãos pra muitas outras crianças, ter formado uma imensa roda e ter brincado e dançado por horas?

Quem pode esquecer a hora do recreio na escola, do chamado da turma da rua ou do prédio, pra cantarolar a “Terezinha de Jesus”, aquela que de uma queda foi ao chão e que acudiram três cavalheiros, todos eles com chapéu na mão? E a briga pra saber quem seria o pai, o irmão e o terceiro, aquele pra quem a disputada e amada Terezinha daria, afinal, a sua mão?

E aquela emoção gostosa, aquele arrepio que dava em todas as meninas quando cantavam: “ Sozinha eu não fico, nem hei de ficar, porque quero o ...(Sérgio? Paulo?Fernando?) para ser meu par”. E aí, apontando o eleito, ele vinha ao meio pra dançar junto com aquela que o havia escolhido...Quanta declaração de amor, quanto ciuminho, quanta inveja, passava na cabeça de todos.

E havia ainda a história triste do “Cravo que Brigou com a Rosa”, da “Senhora Dona Sancha” toda coberta de ouro e prata e ladeada de anjos...E a “Viuvinha” que tinha que

escolher se queria se casar com “o filho do Conde ou com o Sr. General” que parece, foram os melhores partidos casamenteiros, em disponibilidade e com aceitação, provavelmente por seus títulos.

E que pena que todos tinham daquele que “foi no Itororó beber água e não achei, adeus bela morena que no Itororó deixei”, que abandonou a amada morena porque deu seca no Itororó... E as risadas gostosas e maliciosas quando o menino escolhia uma roda e cantava pra ela: “Maria sacuda a saia, Maria abre o teu braço, Maria tem dó de mim, Ai Maria me dá um abraço”, e o abraço era dado, a Maria ficava roxinha de vergonha, com o coração batendo em ritmo acelerado?

E ficar horas brincando de dar um ofício para uma das filhas de Vossa Senhoria, enquanto o cavalheiro dizia: “Manda o tiro, tiro lá”, até escolher a filha certa e a profissão que ela almejava? E aquelas cantigas que terminavam com um incompreensível “Caranguejo não é peixe, caranguejo peixe é, caranguejo só é peixe, na vazante da maré”? Até que a roda inteira das crianças cantava com força e fazia festas dizendo: “ Palma, palma, palma, palma, bate o pé, pé, pé, roda, roda, roda, roda, caranguejo peixe é”.

Estas cantigas de roda e tantas outras marcaram a infância de todos... E vieram de tão antigamente, quanto às avós de nossas avós já faziam roda, davam as mãos e cantavam por horas estas cirandas tão belas, tão plenas de elementos importantes, significativos, belos...Que falam de amor, de saudade, de abandono, de trabalho, de escolha de companheiro, de brigas, de tristezas, enfim, de tudo que faz parte da vida de todos...

E se “a canoa virou, e deixou de virar, foi por causa da Maria que não soube remar”, não vamos ser como esta Maria que deixa a canoa - de tudo que é importante – virar... Nem é preciso saber remar... É só lembrar destas nossas cirandas, parte fundamental da cultura popular brasileira, e ir brincando junto, fazendo roda com as crianças da escola, da rua...

Pra ninguém poder dizer depois que “o anel que tu me deste, era vidro e se quebrou, o amor que tu me tinhas era pouco e se acabou”. As cirandas não podem ser quebradas não, de maneira nenhuma, não são de vidro coisa nenhuma e só querem muito amor, para não acabarem no esquecimento. Porque elas fazem parte da nossa história de vida (por trabalharem com tantos elementos importantes da condição humana.) e da história de nosso país.

Além do mais, todo professor sabe que é preciso ampliar os referenciais da criança em relação à exploração do corpo (quer coisa melhor do que estar de mãos dadas, girando à direita, parando, voltando, pulando, palmeando e tantas outras aproximações corporais que uma criança proporciona?..) É o jogo deste corpo no espaço próximo (quer melhor possibilidade do que cirandar por um local determinado e ir explorando as aberturas e limites dele? Ou ficar em fila , esperando a vez de sair para dar “o tiro lá”, só que em fila em que muitos andam juntos, e não sob o comando de apenas um ...)

Isto, se falando apenas de cirandas... Porque se formos pensar em termos de infinitas brincadeiras populares, o que elas ajudam a soltar o corpo no espaço bem próximo ou mais distante! Há algo melhor do que pular sela, saltar amarelinha, voltear no caracol, jogar peteca, fazer mil pulsões diferentes e desafiantes com a corda, jogar bolinha de gude, soltar papagaio, bater bola de todos os jeitos (no chão, na parede, no ar, cruzando os braços, fazendo pirueta etc) e tantas outras que ajudam –sem as chatices repetitivas e monótonas psicomotoras de hoje- a conhecer as possibilidades do corpo, a usar todos os movimentos, brincando de modo gostoso, solto, fora da sala ... E, portanto, no mundo...(..)

(...) Aí, era tão bom brincar de casinha, de festa de comadre, de batizado, de casamento, de aniversário, porque tudo era feito, construído, enfeitado e inventado pela gente mesmo.

(,,,) Brinquedo bom, mas bom mesmo, brinquedo pra valer, eram os que se fazia, inventava e embelezava... Com os quais a gente se divertia, ria, apresentava e desinventava, com toda a turma da rua, da vizinhança, da vila, da classe Aí, era a gostosura pra valer, ser dono(porque fez e não porque pagou) o sabor que sempre se podia fazer outro, igualzinho ou totalmente diferente,, Era só querer e aprontar as mãos para começar! (...) E por que não sair com os alunos para providenciar e achar a sucata necessária para os trabalhos de arte ou de aulas que necessitam? Por que ao invés de tomar uma atitude paternalista, entregando tudo pronto e permitindo que o aluno apenas escolha (se é que há este ímpeto democrático...) aquilo que precisa para efetivar o seu trabalho, ou pedir aos gentis pais das crianças que tragam as sobras desnecessárias em

casa devidamente ensacoladas, porque simplesmente não tomar alguns períodos escolares para sair pra rua com os alunos, para que eles achem todo o material disponível que a sua cidade já recusa? Por que não andar, virar esquinas, encontrar uma fábrica com despejos nas portas, mexer no que é jogado nas portas dos supermercados, lojas, terrenos baldios e etc. e se deparar com o inesperado o que poderá ser reaproveitado? Porque a busca não faz parte do processo educacional (já que é dela que partem as idéias e a procura para solução que elas exigem....) ?

Por que o achar não pode ser incorporado ao processo de fazer, como sua parte primeira (ou como necessidade intermediária)? E porque se parte do pressuposto do que se encontra apenas dentro da escola e que se procura, quando isso não é verdade (aliás, em nenhum sentido....) porque não ampliar, na sua medida real, as fronteiras de todo um caminho que deve ser percorrido, e onde a escola é o ponto de partida?....

Por que, nas escolas mais abastadas, onde há compra de material escolar, ela não pode ser feita em conjunto, por toda a classe, cada qual escolhendo o que achar bonito / estimulante / instigante / provocante / interessante / etc..., segundo seus critérios (e não segundo a lista – padrão feita pela professora no início do ano, conforme plano da escola....ou sendo adquirido diretamente pela percepção sempre sensível e exploratória que caracteriza a maioria das cabeças das diretoras das escolas do país) ?

É tão amplo tão aberto de infinitas possibilidades e saber ver, constatar, se chegar e alterar novos espaços...(novos em relação à descoberta de cada um)... É se assenhorar de seu mundo próximo (o mesmo mais, é longínquo) conseguir percebê-lo ou revê-lo (de modo mais crítico ou mais agudo ou mais atilado etc.) É poder deixar marcas de sua passagem (como nós fazíamos ao desenharmos corações com flechas, nomes e datas em árvores ou carteiras escolares, jurando um eterno amor...mas que estão lá, possivelmente, até hoje...não o amor, mas o símbolo dele neste momento... ou como fazem os jovens do mundo todo, pintando seus grafites sufocado, seu protesto, sua explosão de alegria, sua ode de amor....)

Pois, como disse uma vez, na sua maneira sempre tão bela, João Guimarães Rosa:“A gente cresce sempre, sem saber para onde” Então, porque não abrir algumas comportas deste “para onde” para os nossos alunos?

Por que se esquecer, por exemplo, que em pleno verão, sol a pino, por todas as praias brasileiras, crianças e jovens passam horas e horas fazendo suas esculturas na areia...Mexendo na areia fininha, sentindo ela escorrer pelas mãos, molhando bastante até ficar bem compacta pra poder ser transformada em castelos, casas, animais e mil outras coisas mais?...Uma lindeza! (...)

Beto conta que se a escultura desmoronava não ficava frustrado. Todos estavam preparados para as marés, para as grandes ondas do mar..... Era viver uma glória muito efêmera... Mas que ninguém ficava chateado porque tinha acabado o gostoso era fazer... Carlos Kipnis, fotógrafo, acrescenta que quando era a água que vinha e destruía a escultura, tudo bem, era o esperado. Porém, doido mesmo, era quando vinha alguém e dava pisadas e pulos em cima...

E Carlos conta que agora, recentemente, em Joatinga, no Rio, ele e um grupo de amigos construíram umas cidades egípcias, que ficaram fazendo por horas. “Começou com a esfinge, depois, as pirâmides, umas quatro escravas e tudo cercado por uma muralha! Chegou uma molecada que ficou de lado, vendo e achando o maior barato! E ficou mesmo! Toda aquela areia, enfeitada com conchas e madeiras, não podia ser mais lindo de ver e mais gostoso de fazer!”

Quanta coisa se aprende brincando na areia...Desde as sensações que ela provoca, até o prazer de ver algo construído, e saber que ela está fatalmente desmoronará (pela ação do mar, do vento ou das pessoas), e acrescentar algo a uma paisagem, e viver uma experiência de autoria anônima, e buscar elementos para enfeitá-la ou esculpi-la... Então, porque não trabalhar mais com tudo isso (claro que nas escolas que ficam perto da praia ou de rios)... Por que não sair de perto do portão fechado da escola, atravessar a rua e ter uma ou outra (ou várias) aulas de areia, vendo o infinito e mexendo com o perene? [...]

Por que não se lembrar do significado do recreio? A hora de brincar, o momento de estar fora da sala de aula, o tempo de comer, de fofocar, de namorar, de ver gente exibindo suas qualidades e atributos especiais... Enfim, a hora da liberdade da livre escolha... Mesmo que com a vigilância da professora de plantão, o momento de se sentar no chão, deitar, se esconder atrás da árvore, ficar conversando na escada, olhando pelo buraco do muro, enfim, sair... E sair como forma de sair dos limites, das regras e das leis da

escola... Por que outros ensinamentos não são feitos através desta forma de organização espontânea que acontece no recreio?

E nunca faz mal lembrar o que disse o poeta Jorge Luis Borges: “Em latim, as palavras inventar e descobrir são sinônimas; o que, aliás, está de acordo com a doutrina platônica, segundo a qual inventar e descobrir são o mesmo que recordar. Francis Bacon acrescenta que se aprender é recordar, ignorar é saber e esquecer”.

Tudo está aí só precisamos prestar atenção.

11. FALANDO EM LEITURA

Maria Helena Martins



Falando em Leitura, podemos ter em mente alguém lendo jornal, revista, folheto, mas o mais comum é pensarmos em leitura de livros. E quando se diz que uma pessoa gosta de ler, “vive lendo”, talvez seja rato de biblioteca ou consumidor de romances, histórias em quadrinhos, telenovelas. Se “passa o dia em cima dos livros” via de regra estuda muito. Sem dúvida o ato de ler é usualmente relacionado com a escrita, e o leitor visto como decodificador da letra. Bastará, porém, decifrar palavras para acontecer a leitura? Como explicaríamos as expressões de uso corrente “fazer a leitura” de um gesto, de uma situação; “ler o olhar de alguém”; “ler o tempo”; “ler o espaço”, indicando que o ato de ler vai além da escrita?

Se alguém na rua me dá um encontrão, minha reação pode ser de mero desagrado, diante de uma batida casual, ou de franca defesa, diante de um empurrão proposital. Minha resposta a esse incidente revela meu modo de lê-lo. Outra coisa: às vezes passamos anos vendo objetos comuns, um vaso, um cinzeiro, sem jamais tê-los de fato enxergado; limitamo-los à sua função decorativa ou utilitária. Um dia, por motivos, os mais diversos, nos encontramos diante de um deles como se fosse algo totalmente novo. O formato, a cor, a figura que representa, seu conteúdo passam a ter sentido, melhor, a fazer sentido para nós.

Só então se estabelece uma ligação efetiva entre nós e esse objeto. E consideramos sua beleza ou feiúra, o ridículo ou adequação ao ambiente em que se encontra o material e as partes que o compõe. Podemos mesmo pensar a sua história, as circunstâncias de sua criação, as intenções do autor ou fabricante ao fazê-lo, o trabalho de sua realização, as pessoas que o manipularam no decorrer de sua produção e, depois de pronto, aquelas ligadas a ele e as que o ignoram ou a quem desagrada. Perguntamo-nos por que não tínhamos enxergado isso antes; às vezes essa questão nos ocorre por um segundo, noutras ela é duradoura, mas dificilmente voltamos a olhá-lo da mesma maneira, não importa com que intensidade.

O que aconteceu? Até aquele momento o objeto era apenas algo mais na parafernália de coisas ao nosso redor, com as quais temos familiaridade sem dar atenção, porque não dizem nada em particular, ou das quais temos uma visão preconcebida. De repente se descobre um sentido, não o sentido, mas apenas uma maneira de ser desse objeto que nos provocou determinada reação, um modo especial de vê-lo, enxergá-lo, percebê-lo, enfim. Podemos dizer que afinal lemos o vaso ou o cinzeiro. Tudo ocorreu talvez de modo casual, sem intenção consciente, mas porque houve uma conjunção de fatores pessoais com o momento e o lugar, com as circunstâncias.

Isso pode acontecer também com relação a pessoas com que convivemos ambientes e situações cotidianas, causando um impacto, uma surpresa, até uma revelação. Nada de sobrenatural. Apenas nossos sentidos, nossa psique, nossa razão responderam a algo para o que já estavam potencialmente aptos e só então se tornaram disponíveis. Será assim também que acontece com a leitura de um texto escrito?

Com frequência nos contentamos, por economia ou preguiça, em ler superficialmente, “passar os olhos”, como se diz. Não acrescentamos ao ato de ler algo mais de nós além do gesto mecânico de decifrar os sinais. Sobretudo se esses não se

ligam de imediato a uma experiência, uma fantasia, uma necessidade nossa. Reagimos assim ao que não nos interessa no momento. Um discurso político, uma conversa, uma língua estrangeira, uma aula expositiva, um quadro, uma peça musical, um livro. Sentimo-nos isolados do processo de comunicação que essas mensagens instauram - desligados. E a tendência natural é ignorá-las ou rejeitá-las como nada tendo a ver com a gente. Se o texto é visual, ficamos cegos a ele, ainda que nossos olhos continuem a fixar os sinais gráficos, as imagens. Se é sonoro, surdos. Quer dizer: não o lemos, não o compreendemos impossível dar-lhe sentido porque ele diz muito pouco ou nada para nós.

Por essas razões, ao começarmos a pensar a questão da leitura, fica um mote que agradeço a Paulo Freire:

“ A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele”

12. O ENTERRO DO LEITOR

Gabriel Perissé

M

eus parentes e amigos, quando eu morrer, por favor, não permitam que a dor de me perderem apague de suas lembranças as instruções que faço agora sobre como desejo o meu enterro.

Quero que o meu corpo seja coberto, não pelo terno incômodo ou pelas perecíveis flores, mas por aquelas obras e aqueles autores que em vida me deram vida e, na morte, me darão o consolo de tê-los lido um dia.

Quero que *E o Vento Levou*, de Margaret Mitchell, cubra os cabelos que me restaram.

Quero que *Visão do Paraíso*, de Sérgio Buarque de Holanda, esconda os meus olhos para que eles nunca mais se fechem.

Quero que *Cheiro de Goiaba*, de Gabriel García Márquez, penetre fundo as minhas narinas e não me deixe esquecer todos os odores, os perfumados e os podres, que senti na terra.

Quero que *Música ao Longe*, de Érico Veríssimo, envolva os meus ouvidos como as melodias suaves e terríveis que ouvi ao longo dos meus dias.

Quero que *A Língua Absolvida*, de Elias Canetti, permaneça sobre a minha boca, e me perdoe tudo o que eu disse em segredo ou em público, e, sobretudo, aquilo tudo que não deveria ter calado.

Quero que *Perto do Coração Selvagem*, de Clarice Lispector, agasalhe o meu peito eternamente aberto.

Quero que *As mãos de Eurídice*, de Pedro Bloch, fiquem em minha mão esquerda e que *As Mãos Sujas*, de Sartre, fique na direita, e que eu continue folheando a vida, mesmo depois de desfolhada.

Quero que *O Prazer do Texto*, de Roland Barthes, proteja o meu sexo e me dê a certeza de que a história não termina aqui.

Quero que vários exemplares de *Vá aonde seu Coração Mandar*, de Susanna

Tamaro, recubram as minhas pernas e meus pés, para que eu não me desvie do caminho.

Quero que assim feito, fechem meu caixão com chave de ouro, e durante a descida final, em lugar da tradicional chuva de pétalas e flores, joguem páginas com poemas de Fernando Pessoa, Adélia Prado, ou com o poema de Mário de Andrade em que ele pede que, após a morte, distribuam partes de seu corpo pela cidade de São Paulo, assim concluindo: "As tripas atirem pro Diabo, que o espírito será de Deus. Adeus."

13. PROFESSORES APAIXONADOS

Gabriel Perissé



Professores e professoras apaixonadas acordam cedo e dormem tarde, movidos pela idéia fixa de que podem mover o mundo.

Apassionados, esquecem a hora do almoço e do jantar: estão preocupados com as múltiplas fomes que, de múltiplas formas, debilitam as inteligências.

As professoras apaixonadas descobriram que há homens no magistério igualmente apaixonados pela arte de ensinar, que é a arte de dar contexto a todos os textos.

Não há pretextos que justifiquem, para os professores apaixonados, um grau a menos de paixão, e não vai nisso nem um pouco de romantismo barato. Apaixonar-se sai caro!

Os professores apaixonados, com ou sem carro, buzina o silêncio comodista, dão carona para os alunos que moram mais longe do conhecimento, saem cantando o pneu da alegria.

Se estão apaixonados, e estão, fazem da sala de aula um espaço de cânticos, de ênfases, de sínteses que demonstram, pela via do contraste, o absurdo que é viver sem paixão, ensinar sem paixão.

Dá pena, dá compaixão ver o professor desapaixonado, sonhando acordado com a aposentadoria, contando nos dedos os dias que faltam para as suas férias, catando no calendário os próximos feriados.

Os professores apaixonados muito bem sabem das dificuldades, do desrespeito, das injustiças, até mesmo dos horrores que há na profissão. Mas o professor apaixonado não deixa de professar, e seu protesto é continuar amando apaixonadamente.

Continuar amando é não perder a fé, palavra pequena que não se dilui no café ralo, não foge pelo ralo, não se apaga como um traço de giz no quadro. Ter fé impede que o medo esmague o amor, que as alienações antigas e novas substituam a lúcida esperança.

Dar aula não é contar piada, mas quem dá aula sem humor não está com nada, ensinar é uma forma de oração. Não essa oração chacoalhar de palavras sem sentido, com voz melosa ou ríspida. Mera oração subordinada, e mais nada.

Os professores apaixonados querem tudo. Querem multiplicar o tempo, somar esforços, dividir os problemas para solucioná-los. Querem analisar a química da realidade. Querem traçar o mapa de inusitados tesouros.

Os olhos dos professores apaixonados brilham quando, no meio de uma explicação, percebem o sorriso do aluno que entendeu algo que ele mesmo, professor, não esperava explicar.

A paixão é inexplicável, bem sei. Mas é também indisfarçável.

14. LIVRO É PASSAPORTE, É BILHETE DE PARTIDA

Bartolomeu Campos Queiroz



Desconheço liberdade maior e mais duradoura do que esta do leitor ceder-se à escrita do outro, inscrevendo-se entre as suas palavras e os seus silêncios. Texto e leitor ultrapassam a solidão individual para se enlaçarem pelas interações. Esse abraço a partir do texto é soma das diferenças, movida pela emoção, estabelecendo um encontro fraterno e possível entre leitor e escritor. Cabe ao escritor estirar sua fantasia para, assim, o leitor projetar seus sonhos.

As palavras são portas e janelas. Se debruçarmos e repararmos, nos inscrevemos na paisagem. Se destrancarmos as portas, o enredo do universo nos visita. Ler é somar-se ao mundo, é iluminar-se com a claridade do já decifrado. Escrever é dividir-se.

Cada palavra descortina um horizonte, cada frase anuncia outra estação. E os olhos, tomando das rédeas, abrem caminhos, entre linhas, para as viagens do pensamento. O livro é passaporte, é bilhete de partida.

A leitura guarda espaço para o leitor imaginar sua própria humanidade e apropriar-se de sua fragilidade, com seus sonhos, seus devaneios e sua experiência. A leitura acorda no sujeito dizeres insuspeitados enquanto redimensiona seus entendimentos.

Há trabalho mais definitivo, há ação mais absoluta do que essa de aproximar o homem do livro?

Experimento a impossibilidade de trancar os sentidos para um repouso. O corpo vivo vive em permanentes e vários níveis de leitura. Não há como ausentar-se, definitivamente, deste enunciado, enquanto somos no mundo. O corpo sabe e duvida. A dúvida gera criações, enquanto a certeza traça fanatismos.

Reconheço, porém, um momento em que se dá o definitivo acontecimento: a certeza de que o mundo pessoal é insuficiente. Há que buscar a si mesmo na experiência do outro e inteirar-se dela. Tal movimento atenua as fronteiras e a palavra fertiliza o encontro.

Acredito que ler é configurar uma terceira história, construída parceiramente a partir do impulso movedor contido na fragilidade humana, quando dela se toma posse. A fragilidade que funda o homem é a mesma que o inaugura, mas só a palavra anuncia.

A iniciação à leitura transcende o ato simples de apresentar ao sujeito as letras que aí estão já escritas. É mais que preparar o leitor para a decifração das artimanhas de uma sociedade que pretende também consumi-lo. É mais do que a incorporação de um saber frio, astutamente construído.

Fundamental, ao pretender ensinar a leitura, é convocar o homem para tomar da sua palavra. Ter a palavra é, antes de tudo, munir-se para fazer-se menos indecifrável. Ler é cuidar-se, rompendo com as grades do isolamento. Ler é evadir-se com o outro, sem contudo perder-se nas várias faces da palavra. Ler é encantar-se com as diferenças.

15. HISTÓRIAS INFANTIS COMO FORMA DE CONSCIÊNCIA DE MUNDO

Cristina M. de Oliveira



no encontro com qualquer forma de Literatura que os homens têm a oportunidade de ampliar, transformar ou enriquecer sua própria experiência de vida. Nesse sentido, a Literatura apresenta-se não só como veículo de manifestação de cultura, mas também de ideologias.

A Literatura Infantil, por iniciar o homem no mundo literário, deve ser utilizada como instrumento para a sensibilização da consciência, para a expansão da capacidade e interesse de analisar o mundo. Sendo fundamental mostrar que a literatura deve ser encarada, sempre, de modo global e complexo em sua ambigüidade e pluralidade.

Até bem pouco tempo, em nosso século, a Literatura Infantil era considerada como um gênero secundário, e vista pelo adulto como algo pueril (nivelada ao brinquedo) ou útil (forma de entretenimento). A valorização da Literatura Infantil, como formadora de consciência dentro da vida cultural das sociedades, é bem recente.

Para investir na relação entre a interpretação do texto literário e a realidade, não há melhor sugestão do que obras infantis que abordem questões de nosso tempo e problemas universais, inerentes ao ser humano.

"Infantilizar" as crianças não cria cidadãos capazes de interferir na organização de uma sociedade mais consciente e democrática.

Fases normais no desenvolvimento da criança

O caminho para a redescoberta da Literatura Infantil, em nosso século, foi aberto pela Psicologia Experimental que, revelando a Inteligência como um elemento estruturador do universo que cada indivíduo constrói dentro de si, chama a atenção para os diferentes estágios de seu desenvolvimento (da infância à adolescência) e sua importância fundamental para a evolução e formação da personalidade do futuro adulto. A sucessão das fases evolutivas da inteligência (ou estruturas mentais) é constante e igual para todos. As idades correspondentes a cada uma delas podem mudar, dependendo da criança, ou do meio em que ela vive.

Primeira Infância: Movimento X Atividade (15/17 meses aos 3 anos)

- Maturação, início do desenvolvimento mental;
- Fase da invenção da mão - reconhecimento da realidade pelo tato;
- Descoberta de si mesmo e dos outros;
- Necessidade grande de contatos afetivos;
- Explora o mundo dos sentidos;
- Descoberta das formas concretas e dos seres;
- Conquista da linguagem;
- Nomeação de objetos e coisas - atribui vida aos objetos;
- Começa a formar sua auto-imagem, de acordo com o que o adulto diz que ela é, assimilando, sem questionamento, o que lhe é dito;
- Egocentrismo, jogo simbólico;
- Reconhece e nomeia partes do corpo;
- Forma frases completas;
- Nomeia o que desenha e constrói;
- Imita, principalmente, o adulto.

Segunda Infância: Fantasia e Imaginação (dos 3 aos 6 anos)

- Fase lúdica e predomínio do pensamento mágico;
- Aumenta, rapidamente, seu vocabulário;
- Faz muitas perguntas. Quer saber "como" e "por quê?";
- Egocentrismo - narcisismo;
- Não diferenciação entre a realidade externa e os produtos da fantasia infantil;
- Desenvolvimento do sentido do "eu";
- Tem mais noção de limites (meu/teu/nosso/certo/errado);
- Tempo não tem significação - não há passado nem futuro, a vida é o momento presente;
- Muitas imagens ainda completando, ou sugerindo os textos;
- Textos curtos e elucidativos;

- Consolidação da linguagem, onde as palavras devem corresponder às figuras;
- Para Piaget, etapa animista, pois todas as coisas são dotadas de vida e vontade;
- O elemento maravilhoso começa a despertar interesse na criança.

Dos 6 aos 6 anos e 11 meses, aproximadamente

- Interesse por ler e escrever. A atenção da criança está voltada para o significado das coisas;
- O egocentrismo está diminuindo. Já inclui outras pessoas no seu universo;
- Seu pensamento está se tornando estável e lógico, mas ainda não é capaz de compreender idéias totalmente abstrata;
- Só consegue raciocinar a partir do concreto;
- Começa a agir cooperativamente;
- Textos mais longos, mas as imagens ainda devem predominar sobre o texto;
- O elemento maravilhoso exerce um grande fascínio sobre a criança.

Histórias para crianças (faixa etária / áreas de interesse / materiais / livros)

1 a 2 anos

A criança, nessa faixa etária, prende-se ao movimento, ao tom de voz, e não ao conteúdo do que é contado. Ela presta atenção ao movimento de fantoches e a objetos que conversam com ela. As histórias devem ser rápidas e curtas. O ideal é inventá-las na hora. Os livros de pano, madeira e plástico, também prendem a atenção. Devem ter, somente, uma gravura em cada página, mostrando coisas simples e atrativas visualmente. Nesta fase, há uma grande necessidade de pegar a história, segurar o fantoche, agarrar o livro, etc..

2 a 3 anos

Nessa fase, as histórias ainda devem ser rápidas, com pouco texto de um enredo simples e vivo poucos personagens, aproximando-se, ao máximo, das vivências da criança. Devem ser contadas com muito ritmo e entonação. Tem grande interesse por histórias de bichinhos, brinquedos e seres da natureza humanizados. Identifica-se, facilmente, com todos eles. Prendem-se a gravuras grandes e com poucos detalhes. Os fantoches continuam sendo os mais adequados. A música exerce um grande fascínio sobre ela. A criança acredita que tudo ao seu redor tem vida e vivência, por isso, a história transforma-se em algo real, como se estivesse acontecendo mesmo.

3 a 6 anos

Os livros adequados a essa fase devem propor "vivências radicadas" no cotidiano familiar da criança e apresentar determinadas características estilísticas.

Predomínio absoluto da imagem, (gravuras, ilustrações, desenhos, etc.), sem texto escrito, ou com textos brevíssimos, que podem ser lidos, ou dramatizados pelo adulto, a fim de que a criança perceba a inter-relação existente entre o "mundo real", que a cerca, e o "mundo da palavra", que nomeia o real. É a nomeação das coisas que leva a criança a um convívio inteligente, afetivo e profundo com a realidade circundante.

As imagens devem sugerir uma situação que seja significativa para a criança, ou que lhe seja, de alguma forma, atraente.

A graça, o humor, certo clima de expectativa, ou mistério são fatores essenciais nos livros para o pré-leitor.

As crianças, nessa fase, gostam de ouvir a história várias vezes. É a fase de "conte outra vez".

Histórias com dobraduras simples, que a criança possa acompanhar, também exercem grande fascínio. Outro recurso é a transformação do contador de histórias com roupas e objetos característicos. A criança acredita, realmente, que o contador de histórias se transformou no personagem ao colocar uma máscara, chapéu, capa, etc..

Podemos enriquecer a base de experiências da criança, variando o material que lhe é oferecido. Materiais como massa de modelar e argila atraem a criança para novas experimentações. Por exemplo, a história do "Bonequinho Doce" sugere a confecção de um bonequinho de massa, e a história da "Galinha Ruiva" pode sugerir amassar e assar um pão.

Assim como as histórias infantis, os contos de fadas têm um determinado momento para serem introduzidos no desenvolvimento da criança, variando de acordo com

o grau de complexidade de cada história.

Os contos de fadas, tais como: "O Lobo e os Sete Cabritinhos", "Os Três Porquinhos", "Cachinhos de Ouro", "A Galinha Ruiva" e "O Patinho Feio" apresentam uma estrutura bastante simples e têm poucos personagens, sendo adequados à crianças entre 3 e 4 anos. Enquanto, "Chapeuzinho Vermelho", "O Soldadinho de Chumbo" (conto de Andersen), "Pedro e o Lobo", "João e Maria", "Mindinha" e o "Pequeno Polegar" são adequados a crianças entre 4 e 6 anos.

6 anos a 6 anos e 11 meses

Os contos de fadas citados na fase anterior ainda exercem fascínio nessa fase. "Branca de Neve e os Sete Anões", "Cinderela", "A Bela Adormecida", "João e o Pé de Feijão", "Pinóquio" e "O Gato de Botas" podem ser contadas com poucos detalhes.

Faixa etária	Textos	Ilustrações	Materiais
1 a 2 anos	As histórias devem ser rápidas e curtas	Uma gravura em cada página, mostrando coisas simples e atrativas visualmente.	Livros de pano, madeira, e plástico. É recomendado o uso de fantoches
2 a 3 anos	As histórias devem ser rápidas, com pouco texto de um enredo simples e vivo poucos personagens, aproximando-se, ao máximo das vivências da criança.	Gravuras grandes e com poucos detalhes	Os fantoches continuam sendo os mais adequados. Música também exerce um grande fascínio sobre a criança
3 a 6 anos	Os livros adequados a essa fase devem propor vivências radicadas no cotidiano familiar da criança.	Predomínio absoluto da imagem, sem texto escrito ou com textos brevíssimos.	Livros com dobraduras simples. Outro recurso é a transformação do contador de histórias com roupas e objetos característicos. A criança acredita, realmente, que o contador de histórias se transformou no personagem ao colocar uma máscara.
6 ou 7 anos (fase de alfabetização)	Trabalho com figuras de linguagem que explorem o som das palavras. Estruturas frasais mais simples sem longas construções. Ampliação das temáticas com personagens inseridas na coletividade, favorecendo a socialização, sobretudo na escola.	Ilustração deve integrar-se ao texto a fim de instigar o interesse pela leitura. Uso de letras ilustradas, palavras com estrutura dimensiva diferenciada e explorando caráter pictórico.	Excelente momento para inserir poesia, pois brinca com palavras, sílabas, sons. Apoio de instrumentos musicais ou outros objetos que produzam sons. Materiais como massinha, tintas, lápis de cor ou cera podem ser usados para ilustrar textos.

16. LER O MUNDO

Affonso Romano de Sant'Anna



Tudo é leitura. Tudo é decifração. Ou não.

Tudo é leitura. Tudo é decifração. Ou não. Ou não porque nem sempre deciframos os sinais à nossa frente. Ainda agora os jornais estão repetindo, a propósito das recentes eleições, “que é preciso entender os recados das urnas” Ou seja, as urnas falam, emitem mensagens. O sambista dizia que “as rosas não falam, as rosas apenas exalam o perfume que roubam de ti” .Perfumes falam. E as urnas exalam um cheiro estranho. O presidente diz que seu partido precisa tomar banho de “cheiro do povo”. E enquanto repousava nesses feriados e tomava banho em nossas águas, ele tirou várias fotos com cheiro de povo.

Paixão de ler . Ler a paixão .

Como ler a paixão se a paixão é quem nos lê? Sim, a paixão é quando nossos inconscientes pergaminhos sofrem de um desletrado terremoto. Na paixão somos lidos à nossa revelia.

O corpo é um texto, há que saber interpretá-lo. Alguns corpos, no entanto, vêm em forma de hieróglifo, difícilimos. Ou a incompetência é nossa, iletrados diante deles?

Quantas são as letras do alfabeto do corpo amado? Como soletrá-lo? Como sabê-lo na ponta da língua? Tem 24 letras? Quantas letras estranhas, estrangeiras nesse corpo? Como achar o ponto G na cartilha de um corpo? Quantas novas letras podem ser incorporadas nesta interminável e amorosa alfabetização? Movido pelo amor, pela paixão, pode o corpo falar idiomas que antes desconhecia.

O médico até que se parece com o amante. Ele também lê o corpo. Vem daí a semiologia. Ciência da leitura dos sinais. Dos sintomas. Daí partiu Freud, para ler o Interior, o invisível texto estampado no Inconsciente. Então, os lacanianos todos se deliciaram rogando com as letras – a letra do corpo, o corpo da letra.

Portanto, não é só quem lê um livro que lê

Um paisagista lê a vida de maneira florida e sombreada. Fazer um jardim é reler o mundo, reordenar o texto natural. A paisagem pode ter sotaques. Por isso se fala de um jardim italiano, de um jardim francês, de um jardim inglês. E quando os jardineiros barrocos instalavam assombrosas grutas e jorros d’água entre seus canteiros estavam saudando as elipses do mistério nos extremos que são a pedra e a água, o movimento e a eternidade.

Urbanista e o Arquiteto igualmente escrevem melhor ditos, inscrevem um texto na prancheta da realidade. Traçados de avenidas podem ser absolutistas, militaristas, e o risco das ruas pode ser democrático dando expressividade às comunidades.

Tudo é texto. Tudo é narração

Um desfile de carnaval, por exemplo. Por isso se fala de “samba-enredo”. Enredo além da história referida, a disposição das alas, as fantasias, a bateria, a comissão de frente, são formas narrativas.

Uma partida de futebol é uma forma narrativa. Saber ler uma partida - este o mérito do locutor esportivo, na verdade, um leitor esportivo. Ele, como o técnico, vê coisas no texto em jogo, que só depois de lidas por ele nos são percebidas. Ler, então é um jogo. Uma disputa, uma conquista de significados entre o texto e o leitor.

Paulinho da viola dizia: “As coisas estão no mundo, eu é que preciso aprender” Um arqueólogo lê nas ruínas a história antiga. O astrônomo lê a epopéia das estrelas. Ora, direis, ouvi & ler estrelas. Que histórias sublimes, suculentas, na Via Láctea.

Não é só Scheherazade que conta histórias. Um espetáculo de dança é narração. Uma exposição de artes plásticas é narração. Tudo é narração. Até o quadro “Branco, sobre branco”, de Malevich, conta uma história.

Aparentemente ler jornal é uma coisa simples. Não é? A forma como o jornal é feito, as diagramações, a escolha dos títulos, das fotos e ilustrações é já um discurso. E sobre isso se poderia aplicar o que Umberto Eco disse sobre o “Finnegans wake”, de James Joyce: “O primeiro discurso que uma obra faz o faz através da forma como é feita” .

Estamos com vários problemas de leitura hoje. Construímos sofisticadíssimos aparelhos que sabem ler. Eles nos lêem. Lêem-nos melhor que nós mesmos. E mais: nós é que não os sabemos ler. Isto se dá não apenas com os objetos eletrônicos em casa ou com os aparelhos capazes de dizer há quantos milhões de anos viveu certa bactéria. Situação paradoxal: não sabemos ler os aparelhos que nos lêem. Analfabetismo tecnológico.

A gente vive falando mal do analfabeto. Mas o analfabeto também lê o mundo. Às

vezes, sabiamente. Em nossa arrogância o desclassificamos. Mas Levi-Strauss ousou dizer que algumas sociedades iletradas eram ética e esteticamente muito sofisticadas. E penso que analfabeto é apenas aquele que a sociedade letrada refugou. De resto, hoje na sociedade eletrônica, quem não é de algum modo analfabeto?

Vi na fazenda de um amigo, aparelhos eletrônicos que, ao tirarem leite da vaca, são capazes de ler tudo sobre a qualidade do leite, da vaca, e até o pensamento de quem está assistindo à cena. Aparelhos, sofisticadíssimo, lêem o mundo e nos dão recados. A camada de ozônio está berrando um S.O.S, mas os chefes de governo, acovardados, tapam (economicamente) o ouvido. A natureza está dizendo que a água, além de infecta, está acabando. Lemos à notícia e postergamos a tragédia para nossos netos.

É preciso ler, interpretar e fazer alguma coisa com a interpretação. Feiticeiros e profetas liam mensagens nas vísceras dos animais sacrificados e paredes de palácios. Cartomantes lêem no baralho, copo d'água, búzios. Tudo é leitura. Tudo é decifração.

17. UM POUCO DE ATENÇÃO

Autor Desconhecido

R

elata a Sra. Thompson, que no seu primeiro dia de aula parou em frente aos seus alunos da 5ª série primária e, como todos os demais professores, lhes disse que gostava de todos por igual.

No entanto, ela sabia que isto era quase impossível, já que na primeira fila estava sentado um pequeno garoto chamado Teddy. A professora havia observado que ele não se dava bem com os colegas de classe e muitas vezes suas roupas estavam sujas e cheiravam mal. Houve até momentos em que ela sentia prazer em lhe dar notas vermelhas ao corrigir suas provas e trabalhos.

Ao iniciar o ano letivo, era solicitado a cada professor que lesse com atenção a ficha escolar dos alunos, para tomar conhecimento das anotações feitas em cada ano. A Sra. Thompson deixou a ficha de Teddy por último. Mas quando a leu foi grande a sua surpresa. A professora do 1º ano escolar de Teddy havia anotado o seguinte: Teddy é um menino brilhante e simpático. Seus trabalhos sempre estão em ordem e muito nítidos. Tem bons modos e é muito agradável estar perto dele. A professora do 2º ano escreveu: Teddy é um aluno excelente e muito querido por seus colegas, mas tem estado preocupado com sua mãe que está com uma doença grave e desenganada pelos médicos. A vida em seu lar deve estar sendo muito difícil. Da professora do 3º ano constava a anotação seguinte: A morte de sua mãe foi um golpe muito duro para Teddy. Ele procura fazer o melhor, mas seu pai não tem nenhum interesse e logo sua vida será prejudicada se ninguém tomar providências para ajudá-lo. A professora do 4º ano escreveu: Teddy anda muito distraído e não mostra interesse algum pelos estudos. Tem poucos amigos e muitas vezes dorme na sala de aula. A Sra. Thompson se deu conta do problema e ficou terrivelmente envergonhada. Sentiu-se ainda pior quando lembrou dos presentes de Natal que os alunos lhe haviam dado, envoltos em papéis coloridos, exceto o de Teddy, que estava enrolado num papel marrom de supermercado. Lembra-se de que abriu o pacote com tristeza, enquanto os outros garotos riam ao ver uma pulseira faltando algumas pedras e um vidro de perfume pela metade.

Apesar das piadas ela disse que o presente era precioso e pôs a pulseira no braço e um pouco de perfume sobre a mão. Naquele dia Teddy ficou um pouco mais de tempo na escola do que o de costume. Lembrou-se ainda, que Teddy lhe disse que ela estava cheirosa como sua mãe.

Naquele dia, depois que todos se foram, a professora Thompson chorou por longo tempo... Em seguida, decidiu-se a mudar sua maneira de ensinar e passou a dar mais atenção aos seus alunos, especialmente a Teddy. Com o passar do tempo ela notou

que o garoto só melhorava. E quanto mais ela lhe dava carinho e atenção, mais ele se animava.

Ao finalizar o ano letivo, Teddy saiu como o melhor da classe. Um ano mais tarde a Sra. Thompson recebeu uma notícia em que Teddy lhe dizia que ela era a melhor professora que teve na vida. Seis anos depois, recebeu outra carta de Teddy contando que havia concluído o segundo grau e que ela continuava sendo a melhor professora que tivera. As notícias se repetiram até que um dia ela recebeu uma carta assinada pelo Dr. Theodore Stoddard, seu antigo aluno, mais conhecido como Teddy. Um dia a Sra. Thompson recebeu outra carta, em que Teddy a convidava para seu casamento e noticiava a morte de seu pai. Ela aceitou o convite e no dia do casamento estava usando a pulseira que ganhou de Teddy anos antes, e também o perfume. Quando os dois se encontraram, abraçaram-se por longo tempo e Teddy lhe disse ao ouvido:

- Obrigado por acreditar em mim e me fazer sentir importante, demonstrando-me que posso fazer a diferença.

Mas ela, com os olhos banhados em pranto sussurrou baixinho:

- Você está enganado! Foi você que me ensinou que eu podia fazer a diferença, afinal eu não sabia ensinar até que o conheci.

AUTORES



*“Há pessoas que nos falam e nem as
escutamos; há pessoas que nos ferem e
nem cicatrizes deixam, mas há pessoas
que simplesmente aparecem em nossa
vida e nos marcam para sempre.”*

Cecília Meireles

EVA FURNARI



Uma das principais figuras da literatura para crianças, Eva Furnari nasceu em Roma (Itália) em 1948 e chegou ao Brasil em 1950, radicando-se em São Paulo. Desde muito jovem, sua atração eram os livros de estampas -- e não causa estranhamento algum imaginá-la envolvida com cores, lápis e pincéis, desenhando mundos e personagens para habitá-los...

Suas habilidades criativas encaminharam-na, primeiramente, ao universo das Artes Plásticas expondo, em 1971, desenhos e pinturas na Associação dos Amigos do Museu de Arte Moderna, em uma mostra individual. Participou de muitas outras exposições, Museu Lasar Segall, 1974; Pod Minoga Studio, 1978; MASP, 1980, entre diversos lugares. Paralelamente, cursou a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, formando-se no ano de 1976. No entanto, erguer prédios tornou-se pouco atraente quando encontrou a experiência das narrativas visuais.

Iniciou sua carreira como autora e ilustradora, publicando histórias sem texto verbal, isto é, contadas apenas por imagens. Seu primeiro livro foi lançado pela Ática, em 1980, *Cabra-cega*, inaugurando a coleção Peixe Vivo, premiada pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil - FNLIJ.

No ano seguinte, Eva Furnari passava a colaborar com Folhinha de S. Paulo com suas *Historinhas*, definitivamente adotando a linha lúdica que caracteriza todo o conjunto de seu trabalho. Com suas narrativas "mudas", Eva era responsável por uma coluna de meia página, ao lado de Luís Camargo. Nas páginas do suplemento infantil, nasce a querida e desastrada *Bruxinha* com suas mágicas divertidíssimas. Nessa época, também aparecem *Filomena* e os *Trapalhudinhos*.

Ao longo de sua carreira, Eva Furnari recebeu muitos prêmios, entre eles contam o Jabuti de "Melhor Ilustração" -- *Trucks* (Ática, 1991), *A bruxa Zelda* e os *80 docinhos* (1986) e *Anjinho* (1998) -- setes láureas concedidas pela FNLIJ e o Prêmio APCA pelo conjunto de sua obra.

www.caracol.imaginario.com/autografos/evafurnari/index.html

FERNANDA LOPES DE ALMEIDA



Escritora carioca formou-se em Psicologia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Trabalha também com Psicologia em sua clínica particular. Começou a escrever contos para adultos na década de 50. Publicou trabalhos em jornais e revistas. Em 1971, começou a dedicar-se à Literatura Infantil sendo reconhecida como uma das maiores escritoras brasileiras para as crianças. Seu primeiro livro infantil, denominado *A fada que tinha idéias*, revolucionou as vendas e a crítica literária. Seu livro foi premiado pela Unesco no Ano Internacional do Livro, em 1972. Fernanda tem diversos contos premiados e conquistou

verdadeira admiração por parte das crianças com muitas obras, como *O Segredo do Bosque Encantado*, *A Curiosidade Premiada*, *A Margarida Friorenta* e *A Bela Adormecida no Bosque*.

Autora de obras primas como este "O Equilibrista" e "A Fada que Tinha Idéias", foi várias vezes premiada com o Prêmio Jaboti pela sua obra. Selando uma parceria de 12 anos, Márcia Do Valle e Cláudio Mendes e com uma pesquisa profunda sobre o teatro popular, iniciado na Idade Média, passando pelo Renascimento e o Cordel Brasileiro, esta parceria já rendeu frutos de sabor reconhecido pelo público e pela crítica especializada: "Fiorina - Uma história de amos nos tempos da Renascença" (3 indicações e um Prêmio Coca-Cola de Teatro Infantil - 91); "Calendas de Primavera - uma festa medieval" (4 indicações e um Prêmio Coca-Cola de Teatro Infantil 94); "A Cor Del'art" - teatro de cordel; "O Equilibrista - uma peça infantil para todo mundo" (Prêmio Coca-Cola de melhor música 96).

Heliana Barriga



Heliana barriga adora participar de feiras e promover gincanas culturais. Ministra oficinas para educadores e estudantes, e também realiza shows musicais com performances poéticas ao som da sanfona, brincando de criar poemas novos a partir de uma palavra que a criança lhe dá.

É presidente da ACHEI-PA, *Associação de Contadores de Histórias, Escritores e Ilustradores do Pará*. Mantém atividade como compositora da *Associação Grupo de Cultura Regional Iaçá*. É integrante da *Malta de Poetas Folhas e Ervas* e da ONG *Mala sem Fundo* - organização responsável por sua obra cultural voltada para crianças e adolescentes.

Heliana gosta de tomar banho na chuva, de saborear sorvete de açai, de namorar, de amar seus filhos, de inventar histórias novas e de falar sobre sua arte e vida literária.

www.ftd.com.br

Lygia Bojunga



Lygia Bojunga Nunes, escritora brasileira, nasceu em Pelotas no dia 26 de agosto de 1932 e cresceu numa fazenda. Aos oito anos de idade, mudou-se para o Rio de Janeiro.

Em 1951, se tornou atriz numa companhia de teatro que viajava pelo interior do Brasil. Durante essas turnês, conviveu com a pobreza e o analfabetismo e, por isso, fundou uma escola que dirigiu por cinco anos.

Trabalhou durante muito tempo para o rádio e a televisão, até estreiar como escritora de livros infantis em 1972, com sua primeira obra literária "Os Colegas".

A literatura infantil brasileira caracteriza-se por uma acentuada transgressão dos limites entre a fantasia e a realidade.

Lygia Bojunga é uma escritora que perpetuou esta tradição e a tornou perfeita.

Os sentimentos de tristeza, alegria, aventura e tranquilidade convivem harmonicamente. Ela acredita que o dia-a-dia está repleto de magia; portanto, os personagens dos seus livros fantasiam livremente.

O objetivo maior de seus textos é a perspectiva da criança. O que ela revela de mais sério está sempre em equilíbrio com o humor e a brincadeira.

É uma apaixonada pelo social e pela democracia e com muita sutileza e magia exprime suas idéias. Lygia tem o dom da narrativa que prende a atenção do leitor desde o primeiro capítulo.

“A “escritora tem uma longa lista de sucessos da literatura infantil, desde “Os Colegas”, de 1972, até “Retratos de Carolina””, de 2002, passando por Angélica”, “O Sofá Estampado”, “A Casa da Madrinha” e “Corda Bamba”, entre outros. As obras de Lygia Bojunga estão traduzidas para várias línguas, dentre as quais francês, alemão, espanhol, norueguês, sueco, hebraico, italiano, búlgaro, tcheco e islandês.

Recebeu vários prêmios, entre eles o Prêmio Jabuti (1973), o prestigiado Prêmio *Hans Christian Andersen* (1982), o Prêmio da Literatura *Rattenfänger* (1986) e, em 26 de maio de 2004, em Estocolmo, Suécia, recebe da Princesa Victória o maior e mais importante prêmio da literatura infanto-juvenil, o Prêmio *Astrid Lindgren*, no valor de R\$ 1,9 milhões de reais, aproximadamente. www.casalygiabojunga.com.br

Marina Colasanti



A escritora e artista plástica, Marina Colasanti, nasceu em Asmara (Eritreia), na África. Seguiu para a Itália e, desde 1948 mora no Brasil. Já escreveu 33 livros, entre ensaios, contos e obras infanto-juvenis. Em 1994 ganhou dois prêmios Jabuti com os livros *Rota de colisão*, e *Ana Z, aonde vai você?*. A escritora também exerceu intensa atividade jornalística. Foi redatora do Caderno B e do Caderno Infantil, do Jornal do Brasil, de 1962 a 1973. Assinou seções nas revistas *Senhor*, *Fatos&Fotos*, *Claudia*, entre outras.

Marina Colasanti esteve em Uberaba no dia 5 de abril para participar do projeto Tim Estado de Minas - Grandes Escritores, no auditório da Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro (FMTM). A escritora concedeu uma entrevista exclusiva ao repórter, gravada na manhã de 5 de abril no hotel onde estava hospedada, onde falou sobre literatura, vida, amor e feminismo. www.releituras.com/mcolasanti_menu.asp

Mary e Eliardo França



Foi em Santos Dumont, nos contrafortes da Serra da Mantiqueira, que Eliardo Neves França e Mary Jane Ferreira nasceram. Ele, a 17 de junho de 1941; ela, a 24 de agosto de 1954.

Durante uma festa, em 1963, quando ambos já viviam em Juiz de Fora, Mary conhece Eliardo, em Santos Dumont. Um ano depois, Mary resolve ingressar no magistério. Em 1965, Eliardo desiste de cursar a Faculdade de Arquitetura, para se dedicar exclusivamente à ilustração.

Assim, a partir de 1966, ilustra os seis livros da coleção Malba Tahan Conta Histórias, para a Editora Brasil-América (EBAL).

Em 1967, Mary termina o curso de magistério e escreve textos sobre o folclore brasileiro para a Editora Conquista, RJ.

A 6 de julho de 1968, em Juiz de Fora, MG, Mary e Eliardo se casam. Nesse mesmo ano, Eliardo recebe seu primeiro prêmio como ilustrador, concedido pelo Instituto Nacional do Livro, no concurso "O Natal e o Livro". O casal vem a ter quatro filhos: Augusto (1969), Patrícia (1970), Daniel (1971) e Lucas (1973); hoje, todos estão ligados às artes gráficas, ilustração e informática.

Em 1978, saem os primeiros volumes da Coleção Gato e Rato, Editora Ática, SP, a que a FNLIJ concede o Selo de Ouro como a melhor obra para crianças; a mesma coleção voltará a receber tal indicação em 1979, 1985 e 1986.

Em 1979, o livro "O Rabo do Gato", do casal, conquista Menção Honrosa na 6a. Mostra Internacional de Publicaciones Infantiles y Juveniles, em Gijón, Espanha.

Em 1981, Eliardo recebe o título de melhor ilustrador, pelo conjunto de obras, concedido pela APCA-Associação Paulista de Críticos de Arte, São Paulo, SP. No ano seguinte, Eliardo recebe o primeiro Prêmio Banco Noroeste de Literatura Infantil e Juvenil, na Bienal do Livro de São Paulo.

Em 1998, Eliardo inaugura a exposição de pinturas (óleo sobre tela) "Terra de Vera Cruz-Músicos", no Espaço Cultural dos Correios, no Rio de Janeiro. E o casal inaugura editora própria, a Mary & Eliardo França Editora, com uma coleção de livros com os personagens Os Pingos.

www.graudez.com.br/litinf/autores/eliardo/eliardo.htm

Rogério Borges



Rogério Andrade Borges é professor, escritor, contador de histórias e ex-voluntário das Nações Unidas na República da Guiné-Bissau, África. Graduou-se em Letras na Universidade Federal Fluminense (RJ) e fez Pós-Graduação em Literatura Infantil Brasileira na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Trabalha na área de literatura Afro-Brasileira e programas de incentivo à leitura, proferindo palestras e ministrando cursos.

Participou de eventos literários e feiras do livro na Alemanha, Cuba, Itália, México, Peru e de congressos do IBBY (International Board on Books for Young People) na Colômbia, Suíça, África do Sul e China.

Publicou, em vinte anos de carreira, mais de 50 livros infantis e juvenis. Tem obras traduzidas para o inglês, alemão e espanhol. Entre os vários prêmios recebidos, destacam-se:

- Lista de Honra do IBBY, Suíça, 2002.
- Troféu de Literatura Vasco Prado (Jornada Nacional de Literatura), Passo Fundo, em 2003;
- Prêmio da Academia Brasileira de Letras de Literatura Infanto-Juvenil em 2005.

É diretor da AEI-LIJ (Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil).

Ruth Rocha



Ruth Rocha nasceu em 1931 na cidade de São Paulo. Teve uma infância alegre e repleta de livros e gibis. O bairro de Vila Mariana, onde morava, tinha nessa época muitas chácaras por onde Ruth passava, a caminho da escola - estudava no Colégio Bandeirantes. Mais tarde, terminou o Ensino Médio no Colégio Rio Branco.

Durante 15 anos (de 1956 a 1972) foi orientadora educacional do Colégio Rio Branco, onde pôde conviver com os conflitos e as difíceis vivências infantis e com as mudanças do seu tempo. A liberação da mulher, as questões afetivas e de auto-estima foram sedimentando-se em sua formação.

Começou a escrever em 1967, para a revista Claudia, artigos sobre educação. Participou da criação da revista Recreio, da Editora Abril, onde teve suas primeiras histórias publicadas a partir de 1969.

Monteiro Lobato foi sua grande influência. Em sua obra, essa influência se traduz pelo seu interesse nos problemas sociais e políticos, na sua tendência ao humor e nas suas posições feministas.

Ganhou os mais importantes prêmios brasileiros destinados à literatura infantil da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, da Câmara Brasileira do Livro, cinco Prêmios "Jabuti", da Associação Paulista de Críticos de Arte e da Academia Brasileira de Letras, Prêmio João de Barro, da Prefeitura de Belo Horizonte, entre outros.

www.uol.com.br/ruthrocha

Sergio Capparelli

Sérgio Capparelli nasceu em Uberlândia, Minas Gerais, em 11 de julho de 1947. É filho de Emanuele Capparelli, de Spezzano



Albanese, na Calábria, e de Cecília Guimarães, de Arcos, em Minas Gerais. Viveu, trabalhou ou estudou em Uberlândia, Pará de Minas, Goiânia, Curitiba, Porto Alegre, Munique, Paris, Londres, Grenoble e Montreal.

Ele considera-se com um pouco dos todos os lugares onde viveu e dos lugares onde ainda tem intenção de viver. Ele diz: "desisti dessa idéia de ser mineiro ou gaúcho. Sou mineiro e gaúcho, como sou italiano. E também albanês, porque meus antepassados vieram da Albânia em 1493 para o sul da Itália, fugindo dos turcos. Imagino que deva ser igualmente bósnio e kossovar".

É formado em jornalismo na UFRGS. Trabalhou durante muitos anos como repórter do jornal Zero Hora e Folha da Manhã, ambos de Porto Alegre.

Nessa época fez uma série de reportagens sobre o Hospital Psiquiátrico São Pedro, então com 5 mil pacientes, onde se fez passar por doente mental. Foi professor de Jornalismo da Unisinos (1978-1980) e da PUCRS (1976 -1984). E é professor da UFRGS desde 1980.

Tem doutorado em Comunicação pela Universidade de Paris e pós-doutorado pela Universidade de Grenoble, na França (1986-1987). Às vezes pensa em viver no norte da Itália, para plantar uvas e fazer versos tintos. Tem mais de 30 livros publicados. Entre os mais importantes: Os Meninos da Rua da Praia (36ª edição), Boi da Cara Preta (29ª edição), Vovô Fugiu de Casa (17ª edição), 33 Ciberpoemas e Uma Fábula Virtual (7ª edição) As Meninas da Praça da Alfândega (9ª edição), O Velho que Trazia a Noite (7ª edição). Desses livros, o que considera mais importante é Televisão e Capitalismo no Brasil, com o qual ganhou o prêmio Jabuti de Ensaio em Ciências

Humanas. www.capparelli.com.br

Sylvia Orthof



Sylvia Orthof nasceu no Rio de Janeiro, em 1932, filha de um casal de judeus austríacos que deixou Viena entre as duas guerras, para buscar paz e trabalho. Aprendeu a falar primeiro alemão e falava português com sotaque e errado até a idade escolar. Aos 18 anos, foi estudar teatro em Paris. Escritora muito amada, com a sua irreverência poética inesquecível, publicou mais de 100 livros para crianças e jovens e teve 13 títulos premiados pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil com o selo Altamente Recomendável para Crianças. Sylvia morreu em 1997, mas até hoje exerce grande influência sobre um grande número de autores infantis.

Entrar numa história de Sylvia Orthof é encher os olhos de susto, mas não um susto de tremer perna ou bater queixo. O susto que as histórias de Sylvia dão na gente é carregado de perplexidade, arregalam a gente por dentro, dão largura no pensamento.

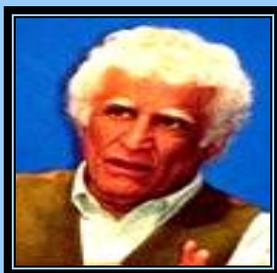
Além de questionar velhos conceitos, Sylvia Orthof sempre vivia do modo como escrevia: espalhando encantamento por onde passava. Autora de um dos maiores clássicos da literatura infantil brasileira, *Uxa, Ora Fada, Ora Bruxa* (1985), que mostra, com estilo único, os dois lados de todos nós, Sylvia era apaixonada por jardins e flores. Aliás, a sua favorita era a Maria sem Vergonha. “Gosto muito dessa flor. Lá em casa, temos uma escada, no jardim. E as flores não quiseram nascer no canteiro. Não foram exatamente as marias, mas também são sem vergonha. Elas nasceram por entre as pedras do muro. Sempre assim. Nasceram nos lugares mais impossíveis. Aí um rapaz queria cortá-las das pedras, mas eu reagi: - Não faça isso. Elas lutaram tanto por esse lugar”, disse Sylvia, numa entrevista. E acrescentou: “O jardim é uma coisa que precisa de atenção, como os livros. Mas não gosto daqueles jardins muito cuidados. Podados demais. As plantas, como as histórias, têm direito de espreguiçar onde quiserem”. E as histórias da Sylvia continuam espreguiçando, ou melhor, continuam despertando leitores de toda idade.

Para ler mais sobre Sylvia Orthof, entre na Revista Doce de Letras - Arquivos Fora do Ar, clique no Especial Sylvia Orthof, e, em seguida, 'listar este conteúdo'. Não perca o texto A HERANÇA, de Claudia Orthof, filha de Sylvia.

“Sylvia Orthof não fez faculdade de letras e nem foi professora. Sua raiz profissional está fincada no teatro e na televisão, o que trouxe para sua literatura um forte poder de comunicabilidade. Sylvia pensava criança. E uma criança impossível. Com um invejável senso de humor, conseguia falar tanto na ambigüidade de sentimentos que a criança nutre pela mãe (Uxa, Ora Fada, Ora Bruxa), quanto compor hilariantes histórias a respeito do amor dos humanos pelos bichos (Os Bichos Que Eu Tive)”.

www.ogamita.com.br/HPmatis_Sylvia_Orthof/Biografia.htm

Ziraldo



Ziraldo Alves Pinto passou toda a infância em Caratinga. Estudou dois anos no Rio de Janeiro e voltou a Caratinga, tendo concluído o módulo científico (antigo ensino médio). Formou-se em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais em 1957.

Começou a trabalhar no Jornal Folha de Minas, de Belo Horizonte, em 1954, com uma coluna dedicada ao humor. Ganhou notoriedade nacional ao se estabelecer na revista *O Cruzeiro* em 1957 e posteriormente no *Jornal do Brasil*, em 1963. Seus personagens (entre eles Jeremias, o Bom; a Supermãe e o Mineirinho) conquistaram os leitores.

Em 1960, lançou a primeira revista em quadrinhos brasileira feita por um só autor, *Turma do Pererê*, que também foi a primeira história em quadrinhos a cores totalmente produzida no Brasil. Embora tenha alcançado uma das maiores tiragens da época, *Turma do Pererê* foi cancelada em 1964, logo após o início do Regime Militar no Brasil. Em 1969, Ziraldo recebeu o "Nobel" Internacional de Humor no 32º Salão Internacional de Caricaturas de Bruxelas e também o prêmio Merghantealler, principal premiação da imprensa livre da América Latina.

Em 1980, lançou o livro "O Menino Maluquinho", seu maior sucesso editorial, o qual foi mais tarde adaptado na televisão e no cinema.

Incansável, Ziraldo ainda hoje colabora em diversas publicações, e está sempre envolvido em novas iniciativas. Uma das mais recentes foi a "Revista Bundas", uma publicação de humor sobre o cotidiano que faz uma brincadeira com a revista "Caras", esta, voltada para o dia-a-dia de festas e ostentação da elite brasileira.

Ilustrações de Ziraldo já figuraram em publicações internacionais como as revistas Private Eye da Inglaterra, Plexus da França e Mad, dos Estados Unidos. www.ziraldo.com.br/

LIVROS INFANTIS



*“A linguagem é, por si, uma relação com
o mundo, com ao inconsciente e a
história.”*

Eduardo Prada Coelho

O BOI DA CARA PRETA



Sérgio Capparelli

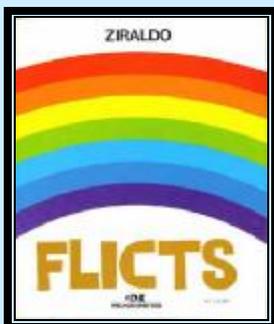
Autor: Sérgio Capparelli
 ilustrações e projeto gráfico: Ana Cláudia Gruszynski.
 Contém: 111 poemas para crianças.
 Editora: Ed: L&PM, 2001
 Indicação: 6 ou 7 anos (fase de alfabetização)

RESUMO

“Boi da cara preta” é um livro de poemas infantis, Sérgio Capparelli reuniu em um só volume as suas melhores poesias.

O livro tem dez capítulos: “Coisas que eu sei”, “Esses animais divertidos”, “Na minha casa”, “Ah, a cidade!”, “Quero ser eu mesmo”, “Nonsense”, “Jogos e adivinhas”, “Música de ouvido”, “Poemas visuais”, “A natureza”, “Os dias e as noites”. Os mais diversos assuntos, do mundo infantil, são tratados no livro. As poesias escolhidas permitem às crianças, a compreensão de como é vasto o mundo da arte poética, que pode cativar tanto pela emoção, quanto pela habilidade lúdica de palavras e de sons, como mostrar acontecimentos diários e cotidianos da nossa vida. O projeto gráfico é da designer Ana Cláudia Gruszynski, é inteiramente ilustrado.

FLICTS



Ziraldo

Autor: Ziraldo Alves Pinto
 ilustrações e projeto gráfico:
 Editora : Melhoramentos , 1990
 Indicação: 6 ou 7 anos (fase de alfabetização)

RESUMO

Este livro é indicado, também, para qualquer idades, pois a temática é sempre pertinente nas relações sociais.

**“Não tinha a força do Vermelho
 não tinha a imensidão do Amarelo
 nem a paz que tem o Azul**

Era apenas o fragil e feio e aflito Flicts”.

Ziraldo conta uma história onde mistura cores, formas, fantasia, emoção... Faz brotar em cada um de nós um sentimento de solidariedade. Ele apresenta um mundo de cores , a vida são cores. Tudo é cor...

Descubra esse mundo maravilhoso pelas mãos de Flicts

QUEM COCHICHA O RABO ESPICHA

Autora e Ilustradora: Eva Furnari
 Editora: FTDSA, 1986 São Paulo
 Coleção: Ping-Pong
 Indicação: de 0 a 6 anos.



Eva Furnari

RESUMO

Neste livro Eva Furnari apresenta diversos animais com diferentes rabos e personificados. Cada animal quer que seu rabo se torne algo diferente. Por isso você vai ver rabos em forma de: torneira, saca rolha, espanador etc. Enfim, algo referente a cada cochicho dado, pois quem cochicha o rabo espicha. O interessante desse livro é que ele possibilita mudança de cada animal, um único animal pode vir a ter diversos rabos e vice-versa.

CADA BICHO COM SEU CAPRICHOS



Marina Colasanti

Autora: Marina Colasanti
 Ilustrador(a): Marina Colasanti
 Editora: Global Editora; Edição: 5.ed, 2000
 Indicação: 6 até 9 anos

RESUMO

Marina Colasanti ilustra com cuidado cada história. Assim, no ato da leitura, existe a possibilidade do leitor se identificar ao com os animais.

Criança gosta de rimas e poesias, de animais, e de aprender tudo sobre eles; gostam de jogos de palavras, e quanto mais engraçados e inteligentes, melhor; gostam de aprender palavras novas e viajar na fantasia. Marina Colasanti mostra que conhece a nossa alma e a criança que existe adormecida dentro dela. Sua sensibilidade, nos permite brincar com as informações e com o imaginário. "Uma semente caiu no poço. Encontrando condições mínimas de sobrevivência, inicia seu trabalho de germinar e dar origem a uma árvore".

O MENINO QUE ACHOU UMA ESTRELA



Marina Colasanti

Indicação: 6 até 9 anos
 Autora: Marina Colasanti
 Ilustrador(a):
 Editora: Global Editora; Edição: 5.ed, 2003
 Indicação: 6 até 8,9 anos

RESUMO

"O menino que achou uma estrela", é uma história de um garoto que está sozinho e quer brincar. Numa bela manhã, depois de uma noite chuvosa, sai em busca de diversão e encontra no chão "uma estrela menina", cinzenta e apagada. O menino percebeu que ela estava muito doente e ele preocupado tentou salva-la, levando-a para sua casa. Porém, ao mesmo tempo em que se preocupava em curá-la, se perguntava de como iria fazer isso? Do que será que ela se alimentava?

O problema era grande, mas o que não vai faltar é vontade de ajudar

FOGO NO CÉU



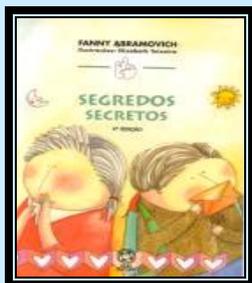
Autor (a): Mary França
Ilustrador: Eliardo França
Editora: Ática, 1999
Coleção: Gato e rato
Indicação: 1 até 6 anos

Mary França

RESUMO

Esse livro quase não tem palavras. Conta a história de um bode que por não saber o que estava acontecendo, ao observar um clarão no céu, achou que o céu estava pegando fogo. Logo fica desesperado porque imagina que esse fogo vai cair na mata onde estão todos os animais. Percebendo isso, toma a iniciativa de avisar para todos que saíssem dali, pois a mata pegaria fogo. No caminho encontra uma coruja tranqüila e atenciosa. "O fogo é um balão de São João" disse a coruja ao bode. Assim, o bode esperou o balão cair, apagou o fogo, pendurou o balão e todos deram vivas a São João.

SEGREDOS SECRETOS



Fanny Abramovich

Autora: Fanny Abramovich
Ilustração: Elisabeth Teixeira
Editora: Atual, 1997. **Coleção:** Mindinho e seu Vizinho
Indicação: 6 até 10 anos

RESUMO

"Segredos e Secretos" nos conta duas histórias, uma falando sobre a grande dificuldade que todos nós temos de guardar segredos: "Não conta pra ninguém. Já na segunda: "Secretíssimo", conta a história de um garoto que guarda a sete chaves um segredo que ele vai levar sempre consigo como um sentimento especial que ele não consegue dividir com ninguém, nem mesmo com a pessoa alvo deste sentimento.

DE SURPRESA EM SURPRESA



Fanny Abramovich

Autora: Fanny Abramovich
Ilustrador: Sérgio Palmiro
Editora: Saraiva . Edição: 3ª, 2002 . **Coleção:** Jabuti
Indicação: 6 até 10 anos

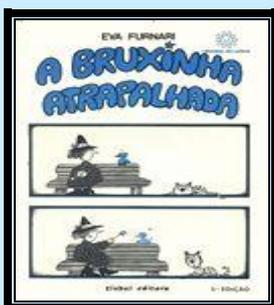
RESUMO

A história é de uma garotinha de 9 anos chamada Camila, que recebeu um convite de sua amiguinha Sílvia para ir ao teatro assistir uma peça de palhaços, ela estava encantada e surpresa pelo convite e queria muito falar para alguém de sua família esse grande acontecimento. Então quando sua mãe chegou em casa foi logo querendo contar a novidade, só que sua mãe estava mas preocupada com as compras e em tomar um bom banho, pois estava muito cansada. Depois de fazer mil artimanhas para chamar a atenção sua mãe resolver lhe ouvir e ela toda contente

contou a novidade, mal podia esperar por este dia, pensando de como iria ser, se iria gostar, a roupa que deveria usar etc.

Vários questionamentos pairavam na cabeça da pequena Camila, quando chegou o dia estava muito ansiosa, conheceu então o Teatro Municipal, teve a oportunidade de assistir um espetáculo que para ela foi inesquecível. Chegando em casa contou para sua família o que viu, e sua emoção de ter entrado pela primeira vez em um teatro.

A BRUXINHA ATRAPALHADA



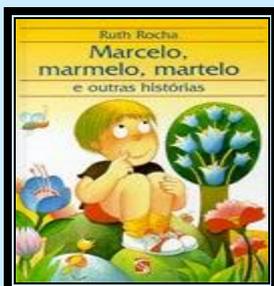
Eva Furnari.

Autora: Eva Furnari.
Ilustrador: Eva Furnari.
Global Editora, 22ª ed. São Paulo, 2000..
Indicação: 1 até 6 anos

RESUMO

Como todos os livros de Eva Furnari esse, também, prima pela criação gráfico-visual, aqui aparecem histórias mudas e breves, mas nunca deixam de significar; mostram seqüências ricas, intercaladas de lacunas para que o leitor complete seu sentido. Mesmo sem o apoio da escrita, o movimento e sucessão entre os quadinhos compõem a estrutura narrativa. Os desenhos tanto podem denotar como conotar. Isso enriquece muito as histórias. Três cores são exploradas nas histórias: o preto, o branco e o azul, sugerindo. É o que acontece, por exemplo, com o chapéu, a torneira, o guarda-chuva, a tesoura, etc., onde o real é desmaterializado e se transforma em imaginário. Estes objetos, em princípio inanimados, recebem toda uma carga de movimento proporcionado pela magia da bruxinha. Isso enche de significação a narrativa e valoriza os efeitos estéticos das imagens.

MARCELO, MARMELO, MARTELO



Ruth Rocha

Autora: Ruth Rocha
Ilustrador:
Editora Salamandra, 1976
Indicação: 6 até 10 anos

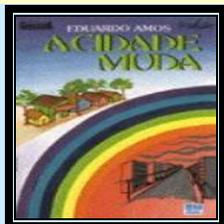
RESUMO

Um menino descobre o mundo das palavras e passa a questionar os nomes das coisas. Após essa rica descoberta Marcelo adota um vocabulário próprio: sentador, suco de vaca, mexedor... Mas é claro que o garoto passa a ter problemas na sua comunicação. Um exemplo disso é quando: a casinha do cachorro pega fogo e ninguém entendia o que Marcelo falava. Essa é uma deliciosa discussão sobre linguagem.

Marcelo, marmelo, martelo, tem um cachorro, o nome dele é Godofredo, mas ele chama de Latildo. Seus pais ficam até preocupados, pois ele é muito perguntador. Você sabe por que a chuva cai? Por que a bola se chama bola e não bolo? Por que me chamo Marcelo e não marmelo? Eu acho que as coisas podiam ter

outros nomes, leite poderia se chamar suco de vaca, colher podia se chamar mexedor, casa poderia se chamar moradeira. Você também não acha?

A CIDADE MUDA



**EDUARDO
AMOS**

Código: 16591
São Paulo Moderna 2001
Série: Coleção Girassol
Capa e Ilustração e Diagramação Maria Teresa L. Fontão
Indicação: 6 até 9 anos

RESUMO

Esse livro conta a história de um menino chamado Juca, um garoto como outro qualquer, que vivia numa rua como outra qualquer na casa de número 245. Lá viviam personagens como a dona Eloísa dona da banca de revista, o seu Pereira da padaria e o seu Nicola, dono do bar e do papagaio Lilico. Um dia Juca viu que tudo na rua começava a sumir, a padaria, a banca e o bar. Venha descobrir o que estava acontecendo.

FILÓ E MARIETA



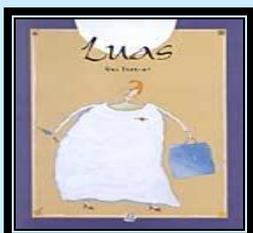
Eva Furnari

Autora: Eva Furnari
Editora ; Edições Paulinas
Edição ; 2º ed. 1985
Coleção ; Ponto de Encontro , Série Amendoim.
Indicação: 1 até 6 anos

RESUMO

É a história de Filó e Marieta. Marieta quer ganhar um presente, uma varinha mágica, igual as de fada madrinha. Marieta muito feliz resolve fazer uma mágica, vira a varinha pra lá, pra cá, e de repente surge um grande rato, só que ela se enganou, e tenta mais uma vez, balança a varinha e surge um gato, tenta de novo e surge um cachorro, isso causa uma grande confusão. Mas, com um toque de sua varinha faz tudo desaparecer. E comemora seu aniversário criando um grande e lindo bolo.

LUAS



Eva Furnari

Autora: Eva Furnari
Editora; Edições Paulinas
Edição; Editora: Global, 2000
Indicação: 1 até 6 anos

RESUMO

Os poemas de Eva Furnari são tecidos de palavras e imagens: alguns nus, outros vestidos, uns de verão, outros de inverno, uns transparentes, outros cifrados, costurados com linhas e rimas, abotoados de cores e versos. Venha se divertir entre imagens, palavras e cores.

MEDO DO ESCURO



Antônio Carlos Pacheco

Autor: Antônio Carlos Pacheco
 Ilustrador: Omar Grasseti
 Editora: Ática
 Edição: 16ª Ed: Ática, 1987
 Coleção: Série Pique
 Indicação: 3 até 9 anos

RESUMO

A história fala de uma estrelinha que tinha medo do escuro. Nesse texto, podemos inferir o comportamento de algumas pessoas que têm medo de enfrentar a vida, que não acreditam que podem alcançar e/ou realizar tudo aquilo que quiserem, bastando para isso, apenas acreditar.

No trecho a estrelinha comprova que não acreditava no seu potencial, no seu próprio brilho: “A estrelinha ia andando e como não podia deixar de brilhar, o escuro ia ficando cada vez mais longe”. Quanto mais ela andava, mais para longe o escuro ia.

A CURIOSIDADE PREMIADA



Fernanda Lopes de Almeida

Autora: Fernanda Lopes de Almeida
 Ilustrador: Alcy Ática
 Editora: Ática, 1998. Edição: 29ª edição / 6ª impressão
 Coleção: Passa anel
 Indicação: 6 até 10 .Este livro é indicado, também, para qualquer idade.

RESUMO

Esta obra de Fernanda Lopes de Almeida narra uma história com situações comuns à vida da criança, estimulando o questionamento, introduzindo novas palavras e novos significados. Glorinha era uma menina muito curiosa. Sempre perguntava compulsivamente. As pessoas perdiam a paciência. Até que um dia seus pais resolveram perguntar a uma “especialista” o que podiam fazer para solucionar esse problema. Responda as perguntas dela, disse Dona Domingas. Assim, seus pais começaram a responder as perguntas de Glorinha e ela foi deixando mais a sua curiosidade acumulada, fazendo com que todos comessem a prestar mais atenção nas coisas, percebendo que este era um bom método de descobrir o mundo.

UMA IDÉIA TODA AZUL

Autora: Marina Colasanti
 Editora: Ed. Nordica, 1979
 Indicação: 6 até 10 .Este livro é indicado, também, para qualquer idade, pois a temática é sempre pertinente para entender os problemas atuais.



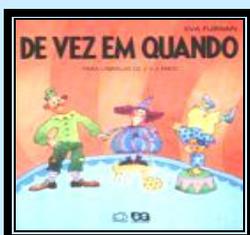
**Marina
Colasanti**

RESUMO

No livro **Uma idéia toda azul** seus personagens são reais, princesas, unicórnios e fadas, mas porque fala de um mundo interior que permanece, não importa o passar dos tempos ou o aprimoramento da tecnologia. E porque, ao referir-se a esses sentimentos recônditos em todo homem e em cada um, o faz de modo altamente poético. É uma das obras em que conteúdo e forma surgem com a unidade perfeita que sempre deveriam ter e que caracteriza a obra literária. . O jovem rei esconde sua idéia, com medo que a roubem. Quando, já idoso, deixa o trono, corre atravessando salões e descendo escadas a caminho das "Salas do Tempo", para buscá-la. "Na cama de marfim a idéia dormia azul como naquele dia. Como naquele dia jovem, tão jovem, uma idéia menina. E linda. Mas o Rei não era mais o Rei daquele dia. Entre ele e a idéia estava todo o tempo passado lá fora, o tempo parado na Sala do Sono."

Uma idéia toda azul não é um livro apenas para crianças. Como os contos de Grimm ou Andersen, em suas versões integrais, têm intenções profundas que serão melhor percebidas por adolescentes e adultos. Mas nem por isso a criança deve ser privada de sua leitura. A beleza e a sonoridade do texto, o lúdico dos jogos de palavras, a poesia imanente em cada frase são valores que ficam. E, no mais profundo, a criança reconhece essa linguagem da fantasia, que é a sua. Por isso ele foi selecionado para integrar a biblioteca da escola.

DE VEZ EM QUANDO



Eva Furnari

Autora: Eva Furnari
 Editora: Ática, 2000
 Serie: Coleção Peixe Vivo
 Indicação: 1 até 4 anos

RESUMO

Esse é um livro sem texto, que trabalha as imagens, direcionando a um público infantil de crianças entre 2 e 4 anos. Ele nos mostra as imagens de crianças em momentos de felicidade e descontração na casa dos avós, no circo, no parque e na praia com a família, no sítio, em festas de aniversário e no teatro. Para nós essas frases podem não falar nada, mas para as crianças na faixa etária citada a cima pode falar e lembrar a elas onde elas foram muito felizes.

A PERERECA SAPECA



Eliana Barriga

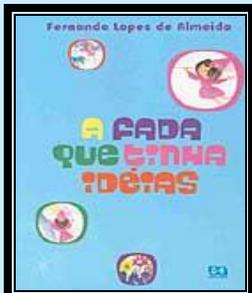
Autor: Eliana Barriga
 Editora: FTD, 2006
 Ilustração: Mario Barata
 Indicação: 1 até 6 anos

RESUMO

A perereca sapeca chama-se Teca e vivia a pererecar, anunciava a chuva quando ninguém estava a pererecar. Assustava as crianças quando pulava sem parar, mas, perereca é

nossa amiguinha, pois livra as plantas de muitos insetos. Venha conhecer essa perereca levada da breca.

A FADA QUE TINHA IDÉIAS



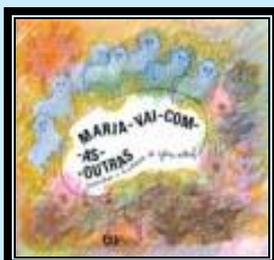
**Fernanda
Lopes de
Almeida.**

Autor: Fernanda Lopes de Almeida.
Editora: 4ª ed. São Paulo:Ática,1998.
Indicação: 1 até 6 anos

RESUMO

Clara Luz é uma fada que se nega a aprender fazer mágicas pelo tradicional *Livro das Fadas*, porque queria inventar suas próprias mágicas. Além disso, tinha uma teoria muito própria para explicar o mundo: *quando alguém inventa alguma coisa, o mundo anda. Quando ninguém inventa nada, o mundo fica para.* E Clara Luz não gosta de mundo parado, e sendo assim, vivia tendo idéias, muitas idéias mirabolantes. E sua mãe, morria de medo do dia em que a Rainha das Fadas descobrisse que Clara Luz negava o Livro das Fadas e nunca tinha saído da Lição I.

MARIA VAI COM AS OUTRAS



Sylvia Orthof

Autor: Sylvia Orthof .
Editora: Ed. Atica, 2002
Indicação: 1 até 6 anos Autora e ilustração: Sylvia Orthof

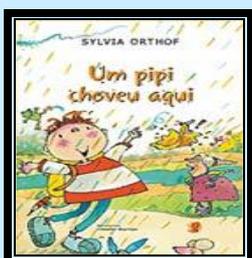
RESUMO

Maria-vai-com-as-outras é uma ovelhinha que sempre ia aonde suas amiguinhas iam, mesmo que corresse perigo.

Um dia, todas as ovelhinhas foram para o pólo norte e de tanto frio, todas inclusive Maria ficaram gripadas, ainda assim Maria continuava indo com as outras. Um belo dia as ovelhas resolveram pular do alto do corcovado e todas se machucaram quebrando os pés e sabe o que aconteceu com Maria? Ela descobriu que cada um pode ter seu próprio caminho, e preferiu comer uma feijoada ao invés de se estrear.

As ovelhas iam pra baixo. Maria ia pra baixo / As ovelhas iam pra cima. Maria ia pra cima. Ao final da narrativa, a inusitada atitude da ovelha causa estranhamento no espírito do leitor, provocando o riso: ao chegar sua vez de pular do Corcovado, quebrar o pé e chorar mé, como vinham fazendo as demais, Maria "deu uma requebrada, entrou num restaurante comeu uma feijoada".

UM PIPI CHOVEU AQUI



Autora: Sylvia Orthof
Ilustrações: Cláudio Martins
Editora Global 8ª edição/2005

RESUMO

A história realmente aconteceu em uma sala de aula. Dona carola

Sylvia Orthof

uma antiga professora da antiga escola explicava e repetia por que a chuva chovia.

Na explicação ela dizia que a chuva não era água de torneira, é água do rio, mar ou lago que subia como vapor. Pedrinho ouvia calado e com cara de chateado, mas de tanto ouvir de chuva, mar pingou, ficou apertado querendo também pingar, acanhado pede para ir ao banheiro, a professora zangada negou seu desejo.

Pedro pensa em fazer pipi ali mesmo, pina três de cada vez e espera evaporar mas quando percebe um imenso lago já havia se formado. Justifica-se a professora que resolveu experimentar a lição, mas seu pipi não evaporou. De repente forma-se uma nuvem, e Pedroca sente-se vingado: -“Estou vingado! Meu pipi evaporou, virou nuvem, vem ali! Vai chover muito pipi pra molhar dona Carola, e a chuarada vai inundar a escola

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)